

AS  
**TRES ROMAS.**

DIARIO

**D'UMA VIAJEM À ITALIA.**

PELO ABBADE GAUME,

Vigario geral da diocese de Nevers, cavalleiro da ordem  
de S. Silvestre, membro da Academia da Religião  
Catholica de Roma, etc.

*Nec unquam (civitas) nec  
major nec sanctior.*

Nunca houve cidade  
maior nem mais sancta.

TIT. LIV. *Hist: lib. I.*

TOMO SEGUNDO.

—————~~CHESNOD~~—————

PORTO:

TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO,  
*Rua das Hortas n.º 105.*

—  
1857.





## *Bibliothèque Saint Libère*

<http://www.liberius.net>

© Bibliothèque Saint Libère 2009.

A reprodução sem fins lucrativos é permitida.



**AS**

**TRES ROMAS.**

**II.**



# TRES ROMAS.



## I de Dezembro.

Sienna. — Cathedral. — Recordações de Santa Catherina. — De S. Bernardino. — De Christovão Colombo. — Egreja de Fonte-Giusta. — Estabelecimento de mendicidade. — Capella solitaria. — Idêa da nossa equipagem: — Radicofani. — Recordações de Pio VII.

Quem exagera, mente. O Florentino não nos parece mais exempto deste defeito que os outros mortaes. O escriptor lapidar e o negociante de lumes promptos haviam-nos dado a primeira prova disso. Aos emperezarios de diligencias estava reservado fornecer-nos outra; sómente se deve confessar que em França esta ultima classe conta muitos Florentinos. Que n'elles a imaginação conduza a lingua, que enganem sem mentir, consinto; nem por isso é menos certo que o viajante novato cuja innocencia nada sabe rebater das suas palavras, ou o philosopho cuja rasão severa olha a expressão como a equação do pensamento, caminham de surpresa em surpresa. Haviam-nos promettido, affirmado, jurado, que em trinta e seis horas venceriamos a distancia de Florença a Roma: era, havia em ligeireza uma exaggeração de dez horas.

Ao romper d'alva, estavamos em Sienna. A

antiga *Sena Julia*, successivamente baluarte dos Etruscos, colonia Romana no tempo d'Augusto, republica poderosa na edade media, e rival de Florença, desenha-se graciosamente na encosta d'uma verde collina. As casas e ruas, em amphitheatro, descem até á planicie e deixam ver toda inteira a sua physionomia austera, mas agradável. Do ponto culminante se alça a cathedral, uma das mais antigas e esplendidas da Italia. No seu todo remonta ao XIII.º seculo. As suas paredes incrustadas de marmore branco e preto, a sua cupula hexagona, as suas esculpturas em madeira, o seu pavimento de mosaico, o mais admiravel que se conhece, a sua abobada azul semeada de estrellas doiradas, as suas soberbas vidraças do XVI.º seculo, os seus bustos pontificios, desde S. Pedro até Alexandre III, os seus magnificos livros de côro, todos brilhantes de vinhetas doiradas e azues, teem com que satisfazer a intelligente curiosidade do artista.

O christão não se circumscreve a isso, mas o seu coração se alimenta das grandes recordações que esta igreja lhe suscita. A de Santa Catherina de Sienna domina todas as outras. Com effeito, não se pôde pensar em outra coisa que não seja neste anjo de doçura, innocencia e paciencia, cujo coração abraçava todas as miserias publicas e particulares para as aliviar. Rainha do seu seculo, pelo âscendente da sua virtude, Catherina partilhou, como S. Bernardo, a gloria de ter entre as suas mãos os destinos da Europa. « A paz, lhe disse um dia o papa Gregorio XI, é o unico objecto dos meus desejos. Entrego todo o negocio nas vossas mãos, sò vos recomendo a honra da Igreja. » Morreu em Roma, a 29 de



abril de 1380, de idade de trinta e tres annos, e jaz na igreja da Minerva. A sua veneranda cabeça foi trazida para Sienna, onde não tem cessado, ha cinco seculos, de ser objecto das mais esplendidas homenagens.

S. Bernardino de Sienna, o muito amado da Santa Virgem, se apresenta ainda ao viajante catholico. Vindo ao mundo no mesmo anno em que morreu Santa Catherina, foi destinado pela Providencia a continuar a obra da sua gloriosa compatriota. Contemplando estas figuras celestes, gloria eterna da cidade de Sienna, dilata-se o coração; mas bem depressa se aperta, quando ao sahir da cathedral, duas figuras muito differentes vos apparecem como dois sinistros fantasmas. A Borgonha, que produziu Bossuet, produziu Piron. Feliz mãe de Santa Catherina e S. Bernardino, Sienna deu nascimento a Bernardino Ochín, capuchino desfradado, reformador ao modo de Luthero; e a Socin, pai da seita horrenda que tem o seu nome.

O tempo nos permittiu visitassemos, alem da cathedral, a bella igreja de *Fonte-Giusta*. N'ella se encontra a famosa sibylla de Peruzzi, annunciando a Augusto a vinda de Nosso Senhor. O proprio Raphael não excedeu esta obra-prima. Ao lado vê-se uma promessa verdadeiramente illustre: é o grande osso de baleia, o pequeno escudo de pau orlado de ferro, e a espada dedicada por Christovão Colombo de volta do Novo Mundo, em testemunho da veneração que, desde a juventude, tivera para com a madona de *Fonte-Giusta*, quando estudava na Universidade de Sienna, e do auxilio miraculoso que della tinha obtido n'um naufragio. Cidade piedosa e charitati-

va, offerece Sienna ainda á attenção do estrangeiro o seu bello estabelecimento de mendicidade. Fundada e sustentada pelo generoso concurso dos habitantes, esta piedosa casa que a França deve invejar á Italia, recolhe os indigentes validos d'um e d'outro sexo, occupa-os durante o dia sómente, desde as oito horas da manhã até às oito da noite; e dà-lhes em compensação o sustento e o vestido com uma pequena retribuição.

Deixamos Sienna admirando a bella pronuncia dos seus habitantes. Pela primeira vez havíamos ouvido a *lingua toscana n'uma bôcca romana*.

Pelas nove horas da manhã, como descêssemos rapidamente ao fundo d'um valle, um agradável espectaculo veio chamar-nos a attenção. Na margem da estrada erguia-se uma capellinha solitaria. A' porta e até ao meio do caminho estavam piedosamente ajoelhados velhos, mancebos, mulheres e crianças: um padre dizia missa no templo campestre. Similhantes aos Israelitas, habitantes do deserto, que precediam a aurora para recolherem o manná, celeste viatico de cada dia, aquelles bons aldeoens, filhos d'aquelle que alimenta a ave do bosque e a herva do fundo valle, vinham chamar a benção sobre o seu trabalho, e pedir o duplo alimento da alma e do corpo necessario para continuarem a sua viagem para a eterna patria. De muito boa vontade unimos as nossas orações ás daquelles irmãos que nunca tínhamos visto, e que um instante mais tarde havíamos cessado de ver; porque a carruagem, imagem demasiado fiel do tempo, nos levava então com a rapidez do raio.

Vêdes o humilde conego que escreve estas

linhas, viajando como uma testa coroada, com seis cavallos à sua carruagem, guiados por tres postilhoens de casacos mosqueados. Na planicie era um gosto ver-nos; porem não succedia absolutamente o mesmo nos montes! Dois bois de reforço, de pello pardo escuro, de pontas desmesuradamente compridas, vinham prestar-nos a sua util ajuda. Estes pacificos quadrupedes que um camponez conduzia, como ursos, por uma cadea passada pelas ventas, não deixavam ao nosso trem outra physionomia real que aquella de que falla Boileau, quando

Quatre bocufs attelés, d'un pas tranquille et lent,  
Promenaient dans Paris le monarque indolent.

(Quatro bois jungidos, com um andar tranquillo e vagaroso, levavam por Paris o monarcha indolente.)

O certo é que se o nosso tiro houvesse atravessado uma das nossas cidades de França, todo o mundo se teria posto ás janellas para o ver passar; e, sem duvida alguma, nos teriam tomado por principes ou por charlataens. Comtudo não eramos, graças a Deus, nem uma nem outra coisa. Quando pois aprenderemos a não julgar pelas apparencias?

Obrigados a subir e descer continuamente, só á noite chegamos a Radicofani. Esta villa, mal edificada, no meio das rochas, n'uma cima dos Apeninos, dominando 2,515 pés sobre o nivel do mar, occupa a cratera d'um antigo volcão. Os flancos e o cume da triste montanha estão cobertos de camadas de lavas sobrepostas na maior desordem. Nada tam assolado como esta terra,

onde os orvalhos do céu e os suores do homem não tem podido fazer crescer a minima planta. Por espaço de dez horas de caminhada havíamos tido o mesmo espectáculo; o que nos obrigou a terminar a nossa longa e monotoná jornada com o proverbio que tudo então justificava :

Tout ne m'a pas séduit dans ma belle Italie.

(Nem tudo me encantou na minha bella Italia.)

Comtudo injustos seríamos se nos queixássemos. Por ventura o venerando Pio VII, violentamente arrancado do seu palacio, fechado à chave n'uma carruagem, conduzido como um malfetor pelos *gendarmes* do imperio, não havia percorrido a mesma estrada durante os ardentes calores de julho? Não tínhamos visto o sitio funesto onde a carruagem havia tombado? Não íamos entrar na mesma estalagem, no mesmo quarto onde o augusto prisioneiro havia descansado os membros devorados pela febre (1)? Depois de uma demora d'algumas horas, continuamos a nossa viagem a travez das montanhas.

---

## 2 de Dezembro.

Bellarmino: — Pontecentino. — Acquapendente. — Bolsena. — Milagre. — Montefiascone. — Anecdota. — Recorção do cardeal Maury. — Via Cassiana. — Lago Naviso. — Viterbo. — O B. Crispino. — Santa Rosa. — Monterosi. — Apparição da cruz de S. Pedro. — Campina romana. — Ponte-Molle. — Entrada em Roma.

Dos tristes paizes percorridos na vespera,

---

(1) Vida de Pio VII, por Artaud, t. I, p. 230.

havia comtudo sahido um homem cuja gloriosa e santa memoria regosija o mundo catholico. A duas leguas de distancia da estrada, sobre a esquerda, apparece Montepulciano, patria do immortal Bellarmino, gloria do sacro collegio, honra da Companhia de Jesus, flagello dos herejes e campeão da Egreja no XVI.º seculo.

Para là de Radicofani continua a estrada a ser muito difficil. Traçada sobre a cima ou no declive dos montes, atravessa um barranco profundo, deserto, animado pelo estrepito das torrentes, cercado de bosques e rochedos que formam o respeitavel limite da Toscana e dos Estados-Pontificios. Na margem opposta, acha-se Pontecentino, a *Sentina* dos Romanos. A alfandega examinou severamente os nossos livros e papeis. Uma Summa de S. Thomaz *contra gentes*, que eu levava na minha malla, occupou longo tempo o chefe do posto. Longe de mim o queixar-me disso. Coisa nenhuma me parece mais social do que estas precauçoens, na apparencia minuciosas, para não deixar passar nenhuma má obra. Não é porque Roma tema as luzes; não, mas teme a peste, e que peste mais perigosa que um mau livro? Ora, veio acaso nunca ao pensamento d'um homem razoavel o censurar um governo, ameaçado d'uma doença contagiosa, por estabelecer nas fronteiras cordoens sanitarios? Depois de se ter passado a bella ponte *della Paglia*, chega-se á pequena cidade d'Acquapendente, notavel só pela sua situação n'uma altura escarpada. Quatro leguas mais adiante costeamos, por um formoso luar, o delicioso lago de Bolsena, cujas enguias tiveram a honra de ser cantadas pelo Dante, e os primeiros claroens da

alva alumiarão a nossa entrada em Bolsena.

Esta villa de mil almas é a antiga *Vulsinii*, uma das doze lucumonias ou capitaes dos Etruscos. Salve, ó *Vulsinii*; salve, ó suas ruinas; salve, ó suas duas mil estatuas, nobres obras-primas de uma arte que já não existe, e tornadas presa dos Romanos; salve, ó seu povo tam celebre pelas tuas luctas corajosas contra os filhos de Romulo; mas sobretudo salve, -o Deus de bondade que immortalisaste esta cidade revelando por meio de um estrondoso prodigio a tua presença real na augusta Eucharistia. O viajante christão tem hem cuidado de não esquecer este acontecimento memoravel, perpetuado de idade em idade, em todas as partes do mundo, por uma festa solemne.

Era pelo meado do XIII.º seculo; o papa Urbano IV achava-se com todo o sacro collegio em Orvieto, visinha de Bolsena. Nesta ultima cidade um sacerdote, celebrando o sancto sacrificio, na egreja, ainda existente, de Santa Catharina, deixou cahir, por descuido, algumas gotas do precioso sangue no corporal. A fim de fazer desaparecer os vestigios do accidente, dobra e torna a dobrar o panno sagrado de modo que estancasse o sangue adoravel. O corporal é depois desdobrado; e vê-se que o sangue penetrara todas as dobras, e imprimira em todas as partes a figura da santa hostia perfeitamente desenhada, côr de sangue. Por ordem do Summo Pontifice, o panno miraculoso é transportado solemnemente para Orvieto; e conserva-se ainda hoje com profundo respeito na cathedral (1). O

---

(1) Santo Antonino, 3.ª part., tit. 19, c. 13, § I.

relicario que o encerra é uma obra-prima de ourivesaria, ornado de pinturas de esmalte, e a mesma cathedral, edificada em memoria do prodigio, é um dos mais esplendidos e antigos monumentos da activa Italia: data de 1290. Foi este milagre um dos motivos que, em 1262, determinaram o mesmo Pontifice a instituir a solemnidade do Corpo de Deus. Bolsena ainda mostra, na sua humilde egreja, o sitio onde correu o sangue e que foi coberto d'uma grade.

Atravez d'um paiz plano e mal cultivado, chega-se dentro em pouco á vista de Montefiascone, o *Mons Faliscorum*. Esta pequena cidade, agradavelmente situada n'uma collina de declive suave e fertil, domina uma planicie immensa, afamada pelo seu vinho. A este respeito não ha um habitante do paiz, um vinhateiro especialmente, que vos não conte a anecdota seguinte. Um rico Allemão vinha de Roma e regressava á patria. Muito amigo de bom vinho, havia dado ordem ao seu criado de provar o de todas as hospedarias que se encontravam no caminho. O patrão esperava na carruagem o resultado da experiencia, e a qualidade do vinho o decidia a aprear-se ou a continuar a jornada. Se o vinho era bom, o criado tinha ordem de vir informar disso seu amo com a palavra: *est*. Se era de qualidade superior, devia dizer: *est, est*. Por ultimo, se era excellente, devia dizer: *est, est, est*. Ora, o *moscatello* de Montefiascone foi julgado digno dos tres *est*. O gastronomo allemão fez tam copiosas libações delle, que morreu. Para immortalisar este facto, tam honroso para o vinho de Montefiascone como humilhante para o viajante *tudesco*, gravaram na sua sepultura que

podeis ver na igreja de S. Flaviano, a inscripção seguinte :

EST, EST, EST,  
ET PROPTER NIMIUM EST  
JOHANNES DE FUGER  
DOMINUS MEUS  
MORTUUS EST.

Montefiascone suscita uma recordação d'ordem bem differente. Defensor do clero e antagonista de Mirabeau na Assembléa constituinte, o celebre abbade Maury foi bispo desta cidade, e para gloria sua devêra tel-o sido sempre. Fracos mortaes que nós somos: o vinho faz perder a vida a um, a ambição vira a cabeça ao outro!

A alguma distancia de Montefiascone, á direita da estrada, vê-se um pedaço da via Cassiana, com os restos sofribelmente conservados das Thermas, do consul Mummio Niger Valerio Vigillo. Não longe destas ruinas está o lago Naviso, que se pretende ser o antigo Vadicum dos Etruscos. Nestas bordas desoladas, expirou n'uma celebre batalha contra os Romanos, a antiga nação dos Etruscos, reduzida desde essa epocha à triste condição de municipio.

Em duas horas de caminho chega-se a Viterbo, a cidade de bellas fontes, situada na falda do monte Cimino, antigo *Cyminus*. Cercada de altas muralhas e flanqueada de torres, offerece uma agradavel vista, e conta 20,000 habitantes. Entre as suas glorias, deve-se collocar em primeira ordem o bemaventurado Crispino, pobre padre capuchinho, que, por espaço de quarenta annos, exerceu, com humildade e santidade he-



roicas, a penosa funcção de irmão pedinte do convento. Fallarei mais tarde deste illustre filho de Viterbo, cujo corpo, divinamente preservado de toda a corrupção, é hoje um dos milagres de Roma. Vimos com terno interesse a bella egreja e o convento dos Dominicanos, *Di Gradi*. Là estavam, em qualidade de noviços, muitos dos nossos compatriotas, mancebos de grandes esperanças, flor dessa geração nova, que, no seio da nossa patria, se esforça em rasgar as mantilhas de incredulidade e sensualismo em que involveram a sua infancia. Como não applaudir a sua nobre dedicação e formar os mais sinceros votos pelo bom successo da sua apostolica empreza?

O convento de Santa Rosa offerece á veneração do christão o corpo intacto desta heroína do XIII<sup>o</sup> seculo, que morreu aos dezoito annos; não menos chara á patria pela sua sublime dedicação que pelas suas angelicas virtudes. Entre os esplendores artisticos da egreja da *Quercia*, apparece a estatua miraculosa da Santa Virgem, sobre o carvalho antigo onde foi encontrada suspensa. Aqui como n'outras partes, numerosas promessas testificam a poderosa bondade da Mãe das graças e a gratidão das geraçoens christans.

A algumas leguas de Viterbo está a aldêa de Canino. Tornou-se celebre pela retirada de Luciano Bonaparte e pelas felizes excavaçoens que produziram a descoberta de multidão de vasos e estatuas etruscas, cuja appareição é uma revolução archeologica.

Que graciosa villa é aquella rodeada de choupos novos, que parece um oasis no meio do deserto? E' Monterosi. Eis a estrada de Perusa

que se reúne á de Roma, e esta ultima é a via Cassiana, que annuncia a proximidade da capital do antigo mundo. A' vista destas largas lageas, talhadas por mãos romanas, as recordaçoes nascem em tropel, e a alma começa de abalar-se. Ouve-se o passo rapido das legioens romanas que vão ás extremidades do mundo plantar o pendão dos Cezares, ou voltam carregadas dos despojos das naçoens vencidas. Depois vê-se acudir os Godos, os Hunos, os Vandalos e todos esses enxames de barbaros que tambem conheceram o caminho de Roma: formidaveis peregrinos que vieram procurar por junto as riquezas que os Romanos haviam tomado por miudo. Ora, ao calçar esta bella via, não suspeitava Cassio que aplanava a estrada aos vencedores da sua patria; menos ainda desconfiava que facilitava aos conquistadores evangelicos o meio de voarem às suas nobres façanhas. E nós, Romanos do XIX.º seculo, todos entregues á *locomotiva*, conhecemos o mysterioso futuro dos nossos caminhos de ferro, e barcos a vapor? A mão que os cria não tem outro fim que fazel-os servir para interesses puramente materiaes; porem nas vistas superiores da Providencia não seriam elles meios de accelerar e realisar, n'uma escalla immensa, a dupla unidade do bem e do mal, annunciada para os derradeiros tempos? Hoje, como n'outr'ora, o homem agita-se e Deus o conduz.

Ia eu aqui com as minhas meditaçoens, quando chegamos ás alturas de Baccano. De subito um grito d'alegria, o grito do marinheiro que descobre a terra; o grito do exilado que saudá o solo da patria; o grito do peregrino do Oriente que avista Jerusalem, partiu espontaneamente do

meio da caravana: *S. Pedro!* a cupula de *S. Pedro!!* E todos param, prostram-se e saudam com transporte a cruz triumphante que domina o mais famoso monumento erguido pelo genio dos povos occidentaes. Este spectaculo que resume aos meus olhos toda a historia do mundo, produz uma especie de estremeimento que a gente sente felicidade em ter experimentado, mas que se não pôde exprimir. Quiz conhecer a data precisa desta solemne apparição. Ao subir á caruagem haviamos annuciado aos nossos amigos de França que estariamos em Roma dentro d'um mez. Vi o relógio, que marcava tres horas menos vinte minutos: eram 2 de dezembro. Um mez havia decorrido, dia por dia, minuto por minuto, desde a nossa partida de Nevers.

Por pouco christão que se seja sente-se que se poem os pés n'uma terra santa; a alma pede para orar. Abri o meu breviario, e por uma feliz coincidencia tive de recitar as primeiras vespersas de *S. Francisco Xavier*, cuja festa cahia no dia seguinte. Com que felicidade me associei a este illustre peregrino que tambem viera de França, que provavelmente seguira a via Cassiana e saudara talvez do mesmo ponto que nós a cidade eterna!

Em Baccano começa a campina romana: o tumultuar do mundo ha cessado. Não ha movimento, nem arvores, nem habitaçoens, nem campos cultivados: estaes nas fronteiras do deserto. Diante de vós desdobra-se uma planicie illimitada onde vaguêam aqui e ali alguns pastores, encostados aos seus altos cajados, rebanhos de cabras e ovelhas; uma terra remechida, desigual, excavada, sobre a qual apparecem, de

distancia em distancia, como ossadas branquejantes n'um velho campo de batalha, troços de mármore branco, fragmentos de columnas, frisas quebradas, tumulos em ruinas: por todas as partes a imagem da morte. Com effeito, esta planicie devastada, que foi n'outr'ora o throno da antiga Roma, é hoje o seu tumulo. E este tumulo tantas vezes secular, não ha a Providencia permittido que desapparecesse sob a mão da cultura e da industria. E' preciso que subsista aos olhos das geraçoens como um amplo monumento do poder terrivel dessa Roma pagan, entrevista por Daniel sob a figura uma fera gigantesca, terror do mundo, que calcava sob os pés de bronze tudo o que não haviam triturado os dentes de ferro (1); e do poder maior do Deus que a derribou. O immortal testemunho da victoria completa este quadro tam cheio de melancolia e magestade: sobre este vasto tumulo, no centro deste immenso panorama de ruinas, apparece Roma christian tranquillamente assentada, radiosa de juventude e belleza. Este pensamento, e um tropel d'outros que parecem nascer do solo, formam a preparação proxima á entrada do viajante catholico na cidade eterna.

Entre as ruinas que orlam a erma estrada, distingue-se o sarcophago de Publio Vibio Mariano e de sua mulher Reginia Maxima. E' erradamente que o dão pelo mausoleu de Nero: o primeiro perseguidor do nome christão nem ainda tem um tumulo. A's cinco horas descobrimos o Tibre, alumado pelas ultimas flammas do dia; é sempre o rio d'aguas amarellentas, o *flavus Ti-*

---

(1) Dan. c. VII, 19.

*beris* de Virgilio. Diante de nós desenhava-se o *Ponte-Molle*, coroado pela sua velha torre aberta em forma d'arco triumphante. Que de recordações suscita o antigo monumento, um dos mais historicos do mundo! elle viu o povo Romano correndo ao encontro dos correios que lhe traziam a nova do desbarato d'Asdrubal; Cicero fazendo parar os enviados dos Allobroges, cúmplices de Catilina; Constantino dando a sangrenta batalha que o fez senhor absoluto do imperio, e o paganismo occidental perecendo no Tibre com Maxencio, como o paganismo oriental expirou um pouco mais tarde com Juliano o Apostata, nos plainos da Persia.

Deixando á direita o *Monte Mario*, e á esquerda o *Monte Pincio*, passa-se perto da bella rotunda de Santo André, monumento da gratidão de Julio III; e em breve entra-se em Roma pela porta do Povo, outr'ora porta Flaminiã. Em quanto os agentes da alfandega e da policia cumpriam os seus deveres, saudamos a cruz que domina o obelisco d'Augusto, e antes das sete horas e-tavamos alojados na hospedaria de França, *Palazzo Conti*.

---

### 3 de Dezembro.

Idêa do nosso itinerario em Roma. — Visita simultanea de Roma pagan e de Roma christan. — Visita particular de Roma christan. — Visita dos arredores de Roma e das Catacumbas.

A nossa primeira noite enriqueceu-nos com um defluxo muito bem acondicionado para nos

condemnar a prisão por espaço de quarenta e oito horas: mas *não ha mal de que bem não venha*. Aproveitamo'-nos desta parada aziaga para decidirmos definitivamente o nosso itinerario na cidade eterna. Eis a direcção que se adoptou e que seguimos.

Roma é a reunião dos dois mundos: o mundo pagão e o mundo christão. Duas cidades se encontram nella, e sob pena de ver mal ou até de não ver nada, é mister estudal-as ambas as duas. Mas estas duas cidades estão de modo tal baralhadas e como que soldadas uma com a outra, que é muitas vezes impossivel separal-as e não as abranger com o mesmo lance d'olhos. Interrogar este Jano de duas caras, conforme vier offerecer-se aos nossos olhares, eis o nosso primeiro cuidado. A difficuldade está em saber por onde começar: felizmente que a Roma dos Papas se divide, como a Roma dos Cesares, em quatorze regioens que se correspondem em muitas partes. Esta divisão, tam util para encontrar os monumentos e os sitios, será o nosso roteiro, e atacaremos cada bairro em separado. Durante todo o espaço desta primeira viagem, teremos diariamente um pé no paganismo e outro no christianismo.

Mas por fim opera-se uma separação: aos monumentos e ás ruinas succedem as obras; aqui Roma se mostra exclusivamente christan. Deste modo as instituçoens romanas de charidade e piedade, tam admiraveis e tam pouco conhecidas, nos farão começar uma nova investigação, não ja como artistas ou como archeologos, mas como economistas e como christãos. Tal será o nosso segundo estudo.

Até aqui não transpomos o recinto da cidade. Todavia fora de Roma, e em especial nas entranhas de Roma, encontram-se outras maravilhas que não é licito esquecer. As villas, as vias romanas, varias basilicas, e finalmente as immortaes catacumbas chamarão successivamente a nossa pia e bem legitima curiosidade. Tal foi o plano geral das nossas correrias diarias. Porem comprehendí que, por mais esclarecidos que fossem os guias de quem deviamos seguir as pégadas e ouvir as explicaçoens, era indispensavel verificar e desenvolver as suas palavras. No meu espirito, os meus dias deveram dividir-se em duas partes: a primeira dada á visita dos monumentos; a segunda ás bibliothecas. A esta divisão, permittir-me-hão dizel-o, conservei-me fiel. Acabadas as nossas correrias, eu ia habitualmente confrontar as minhas notas á *Minerva*. Alli, devia á obsequiosa amisade do sabio Padre de Ferrari e dos seus excellentes collegas, a indicação de todas as obras necessarias ao meu trabalho. E' uma homenagem de reconhecimento que me é grato offerecer-lhes.

---

#### 4 de Dezembro.

Os guias de Roma. — Guias na Roma pagan, na Roma christan, na Roma subterranea.

Um bom itinerario é, sem contradicção, a primeira condição de bom exito no estudo summamente interessante, mas complicadissimo, da cidade eterna. Todavia esta condição não é sufficiente: é ainda preciso seguir o itinerario com

intelligencia. Obrigado, como na vespera, a ficar em casa, consagrei o meu novo dia a passar revista aos guias capazes de esclarecerem as nossas indagaçoens. Ora, o primeiro cicerone, de que todo o viajante serio deve ser acompanhado, é um profundo conhecimento da historia profana e da ecclesiastica; o segundo é um trabalho assiduo. Em grande numero de circumstancias é de mister recorrer ás fontes primitivas, quer a fim de completar os conhecimentos, quer a fim de rectificar noçoens que a probidade litteraria não permittiria dar pelo testemunho de simples recordaçõens. As fontes de que fallo são de duas especies, conforme se estuda a Roma pagan ou a christan. Fazel-as conhecer citando as auctoridades em que se apoiam, até nas suas particularidades, as narraçoens que se vão ler, não é somente um serviço feito aos leitores estudiosos; é ainda uma prova de boa fé, e eu quero dal-a. As conversas impertinentes dos viajantes, as novellas publicadas sobre Roma por escriptores da moda, assim como a ignorancia e os prejuizos de certos *guias* muito espalhados, fazem mais que nunca disso um dever indispensavel.

Entre os auctores profanos, ha grande numero a consultar; só citarei os principaes. Em primeira linha deve se collocar Tito Livio. A sua *Historia*, tam preciosa para o conhecimento dos costumes da Roma republicana, dá muitas vezes a descripção, direi topographica, de certos grandes factos cujo theatro o viajante tem a felicidade de encontrar. Plutarco, nas suas *Questões romanas* e nas suas *Biographias*, abunda em particularidades de grande interesse acerca dos homens, das leis e das coisas. Cicero levanta,



nas suas *Cartas á sua familia*, uma ponta do veu que esconde os habitos da vida intima. Este veu é quasi inteiramente levantado por Suetonio. Nos *Cesares*, elle nos pinta os costumes do imperio, e diz a origem de varios monumentos cujas ruinas ainda subsistem. Juvenal, nas suas *Satyras*, e Marcial, nos seus *Epigrammas*, completam a obra dos seus antecessores. Vem ainda Plinio, o Antigo, que, a proposito de *Historia natural*, falla de tudo, particularmente da vida privada dos Romanos e das magnificencias da cidade eterna. O amigo de Vespasiano, o director das aguas no tempo de Nerva, Frontino inicia no systema dos *Aqueductos*. A leitura do seu tractado faz admirar com intelligencia as gigantescas obras que maravilham o viajante na campina romana. Josepho apresenta-se depois com a sua *Historia da guerra Judaica*. Alem de interessantes particularidades acerca das riquezas trazidas de Jerusálem para o templo da Paz, dá uma descripção do triumpho, que apresenta só um pequeno numero de lacunas. Ajuntarei ainda os escriptores da casa d'Augusto, *Scriptores domus Augustæ*, publicados e commentados por Casaubon. Deve-se lhes a horrenda revelação das saturnaes do palacio e da cidade degenerada dos Cesares. Neste lodo ha perolas, quero dizer certos factos importantes que só alli se encontram. Não se deve esquecer nem Sexto Aurelio Victor, nem Onuphro, nem Marliani, nem Canina. As suas obras apresentam a topographia de Roma tam completa como pode esperar-se após tantas ruinas. Os circos e os jogos foram descriptos por Bunting, no seu tractado *De Circis Romanorum*; e devemos a Demongioso uma dissertação de gran-

de interesse sobre o Pantheon d'Agrippa. Accrescentarei concluindo que boa parte das noções espalhadas nos auctores que acabo de nomear, estão reunidas nas *Antiquidades Romanas* de Grevio, e no *Lexicon antiquitatum Romanorum*, de Pitisco.

Taes são em geral os auctores que pôdem servir de guias ao viajante na Roma pagã.

Em quanto á Roma christã, tambem não carece de historiadores de grande nome. Entre os que tem direito a este nobre titulo, ha alguns que se occupam ao mesmo tempo das duas cidades. Contentar-me-hei com nomear Casali, na sua obra *De Splendore Urbis*; o auctor da *Roma antica, media e moderna*; a *Notizia dell'uno e l'altro imperio*; finalmente o Padre Donati. Sob o titulo de *Roma vetus*, este sabio religioso, fallecido em 1640, nos deixou uma descripção de Roma muito mais exacta e melhor elaborada que todas as que haviam apparecido antes delle. O celebre Justo Lipse desenvolve no seu *Amphitheatro* todos os thesouros da sua vasta erudição para nos fazer conhecer o Coliseu no ponto de vista pagão, e o Padre Marangoni dà a historia christã deste Capitolio dos martyres. Outra obra deste ultimo auctor, intitulada: *Delle cose gentilesche e profane, trasportate ad uso e ad ornamento delle chiese*, lança preciosa luz sobre grande numero d'objectos profanos, fazendo ao mesmo tempo abençoar a Igreja que os ha salvado da destruição.

A' testa dos escriptores que fallam exclusivamente de Roma christã, dos costumes, usos, da vida intima dos primeiros fiéis, caminha o illustre cardeal Baronio. A leitura dos seus *An-*

naes ecclesiasticos, e das suas *Notas sobre o Martyrologio romano*, é quasi indispensavel ao viajante que quer comprehender grande numero de coisas expostas á sua vista nas egrejas da cidade santa. Depois delle vem o. sapientissimo Padre Mamachi, com as suas *Origens christans* e os seus *Costumes dos primeiros christãos*. Selvaggio o completa nas suas *Antiquidades*, e o Padre Mazzolari, misturando a piedade a erudição, resume parte das noçoens espalhadas pelas obras precitadas. Este excellente homem passou 42 annos da sua vida em Roma, fazendo a sua principal occupação do estudo das egrejas e dos monumentos christãos. A sua obra que é em seis volumes tem por titulo: *Diario sacro*. Um sabio religioso do Oratorio de S. Philippe de Neri, o Padre Severano a *sancto Severano*, tracta das *Sete Basilicas de Roma*, e deve-se ao grande servo de Deus, o Padre D. Carlos Thomassi, uma *breve descripção do Coliseu consagrado pelo sangue de innumerous martyres*. Duas obras, que podem passar por officiaes, nos dão a historia dos institutos de charidade corporal e espirital da cidade dos Pontifices. A primeira tem por auctor o abbade Constanzi, e por titulo: *Instituzioni di pietà dell'alma città di Roma*; a segunda é devida a Monsenhor Morichini, hoje nuncio em Munich; traduzida em francez por M. de Bazelaire, é intitulada: *Institutos de beneficencia de Roma*.

Quanto as catacumbas e aos martyres, temos sobre estes dois assumptos obras capitaes que é indispensavel conhecer. São estas os *hymnos de Prudencio*; o tractado dos *Supplicios dos Santos Martyres*, de Severano; a *gloriosa lucta dos Martyres*, de Flores; depois a *Roma subterranea*,

de Bosio, denominado o Christovão Colombo das Catacumbas. Veem depois as *Osservazioni soprà i cimiteri d'e Santi Martirj e de primitivè cristiani di Roma*; monumento admiravel de sciencia e piedade, erguido pelo excellente Boldetti. Buonarrotti deu-nos a descripção e explicação das pedras tumulares, dos copos e outros objectos encontrados na veneranda necropole. Finalmente o Padre Macchi, caminhando pelos vestigios destes illustres archeologos, completa hoje os seus trabalhos publicando os seus *Monumentos christãos de Roma illustrados*. Desejamos a todos os viajantes tenham este hom e sabio jesuita por guia nas catacumbas. Os mosaicos tam curiosos das antigas egrejas de Roma teem o seu historiador em Ciampini. A sua obra intitula-se: *Momimenta vetera, in quibus præcipue musiva opera illustrantur*.

A esta já tam longa nomenclatura, ser-me-hia facil ajuntar outros escriptores cujas obras me forneceram preciosos pormenores. Basta nomear Martinelli, Pirro Ligorio, Foggino, Ferretti, Andrea Fulvio, Biondo Flavio, Torrigio, Sigonio, Owerbeck, Vignole, Nardini, Ferraris, Zinelli, Cancellieri e o sabio papa Bento XIV, no seu tractado *das Festas de Nosso Senhor e da Santa Virgem*. Em quanto aos guias modernos, devem-se citar Nibby, Canina e Melchiorri, especialmente este ultimo que falla um pouco da Roma christan. Por mais abundantes que sejam, todos os recursos que acabo de indicar não são sufficientes. Quereis estudar Roma com vantagem? procurai um homem, um homem intelligente e dedicado que consinta em servir-vos de cicerone. Gratidão eterna aos excellentes amigos que se digoaram desempenhar este officio em nosso favor!

## 5 de Dezembro.

### Os Pifferari.

Antes das cinco horas fomos acordados pelo ruído d'um concerto que se dava na rua, quasi debaixo das nossas janellas: ouviamos os *Pifferari*. Foi isto para mim uma suave compensação a indisposição da vespera, e para todos nós uma agradável estrêa na cidade santa. Com effeito, eis uma das mais bonitas coisas de Roma, um dos mais candidos e patheticos usos dos nossos seculos de fé. Os *Pifferari* são pastores da Sabina e dos Abbruzzos, que, todos os annos, pela volta do Advento, descem das suas montanhas, e veem annunciar, nas ruas de Roma, ao som d'uma musica campestre, o proximo nascimento do infante de Bethlem. Vedel-os ordinariamente aos grupos de tres musicos: um velho, um homem de edade madura e uma criança. Recordam dest'arte a antiga tradição que só conta tres pastores no presepio (1). Ìm pé e com a cabeça descoberta, diante das madonas que ornam as frentes das casas, ou que se desenham, allumiadas por uma alampada, no fundo das lojas, saudam com sua alegre symphonia a ditosa mãe do Salvador. Seja dito de passagem, eu nada conheço mais gracioso que a vista que offerecem as lojas de Roma, quando as madonas estão illuminadas, e quando as fazendas, dispostas com perfeito gosto em planos inclinados, vos apparecem, dominadas por uma bonita estatua da santa Virgem, collocada no fundo em cima d'um rico

---

(1) Sandini, *Historia familiæ sacræ*.

bufete, ornada de flores e de tochas accesas.

Os instrumentos dos Pifferari são simplicios como os dos pastores. Um oboé, uma gaita e uns ferrinhos; eis ohi toda a orchestra daquelles musicos da montanha. A canzoneta que repetem diante da Rainha do céu, não está escripta em sabias notas. Esta mesma simplicidade faz todo o seu encanto, porque recorda admiravelmente o humilde mysterio da manjedeira.

O trajo dos Pifferari está em harmonia com a sua musica e as suas funcçoens. Transportavos completamente á idade media; qual o euvi, tal o viram aquelles que me precederam em Roma ha alguns seculos. Um chapen tyrolez, ornado d'uma larga fita de diversas côres, uma capa curta de grosso panno verde, uns calçoens de pelle de ovelha ou cabra, umas piugas terminadas por uma palmilha que se ata sobre o pé com correias; acrescentai a isto compridos cabellos pretos que descem sobre os hombros, uma bella barba, uns olhos vivos, uma fronte elevada, e tereis uma ideia d'este trajo e deste typo notaveis.

Roma vê chegar com prazer os Pifferari; porque tudo o que suscita uma recordação religiosa é bem acolhido nesta cidade essencialmente christian. Amam-os, festejam-os, chamam-os; elles proprios vão offerecer os seus serviços ás casas e aos palacios, perguntam se quereis mandar fazer uma novena á vossa madona. Se accitam, e quem não accitaria? elles veem por espaço de nove dias regozijar-vos com seus concertos. Gratificai-os com alguns baiocos; e eu não sei quem è mais feliz, se aquelle que recebe ou aquelle que dá.

Direi, por antecipação, que a 15 de dezembro, quando a Igreja principia as grandes antifonas do Natal, encomendamos uma novena. Ajustou-se que a ultima serenata teria logar durante o jantar e na mesma salla em que nós comiamos. Os bons Pifferari acceitaram a condição com desvelo e foram fieis ao aprazamento. Como recordação, quiz possuir a sua simples cantata. Elles mesmos nol-a dictaram; eil-a aqui n'uma traducção que não pôde expressar a singela graça do original:

« O' doce Virgem, filha de Sant'Anna, vós  
« trouxestes no vosso seio o bom Jesus. Os An-  
« jos bradavam: Vinde, Sanctos, ide á cabana  
« do menino Jesus, nascido n'uma manjedoirinha  
« onde comiam os bois e os burros. Virgem im-  
« maculada, bemaventurada no céu, sêde na terra  
« nossa advogada. Na noite de Natal, que è  
« uma noite santa, esta oração que havemos can-  
« tado ao Menino Jesus, seja representada (1). »

Não deve esquecer que a nossa velha ama se achava presente ao concerto. Era uma digna filha dos Sabinos e dos Equos, dos quaes os

- 
- (1) O virginella, figlia di Sant'Anna  
Nel ventre tuo portaste il buon Gesù.  
Gl'Angioli chiamarano: venite Santi,  
Andate Gesù bambino alla capanna,  
Partorito sotto ad una capanella,  
Ad'ovi mangiavan il bove e l'asinelli.  
Immacolata vergine beata  
In cielo, in terra sia avvocata.  
La notte di natale, è notte santa,  
Questa orazion che sem cantata  
Gesù bambino sia representata.

Pifferari, habitantes seculares da Sabina e dos Abruzzos, descendem em linha recta. Ao som da musica e da *canzoneta* que lhe haviam encantado a infancia, o boa Menica esqueceu de repente os seus cincoenta e seis annos e poz-se a dançar como uma rapariga. Nem as observaçoens, nem as gargalhadas poderam distrahir a. Com a maior seriedade possivel, para com e contra todos, dançou em honra *di Gesù Bambino è di Maria Santissima* em quanto durou a symphonia nacional. Boa Menica, Deus vos abençõe! Elle ama, estou disso certo, a vossa fé tam ardente e tam singela, e o vosso amor immortal as innocentes recordaçoens da vossa infancia.

O Natal chegou; todas as campestres melodias cessaram; os Pifferari desaparecem, a sua missão está cumprida. Adeus pois, bons Pifferari; retomai alegremente o vosso caminho e a guarda dos vossos rebanhos: sêde felizes, fizestes uma bôa e santa acção. Os Romanos vos abençoam, nós vos abençoamos com elles, mas não vos esqueçais de voltar para o anno que vem; ai! eu já vos não ouvirei; porem mais felizes que eu outros viajantes vos ouvirão e vos abençoarão tambem. Sim, elles voltarão; os pais terão talvez morrido; mas vereis acudir os filhos e os netos que repetirão na gaita hereditaria as candidas harmonias que aprenderam de seus avôs. E' assim que em Roma, durante o bello tempo do Advento, se não pôde dar um passo na rua, nem ficar uma hora em seus aposentos, sem ser chamado, como que apezar seu, a lembrat-se do tocante mysterio que se prepara.





## 6 de Dezembro.

Visita a S. Pedro. -- Recordações. — Praça de S. Pedro. — Obelisco de Nero. — Throno de S. Pedro. — Confissão. — Cupula. — Instrucções.

Algumas occupaçoens inteiramente materiaes nos haviam forçado a adiar os nossos passeios scientificos; livres d'or'avante de todo o cuidado, podêmos hoje começal-os. O dia annunciou-se magnifico; o céu d'Italia reaparecia em toda a sua pureza. Nove horas batiam na Propaganda, quando partimos para visitar S. Pedro. Por toda a especie de titulos deve a augusta basilica pôr-se na frente das excursões romanas. Durante o trajecto, que foi bastante comprido, não vi nada, nada ouvi; a minha alma estava absorta por um tropel de pensamentos igualmente arrebatadores, e como que subjugada por commoçoens tam suaves como profundas. E como não havia de ser assim? Por pouco que recolha as suas recordações, não vê o peregrino de S. Pedro desdobrar-se ante si, como umâ immensa cadeia d'ouro, perolas e rubis, essa solemne procissão de imperadores, reis, pontifices, sabios, santos e santas, que tem acudido, ha quinze seculos, do Oriente e do Occidente, da Africa, das Hespanhas, das Gallias e da Germania, para honrarem o tumulo do pescador Galileu, ao qual vem, tambem elle, render as suas homenagens?

Na frente destes peregrinos coroados caminha o vencedor de Maxencio, o primeiro imperador christão, Constantino o Grande. Depois d'elle, está Theodosio que, em 393, partindo para a guerra contra Eugenio, vem, revestido do sacco e do ci-

licio, pedir a victoria pela intercessão do vigario de Jesus Christo. Em 449, está Valentiniano com sua mulher Eudoxia, e sua mãe Galla Placidia. Em 545, está o vencedor dos Barbaros, o sustentaculo do imperio abalado, Belisario, que faz homenagem dos seus loiros a Pedro, est'outro vencedor da Barbaria. Após elle caminha um rei, de olhar terrivel, estatura gigantea; é o feroz Totila, assolador do mundo, flagello de Roma. Lobo cruel em todas as outras partes, já não é, junto ao tumulo do apostolo, mais que timido cordeiro. Quem é est'outra testa coroada que domina a multidão? é Cedwella, rei dos Saxoios occidentaes, que, em 689, deixou o seu reino para vir, humilde cathumeno, receber o baptismo na egreja dos Apostolos.

E' seguido de perto por um peregrino, não menos illustre; é Concredo, rei dos Mercios. Acha-se de modo tal feliz ao pé do tumulo do vigario de Jesus Christo, que despe a purpura real, e se faz religioso n'um mosteiro visiuho de S. Pedro, a fim de obter a graça de viver, morrer e repousar junto aos Apostolos. Em todos os caminhos que conduzem ao glorioso tumulo se apertam uma turba d'outros chefes de naçoens civilisadas ou barbaras; Luitprando, rei dos Lombardos; Ina, rei d'Inglaterra; Carlomano, rei de França; Ricardo, rei d'Inglaterra; a pia Bertrade, mulher de Pepino e mãe de Carlos Magno; Ossa, rei dos Saxoios orientaes, que fez o seu reino vassallo de S. Pedro; o rei dos Lazzi, povo da Colchida, acompanhado da flor da sua nação; os imperadores Othão 1.º, Othão II, Othão III; Santo Henrique, rei da Germania; a imperatriz Ignez, mulher d'Henrique III; Machedad, rei d'Escossia; Christiern, rei dos

Dacios e dos Godos; o imperador João Paleologo, e uma multidão d'outros reis e d'outras rainhas que brilham, na historia, com as duas aureolas do genio e da virtude.

Pois qual é o attractivo poderoso que conduziu todos esses monarchas ao tumulto do vigario de Jesus Christo? Qual é a significação mysteriosa deste facto secular? Em resposta, apparece em todo o seu esplendor a gloriosa revolução que despedaçou o imperio da força bruta e inaugurou a supremacia da intelligencia sobre as duas cruzes do Calvario e do Vaticano. Com o Evangelho renasce a verdadeira noção do poder: a realza é um *cargo*. E eis que, para felicidade dos povos, uma mão divina conduzia todos aquelles monarchas ao tumulto de Pedro, a fim de n'elle beberem o conhecimento dos seus deveres, e a dedicação, e o espirito de sacrificio, e os sentimentos paternaes que devem encher o coração dos reis, filhos do christianismo. Util peregrinação! em que os poderosos e os fortes juravam, sobre as ossadas sagradas do vigario de Jesus Christo, nunca mais reinarem segundo os seus caprichos, mas conforme a equidade.

Então comprehende-se a significação profunda de todas aquellas coroações de reis e imperadores, realisadas em S. Pedro de Roma, no meio das acclamações da Europa regenerada. Então desenha-se, radiante de luz, a maior figura dos tempos modernos, Carlos Magno, restaurador do imperio romano e typo da realza christan. Quatro vezes veio elle áquelle tumulto sobre o qual nós iamos prostrar-nos. Da ultima vez, no anno de 800, dia de Natal, o filho de Pepino, ajoelhado sobre as lageas da veneranda Basilica, re-

cebia a corôa imperial das mãos do papa S. Leão III; e todo o povo romano fazia ouvir estas alegres palavras: *A Carlos, piissimo, augusto, coroado por Deus, grande, pacífico, imperador dos Romanos, vida e victoria* (1) ! Certamente, repito-o, o povo tinha razão de se regosijar. Que garantia não encontrava o mundo naquelle acto augusto, em que os reis da terra, declarando-se vassallos do Rei do céu, se obrigavam solemne-mente a tomar por modelo o divino Rei que morreu pelo seu povo? Depois de Carlos Magno, vêde sobre o mesmo tumulo, Lothario recebendo a corôa das mãos de Pasçal I.º; Alfredo, rei de Inglaterra, coroado, no mesmo sitio, por S. Leão IV; Carlos o Calvo, por João VIII; Carlos o Gordo, pelo mesmo Pontífice; Othão I.º, por João XII; Santo Henrique com Santa Cunegunda, por Bento VIII; e muitos outros principes não menos poderosos.

Deve agora causar admiração o respeito profundo que inspirou sempre S. Pedro de Roma aos barbaros e aos mesmos perseguidores? Alarico, senhor da cidade de Cesares, despedaça, derriba, queima todos os monumentos da capital do mundo; porem, por uma gloriosa excepção, prohibe se toque em S. Pedro e se faça mal algum aos vencidos refugiados na veneranda Basilica. Não são os Vandalos menos respeitosos. A imperatriz Theodora quer a todo o custo satisfazer a sua vingança contra o papa Vigilio: « Apoderai-vos do papa, escreve ella a Antemio, em toda a parte

---

(1) *Carolo piissimo, augusto, a Deo coronato, magno, pacifico, imperatori Romanorum, vita et victoria. Anast. in Leo.*

onde o achardes, em S. João de Latran, no seu palacio, ou em qualquer outra egreja, excepto S. Pedro (1). » E' necessario recordar que, nestes ultimos tempos, Berthier, general das tropas do Directorio, preparando-se para bombardear Roma do alto do *Monte Mario*, ficou penetrado de respeito, e prohibiu atirassem sobre a Basilica do principe dos Apostolos?

Era com justa rasão, penso eu, que tantas recordações religiosas me enchiam a alma de religião e a absorviam toda durante a viagem. Ellas haviam arrebatado de admiração dois dos mais bellos genios do Oriente e do Occidente, S. Chrysostomo e Santo Agostinho (2). Todavia estes grandes homens não tinham visto tudo; só tinham podido conhecer em parte a gloria de S. Pedro de Roma. Como quer que seja, eu dizia comigo com um sentimento d' indefinivel felicidade: Eis-me pela minha vez, peregrino obscuro, no momento de pizar essa terra sagrada do Vaticano, regada com o sangue do principe dos Apostolos; no momento de ver com os meus proprios olhos

---

(1) Exceptis omnibus, in basilica Sancti Petri parce. Nam in Lateranis, aut in palatio, aut in qualibet ecclesia inveneris Vigilum mox impositam navi, perduc eum ad nos. (*Not. ad Martyrol.* 18 de nov.)

(2) Ille qui purpuram gestat ad sepulcra illa se confert, et ea exosculetur, abjectoque fasto supplex stat. *E n'outra parte*: Relictis omnibus ad sepulcra Piscatoris et Pellionis currunt et reges, et præsides, et milites. Chrys. *Homil.* XXVI, *ad Corinth.* 2; Ag. *Epist.* IV, *ad Madaurenses.*

essa Basilica, theatro de tantos factos gloriosos; sanctuario d'onde hão sahido tantos oraculos; arca d'alliança dos dois poderes que regem o mundo; logar eternamente bendito, onde tantas oraçoens, tantas lagrimas se tem derramado; d'onde se tem erguido para o céu tantos votos, tantos suspiros, tantas acclamaçoens triumphaes: vou em fim gozar uma felicidade, que era a ambição da minha vida. Oxalà experimente eu alguns dos sentimentos d'amor e fé que tem feito palpitar aqui tantos nobres coraçõens!

Entretanto haviamos chegado ao Tibre. Atravessamol o pela ponte de Santo Angelo, n'outro tempo ponte Eliana. Deixando á direita o molhe d'Adriano, achamo'-nos depois d'alguns passos á vista da maior maravilha do mundo moderno. A praça que precede S. Pedro de Roma arrancou-me ás minhas meditaçoens. Era impossivel desejar, para fazer sobresahir a augusta Basilica, uma praça mais magestosa e que metta mais respeito. E' de forma oval, rodeada de um soberbo alpendre de quatro ordens de columnas, coroadas de estatuas de mármore branco. No meio ergue-se um obelisco egypcio entre duas fontes cujas aguas sobem em espadanas argenteas e tornain a cahir em cascatas susurrantes em bacias de bronze. Impressionados, e como que deslumbrados, de tudo o que viamos, ficamos algum tempo immovels, sem distinguirmos coisa alguma, em frente da fachada de S. Pedro. O obelisco teve o privilegio de occupar em fim a nossa attenção.

Transportado do Egypto a Roma, por ordem de Caligula, este monolithe foi collocado no circo do Vaticano, ao qual servia de marco. Elle viu

Nero, disfarçado em cocheiro, guiar o seu carro ao clarão dos archotes viventes, isto è dos christãos vestidos com a toga incendiaria, atados a postes collocados de distancia em distancia, e allumiando os jogos nocturnos do cruel imperador [1]. Em 1586, Sixto V o mandou transportar para o meio da praça de S. Pedro, defronte da Basilica. Ao principio era sustentado por quatro leões de bronze, e podia ter cem pés de elevação; os leões desappareceram, e a altura do obelisco já se não eleva senão a 72 pés. N'um dos lados que estão virados para as fontes, lê-se a dedicatoria que d'elle fez Caligula aos imperadores Augusto e Tiberio. No lado opposto á praça está gravada esta inscripção triumphal, digna inspiração de Sixto V:

ECCE CRUX DOMINI,  
FUGITE,  
PARTES ADVERSÆ;  
VICIT LEO  
DE TRIBU JUDA.

« Eis aqui a cruz do Senhor, fugi, potencias inimigas, o leão da tribu de Judá venceu. »

A face que está virada para S. Pedro, proclama nestes termos a eterna victoria do christianismo:

CHRISTUS VINCIT,  
CHRISTUS REGNAT,  
CHRISTUS IMPERAT;  
CHRISTUS AB OMNI MALO  
PLEBEM SUAM  
DEFENDAT.

---

(1) Tacito, *Annae. c. XV.*

« Christo é vencedor, Christo reina, Christo manda; Christo defenda o seu povo de todo o mal. »

Deixando o obelisco, chega-se depressa ao pé de uma escada suave que conduz ao pateo, terminado pela fachada de S. Pedro. Estes tressittos, cuja reunião apresenta o mais gracioso todo, teem um comprimento total de 1073 pés.

Finalmente tocamos no *limior dos santos Apostolos: ad limina Apostolorum*. Que dizer do immortal templo edificado pelo genio christão ao illustre chefe da Egreja? Um todo perfeitamente harmonico, apezar das suas proporçoens collossaes, doirados perfeitamente conservados, pinturas exquisitas, os mais preciosos marmores, mosaicos inimitaveis em riqueza, colorido e desenho; eis o que fere, deslumbra os olhos para qualquer parte que se dirijam. Mas não devo fallar hoje das magnificencias humanas do augusto monumento; não é como artista que a elle vim, é como christão. O throno de S. Pedro, a confissão, a cupula, tres magnificencias d'ordem superior, respondem melhor ás disposiçoens da alma na primeira visita: ellas nos absorveram inteiramente.

Na vasta nave por onde a vista se estende sem encontrar nem cadeiras, nem bancos, nem pulpito, eleva-se um throno de bispo. Um pontifice está nelle assentado, immutavel e immovel como a verdade de que é orgão e guarda. Este pontifice é o mesmo a quem foi dicto: *Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas, confirma teus irmãos; eu orei para que a tua fé nunca desfallecesse*. E Pedro, o pontifice dos seculos, está sempre alli vivo nos seus successores, ensinando pela bôcca delles, velando pelo seu ministerio so-



bre as ovelhas e os cordeiros. Na magestosa solidão da immensa Basilica Pedro está só ; diante d'elle tudo se calla , tudo desapareceu. N'outras partes haverá outros pastores , outros thronos , outras vozes : mas aqui , no primeiro templo da christandade , não ha outro pastor senão elle , outro throno senão o seu throno , outra voz senão a sua. Chefe supremo da gerarchia , elle vê em todos os Pontifices espalhados pelas extremidades do mundo , membros do seu aprisco , coadjuutores e não eguaes. A sua voz é o oraculo delles ; as suas ordens a regra do seu proceder ; e por elles o oraculo e a regra do universo.

Ao espectaculo arrebatador da unidade catholica personificada em S. Pedro , a Basilica ajunta outro não menos sublime. Ella mostra o pescador galileu comprando a sua gloriosa prerogativa pelo preço d'um immenso amor. Eis a alguns passos de distancia do throno , a *confissão* do apostolo. Admiravel nome dado pelo genio christão ao altar dos martyres ; porque recorda que a testemunha da fé lhe deu o mais irrecusavel de todos os testemunhos , o testemunho do sangue. Debaixo d'um rico doce! , sustentado por quatro columnas torcidas , de bronze de Corintho , ergue-se o altar superior , o altar Papal. Por baixo , está o tumulo de S. Pedro e S. Paulo , diante do qual ardem de noite e de dia cento e vinte e duas lampadas , triple symbolo da veneração , do amor e da fé. Desce-se a elle por duas escadas circulares de marmore branco do mais bello grão. Ao aproximar-vos desta confissão eternamente veneranda , não sei que virtude secreta de vós se apodera e vos subjuga. Crê-se ouvir a voz do Filho de Deus perguntando ao seu futuro vigario : *Simão*,

*filho de João, tu amas-me?* e do fundo d'aquella sepultura ergue-se a voz de Pedro que responde: *Sim, senhor, vós sabeis que vos amo.* E commoveis-vos a ponto de derramardes lagrimas na presença d'aquellas ossadas dos martyres, gloriosas testemunhas do seu amor; e não tendes palavras senão para abençoar e orar. A exemplo de tantos milhoens de peregrinos, nossos predecessores e irmãos, prostramo'-nos de joelhos. Apoiado na balaustrada de marmore branco que rodea as duas escadas, recitei em meu nome, no nome dos meus amigos, da minha patria, do mundo catholico, o symbolo de Nicea. Oh! como é facil crer! digo mal, quanta felicidade, quanto orgulho se sente em crer, quando se está alli!

Levantando a cabeça, os olhares sobem á sublime cupula. Em torno da base resplende a immortal promessa do Filho de Deus, escripta em immensas letras d'oiro: *Tu es Petrus, et super hanc petram œdificabo Ecclesiam meam, et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* « Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ella. » Tal é então o poder das impressoens, que lendo este oraculo se crê ouvir distinctamente a voz divina que o pronunciou; por quanto a cupula toda resplandecente de mosaico vos mostra na sua dupla gerarchia da terra e do céu, a Igreja catholica, gloriosamente assentada sobre a palavra do seu fundador, allrontando os esforços dos seus inimigos e estendendo até á eternidade o seu imperio sem limite e sem fim.

Deste modo, a immutavel prerogativa do chefe dos Apostolos, paga com um immenso amor

e recompensada com um imperio vencedor do inferno, do homem e do tempo; eis ahi o que dizem o throno de S. Pedro, a sua sepultura e a cupula. Póde-se admirar sufficientemente o catholicismo que conduz tantos reis, tantos fundadores de imperios, a esta sepultura eloquente a fim de lhes revelar a natureza do seu poder, e a extensão dos seus deveres, e a recompensa da sua fidelidade ás condiçoens da sua existencia social? Taes são as altas instrucçoens que dá aos principes e aos grandes do seculo o augusto sanctuario. Quanto ao humilde viajante, submissão filial á Igreja, fé, admiração, indefinivel mistura de respeito e amor, taes são os sentimentos que produz ou desperta na sua alma a primeira visita a S. Pedro. Desde a nossa entrada na maravilhosa Basilica, as horas haviam fugido como um rapido instante, e a declinação do dia veio advertir-nos de que era tempo de darmos fim á nossa interessante romaria.

---

### 7 de Dezembro.

Visita geral das duas Romas. — Roma pagã. — Sua extensão. — Suas vias. — Sua população — Roma christã. — Sua posição. — Suas bellezas. — Suas Institucçoens. — Primeira entrevista do summo Pontifice. — Benção do Santissimo Sacramento na igreja dos Santos Apostolos.

Hontem haviamos cumprido o primeiro dever de todo o peregrino catholico na cidade eterna. O verdadeiro rei da cidade, S. Pedro, havia re-

cebido as nossas homenagens, e o nosso estudo das duas Romas devia começar. Acompanhados de um excellente amigo cuja sciencia eguala a dedicação, dirigimo'-nos ao belveder d'uma villa situada na encosta do monte Esquilino, no supposto logar dos jardins de Heliogabalo. D'alli domina-se a vasta planicie em cujo centro está Roma assentada. Virados para o Oriente, tinhamos defronte o Monte Cavi, onde Romulo, cercado das populaçoens aborigenes, inaugurou a religião do Lacio; depois descrevendo um circulo começando pela esquerda, estava Tusculo com as suas villas arruinadas e as suas recordaçõens ciceronianas; Tibur com as suas cascatellas, encostado ás montanhas da Sabina; o Monte Sacro, aonde o povo se retirou para subtrahir-se á tyrannia dos patricios; o cume esguio do Monte Soracte, d'onde o papa S. Sylvestre foi reconduzido a Roma, não para soffrer o martyrio como elle julgava, mas para assistir ao triumpho do christianismo e baptisar Constantino; as campinas solitarias de Cività-Vecchia; o Mediterraneo que se desenha no azul do céu como uma cortina de prata; Ostia que já não vive senão pelo seu nome e pelas suas tocantes recordaçõens d'Agostinho e de Monica; Albano, successor d'Alba-a-Longa, fundação d'Eneas e tumulo d'Ascanco; finalmente, sobre a altura, Castel Gandolfo; com o seu castello secular, pacifica morada dos summos Pontifices, que se tomaria de longe por um farol immenso, elevado n'um promontorio.

A baixo deste primeiro plano que limitava o horizonte, appareciam, semeados aqui e alli pela planicie, alguns desses grandes monumentos que parecem sobreviver a todas as revoluçoens para

attestarem de seculo em seculo o poder do povo-  
rei. A' direita, o tumulo de Cecilia Metella, de-  
pois o aqueducto de Claudio, cujas arcadas gi-  
gantescas atravessam toda a campina Romana, e  
formam o leito aereo da *agua virginal*, durante  
as seis leguas que separam as montanhas de Subia-  
co da cidade eterna; mais longe as ruinas accu-  
muladas da admiral villa d'Adriano, e o mauso-  
leu da familia Plaucia, na estrada de Tivoli.

Em fim, no centro da vasta planicie, Roma  
se mostrava á nossa vista, rodeada da alta e es-  
pessa muralha que Aureliano lhe deu por cerca.  
Mas esta Roma silenciosa e socegada, cujos es-  
guios zimbórios brilhavam com as ultimas flam-  
mas do dia, já não era a soberba e tumultuosa  
capital dos Cesares. Comtudo era de mister, para  
satisfazer as exigencias do nosso espirito, contem-  
plar a Roma d'Augusto antes de estudar a Roma  
de S. Pedro. Com a inspecção de algumas ossa-  
das fosseis do mastodonte, Cuvier reconstruiu o  
prodigioso quadrupede, desconhecido havia longo  
tempo. Com a historia na mão, nós tentamos  
a mesma operação no cadaver mutilado da antiga  
Roma. Com o soccorro da memoria e da vista,  
duas potencias maravilhosas, a primeira das quaes,  
resuscitando o que já não existe, completa o  
quadro que a segunda grava actualmente na me-  
moria do olho, nós reedificamos Roma pagan:  
eila aqui tal qual ella nos appareceu, tal pouco  
mais ou menos qual era sob o imperio dos Cesa-  
res.

Resplandecente de marmores, de dourados e  
de todos os primores d'arte da civilização mate-  
rial mais adiantada, a rainha da força estava  
assentada em sete collinas: o *Palatino*, berço de

Romulo, e morada dos Cesares ; o *Capitolio*, onde reinava Jupiter ; o *Aventino*, coroado com o seu templo de Diana ; o *Cælio*, com as suas torres e a sua praça do peixe, tam frequentada pelos Apicios ; o *Esquilino*, de multiplices cumes, com o seu campo pretoriano ; o *Quirinal*, com os seus templos de Quirino e da Saude ; o *Viminino*, outr'ora coberto de sarças espessas, e mais tarde de palacios magnificos. Roma que havia transposto o Tibre cujo leito profundo a cinge como uma meia lua, se estendia ainda sobre o Vaticano e o Janiculo. Dividia-se em quatorze regioens ou bairros, cujos nomes celebres na historia são : *Porta Capena* ; *Cælimontium* ; *Isis et Serapis* ; *Moneta* ; *Templum pacis* ; *Esquilina cum turre et colle Viminali* ; *Alta semita* ; *Vialata* ; *Forum Romanum* ; *Circus Flaminius* ; *Palatium* ; *Circus maximus* ; *Piscina publica* ; *Aventinus* ; *Trans Tiberim*.

No seu vasto recinto encerrava ella quarenta e seis mil seiscentas e duas ilhas, ou grupos de casas, separados por meio de ruas ; dois mil cento e dezeseite palacios da mais incrivel magnificencia ; quatrocentas e vinte e quatro praças ou encruzilhadas ; quatrocentos e setenta templos de idolos ; quarenta e cinco palacios consagrados á devassidão ; oitocentos e cincoenta e seis estabelecimentos de banhos ; mil tresentos e cincoenta e dois lagos ou reservatorios d'agua ; trinta e dois bosques sagrados ; dois grandes amphitheatros, um dos quaes continha oitenta e sete mil espectadores assentados, e vinte mil nas varandas ; dois grandes circos, o *Flaminio* e o *Maximo*, este com cento e cincoenta mil logares, na opinião daquelles que lhe dão menos, e quatrocentos e oitenta

e tres mil, segundo aquelles que lhe dão mais ; cinco naumachias onde se davam batalhas navaes ; vinte e tres gigantescos cavallos de marmore ; oitenta de bronze doirado ; oitenta e quatro de marfim ; trinta e seis arcos de triumpho de marmore , ornados das mais delicadas esculpturas ; dezenove bibliothecas ; quarenta e oito obeliscos ; onze foros ; dez basilicas , e um povo innumeravel de estatuas de marmore , de bronze , e até d'ouro (1). Quatorze aqueductos levavam a Roma as aguas ou para melhor dizer os ribeiros das montanhas visinhas ; vinte e quatro vias calçadas de largas lageas e orladas de soberbos mausoleus , sabiam das vinte e quatro portas da cidade e conduziam da capital do mundo ás provincias.

Deste modo , se apresentava aos nossos olhos deslumbrados a cidade dos Cesares. Todavia não tinhamos visto mais que a metade do espectaculo. Alem do *Pomœrium* , ou lameda circular , alem das muralhas que protegiam a cidade , e cuja circumscripção formava propriamente a cidade , *Urbs* , se estendia uma nova cidade , *civitas* , prolongamento immenso da primeira. O que são nos nossos dias os arrabaldes de Paris para a cidade primitiva , esta Roma , *extra muros* , era-o para a Roma cercada das muralhas e do *Pomœrium*. Os seus innumeraveis edificios cobriam a planicie circular , hoje deserta , que , n'um diametro de dez leguas , se estende d'Otricoli a Ostia , d'Albano e de Tivoli para Civita-Vecchia. Eis o que é mister saber para comprehender os auctores con-

---

(1) Vêde Nardini , *Roma antica* , p. 436 , e Onuphro Pauvin. *de Rep. Rom.* , 105 , 114 a 124.

temporaneos que nos teem fallado da extensão e da população da antiga metropole do universo.

« Roma, diz Aristides de Smyrna, é a cidade das cidades, a cidade do mundo inteiro. Um dia não bastaria, que digo? todos os dias de um anno seriam muitissimo poucos, para contar todas as cidades edificadas nesta cidade divina. (1) »

« Alem das muralhas da cidade todos os logares são habitados, ajunta outro historiador; de sorte que o espectador que quer conhecer a extensão de Roma se acha sempre iaduzido em erro: porque não tem um signal para conhecer onde a cidade começa e onde acaba. Isto procede de que os suburbios estão de tal modo unidos á cidade, que apresentam aos olhos a imagem d'uma cidade que se prolonga até o infinito (2). »

« A cidade, continua Aristides, desce até ao mar, onde se acha o mercado universal e a distribuição de todas as produçoens do globo; e tal é o tamanho de Roma, que o espectador, em qual-

---

(1) *Commune totius terræ oppidum, eadem urbs urbium, quia videre in ea est omnes urbes collocatas... deficiat non unus dies, sed quotquot habet annus, si quis adnumerare conetur omnes urbes in cœlesti illa urbe positas, idque ob nimiam copiam. Apud Casalium, de Urbis splendore, p. 34.*

(2) *Omnia loca circa urbem habitata sine mœnibus esse; in qua si quis intuens magnitudinem Romæ exquirere velit, is errare cogetur, nec habebit signum ullum certum quousque urbs incipiat aut desinat: adeo suburbana ipsi urbi adhærant, et annexa sunt præbentque spectantibus opinionem extensæ in infinitum urbis. Dionysius, apud eundem, p. 31 e 421.*



quer logar que se colloque, pôde sempre julgar-se no centro. (1) »

Tal era pois Roma pagan nos dias do seu esplendor. Alem dos seus muros e das suas collinas, estendia ella, como outras tantas cidades, os seus immensos arrabaldes até Tibur, Otriculo, Aricia, e ainda mais longe (2). Segundo estes testemunhos, Roma e os seus suburbios cobriam uma extensão de dez leguas de diametro. Um facto relatado na vida de Constantino, estabelece, ao seu modo, a realidade destas espantosas proporções. Este principe, vindo a Roma, havia chegado a Otricoli. Já tinha percorrido parte deste arrabalde, quando, virando-se para o Persa Hormisdas, architecto celebre, que jamais tinha visto a Italia, lhe perguntou o que pensava de Roma. Impressionado pela magnificencia e continuidade dos edificios: « Creio, respondeu o estrangeiro, que já percorremos a metade della. » Ora, elle estava ainda a distancia de mais de quatro leguas da cidade propriamente dicta (3).

---

(1) Descendit etiam et porrigitur ad mare ipsum, ubi commune est emporium, et omnium quæ terrâ proveniunt distributio. Tantam Romam esse, ut in quacumque parte quis constiterit, nihil impediat, et in medio eum esse. Arist. *Hist. sub Adriano apud Casal.*, por 34.

(2) Munita erat præcelsis muris, aut abruptis montibus nisi quod exspatiantia tecta, multas addidere urbes, in prima regione. Plin. *lib. III, c. 5.* — Nempe ut tot essent urbes, quot ipsa suburbia, quæ Tibur, Otriculum, Aniciam atque alio excurrerant. *Casal.*, pag. 33.

(3) Ammian. Marcell.

Na falta de todas estas provas, só o aspecto da campina romana demonstraria a prodigiosa exteusão da antiga cidade imperial. O solo excavado, agitado, disposto de mil maneiras, os innumeraveis restos de monumentos, espalhados pela superficie, são como outras tantas vezes que se elevam de todos os pontos da planicie e que dizem: Roma foi aqui (1).

Cravando os nossos avidos olhares nesta fabulosa cidade, viamos brilhar na fraida do Capitolio o famoso marco milliaro d'ouro. D'alli, partiam as numerosas vias que serviam de comunicação incessante entre a rainha do mundo e todos os povos feitos seus vassallos. Pelas suas largas lageas parecia-nos ver galopar os *Tabellarios*, levando as vontades de Cesar ao Oriente, ao Occidente, ás Gallias, à Germania, e até à extremidade das Hespanhas, com ordem às naçoens trementes de se prostrarem ante os caprichos soberanos d'um Nero e d'um Caligula. Apresentavam-se depois, cobrindo todas as avenidas, os innumeraveis estrangeiros, de lingua, costumes, trajos tam differentes, a quem a curiosidade, o prazer, a ambição, os negocios conduziam todos os dias, aos milhares, a uma cidade que era menos a cidade dos Romanos que a cidade do universo (2). Entre estas vias Ro-

---

(1) Apezar dos testemunhos precisos dos auctores atraz mencionados, deve-se admittir, nos suburbios, a existencia de jardins mais ou menos vastos, talvez até de terrenos vagos e do dominio publico, onde os Romanos abriam as suas pedreiras de tufo lithoide e de puzolana.

(2) *Commune totius terræ oppidum. Arist.*

manas, primores d'arte de construcção e solidez, nos apparecia, em primeira linha, a via *Appia*, á qual a sua magnificencia valera o titulo de rainha das vias, *regina viarum*. Passando por Albano, Aricia, Tres-Lojas, foro d'Appio, Sinuessa, Terracina, Fondi, Formium, Minturnes, Capua, Nola, Napoles, Nocera, Salerno, conduzia até Brindes e ás fronteiras orientaes da Italia.

A via *Latina* dirigia-se para os Abbruzzos, Agnani, Ferentino, Prosinone, Aquino, Arpinum, situado na fralda do Monte Cassino, e chegava até Benevento.

A via *Salaria* ia para o paiz dos Sabinos.

A via *Emiliana* ligava a Roma toda a Italia septentrional, passando por Cesena, Bolonha, Modena, Regio, Parma, Placença, Milão, Bergamo, Brescia, Verona, Vicencio, Padua e Aquileia.

A via *Flaminia* tomava direcção por Otricoli, Narni, Spoleto, Pesaro, e acabava em Rimini, estação da frota Romana.

A via *Aurelia* sahia pelo occidente, atravessava a Liguria, e chegava até Arlès, d'onde as suas ramificaçoens se dirigiam por todas as Gallias.

---

Totæ nationes illic simul et confertim habitant: ut Cappadocum, Scytharum, Ponticorum et aliorum complures. Galen. *Elog. sophist. Polemon.* — Aspice hanc frequentiam, cui vix urbis immensæ tecta sufficiunt; maxima pars illius turbæ patria caret; ex municipiis, ex coloniis suis, ex toto denique orbe confluxerunt. Senec. *ad Helviam.*

Ao sul, a via d'Ostia conduzia á cidade deste nome, porto de Roma e emporio do universo.

A estas vias de primeira ordem, que eram como as grandes arterias da rainha do mundo, prendiam muitas outras cujas longas sinuosidades iam procurar todos os logares de menor importancia para a elles levarem o movimento que partia do coração. Quasi tam conhecidas como as primeiras na historia profana, a maior parte dellas são gloriosamente celebres nos fastos dos nossos martyres. Basta nomear a via *Cassia*, a via *Nomentana*, a via *Tiburtina*, a via *Prenestina*, a via *Lavinia*, a via *Ardeatina*, a via *Valeria*, e finalmente a famosa via *Triumphal* (1).

Nestes magnificos caminhos, dentro destes sumptuosos palacios, sob estes porticos innumeraveis, nestes foros immensos, no meio de todos estes monumentos do luxo, do poder, da riqueza, n'uma palavra, da civilisação material, como

---

(1) Eis o nome de todas as vias romanas, inclusas as ramificaçoens: Via Trajana, Appia, Laticana, Praenestina, Tiburtina, Nomentana, Salaria, Flaminia, Clodia, Valeria, Aurelia, Campana, Ostiensis, Portuensis, Janicolensis, Laurentina, Ardeatina, Setia, Quintia, Cassia, Gallica, Cornelia, Triumphalis, Latina, Asinaria, Cimina, Tiberina. As principaes vias interiores ou grandes ruas de Roma eram nove em numero: Via Sacra, via Nova, via Lata, via Nova alia, via Fornicata, via Recta, via Alta. Onuphr. lib. I, p. 64.

nunca a houve mais prodigiosa, se agilavam cinco milhoens d'habitantes (1).

Tal nos appareceu Roma pagan. Esta visão, literalmente historica, da qual já nenhuma realidade do mundo actual pôde dar idea, lança a alma n'uma especie de estupor: a este primeiro sentimento succede grande piedade. Certamente, pela sua altivez, pela sua opulencia, reconhe-

---

(1) E' este o calculo do sabio Justo Lipse. Parece-nos muito menos hypothetico, e muito mais conforme com as expressoens dos auctores pagãos que as supposiçoens d'alguns escriptores modernos, muitos dos quaes quizeram reduzir a população de Roma, segundo o numero d'alqueires de trigo fornecidos para o consumo annual desta capital, pelo Egypto e pela Sicilia. — Fallando do encerramento do lustro, feito por Claudio no anno 801, Tacito exprime-se deste modo: *Conditque lustrum quo censa sunt civium LXIX centena et XLIV millia*. Tacit. *Annal.* lib. XI, c. 25.

Se se reflectir 1.º no numero de grupos de casas, *insulæ*, e dos palacios encerrados no recinto das muralhas; 2.º na immensa extensão dos suburbios; 3.º nessas multidoens de estrangeiros, ou antes de naçoens, como diz Aristides, que affluam a Roma; 4.º no numero prodigioso de escravos, que excedia muito o dos senhores; 5.º n'esse povo miudo de Roma, do qual uma parte somente (tresentos mil) vivia do thesoiro; 6.º nas cohortes pretorianas, na guarnição, n'esse numero espantoso de gladiadores, etc., que combatiam todos os dias nos circos ou nos amphitheatros, nada se achará exagerado na cifra atraz indicada.

ceu-se bem a rainha do mundo antigo, a potencia soberana da força; mas a corôa de diamantes e rubis que lhe orna a cabeça, apenas lhe dissimula imperfeitamente os sinistros pallores da enfermidade; e debaixo do vestido d'ouro e de purpura que lhe cobre as magestosas formas, devissam-se horrendas ulceras. No seio da cidade resplandecente, os nossos olhos haviam visto correr muitas lagrimas, e gritos dolorosos tinham subido até os nossos ouvidos; porque o profundo desprezo da humanidade nos apparecera debaixo de todas as suas faces: porem não nos anticipemos, que ainda não é tempo de fazer a autopsia do cadaver.

Outro espectaculo nos prendia a attenção: Roma christian se mostrava aos nossos olhos. Ia já o dia declinando, e os ultimos raios do sol dotravam com seus claroens amortecidos o cume das sete collinas; em tanto que um ligeiro vapor, semelhante a um immenso veu de purpura, matizado das mais suaves cores do arco-iris, se estendia por sobre a cidade e a cobria como que com um filó transparente. A cidade de S. Pedro, a augusta mãe do mundo catholico se apresentava então como uma casta matrona, de fronte veneravel, de physionomia doce e socegada, de attitude magestosa. Vendo Roma dormir assim silenciosa e tranquilla, no meio d'uma vasta solidão, ao murmurio eterno das suas fontes, á sombra da cruz que domina as suas innumeraveis egrejas, sob a protecção de Maria, cuja veneranda imagem orna as suas casas; guardada pelos seus martyres cujo exercito victorioso lhe rodea às muralhas, como não reconhecer essa rainha, essa esposa, essa mãe immortal, segura de despertar

no dia seguinte para continuar até ao fim dos seculos o bem que começou hontem? Era verdadeiramente difficil contemplal-a n'uma hora mais solemne e n'um dia mais favoravel.

Das bellezas materiaes de Roma christan, só direi agora poucas coisas: a gloria da esposa do grande Rei é d'ordem mais elevada. Como a Rainha do paganismo, a Rainha do Evangelho está sempre assentada em sete collinas; estende-se até, do outro lado do Tibre, sobre o Vaticano e o Janiculo; porém se os nomes e os logares são os mesmos, ás coisas mudaram. Em logar dos templos pagãos, egrejas dedicadas ao verdadeiro Deus coroam todas as eminencias. Os sitios manchados por Nero, Caligula e Heliogabalo, habitam-os religiosos ou religiosas de todas as ordens. Assim é que no cume do Capitolio, no mesmo logar do templo de Jupiter, vêmos brilhar a egreja d'Ara-Cœli, consagrada á Virgem divina. No Palatino, no meio das ruinas informes do palacio dos Cesares, elevam-se as egrejas de Santa Maria Libertadora, de S. Theodoro e de S. Boaventura. O Cœlio apresenta a radiosa basilica de S. João de Latran, as egrejas dos Quatro-Coroados e dos Santos João e Paulo. O Aventino, celebre pelo seu templo de Diana, leva às nuvens as bellas egrejas de Santa Sabina, de Santo Aleixo e de Santa Prisca. Santa-Maria-in-Cosmedin, situada na base, serve como de portico sagrado a estes veneraveis sanctuarios. No Quirinal, não longe da columna Trajana, brilham S. Domingos e S. Sixto, S. Silvestre, e Santa Maria da Victoria. O Viminal é coroado pela magnifica egreja de Santa Maria dos Anjos, edificada nas proprias Thermas de Diocleciano. O Esquilino

offerece aos olhares deslumbrados Santa Maria Maior, S. Pedro no Carcere, e S. Martinho dos Montes. Ao longe apparece, no horisonte, o Janiculo com o seu templo do Bramante; e mais abaixo o Vaticano com a maravilha das egrejas, S. Pedro.

Roma não conta mais que 170,000 habitantes, e a cinta de muralhas erguida por Aureliano, veio a ser demasiado larga: o espaço que se estende das casas ao antigo muro é occupado por vinhas, jardins e terrenos incultos, cobertos de ruinas, por entre as quaes se vêem vaguear rebanhos d'ovelhas e bois misturados com alguns bufalos. Se a vista de tantos edificios cahidos, monumentos respeitaveis d'uma gloria que já não existe, inspira ao philosopho os mais graves pensamentos; esta desolação sempre subsistente firma inabalavelmente a fé do christão. Ante elle está o cumprimento das profecias; elle vê-o com seus proprios olhos, toca-o com as mãos. Como no tempo dos imperadores, Roma divide-se hoje em quatorze regioens (Rioni). Os seus palacios, as suas fontes, os seus museus, as suas galerias, os seus primores d'arte de pintura e esculptura, as suas basilicas, as suas quatrocentas egrejas, a fazem ainda, no ponto de vista puramente material, a primeira cidade do mundo.

Posto que despojada de todos os attributos da força, não deixa de continuar a ser a rainha das naçoens. Mais de dois mil annos nos separam dos poetas e dos oráculos que cantaram a sua eternidade; e os seus cantos propheticos não tem cessado de se cumprir (1). Como reflectir

---

(1) Imperium sine fine dedi.

VIRGIL. *Aeneid.* lib. I, 279.



neste instincto mysterioso que Roma tinha do seu destino, sem se ficar penetrado de admiração? Que de considerações a fazer acerca desta revelação providencial! o que não haveria que dizer d'uma cidade que tinha escripto no seu proprio nome o segredo das suas duas missoens! Nome admiravel conhecido pelos iniciados, mas de que era vedado fallar ao vulgo (1). Rainha da força, Roma pagan, como todos sabem, esteve ao nivel da sua formidavel missão. Por longo tempo o seu sceptro de ferro esmagou o mundo subjogado pelas suas armas: ella reinava sobre o corpo.

---

*Romæ æternæ, Romæ Deæ*, eis o que se encontra em grande numero de inscripções. Em todas as provincias do imperio lhe edificavam templos. Tacit. *Hist. lib. III*, Casal. p. 123; e, coisa notavel, em Roma, deusa da *Força*, adorava-se ao mesmo tempo, com homenagem commum, a deusa do *Amor*.

Atque Urbis, Venerisque pari se culmine tollunt  
Templa, simul geminis adoleunt thura deabus.

PRUD.

Sabia-se que ella devia ser a rainha eterna do mundo:

Terrarum dea gentiumque Roma,  
Cui par est nihil, et nihil secundum.

MARCIAL.

Urbem auspicato diis auctoribus in æternum  
conditam. Tit. Liv. *lib. VIII*, *Decad. 3*.

Romulus æternæ nondum fundaverat urbis  
Mœnia, consorti non habitanda Remo.

TIBULL. *Eglog. lib. 2*.

(1) O anagramma de *Roma*, que, em grego, quer dizer *força*, é *amor*, amor. PLUTARC.

Rainha do amor, Roma christan está ainda ao nível da sua benéfica missão. A's nações voluntariamente submissas não impõe mais que grilhões que é mui doce supportar: reina sobre as almas, e fica sendo sempre a cidade guerreira. Verdade é, que já não faz guerra aos Carthaginienses, aos Parthos, aos Dacios ou aos Garamantes; porem fal-a, e sem tregua, ao erro e aos vícios, est'outros barbaros mais perigosos que os primeiros. Se se admira a poderosa organização da cidade de Romulo, dada ao mundo para o conquistar; pode-se deixar de reconhecer, na cidade de S. Pedro, a sabia reunião de todos os meios mais proprios para dobrar o universo ao jugo do Evangelho? Porem como dar della ainda um fraco esboço? Cercada de todos os grandes monumentos da historia profana e da ecclesiastica, apoiada sobre o testemunho sempre presente de seus innumeraveis martyres, estranha ás preocupações politicas e ás especulações mercantis que absorvem a vida das outras capitaes, forte com a sua missão providencial, acha-se Roma collocada nas melhores condições divinas e humanas para ensinar a verdade á terra inteira com irresistivel auctoridade. Toda a sua gerarchia é organizada com este fim. A unidade do poder fez a força de Roma pagan. Acima de tudo, mostra-se Cesar, logar tenente e pontifice de Jupiter. Do mesmo modo, afastando toda a comparação, apparece na Roma christan, com a fronte cingida d'um triple diadema, um chefe supremo, o vicario de Jesus Christo, pontifice immortal da verdade. Ao pé do throno imperial brilham os Padres conscriptos cujos conselhos dirigem o principe no governo do mundo. Em torno do summo

Pontifice, vêdes o Sacro Collegio, venerando senado da Igreja, cuja experiencia, cujas luzes, e cujas virtudes sobre tudo, eclipsam, sem contestação alguma, o austero senado da antiga Roma. Aos numerosos collegios sagrados e seculares que velavam, cada qual na sua esphera, pelos interesses da republica, correspondem hoje quatorze congregações, compostas da flor dos doutores e prelados, que seguem com os olhos as phases diversas da grande batalha que se fere em todos os pontos do globo e decidem as altas questões relativas á defeza e propagação do Evangelho, no Oriente e no Occidente. Em fim em torno do summo pontifice, do sacro Collegio e dos grandes ministerios estão os geraes d'ordens, chefes intelligentes desses corpos de exercicios tam variados em suas manobras, e tam admiraveis em disciplina e dedicação. Sempre ao commando do pontifice supremo, como as legiões do Pretorio sob a direcção de Cesar, dirigem-se com rapidez a toda a parte onde é necessaria a sua presença. Ha muitos seculos que os paizes feridos pela heresia, bem como as nações idolatras, os vêem aportar ás suas praias inhospitas. Ora sob o habito branco do dominico, ora sob a veste parda do franciscano ou sob a sutana preta do jesuita, teem levado a fé, e a civilização, filha da fé romana, aos dois hemispherios; e em todas as partes os seguis pelo vestigio do sangue que teem derramado para a fundarem. E' assim que do alto das sete collinas descem incessantemente os oraculos infalliveis que regem a humana intelligencia, reteem ou fazem cahir aos pés da cruz os povos civilizados e barbaros: como outr'ora as ordens, descidas das mesmas alturas, curvavam as

nações mudas e trementes sob o jugo de Cesar.

Eis, em poucas palavras, o que Roma faz no exterior, para cumprir a sua missão; eis de que maneira e por que meios reina sobre o mundo. Quem dirá agora o que ella faz, para o mesmo fim, no recinto das suas muralhas? Em favor d'uma população de 130,000 almas, mantem Roma tresentas e setenta e quatro escholas primarias, frequentadas por quatorze mil e noventa e nove discipulos d'ambos os sexos. Ajuntai-lhes as escholas da noite, e sabereis, ao menos em parte, como ella protege contra a invasão da ignorancia e os estragos do erro, a *intelligencia* dos pequenos e dos pobres.

Aos ricos abre ella os seus magnificos estabelecimentos: a Propaganda, o collegio Romano, o collegio Inglez, o collegio Germanico, são como outros tantos arsenaes, providos das melhores armas, aonde vem munir-se os mancebos de todas as nações do globo.

A estes estabelecimentos, e a muitos outros que agora omitto, vem juntar-se aquelles que teem por objecto preservar o *coração* da corrupção. Taes são os numerosos asylos, abertos á innocencia e á honra do sexo feminino, conhecidos pelo nome tam justo de *Conservatorios*. Porem não basta prevenir o mal, senão que é preciso reparal-o; e Roma não o esquece. Como os conservatorios protegem a pureza das jovens honestas; assim as pias casas de refugio mantem nas suas boas disposições aquellas que, arrependidas, deixam uma vida desregrada. Possui Roma tres asylos desta especie: o da *Cruz*, o de *Santa-Maria-in-Trastevere*, dirigido pelas religiosas francezas do Bom Pastor, e o da *Madona do Loreto*.

Porem não é o homem só vulneravel na parte mais nobre do seu ser. Similhante a uma longa e pezada corrente, o soffrimento debaixo de todos os nomes e de todas as formas, lhe aperta o corpo desde o berço até á sepultura. A esta corrente, já de si tam pezada, Roma antiga havia aggravado todos os anneis: a exposição, o assassinio, a venda, o abandono da criança, do pobre, do enfermo, do velhò, pareciam ser, ao menos na pratica, os artigos geraes do seu código *humanitario*. Quam diversamente comprehende Roma christian a sua real missão! O viajante enternece-se a ponto de derramar lagrimas estudando o numero e a variedade dos meios que ella emprega para mitigar a dôr *corporal* dos filhos d'Adão. Vinte e dois estabelecimentos alliviam os enfermos, os pobres, os alienados, os convalescentes, as crianças e os velhos; oito hospicios publicos, e onze particulares recebem os doentes; numerosas associaçoens levam soccorros aos domicilios e sepultam os mortos. A situação destes hospicios está calculada de tal modo, que pôde gozal-os facilmente cada um dos bairros da cidade. Na parte occidental de Roma, avistavamos o *Espirito Santo* e *S. Gallicano*, um no Borgo, no Trastevere o outro. No centro do bairro mais populoso está *S. Thiago*; ao nascente, *Santa Maria da Consolação* e o *Santo Salvador*; por ultimo, no meio da ilha do Tibre, no ponto de junção da cidade e do grande arrabalde, acha-se o mais vasto dos hospitaes particulares.

Tal é o duplo panorama que acabava de passar-nos ante os olhos. Como entrassemos na cidade, fallando sem nos cansarmos do que haviamos visto, disseram-nos que o summo Pontifice

devia dar a benção solemne do Santissimo Sacramento na egreja dos Santos Apostolos.

Ver o Santo Padre, vel-o pela primeira vez na nossa vida recebendo a sua benção, era uma felicidade que coroava tam bem o nosso bello passeio, que deviamos procurar alcançal-a. Depois de termos seguido por algum tempo o *caminho papal* (1), chegamos à praça que precede a egreja. Breve chegaram algumas carruagens de cardeaes e prelados; finalmente appareceu o coche pontificio puchado por seis cavallos pretos de compridas clinas, e ricamente ajaezados. O Padre Santo ia só na sua carruagem, com um cardeal. Sapatos brancos ornados com a cruz de ouro, sustana branca com o *Rochetto*, pequeno roquete guardezido de rendas e descendo sómente até á cinta; murça vermelha forrada d'arminho, de brilhante alvura: taes eram as vestes do Pontifice, cuja veneranda cabeça estava ornada do chapéu de barco, vermelho por cima e verde por baixo. E' impossivel imaginar um trajo mais gracioso e mais em harmonia com a dignidade da pessoa. Em presença do augusto ancião, em face do vigario do Homem-Deus, cuja voz se faz respeitar e bendizer d'um polo ao outro, sente a alma menos christan uma impressão que é difficil caracterisar. Não é um sentimento de terror, como o que pode inspirar a vista dos reis da terra; é uma mistura indefinivel de veneração, confiança, amor e felicidade. Esta impressão foi para nós

---

(1) Quando o Padre Santo deve dirigir-se a uma egreja, cobrem d'arcia fina todas as ruas por onde o cortejo deve passar: é o que se chama o *caminho papal*: *la strada papale*.

tanto mais viva quanto é difficil ver um rosto melhor e mais venerando que o de S. Santidade Gregorio XVI.

Entramos na egreja atraz do cortejo. O altar, scintillante de luzes, estava adornado com uma magnificencia e um bom gosto que só se vêem na Italia. Depois dos motetes ordinarios, o summo Pontifice deu a benção do Santissimo Sacramento em silencio: assim o exige a rubrica romana, mais racional que o nosso rito gallicano. De facto, para que se ha-de abençoar em voz alta em nome da Santissima Trindade, quando é Nosso Senhor em pessoa que abençoa?

---

### 8 de Dezembro.

Festa da Immaculada Conceição. — Anecdotas: a condessa de R.... — Lord Spencer.

Roma estava de festa; era dia da Immaculada Conceição da Santa Virgem. Todos os sinos do *campanili* tocavam a repique; todas as encruzilhadas retiniam com a musica campestre dos *pifferari*; todas as madonas das ruas estavam illuminadas, as lojas fechadas, e as egrejas atulhadas d'uma piedosa multidão. Na vespera, o povo havia observado jejum rigoroso; isto é, tinha esperado até á noite sem tomar refeição alguma. Este acto de piedade è tanto mais notavel quanto é voluntario. Porem quando se tracta de Maria, o Romano não recua ante sacrificio algum. Pela Mãe de Deus, que elle chama tambem sua, é o seu amor sem limites como a sua confiança.

Naquelle dia só sahimos para fazermos algu-

mas visitas indispensaveis, e eu recebi varias que foram para mim multissimo agradaveis. Nessa facilidade da conservaçãõ intima, em que se passa sem transiçãõ d'um assumto para outro, o discurso cahiu sobre os estrangeiros que affluem a Roma. Queixaram-se d'um grande numero que, com o seu oiro, levam multissimas vezes a corrupçãõ á cidade santa.

Navens de Inglezes, sobretudo, poisam todos os outonos na Italia. Sãõ os primeiros em S. Pedro e na capella Sixtina nos dias da solemnidade. Que fazem elles la? em verdade que nada se sabe; pois que pôde fazer em Roma, que pôde alli ver aquelle a quem faltãõ os olhos da fe? Mas a Providencia tem seus designios. E' raro que o catholicismo, que se mostra com tanta magestade no meio dos monumentos da cidade eterna, não faça, todos os annos, algumas conquistas á heresia.

A' tam brilhante conversãõ de M. Tayer, ministro protestante da America, acabava de ajuntar-se a da condessa de R.... Esta mulher celebre na Allemanha viera a Roma com intençoens altamente reconhecidas de proselytismo protestante. Dotada de superiores qualidades, promettia-se grandes triumphos, quando um dia quiz assistir á bençãõ papal. A magestade desta cerimonia impressiou-a tam vivamente, que cahiu de joelhos, e levantou-se catholica.

O estudo das origens rãmãnas não é menos efficaz que a vista dos monumentos e das solemnidades. « Tivemos aqui, diziam-nos, o joven lord Spencer. Outr'ora ministro anglicano, é hoje sacerdote catholico e apostolo do seu paiz. Foi elle que organisou, n'uma boa parte da Europa,



a vasta *associação de Orações* pela volta da Grã-Bretanha ao gremio da Igreja catholica. Durante a sua estada em Roma contava-nos elle, que sendo atormentado por duvidas acerca da verdade da sua religião, se dirigira a um velho bispo anglicano: — « Sou perseguido, dizia-lhe, por penosas duvidas; parece-me que as origens da nossa *Igreja estabelecida* não são muito antigas: creio que havemos innovado. Para me tranquillisar estou decidido a ler os Padres dos primeiros seculos e os antigos controversistas. » — « Não vol-o aconselho, respondeu-lhe o bispo, pois tenho visto todos aquelles que teem tomado essa resolução, acabarem por fazerem-se catholicos. » — « Esta confissão, ajuntava lord Spencer, foi para mim um raio de luz; e devo bendizer a Providencia que a fez o motivo determinante dos meus estudos e o principio da minha conversão. »

---

### 9 de Dezembro.

S. João de Latran. — Classificação das egrejas de Roma. — Baptisterio de Constantino. — Obelisco. — Triclinio de S. Leão. — Scala-Santa. — M. Ratisbona.

Lançamos uma vista d'olhos geral sobre Roma pagan e sobre Roma christian. Chegara a occasião de descermos ás particularidades e de começarmos a visita regular das duas cidades. Atacamos successivamente os quatorze bairros na ordem em que foram determinados por Bento XIV, em 1743.

O primeiro que se apresenta é o bairro dos

Montes (*Rione de' Monti*) ; occupa a antiga região do Esquilino e em parte a da *Via sacra*, da *Paz*, da *Alta semita*, da *Cœlimontana*, d'*Isis* e *Serapis* e do *Forum Romanum*. Chamam-o *dos Montes* porque encerra a parte mais montuosa da cidade. Nos seus limites acham-se o Esquilino, o *Viminal*, parte do *Cœlio* e do *Quirinal*. Partindo da praça d'Hispanha pelas nove horas da manhã, dirigimo'-nos à basilica de S. João de Latran, situada na vertente do *Cœlio*. Ora, as egrejas de Roma pôdem dividir-se em tres classes cuja differença è util conhecer : as patriarchaes, as basilicas Constantinianas e as egrejas ordinarias.

1.º *Patriarchaes*. O mundo conquistado pelo Evangelho, foi dividido desde os primeiros seculos, em cinco patriarchados. O primeiro de todos, pela auctoridade e extensão, è o patriarchado de Roma. Como papa, o successor de S. Pedro tem jurisdicção sobre a Igreja universal. Como patriarcha, o seu dominio não tem outros limites que os do Occidente, comprehendendo-se nelle a Africa e mais tarde o Novo-Mundo. O segundo patriarchado è o de Constantinopla ; o terceiro, d'Alexandria ; o quarto, d'Antiochia ; e o quinto, de Jerusalem (1). Nestas cinco grandes cadeiras estavam assentados os *Padres dos Padres* de todas as dioceses da catholicidade.

Os patriarchados do Oriente depressa cahiram aos golpes dos hereges e dos barbaros ; mas Roma, cuja essencia è conservar, não quiz que

---

(1) *Const.* d'Innocencio III no IV.º concilio de Latran, cap. XXIII de *Privileg.* id. de *volis Jus canon.* t. I, p. 203.

a sua memoria percesse. No seu recinto immortal encontram-se cinco egrejas patriarchaes ; egrejas tres vezes veneraveis pela sua antiguidade , pela sua magnificencia e pela sua santidade, que perpetuam as catholicas recordaçoens de Constantinopla , Alexandria, Antiochia e Jerusalem. Nomeei S. João de Latran ; S. Pedro *no Vaticano* ; S. Paulo , *na via d'Ostia* ; Santa Maria Maior e S. Lourenço , *fora dos muros*. O dystico seguinte repete os seus nomes , posto que em ordem inversa :

Paulus . Virgo , Petrus, Laurentius atque Joannes,  
Hi Patriarchatus nomen in Urbe tenent (1).

2.º *Basilicas Constantinianas*. Contam-se oito : S. João de Latran ; Santa Cruz , *em Jerusalem* ; S. Pedro , *no Vaticano* ; S. Paulo , *fora dos muros* ; S. Marcellino e S. Pedro , *na via Laticiana* ; os Santos Apostolos, no centro de Roma, e Santa Ignez , *fora dos muros*. A antiguidade destas egrejas , as suas pinturas , os seus mosaicos , o numero e a riqueza das reliquias sagradas que encerram , as fazem veneraveis archivos da arte e da piedade. Por isso não ha viajante algum instruido que não queira vel-as ; peregrino algum que não queira orar n'ellas (2).

---

(1) Joan. Monach. card. *de Elect.* in 6.

(2) Entre estas basilicas , ha cinco que , juntas a duas outras não Constantinianas, formam o que se chama *as sete basilicas de Roma* , cuja visita è feita por todos os viajantes christãos, por causa das grandes indulgencias que lhes estão annexas. Eis os nomes dellas : S. João de Latran ;

3.º *Egrejas ordinarias.* O seu numero passa de trezentas e cincoenta ; muitas remontam aos primeiros seculos : taes como S. Clemente, Santa Praxedes e Santa Maria *in Cosmedin*. Os seus porticos , as suas inscripçoens , a sua architectura recordam eloquentemente a simplicidade , e a fé viva , e o fervor das bellas edades do Christianismo. Teremos cuidado de as não esquecermos , quando as tornarmos a encontrar no caminho.

Vinte minutos depois da partida entravamos na grande praça que se estende desde o baptisterio de Constantino até à porta de S. João. E' Roma , por excellencia , a terra das commoçoens e recordaçõens. Ora , que tropel de graves recordaçõens surgem destes logares agora calcados pelos nossos pés ! Que de commoçoens poderosas vem agitar a alma até á sua ultima fibra ! O horisonde alarga-se desmesuradamente ; todos os seculos repassam ante vós com os maiores dramas da historia. Foi aqui que após trescentos annos de lucta encarniçada , curvou o mundo pagão a cabeça altiva sob o jugo da cruz ; foi aqui que o primeiro dos Cesares se tornou filho da Igreja. Successores dos senhores do mundo e chefes d'um imperio mais extenso , foi aqui que habitaram por espaço de onze seculos os vigarios de Jesus Christo. Aqui vem ainda cada pontifice tomar solemne posse da sua formidavel dignidade ; aqui se celebraram trinta e tres concilios. Por

---

S. Pedro , no Vaticáno ; S. Paulo , fora dos muros ; Santa Maria Maior ; S. Lourenço , fora dos muros ; Santa Cruz , em Jerusalem , e S. Sebastião.

consequente estes logares viram quasi todas as glorias da Igreja, milhares de bispos, cardaes, doutores do Oriente e do Occidente, que acudiram de seculo em seculo para darem testemunho da fé do mundo inteiro, e darem essas grandes batalhas da verdade contra o erro, que, firmando o Evangelho, hão salvado a civilisação.

Cheios destes pensamentos, passamos por diante da porta do palacio pontificio, e achamo'-nos em frente da santissima e venerabilissima Basilica. Como a maior parte dos monumentos de Roma, a igreja de S. João de Latran tem o privilegio de repetir os factos da historia profana e da sagrada. O seu nome de *Latran* recorda uma das mais antigas e illustres familias romanas, a familia *Sextia*. Segundo o costume, o sobrenome de *Lateranus* distinguia os seus membros dos outros descendentes do tronco commum: este nome foi gloriosamente usado nos tempos da Republica, e, no do Imperio, a crueldade de Nero não fez mais que realçar-lhe o brilho com o assassinio do consul *Plantius Lateranus* (1). A riqueza foi tambem o apanagio desta familia. O seu palacio hereditario, de magnificencia real, occupava o sitio da igreja actual, e lhe deu o seu nome. Tornando-se possuidor deste monumento, Constantino fez delle homenagem ao papa S. Sylvestre, para alli construir uma igreja ao Salvador. Foi ella consagrada no anno de 324 (2).

Penetrado de gratidão para com o Deus a quem devia a fe do christão e o sceptro do mundo, Constantino folgou em ornar o novo templo

---

(1) Tacit. *Annal.* lib. XV.

(2) Ciampini, *Monum. veter.* lib. III, p. 7

com uma magnificencia digna d'um imperador romano. D'ahi veio á Basilica o nome de *Basilica de oiro* : nunca nome algum foi mais bem justificado ; far-se-ha idea por alguns dos presentes do real neophyto. Uma estatua do Salvador assentado , de cinco pés de altura , de prata , do peso de 120 libras ; os doze Apostolos , de tamanho natural , de prata , com coroa da prata mais pura ; cada estatua pesava 90 libras. Quatro anjos de prata , de tamanho natural , tendo cada um na mão uma cruz ; pesando cada anjo 105 libras. A cornija continua , servindo de pedestal a todas as estatuas , de prata lavrada , do peso de 2,025 libras. Uma alampada , do oiro mais puro , suspensa á abobada , pesando , com as correntes , 25 libras. Sete altares de prata , pesando cada um 200 libras. Sete patenas d'oiro , cada uma do peso de 30 libras. Sete charamellas d'oiro , pesando cada uma 10 libras ; outra charamella d'oiro , toda ornada de pedras preciosas , pesando 20 libras e tres onças ; dois calices , do oiro mais puro , pesando cada um 50 libras. Vinte calices de prata , pesando cada um 10 libras. Quarenta calices mais pequenos , do oiro mais puro , pesando cada um uma libra. Cincoenta calices , para a distribuição do precioso sangue aos fieis (*calices ministeriales*) , pesando cada um 2 libras.

Como ornamentos da Basilica : um candelabro , do oiro mais puro , collocado diante do altar , onde ardia oleo de nardo , ornado de oitenta delphins , pesando 30 libras , e sustentando outros tantos cirios compostos de nardo e dos aromas mais preciosos. Outro candelabro de prata com cento e vinte delphins , do peso de 50 libras , onde ar-

diam os mesmos aromas. No côro quarenta candelabros de prata, do peso de 30 libras, d'onde se exhalavam os mesmos perfumes. Do lado direito da Basilica, quarenta candelabros de prata, do peso de 20 libras; outros tantos do lado esquerdo. Por ultimo, duas cassoulas d'ouro fino, pesando 30 libras, com um dom annual de cento e cinquenta libras dos perfumes mais exquisitos para arderem diante do altar (1).

Ao recordar tanta magnificencia, como cansar-se de admirar a fé do senhor do mundo, e o seu reconhecimento, e a sua docilidade em tornar-se o instrumento da Providencia, fazendo servir para o culto do verdadeiro Deus o ouro e a prata, por tanto tempo prostituidos aos idolos! Assim, graças ao christianismo, tudo tornava a entrar na ordem, e reconduzia ao seu principio o homem, o mundo e as creaturas. Que é feito da Basilica d'ouro? que é feito de todas as suas riquezas? Interrogar os chefes barbaros tam famosos na historia, Alarico e Totila. Todavia o augusto edificio, muitas vezes sahido das suas ruinas, existe ainda. Os seus thesoiros desapareceram, mas resta-lhe o seu principado: No frontispicio lê-se esta simples mas sublime inscripção: SACROSANCTA LATERANENSIS ECCLESIA, OMNIUM URBIS ET ORBIS ECCLESiarUM MATER ET CAPUT. « SANTÍSSIMA EGREJA DE LATRAN, MÃE E SENHORA DE TODAS AS EGREJAS DA CIDADE E DO MUNDO. »

Das tres portas de Basilica duas enchem de assombro o viajante, uma pelo seu mysterio, a outra pela sua magnificencia. A da direita, chamada *Porta Santa*, está tapada a pedra e cal:

---

(1) *Anast. Biblioth. in Vit. B. Silv.*

só é aberta pelo proprio Padre Santo, no anno do jubileu. A do meio é uma porta antiga, de bronze e quadriforme: é quasi a unica que existe. Ao entrar fica-se logo maravilhado do symbolismo da grande nave. Por cima das janellas, ao pé do principio da abobada, estão pintados os Prophetas. Por baixo dos Prophetas vêdes, d'uma parte, as figuras do Velho Testamento, relativas ao Messias; da outra, os factos do Evangelho que são o cumprimento dellas: a figura e o figurado. Assim, debaixo das duas janellas mais proximas ao absido, apparecem,

D'uma parte:

D'outra parte:

Adão e Eva, expulsos do paraiso terrestre, por terem tocado na arvore defendida;

Nosso Senhor na arvore da cruz, tornando a abrir o ceu ao genero' humano;

Debaixo das janellas seguintes:

O Diluvio;

O Baptisado de Nosso Senhor;

O Sacrificio d'Abrahão;

Nosso Senhor subindo ao Calvario;

José vendido por seus irmãos;

Nosso Senhor trahido por Judas;

Moisés livrando os Israelitas do captiveiro de Pharaó;

Nosso Senhor prégando no limbo;

Jonathas sahindo da garganta da baleia;

Nosso Senhor sahindo do tumulo.

Por baixo de cada um destes baixos-relevos, teades os doze Apostolos de pé. As suas bellas



e grandes estatuas estão em perfeita harmonia, seja com as pinturas superiores, seja com os nichos que as recebem. Os doze Prégadores do Evangelho estão alli, como tendo illuminado com a sua palavra e os oráculos dos Prophetas as sombras da alliança figurativa. Mas o ensino apostolico não esclareceu somente o passado, lança o brilho da sua luz sobre o futuro: o Evangelho occupa o meio entre a synagoga e o ceu. Eis porque, atraz de cada Apostolo, no fundo do nicho, está pintada uma porta meia aberta; o Apostolo está no limiar, para dizer que depois da revelação christan, de que elle é orgão, não ha mais que a Jerusalem eterna, cidade de luz, de doze portas de esmeralda. Finalmente, na base de cada nicho, apparece uma pomba em relevo, com o ramo d'oliveira no bico: tocante emblema do espirito do Evangelho. Deste modo, nesta serie admiravel de pinturas e esculpturas, apparece toda a Religião, na sua letra e no seu espirito, desde a origem dos tempos até á eternidade; e tudo se resume no hymno de Bethlem: *Gloria a Deus nas alturas dos ceus e paz aos homens de boa vontade.*

Direi que felicidade foi a minha encontrando na senhora de todas as egrejas o plano completo do *Cathecismo de perseverança!* Entre as outras riquezas de S. João de Latran, deve-se citar o tumulo de bronze do papa Martinho V, pontifice grande entre os outros, pois que poz fim ao scisma do Occidente; d'um lado do transepto, a capella de Santo André Corsini, uma das mais magnificas de Roma, que recorda ao mesmo tempo a piedade filial de Clemente XII e as tocantes virtudes de seu illustre avô. As duas columnas

de porphyro que acompanham o grande nicho , á direita do Evangelho , ornavam n'outr'ora o portico do Pantheon d'Agrippa ; do outro lado do transepto está a rica capella do Santissimo Sacramento de que breve fallarei. O magestoso portico da egreja offerece as suas vinte e quatro pilastras de marmore , e a estatua colossal de Constantino , encontrada nas suas Thermas ; por ultimo , a famosa porta de bronze da Basilica *Emilia* , transportada para aqui por Alexandre VII.

Conheciamos a historia , haviamos examinado a architectura , os quadros e as estatuas de S. João de Latran. Para ficarem satisfeitos , o artista e o archeologo nada mais teriam pedido á Basilica : o christão não é tam facil de contentar. Dotado de mais um sentido que os outros homens , o sentido da fé , são-lhe precisos novos gozos. São para elle uma necessidade tanto mais imperiosa quanto se mède pela energia e nobreza do sentido superior que os reclama. Com effeito , quem não comprehenda que ha nas nossas egrejas um lado humano e um lado divino ? Ora , investigar visitando as Basilicas romanas , a sua origem e historia , saber a que monumentos profanos ellas succederam ; apreciar as pinturas e esculpturas que as afformoseam ; admirar os preciosos marmores , os mosaicos e os doirados com que brilham desde o pavimento até á cupula , eis o que nós acabavamos de fazer em S. João de Latran. Fal-o-hemos nas outras egrejas , e teremos visto o lado humano da Basilica. E' este , apraz-nos declarar-o , um estudo fecundo em nobres e uteis prazeres. Comtudo , se a gente se limita a isso , a impressão é incompleta ; o espirito e a imagi-

nação poderão ficar satisfeitos, porem o que ha mais nobre no homem e em especial no christão, o coração, não o ficará: escapa o lado divino. Uma palavra, e este pensamento se tornará sensivel.

Se o corpo de Cicero ou o capacete de Cesar, repoisasse n'uma das suas villas, ha, pergunto eu, um só viajante na Italia que os não quizesse contemplar? Ha um só que, visitando a habitação destes grandes homens, se contentasse com admirar-lhe a magnificencia, sem se dar ao trabalho de ver os restos do Pae da eloquencia ou a gloriosa cimeira do Senhor do mundo? Pois o que seria a villa depositaria do corpo de Cicero ou do elmo de Cesar, são-o as egrejas de Roma na realidade, e n'um sentido mais nobre. Por um privilegio que nenhum templo no mundo partilha, o seu recinto encerra corpos mil vezes mais respeitaveis que o do accusador de Verres e objectos mil vezes mais preciosos que a armadura do vencedor de Pharsalia. Là, repoisam muitas vezes, com os instrumentos da sua penitencia ou dos seus supplicios, legioens de santos e de martyres: grandes homens por excellencia, oradores pelo seu sangue, heroes pela sua coragem, modelos dos seculos pelas suas virtudes, vencedores do mundo pagão e fundadores da liberdade moderna.

As suas ossadas feitas em pedaços, o seu sangue vertido pelo livramento do genero humano, estão alli: tal é o lado divino das Basilicas romanas.

Ignoraes estas coisas? por mais brilhante que seja, o templo será para vos vasio, sera mudo, será sem poesia divina; visital-o-heis como um

monumento ordinario ; os ouvidos do coração nada terão escutado ; porque os olhos da fé nada terão visto. E na verdade valia por ventura a pena de vir a Roma para obter semelhante resultado ! Porém se, ao conhecimento da historia e das bellezas materiaes da Basilica, se ajunta a visita religiosa dos illustres moradores que a habitam, no mesmo instante a alma se dilata. Não sei que profundo sentimento de respeito, de indizível bem-estar se apodera do coração ; todas as faculdades estão presas : a impressão é completa. Anima-se o templo, falla aos sentidos, á razão, á fé, e com voz intelligivel a todos, repete a longa e sublime epopea da raça humana. Nestas columnas de marmore, alabastro, bronze e porphyro, que adoram o Deus Redemptor depois de haverem ornado os templos de Jupiter ou o palacio de Nero, vêdes o mundo do mal, o mundo pagão, vencido pelo christianismo e atado ao carro immortal do triumphador. Depois nos seus tumulos, resplandecentes de oiro e pedras preciosas, descobris as legioens victoriosas dos martyres que vos contemplam : com uma mão mostram-vos o symbolo catholico, revestido da sua assignatura sangrenta ; com a outra, os loiros sempre verdes, que lhes coroam a frente, e a sua voz, consagrada pela morte e pela gloria, vos brada do seio da eternidade : Como usas do nome de christão que o nosso sangue para ti conquistou ? Com estes pensamentos, é impossivel visitar as egrejas de Roma sem sahir dellas melhor, e sem experimentar commoçoens e gozos que se não encontram senão alli.

Tinhamos pois visto o lado humano de S. João de Latran, e restava-nos por contemplar o lado divino da Mãe e Senhora de todas as egrejas. No

centro do transepto, debaixo do grande arco da nave principal, sustentado por duas columnas de granito oriental, de trinta e oito pés d'altura, eleva-se o altar Papal; mas que altar, grande Deus! o mesmo onde S. Pedro disse missa. Está alli tal qual foi tirado das catacumbas pelo papa S. Sylvestre. A sua simplicidade, a sua mesma pobreza recordam bem os primeiros seculos da Egreja: algumas taboas de pinheiro, sem doirado nem outro ornato que uma cruz lavrada na parte anterior; eis ahi tudo. Em signal de respeito, rodearam-o d'uma balaustrada de marmore, sobre a qual estão gravadas as armas da Urbano VIII e do rei de França. Um rico estofa o cobre todo; consentiram em levantá-lo, e podemos ver com os nossos proprios olhos a meza tam veneranda aonde a grande victima, offerecida pelo príncipe dos Apostolos, viera tantas vezes repousar. E' este, creio eu, o unico altar, no mundo, debaixo do qual não ha reliquias. Ao successor de Pedro pertence o direito exclusivo de celebrar nelle os santos mysterios.

Levantando os olhos, distingue-se a grande altura, directamente por cima do altar, uma tenda de veludo carmezim recamada de ouro. Este pavilhão encobre uma arca ou ciborio de marmore de Paros, sustentado por quatro columnas de marmore egypcio com capiteis de ordem corinthia de bronze doirado. Alli, estão encerradas as cabeças dos apostolos S. Pedro e S. Paulo. Duas vezes cada anno, Sabbado da Alleluia e Terça Feira das Ladainhas, são expostas solememente à veneração dos ditosos fieis de Roma. Ha outro costume não menos digno de conhecer-se. A fim de embeber todos os jovens levitas na propria fonte do espirito sacerdotal, espirito do apostolado e do

martyrio, é aos pés do altar de que acabamos de fallar, ante os olhos de S. Pedro e S. Paulo, que tem logar as ordens. A' direita do altar pontificio acha-se a capella do Santissimo Sacramento. Posto que muito elevado, muito largo e muito profundo, o tabernaculo, executado segundo os desenhos de Paulo Olivieri, é inteiramente composto de pedras preciosas e dos mais raros marmores. A' direita e á esquerda brilham dois anjos de bronze doirado com quatro columnas de verde antigo (1). A cimalha e o frontão de bronze doirado que coroam o altar poisam sobre quatro columnas do mesmo metal, doiradas, caneladas, de coisa de vinte e cinco pés d'altura sobre dois pés e meio de diametro na base: São as mesmas que Augusto mandou fazer depois da batalha d'Accio, com os esporoens dos navios egypcios, e que collocou no templo de Jupiter Capitolino. Empregadas primeiro como candelabros, onde se faziam arder, nas grandes festas, balsamo e outros perfumes exquisitos, devem o seu destino actual ao papa Clemente VIII.

Em verdade, não podemos deixar de fazer aqui uma observação cujo motivo se encontra a cada passo nesta intelligente cidade dos Pontifices. Roma pagan nunca se esquecia de erigir no seu recinto monumentos que recordassem os seus triumphos: Roma christian teve o mesmo instincto. Por todas as partes se elevam os monumentos das suas numerosas victorias *sobre o paganismo*, cujos templos, cujos obeliscos e cujas columnas servem para os seus usos; *sobre as grandes heresias*, cuja condemnação está escripta nas

---

(1) Ou verde do Egypto, arvore verde com veios brancos. (Nota do traductor.)

pinturas e nos mosaicos dos seus templos; *sobre os Turcos*, cujo oiro e cujos estandartes enriqueceram as egrejas queridas d'Ara-Coeli e da Victoria. A Basilica de S. João de Latran conserva outro trophéo das victorias do christianismo sobre o islamismo. Defronte da capella do Santissimo Sacramento fluctua a bandeira de João Sobieski na celebre batalha de Vienna. Como testemunho do seu reconhecimento e da sua devoção á religião, o grande capitão quiz que a sua gloriosa oriflamma fosse suspensa á abobada da primeira igreja do mundo.

No côro do Cabido, eis o assento dos reis de França, que, como se sabe, são conegos de S. João de Latran; está á esquerda, defronte do do Padre Santo. Do espaldar da cadeira real se destaca uma graciosa entatuasinha da santa Virgem, de quem o rei de França é vassallo e o primeiro cavalleiro; atraz da cadeira do Padre Santo apparece Nosso Senhor, de quem o Papa é vigarião. Que não haveria que dizer a respeito desta disposição symbolica? alli nos parecem escriptos, a historia, e a missão, e as relações providenciaes da mãe e da sua filha primogenita. Posto não fossemos reis de França, assentamo'-nos na cadeira real, e vindo-nos á memoria a recordação de Henrique IV, disseram-nos que, todos os annos, os conegos de S. João de Latran celebram o nascimento do seu real confrade com uma missa solemne. E' um testemunho de reconhecimento á doação que o Bearnéz convertido fez a S. João de Latran, da rica abbadia de Clarac, na diocese d'Agen. Até á revolução de julho, o embaixador de França assistia ao officio n'um estrado collocado à entrada do côro.

Faltava-nos ver o thesoiro da Basilica. Alli se conserva uma das mais veneraveis reliquias que ha no mundo. Por traz de grades de ferro, debaixo de largas folhas de crystal, está escondida a propria meza em que Nosso Senhor instituiu a santa Eucharistia. Abriram-se as portas, e foi-nos dado ver este monumento do infinito amor d'um Deus. Esta meza é de madeira, sem ornato algum; pareceu-me ter uma pollegada de espessura, sobre doze pés de comprimento e seis de largura. Coberta de laminas de prata pelos summos Pontifices, foi despojada dellas no saque de Roma, sob o condestavel de Bourbon.

A distancia d'alguns passos d'alli, acham-se outras reliquias, cuja vista penetra igualmente o coração de reconhecimento e compunção. E' parte do vestido de purpura que lançaram sobre os hombros de Nosso Senhor no pretorio; parte da esponja molhada no fel e vinagre; a taça em que apresentaram o veneno a S. João Evangelista, e que este bebeu sem com elle sentir mal algum; parte da sua tunica, e da cadeia com que foi conduzido d'Epheso a Roma; uma espada de S. Lourenço; a milagrosa cabeça de S. Pancraccio, martyr; uma vertebra de S. João Nepomuceno; sangue de S. Carlos Borromeu e de S. Philippe de Neri; finalmente uma pasta composta das cinzas d'uma multidão de martyres.

Sahindo do thesoiro, entramos no claustro onde se vêem bellos restos do palacio de Constantino. A galeria quadrangular é sustentada por columnatas de marmore, de exquisito trabalho; muitas são incrustadas de finos mosaicos. Debaixo destes porticos se conservam reliquias numerosas, cuja authenticidade repouza sobre uma tradição



secular; porem que, comtudo, não parece sufficiente para expor estes objectos á veneração dos fieis, tam reservada se mostra Roma neste ponto. No numero està a borda do poço de Jacob, na qual Nosso Senhor estava assentado esperando a Samaritana; uma columna do templo de Jerusaleem, fendida em dois quando morreu o Salvador: *Petræ scissæ sunt*; a pedra sobre que foi tirada á sorte, pelos soldados romanos, a veste sem costura da augusta Victima, e duas columnas do palacio de Pilatos.

A egreja para sempre veneranda, que acabavamos de visitar, ajunta aos seus nomes já conhecidos, os de Basilica Constantiniana, e de S. João. A razão do primeiro adivinha-se per si mesma, porem é mister explicar a origem do segundo. Havia muito tempo que Constantino era christão no seu coração; mas o augusto acto que devia introduzil-o na sociedade dos fieis não estava ainda cumprido.

Para receber o baptismo, mandou construir um baptisterio. S. João Baptista deu mui naturalmente o seu nome ao novo edificio; e este nome passou com o tempo á propria egreja. O baptisterio, separado da Basilica, segundo o costume dos primeiros seculos, é de forma octogona; nos oito angulos interiores elevavam-se oito columnas de porphyro, separadas das paredes de modo que deixassem um espaço sufficiente para circular; sustentavam uma cornija e um largo frontão, sobre o qual havia segunda ordem de columnas de marmore, de belleza e lavor exquisitos: esta nova columnata, mais pequena que a primeira, sustinha uma grande architrave que coroava o edificio.

No meio está ainda a bacia de basaltes, de forma oval e de cinco pés de comprimento. Constantino havia-a revestido interior e exteriormente de laminas de prata do peso de 3,800 libras. No centro da bacia erguiam-se columnas de porphyro, sustendo lampadas d'oiro que pesavam 52 libras, e cujas torcidas eram de fio d'amianto. Em vez de azeite queimava-se nellas, nas solemnidades da Paschoa, o mais odorifero balsa-mo. Na borda da bacia estava um cordeiro de prata, do peso de 30 libras, que deitava agua na pia; à direita do cordeiro, o Salvador, de prata, de tamanho natural, pesando 170 libras; à esquerda, S. João Baptista, de prata, de cinco pés de altura, tendo na mão o texto sagrado: *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccatum mundi*; pesava 100 libras. Sete veados de prata, symbolos da alma sedenta da graça, deitavam agua na pia: cada um pezava 80 libras; finalmente, um thuribulo, do oiro mais fino, ornado de quarenta pedras preciosas, pesando 10 libras (1).

Tal era o baptisterio de Constantino; tal é ainda hoje, menos o oiro e a prata que foram presa dos Barbaros. As decoraçoens primitivas foram substituidas por bellas pinturas representando as acçoens memoraveis de Constantino. Esta restauração data do pontificado d'Urbano VIII. O pavimento é de mosaico fino e todas as paredes são adornadas de doirados e pinturas. Na parte superior brilham ainda as antigas inscripçoens que recordam os mysterios realizados neste logar:

Gens sacrandæ Polis hic semine nascitur almo,  
Quam sæcondatis Spiritus edit aquis.

---

(1) *Anast. in Vit. B. Silv.*

**Mergere, peccator, sacro purgande fluente :  
Quem veterem accipiet, proferet unda novum.**

« Aqui, do seio das aguas fecundadas pelo Es-  
pirito Santo, nasce para o ceu um mundo forma-  
do d'um germen divino. Peccador, para te la-  
vares, mergulha-te nestas ondas salutaes; a agua  
que te receber filho do velho homem, te restituirá  
filho do novo Adão.»

Imagine-se o grave e magnifico espectaculo  
que apresentou este augusto edificio, na noite so-  
lemne em que resplandecendo com milhares de  
tochas, povoado de tudo o que o mundo tinha maior,  
resoando com os mais melodiosos cantos, e embalsa-  
mado com os mais exquisitos perfumes, se viu  
o senhor do mundo, humilde cathecumeno, con-  
duzido pelo vigario do Homem-Deus, descer à santa  
piscina, e consagrar com o seu baptismo o tri-  
umpho social do christianismo f

A' esquerda da pia baptismal está uma grade  
de ferro, com duas portas de bronze, tiradas  
das Thermas de Caracalla, que dão passagem pa-  
ra a capella de S. João Baptista. Promessa do  
Papa Hilario III, esta capella é ornada de so-  
berbos mosaicos. Debaixo do altar repoisam as  
ossadas dos mais illustres martyres, em numero  
de quarenta e nove. Seja por causa da santida-  
de dos moradores que o habitam, seja porque é  
dedicado ao santo precursor cuja morte foi um cri-  
me de Herodiades, este sanctuario è vedado ás mu-  
lheres. Lê-se no fundo do cathalogo dos martyres:  
*Per il gran santuario fu proibito che le donne  
non potesso entrare nella predetta capella.*

Aviamos percorrido os logares memoraveis  
em que se realizara o glorioso acontecimento que

mudou a face do mundo. Era justo que a Igreja consagrasse a memoria desta nobre victoria, comprada por tres seculos de combates; e um obelisco, o maior dos que existem em Roma, collocado no mesmo lugar do triumpho, a repete a todos os viajantes. O obelisco de S. João de Latran tem noventa e nove pés de elevação, acima do pedestal. Trazido do Egypto para Roma pelos imperadores Constantino e Constancio seu filho, foi quebrado pelos barbaros, depois reedificado em 1588, no lugar que occupa hoje, pelo genio tam possante e poetico de Sixto V.

Que edificio é agora aquelle que se avista do outro lado do monolithe, na extremidade da vasta praça? que soberbos mosaicos são aquelles, admirados pelo artista, e queridos pelo antiquario? que escada è aquella que sobem de joelhos os peregrinos enternecidos?

No anno de 797, o papa Leão III, de santa e gloriosa memoria, mandou augmentar e afformosear a habitação pontificia. Entre outras obras dignas do seu gosto e da sua piedade, mandou construir o celebre *triclinium*, ou Salla de comer, cujo abside espanta ainda hoje pelas suas pinturas e conservação. Para conhecer o seu uso, é necessario recordar o torante costume dos primeiros christãos? quem ignora que, nas occasioens solemnes, nossos pais se davam innocentes festins chamados *agapes*? Abolidos entre o povo justamente, estes banquetes de charidade continuaram a estar em uso, por espaço de muitos seculos, entre os grandes, os reis e os Pontifices. Os vigarios de Jesus Christo perpetuaram por muito tempo este uso com uma modestia e gravidade que recordavam os bellos dias da Igreja

nascente. Para celebrarem estes saudosos festins, construíram, no seu palacio de Latran, muitos triclinios. A sua piedade os orçou de pinturas que repetiam aos ecclesiasticos, aos reis e aos imperadores, admittidos a estas mezas fraternacs, os seus deveres, e os factos memoraveis da sua historia. Foi no seu triclinio que o papa S. Leão III recebeu frequentemente os peregrinos illustres que a necessidade, o reconhecimento ou a piedade conduziam então em grande numero à cidade eterna.

Ao lado direito do abside um soberbo mosaico representa Nosso Senhor assentado, com a fronte cingida do diadema crucifero, dando com a mão direita as chaves a S. Silvestre, de joelhos e com a testa ornada da aureola circular; na mão esquerda tem Nosso Senhor um estandarte que apresenta a Constantino, de joelhos, com a espada ao lado e a testa rodeada da aureola quadriforme. A haste do estandarte termina em cruz; eloquente symbolo da realza christan e do uso que della se deve fazer.

O lado esquerdo apresenta tres outras figuras collocadas no mesmo plano. No meio, S. Pedro, assentado, revestido de uma tunica branca e d'uma capa, ou antes do *orarium* dos antigos, tem sobre os joelhos as chaves divinas; com a mão direita, dá o *pallium* ao papa Leão; com a esquerda, apresenta um estandarte a Carlos Magno; o pontifice e o imperador estão de joelhos diante do Apostolo: ambos tem na cabeça a aureola quadriforme, signal distinctivo dos personagens vivos como a aureola circular é o attributo dos personagens mortos. Por baixo deste grupo cheio de senso e harmonia, lê-se:

*Beate Petrus dona  
Vita. Leoni PP e. Bictoria.  
Carulo regi dona.*

« Bemaventurado Pedro , dai a vida a Leão papa , e a victoria a Carlos rei. » Em volta do abside brillam em grandes letras d'ouro as palavras que tam bem resumem o fim do christianismo , ao qual devem concorrer , unindo se , o poder dos pontifices e o dos principes : *Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonæ voluntatis* (1).

Deste modo , nas duas extremidades de Roma , ao Oriente e ao Occidente , nos dois primeiros templos do mundo , em S. João de Latran como em S. Pedro , encontravamos o dogma fundamental das sociedades christãmente constituidas , a união regular do sacerdocio e do imperio. Se nós não houvessemos resistido , a historia teria vindo desenrolar aos nossos olhos o longo quadro dos seculos de paz , prosperidade e progresso verdadeiro que decorreram como da sua fonte desta casta alliança cimentada no sangue do Calvario. Contentemo'-nos com dizer que se o obelisco do Vaticano proclama sempre a immortal victoria do christianismo , os mosaicos do triclinio continuam a repetir ás naçoens modernas o unico principio social que as pôde firmar sobre as suas bases abaladas. Não foi para isto que , nos designios da Providencia , estes monumentos d'uma ordem de coisas eternamente lamentavel arrostaram os estragos dos seculos , e escaparam ao incendio

---

(1) Vêde *Ciampini , Monum. veter. t. II , p. 128 et sequ.*

que consumiu o palacio pontificio? Como quer que seja, tendo sido queimada a antiga morada dos papas, á excepção do triclinio e da capella domestica, Sixto V mandou construir diante desta capella um soberbo portico no meio do qual collocou a Santa Escada, *Scala Santa*.

Não ha um só christão que não saiba que, no dia da Paixão, Nosso Senhor subiu, por ordem de Pilatos, a um logar elevado, especie de sacada calçada de pedra, d'onde foi apresentada ao povo a innocente Victima. A escada que conduziu o Filho de Deus a esse theatro de ignominia e dor, foi transportada para Roma; compõe-se de vinte e oito degraus de marmore tyrio, de grande brancura. Para a conservar, Clemente XII a mandou cobrir de grossas taboas de nogueira, nas quaes poem os pés ou antes os joelhos os peregrinos. Consagrada pelos passos da adoravel Victima e regada com o sangue da flagellação, a escada do Pretorio tornou-se um objecto da veneração de todo o mundo. Seguindo o costume indispensavel, nós a subimos de joelhos, vivamente penetrados dos dois sentimentos que ella requer, a gratidão e o arrependimento.

Esta escada que o Salvador, carregado com as nossas iniquidades, muitas vezes percorreu, conduz a uma capella superior chamada o *Santo dos Santos* por causa do grande numero das reliquias sagradas que encerra: *Non est in toto sanctior orbe locus*. Então collocados entre o sangue d'um Deus e as ossadas dos martyres, já se pôde considerar o que um christão, o que um sacerdote deve experimentar em semelhante logar, em frente de taes coisas! Torna-se a descer do *Santo dos Santos* por duas escadas esta-

belecidas á direita e esquerda da *Scala Santa*.

Apraz-me recordar que, poucos dias depois da nossa peregrinação, um moço israelita, que se tornou tam celebre pela sua conversão, passava por diante da escada do Pretorio. M. de Bussiéres, que o acompanhava, descobriu-se em signal de respeito áquelle monumento sagrado, dizendo: *Salve, Santa Escada!* O novo Saul poz-se a rir ás gargalhadas desta *fraqueza supersticiosa*. « Não vos riaes muito, disse-lhe o seu piedoso companheiro, que breve a subireis de joelhos. » Alguns dias mais tarde a prophesia se cumpria. Afonso Ratisbona, tornado milagrosamente catholico, subia de joelhos a *Scala Santa*, deplorando com Paulo a ignorancia que o armara contra o Deus cujas ignominias e cuja cruz sentia orgulho de então partilhar.



### **10 de Dezembro.**

Projecto d'uma Academia ecclesiastica. — S. Claudio dos Borguinhoens.

Os meus jovens companheiros de viagem partiram ás quatro horas da madrugada para uma caçada para o lado da *storta*, na campina romana. Como eu viera a Roma com intenções perfeitamente pacificas, não tive a mais pequena tentação de perturbar o repouso das lebres, dos javalis ou dos porcos-espinhos do paiz latino, posto seus antepassados tivessem provavelmente devastado os campos historicos de Cincinnato e roído a herva tam gloriosamente adquirida de Mucio



Scevola : fiquei pois na cidade. No decurso do meu pacifico dia deu-se-me conhecimento d'um projecto verdadeiramente catholico. Fallava-se, em altos logares, de estabelecer em S. Luis uma Academia de theologia, composta de ecclesiasticos francezes enviados pelos bispos. Depois de tres annos de estada em Roma, estes jovens padres voltariam a França para n'ella espalharem as doutrinas e o espirito da Egreja mãe e senhora de todas as outras. Quem poderia achar mau isto? Os nossos moços artistas, os artistas de todas as naçoens não vem beber a Roma as boas tradiçoens que vão depois continuar no resto da Europa? As innovaçõens perigosas, as extravagancias do mau gosto contidas e abandonadas, taes são os resultados dos seus estudos e da sua permanencia. Porque se não faria pela sciencia sagrada o que se faz pela pintura? A Academia ecclesiastica não viria a ser o mais bello e seguro meio de realizar, no ensino theologico, essa unidade que se sonha para a instrucção elementar? Oxalá a Providencia a conduza a bom termo!

Como o tempo estava excellente, não pude resistir ao desejo de explorar ao menos um cantinho da cidade santa. Alguns passos bastaram para me collocarem diante do monumento sempre subsistente da piedade de meus avôs. As grandes naçoens da Europa, taes como a Allemanha, a França, a Hespanha e Portugal, teem em Roma egrejas e hospitaes para as necessidades dos seus viajantes. Pois o religioso Franco-Condado achou na sua fé o meio de seguir aquelles nobres exemplos; tambem elle tomou logar entre as grandes naçoens que acabo de nomear. Para o serviço de seus filhos, peregrinos na cidade eterna, quiz a

Borgonha ter uma igreja e um hospício. A sua charidade dotou generosamente um e outro. Todos os filhos do Franco-Condado, chegando a Roma, tinham o direito, 1.º de serem recebidos gratuitamente no hospício por alguns dias; 2.º de fazerem que lhes exhibissem as contas da casa e de as julgarem. Não sendo rica a igreja é asseada, de construção elegante, e mui agradavelmente situada. No friso está escripta em letras d'ouro a seguinte inscripção: *Comitatus Burgund. SS. Andreæ ap. et Claudio ep. Natio dic.* « O povo do condado de Borgonha dedicou esta igreja a Santo André apóstolo, e a S. Claudio bispo. » A' direita, ao entrar, por cima da pia d'agua benta está uma prancha de marmore, em que se lê: *Quicumque oraverit pro rege Franciæ habet decem dies de indulgentiæ, a papa Innocent. IV. S. Thom. in suppl. q. 25, art. 3, ad Secund.* « Aquelle que orar pelo rei de França ganha dez dias de indulgencia concedidos pelo papa Innocencio IV. » O rei de França talvez seja o unico no universo que goze de semelhante privilegio: este facto pareceu-me muito significativo. A' esquerda, vêem-se muitas sepulturas cujas inscripçoens recordam nomes d'homeus e d'aldeas mui conhecidos nas nossas montanhas do Doubs: N. Vernier d'Orchamps-Vennes, e Briot de Belherbe, etc. S. Claudio dos Borguinhoens não forma uma freguezia; comtudo a igreja conserva as suas rendas, pelo menos em parte, mas reunidas ás das outras igrejas francezas. Desde a occupação são administradas pela embaixada e pelo cura de S. Lois.



## 11 de Dezembro.

Martyres. — Obelisco d'Augusto diante de Santa Maria Maior. — Santa Maria Maior. — Origem. — Monumentos. — Pinturas. — Porta Santa. — Anecdota. — Monumentos e Recordações deste bairro da antiga Roma. — Santa Cruz em Jerusalem. — O Titulo da verdadeira Cruz. — Senado dos Martyres.

A caçada não havia sido feliz. Quadrupedes e volateis haviam-se concertado para se não deixarem matar; á excepção d'alguns animalejos, completamente insignificantes, os nossos amigos não trouxeram da sua jornada senão o trabalho de terem percorrido a campina, e o prazer de terem comido, com appetite de caçador, *la ricotta*, queijo de ovelha, que um pastor lhes offercera. No dia seguinte, antes das dez horas, estávamos na parte culminante do Quirinal, no ponto onde quatro grandes ruas se cortam em angulo recto. A fonte de Moisés forma a cabeça; a fonte e os cavallos gigantes do Quirinal são a base dessa longa cruz latina, cujos braços são terminados pelas bellas egrejas da Trindade dos Montes e Santa Maria Maior: esta era o alvo da nossa romaria.

Na fralda da collina sobre a qual repousa a Basilica Libéria graciosa e pura como a Virgem que n'ella se venera, ergue-se um obelisco egypcio. Em pé defronte do circuito da egreja, o cicerone secular rediz a gloria dos seus dois destinos e annuncia aos peregrinos as tocantes maravilhas que depressa terá ante os olhos. Augusto mandára vir do Egypto dois monolithes d'uns 80 pés d'altura, para os collocar, um no grande circo, outro no Campo de Marte. Vaidade dos

homens e dos seus projectos ! A morte veio ferir o monarcha , e estes dois monumentos , destinados a realçar a gloria do seu reinado , só serviram para elevar ao ceu o magnifico testemunho do seu nada. Erectos pelo imperador Claudio junto do mausoleu d'Augusto , permaneceram alli até que os barbaros viessem ajuntar a tantas outras as suas ruinas. Em 1578 um dos dois foi restaurado e collocado, por Sixto V , no lugar em que está ainda hoje (1).

N'uma das inscrições exprime-se assim oobelisco :

CHRISTI DEI'  
IN AETERNVM VIVENTIS  
CYNABVLA  
LAETISSIME COLO  
QVI MORTVI  
SEPVLCRO AVGVSTI.  
TRISTIS  
SERVIEBAM.

« Honro com felicidade o berço de Christo , Deus eternamente vivo , eu que servia tristemente para decorar o tumulo d'Augusto. »

Se adora Christo , o obelisco não faz mais que imitar o exemplo d'Augusto ; elle o diz nestes termos gravados na face opposta :

QVEM AVGVSTVS  
DE VIRGINE  
NASCITVRVM  
VIVENS ADORAVIT  
SEQ. DEINCEPS  
DOMINVM  
DICI VETVIT  
ADORO.

---

(1) Mercati , *degli obelischì* , c. 27.

« Adoro aquelle que Augusto vivo adorou como devendo nascer da Virgem , e desde então prohibiu que lhe dessem a elle o titulo de Deus. »

Esta inscripção , que nos encheu de admiração , recorda uma antiquissima tradição segundo a qual Augusto tivera conhecimento da vinda do Messias e do seu nascimento d'uma Virgem. Eu a discutirei , quando visitarmos a egreja d'*Ara-Cæli*.

O Filho da Virgem é Deus , como tal é reconhecido ; o obelisco o proclama : que lhe resta , senão tornar-se o interprete dos votos do mundo regenerado ? E a sua prece , gravada no granito , brilha no lado que olha para a egreja :

CHRISTVS  
PER INVICTAM  
CRUCEM  
POPULO PACEM  
PRAEBEAT  
· QVI  
AVGVSTI PACE  
IN PRAESEPE NASCI  
· VOLVIT.

« Christo pela sua cruz invencivel dê paz ao mundo , elle que , durante a paz d'Augusto , quiz nascer n'um presepio. » E com effeito , a cruz , victoriosa de Cesar , do mundo e do inferno , corôa o obelisco. Nós a saudamos com respeito , e , subindo rapidamente os largos degraus d'uma soberba escadaria , entramos em Santa Maria Maior.

A celebre patriarchal occupa o logar do *Marcellum Liviae* , matadouro famoso , cercado de alpendres de marmore , onde se vendiam aos avidos

Romanos as produções mais raras do mundo inteiro. Era necessario que este edificio fosse de grande magnificência para que Tiberio o consagrasse a sua mãe Livia (1). Ao nascimento do Evangelho, tornou-se soberanamente veneravel pela matança dos christãos de que foi theatro. Na igreja visinha de S. Vito, conserva-se ainda uma pedra sobre que, segundo a tradição, foram degollados, como innocentes cordeiros, grande numero de fieis. Assim, por uma dessas harmonias que Roma apresenta a cada passo, é no mesmo lugar dedicado a uma mulher solemnemente impudica, mas lavado pelo sangue dos martyres, que se ergue hoje a mais formosa igreja da Rainha das Virgens.

Santa Maria Maior deve a sua fundação ao gracioso *milagre das Neves*. No começo do quarto seculo vivia em Roma um illustre patricio, nobre descendente das antigas familias consulares. Privado de filhos, resolveu, de concerto com sua mulher, consagrar a sua rica fortuna ao Deus que lh'a havia dado. Estavam os piedosos conjuges todos occupados com o seu projecto, quando a Santa Virgem lhes fez conhecer que queria ella ser a sua herdeira, « Edificar-me-hejs, lhes diz, uma basilica sobre a collina de Roma que, amanhã, estiver coberta de neve. » Era na noite de 4 para 5 d'agosto do anno de 352, epocha em que são excessivos os calores na Italia. No dia seguinte o Esquilino se achou coberto de neve. A cidade inteira depressa se achou no logar do milagre. O patricio João, depois o papa Liberio, lá se dirigem à sua vez acompanhados de todo o clero. Manifesta-se a causa do prodigio; a igreja é edificada

---

(1) Dion. 57.

à custa dos piedosos conjuges, e é-lhe dado o nome de *Santa Maria ad Nives*; nome veneravel que ella tem ainda hoje (1). Em memoria do papa Liberio que, no anno seguinte, a consagrou, foi tambem chamada basilica *Liberia*. A estes dois primeiros nomes se juntam outros não menos honrosos: *Santa Maria no Presepio*, por causa do presepio do Salvador que alli se conserva; e *Santa Maria Maior*, porque entre todas as egrejas de Roma dedicadas á Rainha do ceo, é ella a mais importante (2).

Os summos Pontifices e, em geral, o povo romano, sempre tam zelosos pelo culto de Maria, não podiam deixar de ornar com particular liberalidade o seu principal templo. Assim è que Santa Maria Maior é bella e rica entre todas as egrejas de Roma. Quando se ha transposto a porta principal, virada para o oriente, acha-se a gente em face de tres largas naves, cheias de harmonia e sustentadas por trinta e seis columnas de marmore de deslumbrante brancura, que provem do templo visinho de Juno *Lucina*. Capiteis de ordem

---

(1) Vêde Benedicto XIV, *de Festis B. Mariæ*, pag. 481. Baron. *Annot ad martyr.* 5 d'agosto. Constanzy, t. II, p. 24.

(2) Segundo Pedro o Veneravel, é assim chamada, por ser, depois de S. João de Latran, a primeira igreja do mundo: « *Habitus Romæ patriarchalis ecclesia in honore perpetuæ Virginis Matris Domini consecrata, quæ vulgari sermone Sancta Maria Major vocatur. Major autem idcirco, quia post Lateranensem sancti Salvatoris ecclesiam, major dignitate non solum Romanis, sed et totius orbis Ecclesiis est.* » [*Lib. II de Miraculis.*]

dorica, com uma cornija de mosaico, adornada de ramos de vide e de arabescos, coroam as duas columnatas e misturam os seus graciosos desenhos com os ricos ornatos do tecto. Sente-se felicidade ao recordar-se que este tecto de magnificos compartimentos é doirado com o primeiro ouro vindo da America. A côrte d'Hispanha, tendo-o recebido das mãos de Christovão Colombo, quiz fazer homenagem d'elle a Maria, e o enviou a Roma para ornar a mais bella igreja dedicada á *Estrella do mar*. Em verdade que era com justo motivo; porque o vaso em que ia Colombo, quando partiu para a sua immortal descoberta, chamava-se a *Santa Maria*. Quatro columnas de granito egypcio sustentam os dois grandes arcos da nave, e dão um character grandioso á graciosa perspectiva. A direita e á esquerda, ao entrar, estão os soberbos tumulos de Clemente IV e S. Pio V, cujo corpo repouisa n'uma bella urna de verde antigo adornada de bronze doirado.

O altar-mor, elevado onze degraus acima do chão, é formado d'uma grande urna antiga, de prophyro; a tampa de marmore branco e preto, sustentada por quatro anjos de bronze doirado, serve de meza para o sacrificio. Crê-se que esta urna foi o tumulo do patricio João e de sua mulher. O docel, magnifica homenagem de Benedicto XIV, repouisa sobre quatro soberbas columnas de porphyro, rodeadas de palmas d'ouro e coroadas de quatro anjos de marmore, tendo na mão uma corôa triumphal.

De cada lado do altar, nas extremidades do transepto, estão as duas capellas de Sixto V e da familia Borghese. A sua magnificencia excede tudo o que se pode dizer. Visitando a ultima, recorda-



mo'-nos, commovidos, de que ha pouco se tinha aberto para receber os despojos mortaes da joven princeza Borghese, cuja recordação embalsama, como que com um perfume de santidade, o palacio que ella habitou em Roma, de que foi as delicias, e essa capella hereditaria onde repouisa com seus filhinhos. Por cima do altar está a madona de S. Lucas, collocada sobre um fundo de lapis-lazuli, scintillante de pedras finas e sustentada por quatro anjos de bronze doirado; quatro columnas de jaspe oriental, pedestaes de bronze doirado, um friso de agata, finalmente um magnifico baixo-relevo representando o *Milagre das Neves*: taes são os principaes ornatos do altar. Pinturas inimitaveis do Guido completam as riquezas do sanctuario querido da Rainha das Virgens.

Entre as grandes recordaçoes de Santa Maria Maior, ha uma que não deve esquecer-se. Sobre o arco triumphal que separa a nave do abside e que coroa o *Presbyterio*, acham-se uns mosaicos do mais alto interesse. O nestorianismo, que havia escandalisado toda a Egreja, foi condemnado no concilio d'Epheso em 431. Para perpetuar a memoria desta nova victoria da fé sobre a heresia, mandou o papa Sixto III ornar com pinturas de mosaico o abside de Santa Maria Maior. Os mysterios da maternidade divina da Santa Virgem, e da divindade de Nosso Senhor estão alli expressos de modo que não deixam duvida alguma sobre a fé da Egreja. Assim é que, para se conformar com a intenção do Pontifice, se bem que violando algum tanto as regras da arte, o pintor representa o infante de Bethlem assentado n'um assento que tem muito mais a forma d'um throno que d'um berço. Vê-se evidentemente que a intenção do mosaista

foi fazer brilhar a divindade do Salvador através do veu transparente da natureza humana. Em outras pinturas este infante recebe as homenagens que só a um Deus são devidas. N'outra parte, a Annunção e todas as circumstancias da divina maternidade de Maria, estão igualmente descriptas com um caracter que faz brilhar em todo o seu fulgor a integridade do dogma catholico (1). Accrescentemos que estas veneraveis pinturas tiveram a gloria de serem citadas, no segundo concilio de Nicea, como uma prova irrecusavel da antiguidade do culto das imagens.

Não são estas as unicas riquezas de Santa Maria Maior. No seu templo querido, a Rainha dos Anjos e dos homens está rodeada como d'um glorioso cortejo dos corpos sagrados d'uma multidão de Santos, cujas almas bemaventuradas formam já a sua côrte no ceu. Na primeira ordem desta brilhante gerarchia, eis os apóstolos S. Pedro, S. Paulo, Santo André, S. Thiago, S. Philippe, S. Thomaz, e os outros membros do collegio apostolico, presentes n'uma porção das suas reliquias. Debaixo do altar papal repoisam os corpos de S. Mathias apóstolo, e de Santo Epaphras, companheiro de S. Paulo. A cabeça do S. Lucas, o historiador de Maria, está na capella do Crucifixo. Na segunda ordem apparecem os martyres de todas as edades e de todos os sexos: a cabeça de Santa Bibiana, um braço de S. Julião e de S. Cosme, parte do braço de Santo Abbondio, dois dedos de

---

(1) Ciampini, *Monum. veter.* t. I, p. 206 e seg. — A origem desta obra monumental está recordada n'uma bella inscripção situada sobre o grande arco do abside: SIXTUS-PLERI DEI.

Santa Anatolia ; parte do braço, do cilicio , e da tunica ensanguentada de S. Thomaz de Cantorbery ; as cabeças de Santo Amandio, de S. Cypriano e de S. Florencio; uma costella de Santa Petronilha; um dedo de Santa Cecilia e de Santa Ignez ; reliquias insignes de S. Sebastião, de S. Lourenço, de S. Braz, de Santa Catharina, de Santa Euphemia, de Santa Appolina, de Santa Felicidade e, de grande numero d'outros : taes são ós embaixadores veneraveis que representam a ordem dos Martyres. Vêem depois os Pontifices. Santa Maria Maior possui o corpo de S. Pio V, o filho querido da Santa Virgem, que lhe concedeu a gloriosa victoria de Lepanto. Em torno d'elle vêdes, pelo menos em parte dos seus preciosos restos, os santos papas Gregorio, Sylvestre , Urbano, Sixto, Aniceto, Callisto, Melchiades, Estevão, Damaso, Simplicio e Fabiano : brilhante corôa de rubis, que cinge a augusta fronte da Rainha dos Pontifices e dos Martyres ; respeitavel multidão de testemunhas, cujo sangue e cujos escriptos repetem a todas as geraçoens a immortalidade da fé, e o poder daquella que triumpho de todas as heresias.

Depois de havermos inclinado as frentes ante toda esta augusta assemblea, e de termos-lhe recommendado as nossas pessoas, os nossos amigos e a nossa patria, dirigimo'-nos para a porta Santa.

Quando se entra em S. Pedro, em S. João de Latran, em S. Paulo fora dos muros e em Santa Maria Maior, vê-se á direita uma porta tapada de pedra e cal, em que brilham estas palavras escriptas em letras d'ouro : «Clemente , Urbano, Benedicto me abriu em tal anno ; Innocencio, Leão me fechou em tal outro. » Perguntaes que porta é

esta, e respondem-vos : « E' a porta Santa. » A isso se limitam d'ordinario a curiosidade do viajante, e a sciencia do cicerone ; e haveis passado, sem delle comprehenderdes coisa alguma, ao lado d'um dos mais bellos costumes de Roma christã. E' uma perda que nós queremos evitar aos nossos leitores.

E' mister, pois, saber que as quatro grandes Basilicas, ou egrejas principaes de Roma, alem das suas portas communs, tem cada uma uma porta chamada *Santa*. E' mister saber mais que todos os vinte e cinco annos, em vespora de Natal, dia anniversario da redempção do mundo, o summo Pontifice faz a abertura solemne do jubileu ou do anno santo. Uma procissão magnifica começa o dia : á noite, á hora de vesporas, o vigario de Jesus Christo sabe do seu palacio, acompanhado dos cardeaes e prelados, para se dirigir a S. Pedro. Todos formam um circulo brilhante em torno do Pontifice, que pára diante da porta murada. Um dos assistentes apresenta ao Padre Santo um martellino de prata, com que S. Santidade dá tres pancadas na parte. Recita ao mesmo tempo oraçoens que recordam a charidade, a misericordia e o poder das tres augustas Pessoas da Santissima Trindade ; attributos consoladores de que è depositario o vigario de Jesus Christo.

Terminada a cerimonia, uns operarios desfazem a parede, e a porta Santa fica plenamente aberta. E' logo lavada com agua benta pelos penitenciarios em habitos sacerdotaes. Depois da lavagem, o Summo Pontifice, seguido de todo o cortejo, transpõe o limiar cantando canticos d'alegria, e começam as vesporas. Eui tanto que se effectua esta cerimonia em S. Pedro, tres cardeaes,

deputados pelo Padre Santo, a fazem em S. João de Latran, S. Paulo, e Santa Maria Maior : começa-se o anno sancto.

Bella por si mesma, esta cerimonia é-o ainda muito mais pelo sentido mysterioso que encerra. A porta Sancta acha-se à direita, a pia baptismal a esquerda da egreja : eis as duas entradas abertas ao homem para chegar ao ceu. O Baptismo é a primeira, mas só se passa por ella uma vez ; a porta da Penitencia é a segunda, e, graças à misericordia divina, nunca ella está irrevogavelmente fechada. É em dia de Natal, dia por excellencia de indulgencia e perdão, que é aberta a porta Santa. Ao Pontifice, representante do Salvador, está reservada a prerogativa de abri-la, e a gloria de ser o primeiro a transpor-a : cerimonia terrestre, imagem viva do mysterio de reconciliação realizado no ceu. Mas por que razão é ella despedaçada ? Por que razão um martello e não as chaves ? Vêdes aqui o supremo poder do vigario do Homem-Deus. As portas podem-se abrir de dois modos ; com as chaves, e é este o meio empregado nas circumstancias ordinarias ; porem a porta aberta com a chave subsiste sempre ; pôde ainda ser fechada ; aberta com o martello, é demolida, e todos pôdem entrar sem obstaculo nem temor. Emprega-se este ultimo meio nas circumstancias extraordinarias, solemnes, quando a multidão è immensa. Assim è que no dia dos seus triumphos tinha a antiga Roma o costume de abater parte das suas muralhas, quer para augmentar, com esta novidade, o entusiasmo publico, quer para deixar livre passagem ao vencedor e ao seu numeroso cortejo de prisioneiros carregados de correntes e soldados coitados de lotros.

Roma christan conserva estes usos, ennobrecidos pelo sentido mysterioso que lhes dá o christianismo. Convidando todas as naçoens ao triumpho da penitencia, em que as paixoens vencidas, e os peccados expiados devem ser atados ao carro dos triumphadores, não se contenta com as suas chaves para abrir a porta Santa, a porta do Triumpho; emprega o martello, despedaça-a, a fim de fazer entender que está aberta para todos, que para ninguem está fechada. Na antiga Roma a porta triumphal era regada de sangue e lagrimas; na Roma christan, é a porta Santa lavada com agua benta. E o christão comprehende que a purificação do seu coração, pelas lagrimas do arrependimento, pelo sangue adoravel de Jesus Christo derramado sobre a sua alma no tribunal da reconciliação e á meza eucharistica, é a condição indispensavel da sua entrada na via do ceu, cujo começo é a porta Santa. Nos quatro angulos da cidade se abrem simultaneamente as quatro grandes Basilicas: as suas portas santas cahem sob o martello dos pontifices. Podia Roma empregar uma cerimonia mais eloquente para dizer que, rainha a mãe do mundo, chama ao seu seio todo os homens dispersos pelos quatro ventos? que os convida com equal amor a irem beber no inesgotavel thesoiro de graças e misericordia que se abre para elles sem distincção de povos nem de tribus (1)?

Os nossos olhares, desviados da porta Santa, fitaram-se na magnifica columna canelada de marmore branco, que se ergue diante da fachada de Santa Maria Maior. Este antigo ornato do templo da Paz, no Foro, foi trazido para este logar pelo

---

(1) *Trattato del Giubileo*, dal p. quarti. p. 5.

papa Paulo V, que o coroou com uma estatua da Santa Virgem. Na base está uma inscripção cujo fim é este :

PAX VNDE VERA EST  
CONSECRAVIT VIRGINI.

« Consagrou-a à Virgem, origem da verdadeira paz. »

Assim, o obelisco d'Augusto, collocado no circuito da Basilica, canta a gloria do Menino-Deus, e a branca columna do Foro proclama as prerogativas da doce Virgem, sua Mãe. Dir-se-hia uma lyra tocada pelá mão dos anjos; prestemos o ouvido ás suas harmonias :

IMPVRA FALSI TEMPLA  
QVONDAM NVMINIS  
IVBENTE INCERTA  
SVSTINEBAM CAESARE  
NVNC LAETA VERI  
PERFERENS MATREM DEI  
TE PAVLE NVLLIS  
OBTACEBO SECLIS.

« Outr'ora, por ordem de Cesar, triste, eu sustentava os templos impuros d'uma falsa divindade; agora, alegre por suster a Mãe do verdadeiro Deus, direi, Paulo, a tua gloria a todos os seculos. »

Depois, manifesta a causa da sua alegria fazendo conhecer a excellencia da augusta Virgem :

IGNIS COLUMNA  
PRAETVLIT LVMEN PIIS  
DESERTA NOCTV  
VT PERMEARENT INVIA.  
SECVRI AD ARCES  
HAEC RECLVDIT IGNEAS  
MONSTRANTE AB ALTA SEDE  
CALLEM VIRGINE.

« A columna de fogo, brilhante de luz, precedeu os justos, a fim de que podessem effectuar a passagem nocturna do deserto; esta conduz á cidade mesma da luz, indicando uma Virgem a entrada do alto do ceu. »

Honra aos Pontifices romanos que souberam, em poetica linguagem, celebrar tam magnificas aproximaçoens! honra a Roma, cujos monumentos todos teem gravados no bronze e no marmore os dogmas immortaes do christianismo!

Não deixarei Santa Maria Maior sem mencionar uma ultima recordação. Todas as noites, muito depois da *Ave Maria*, quando Roma dorme no seu socego habitual, ouvis descer do monte Esquilino o som agudo d'um sino dobrando. Não é o toque de recolher; é um acto de reconhecimento e providente charidade. Ha não sei quantos seculos, um viajante surprehendido pela noite perdeu-se na campina romana. Temendo cahir em algum dos numerosos boracos que, elevando-se das profundezas das Cataumbas, crivam a superficie do solo, o peregrino não ousa dar um passo; recommenda a alma a Deus, e resigna-se a passar a noite, talvez a morrer no meio do silencioso deserto. O dia seguinte era consagrado á santa Virgem. Por motivo da festa tocam-se os sinos em Santa Maria Maior; são ouvidos; o viajante orienta-se, torna a dar com o caminho e escapa milagrosamente ao perigo. Em signal de reconhecimento elle estabeleceu uma instituição perpetua, a fim de que todas as noites se tocasse o sino libertador, em proveito daquelles que estivessem expostos á mesma sorte.

Continuando a nossa excursão para o lado de Santa Cruz em Jerusalem, saudamos ao pas-



sar os nomes e as ruínas celebres dos monumentos de que estava coberta esta quinta região da antiga Roma. A' esquerda, n'um cotovello formado pelos muros da cidade, vêem-se os restos do *Vivarium*, immensa casa de forma quadrangular, onde se collocava parte dos innumeráveis animaes destinados aos jogos publicos. Continuando, para a banda do aqueducto de Claudio, achavam-se os jardins e o Circo de Heliogabalo contiguos aos famosos jardins de Pallante, celebre liberto de Claudio. Nos mesmos logares se erguiam grande numero de bosques sagrados: os mais conhecidos eram o *Lucus querquetulanus* guardado pelas nymphas; o *Lucus fagutalis*, consagrado a Jupiter; o *Nemus* de Caio e Lucio. Na borda deste elevava-se o amphitheatro preparado por Augusto, e no qual começou Tito os sangrentos jogos que abriram o seu reinado (1).

Entre a egreja de Santa Bibiana e a de Santo Eusebio, no caminho que conduz de Santa Maria Maior a Santa Cruz em Jerusalem, encontrou-se a primeira mãe da Agua *Claudia*. E' coroada de dois arcos de tijolo, onde se achavam os celebres tropheus de Mario; tal é pelo menos a opinião de muitos antiquarios (2). Vinham depois os sumptuosos jardins de Mecenas; estes logares de delicias estendiam-se desde o ponto em que hoje se acha a egreja de S. Martino de' Monti,

---

(1) *Alii vero in nemore Caii et Lucii ubi Augustus ad hoc ipsum terram effoderat; ibi eam primo die ludus gladiatorius, cædesque belluarum facta est, etc. Dio in Tit.*

(2) *Nardin*, lib. IV, c. II, p. 140.

até além da igreja de Santo Antonio (1). Era aqui, segundo a opinião commum, a famosa torre do alto da qual contemplou Nero o incendio de Roma, declamando os versos que tinha composto sobre o abrasamento de Troia (2). Na vizinhança, viam-se a casa de Virgilio e os jardins *Lamiani*, morada habitual e sepultura de Caligula (3). Antes que o favorito d'Augusto, o primeiro inventor dos banhos quentes, tivesse delle feito uma habitação de voluptuosidade, servia este vasto terreno, pelo menos em parte, para sepultar o povo baixo e os escravos. Alli se achava o *Vicus ustrinus*, assim chamado pela fogueira publica em que se queimavam os cadaveres.

Aos monumentos da crueldade e da voluptuosidade, reuniam-se, nesta parte de Roma, grande numero de templos de idolos, escholas publicas de iniquidades. Eram, entre outros, os templos de *Minerva medica*, de Castor, d'Apollo, de Mercurio, de Marte, de Serapis, de Proserpina, do Medo, de Venus e de Cupido. Por que rasão foi o sentimento religioso, tam vivo e profano entre os Romanos, pervertido pelo paganismo, a ponto tal que o viajante não pôde dar um passo na velha Roma sem pôr o pé no sangue e na lama! Não sei; porem parece-me que a alma, oppressa por tantas recordações,

---

(1) Fuerunt in Esquiliis, latissimoque ambitu a templo circiter S. Martini in montibus orientem versus, ultra S. Antonii ædem processere. *Donat.*

(2) Horat. od. 28, lib. III; Nardini, p. 142.

(3) Sueton. c. 59.

experimenta alli mais que n'outra parte a necessidade d'um ponto d'apoio, e esse ponto d'apoio, não pôde ella achal-o senão n'um monumento expiatorio, isto é n'um edificio christão. Por isso, como nós respiramos, quando avistamos as torres de Santa Cruz em Jerusalem!

A veneravel Basilica está edificada na extremidade do monte Esquilino, entre um templo de Venus e o amphitheatro *castrense*. Podia-se escolher uma situação mais conveniente? Os instrumentos ensanguentados da morte d'um Deus, repoisando n'uma terra manchada, até ás profundidades, por crueldades e infamias seculares: não é esse um contraste tocante, ou, se quereis, uma magnifica harmonia? Passemos á historia do augusto monumento.

Constantino, havendo visto em sonho a cruz do Salvador, mandara fazer o *Labarum*, maravilhoso estandarte, com o monogrammo de Christo, e estas palavras reveladas por divisa: *In hoc signo vinces*: « Por este signal vencerás. » O acontecimento justificara' a predicção. Vencedor de Maxencio e Senhor de Roma, o novo Augusto quiz tributar á cruz as honras que lhe eram devidas. Santa Helena, sua mãe, partiu para Jerusalem, descobriu a verdadeira Cruz e voltou a Roma, trazendo uma parte consideravel deste rico thesoiro, bem como muitas outras reliquias insignes, que breve individuaremos. A fim de receber este precioso deposito, foi construida uma igreja á custa do imperador, e consagrada pelo papa S. Sylvestre: esta igreja é a augusta Basilica de Santa Cruz em Jerusalem. Na historia, chamam-lhe alternativamente Basilica *Sessoriana*, por causa do palacio Sessoriano a que succedeo;

*Basilica Heleniana*, em memoria da mãe de Constantino; por ultimo Santa Cruz em Jerusalem; deste ultimo nome eis aqui a origem e o sentido: Com a cruz, trouxe Santa Helena grande quantidade da terra do Calvario, molhada com o sangue redemptor, e d'ella encheu, do chão até á abobada, o oratorio particular onde foram depositadas as santas reliquias. D'ahi veio á capella e á propria igreja o nome de Jerusalem.

Assim como havia enriquecido S. João de Latran, o Cesar christão desenvolveu a sua imperial magnificencia em favor da nova Basilica. Entre os ricos presentes de que lhe fez homenagem, convem distinguir: quatro candelabros d'ouro e prata, segundo o numero dos Evangelistas, accesos de noite e de dia diante do madeiro da cruz, pezando cada um 30 libras; cincoenta alampadas de prata, do pezo de 50 libras cada uma; uma charameilla, do ouro mais puro, pesando 10 libras; cinco calices ministeriaes, d'ouro, cada um de 1 libra; tres charameillas de prata, cada uma de 8 libras; dez outras tambem de prata, cada uma de 2 libras; uma patena d'ouro, 10 libras; uma patena de prata, ornada d'ouro e pedras preciosas, 50 libras; um altar d'ouro massiço, 250 libras. Como as de S. João de Latran, estas prodigiosas riquezas desappareceram nos diferentes saques de Roma. A mesma igreja, restaurada por S. Gregorio II e por Lucio II, foi de novo reparada no XV.º seculo pelo cardeal Pedro de Mendoza, que era della titular.

Foi então que teve logar a memoravel descoberta que vamos contar, servindo-nos das proprias palavras d'uma testemunha ocular. « O dia 1.º de fevereiro, do anno de 1492, foi para Roma um dia

de milagre. No tempo em que o cardeal de Mendoza fazia a expensas suas incrustar e cair as paredes de Santa Cruz em Jerusalem, os trabalhadores tocaram no cume do arco elevado no meio da egreja, e que sobe até ao tecto. Chegados ao sitio onde estão ainda hoje duas columnasinhas, encontraram um vazio; tendo-o furado, acharam nelle uma janellinha, na qual estava uma caixa de chumbo, de dois palmos de comprimento, perfeitamente fechada; estava coberta com uma prancha de marmore quadrangular, na qual se liam estas palavras: *Hic est titulus veræ crucis*; « Está aqui o titulo da verdadeira cruz. » Na caixa achou-se effectivamente uma pequena lamina d'um palmo de comprimento, um de cujos lados estava deteriorado pelo tempo. Nesta lamina estavam gravadas e pintadas de vermelho as seguintes palavras: *Iesus Iudæorum Nazarens rex*, mas a palavra *Iudæorum* não estava inteira; faltavam-lhe as duas ultimas letras, porque, como disse, a lamina havia sido comida pelo tempo. A' nova da descoberta, quasi toda a cidade acudiu a Santa Cruz. O proprio papa Innocencio alli foi, e mandou deixar o titulo na caixa onde estava, permitindo somente expol-o debaixo de vidro, no altar-mor, no dia da festa da Basilica. Não ficou duvida a ninguem de que fosse este o verdadeiro titulo que Pilatos collocou na cruz de Nosso Senhor Jesus Christo, e de que, segundo um antiquissimo costume, Santa Helena o depositara neste lugar elevado, quando foi edificada a egreja (1).»

Tal é o primeiro thesoiro espirital que pos-

---

(1) Steph. Infessura apud Ciampini. T. III, p. 119. — Bened. XIV, de festis, p. 197.

sue Santa Cruz em Jerusalem: não é o unico. Por cima do altar-mor está um tumulo de basaltos, onde descançam os corpos de S. Cesario e Santo Anastacio; na capella subterranea, dedicada á santa Imperatriz, conserva-se ainda grande porção da verdadeira cruz, dois espinhos da coroa de Nosso Senhor, um dos cravos em que foi pregado na cruz; parte da corda com que foi atado á columna, e da esponja molhada em fel que lhe apresentaram. Debaxo do pavimento, restabelecido por Eugenio IV, estão grande numero de pedras trazidas do Calvario. Em volta do Rei dos Martyres, vê-se apertarem-se, nesta côrte sanguinolenta, legioens inteiras de heroes que partilham agora a gloria do seu chefe, depois do haverem partilhado os seus combates. Pedro, Paulo, Bartholomeu, Simão, Fabiano, Sebastião, Hyppolito, Agapeto, Felicissimo, Epiphanio, Chrysogones, Diniz, Anastacia, Prudencia, Ignez, Euphemia, Lourenço, Gordiano, Thiago, irmão do Senhor, Urbano, Sixto, Cosme, Damião, Sabino, Regulo, Nereo, Hermes, Bento, Nilarião, Isabel, Juliana, Felicola, Catherina, Margarida, taes são, com multidão de outros, os nomes escriptos em todas estas ossadas illustres que vos rodeam, e que adoram neste sanctuario o Deus crucificado. Se grande respeito penetra involuntariamente a nossa alma, quando entramos no palacio d'um rei, ou n'um senado composto de homens como nós, póde a gente defender-se d'um sobresalto religioso, achando-se no meio de semelhante assemblea?

---

## 12 de Dezembro.

Bosques Sagrados.— Templos pagãos.— Banhos publicos.— Campo Pretoriano.— Recordações de Nero e Caracalla.— Thermas de Diocleciano.— Santa Maria dos Anjos.— Martyres.— Capuchinhos da Conceição.— Cemiterio.— O veneravel Crispino de Viterbo.

O tempo estava excellente, e o frio bastante agudo para Roma. Aproveitando-nos destes dois favores, continuamos a nossa excursão no bairro começado; deixando á direita a parte visitada da cidade, exploramos os sitios e as ruinas que a separam do recinto das muralhas. Desde a porta *Salaria* até á porta *Maior*, que de recordações! que de impressões! cada disposição do terreno, cada pedra tem um facto que contar-vos: os olhos, a memoria, o coração, não podem ser sufficientes. Tivemos de limitar-nos aos pontos culminantes do quadro. Remontando ás origens de Roma, recordamo'-nos do *Lucus Pœtilinus*, onde foi julgado Manlio, defensor do Capitolio (1).

---

(1) In Campo Martio cum centuriatim populus Viteretur, et reus ad Capitolium manus tendens ab hominibus ad deos preces avertisset, apparuit tribunis, nisi oculos quoque hominum liberassent a tanti memoria decoris, nunquam fore in præoccupatis beneficio animis vero crimini locum. Ita producta die in Pœtilium locum extra portam Flumentanam, unde conspectus in Capitolium non esset, concilium populi indictum est. Tit. Liv.

Não longe estavam os templos de Venus Erycina e Jupiter viminal, tam famosos pelas abominaçoens inauditas que n'elles se comettiam; os templos d'Hercules, da Honra, do Sol, e o bosque sagrado de Laverna, deusa dos ladroens: a tantos crimes era precisa uma expiação. Assim é que não longe destes logares se ergue o *clivus cucumeris*, o outeiro do pepino, regado pelo sangue de uma infinidade de martyres (1). Os antiquarios collocam nas proximidades o *nymphæum* de Alexandre Severo. Imaginemos um edificio de marmore, rodeado de bosquesinhos de myrtos e laranjeiras, e acompanhado de numerosos alpendres; onde o luxo prodigalizou o ouro, a pintura, e tudo o que pôde deleitar os sentidos; alli uma multidão de repuxos, formando os mais variados desenhos, e tornando a cahir com suave murmuro em bacias de porphyro ou alabastro; depois os voluptuosos Romanos, passeando a sua molleza sob estas frescas sombras, passando os dias no banho, ou entregando-se a todos os excessos do mais refinado sybaritismo: e teremos uma idea dos *nymphæa*, tam numerosos na cidade dos Cesares (2).

Mas eis muitas outras ruinas: vizamos o sitio do campo Pretoriano. Tornado imperador, Augusto formou para si uma guarda. Nove cohortes foram escolhidas no exercito para velarem pela segurança do principe e pela tranquillidade da capital; mais tarde o numero dellas se elevou até dezeseite. Alojados primeiro nas casas particu-

---

(1) Martyrol, 17 junii et 8 augusti.

(2) Naudini, *Roma antica*, lib. IV, c. IV, p. 155.



lares, estes soldados escolhidos foram reunidos por Tiberio n'um campo estabelecido ao pé das muralhas, entre as portas Viminal e Tiburtina. Tal è o campo Pretoriano tam celebre na historia: o chefe destas guardas reaes ou antes destes janisaros temiveis e sediciosos tinha o titulo de prefeito do pretorio. Ao visitardes estas ruinas, que de personagens, que de factos se erguem ante vós! Julga-se ouvir os clamores que espantaram Nero, quando trahido, fora de si, fugia de Roma acompanhado sómente de quatro escravos, no numero dos quaes estava Sporo. Assassino de sua mãe, algoz de Pedro e Paulo, hontem ainda Nero era o senhor do mundo. A hora da justiça divina soou; hoje eil-o descalço, vestido com uma simples tunica e um velho manto, com a cabeça coberta e a cara escondida n'um lenço, montado n'um mau cavallo, e procurando um derradeiro asylo na Villa de Phaon seu liberto. Esta villa está a quatro milhas de distancia de Roma, entre a via Salaria e a via Nomentana. Para chegar lá, é mister costear os muros do campo; de subito treme a terra, re-benta o trovão, é descoberto o fugitivo, e ouve as vociferaçoens dos pretorianos que bradam: « Morte a Nero, victoria a Galba (1)! » Mais algumas horas, e esta sentença será executada. Seja dicto de passagem, a villa de Phaon, onde aquelle monstruoso imperador se fez matar, estava situada um pouco adiante da egreja actual de Santa Ignez, no logar chamado *la Serpentera* (2).

---

(1) *Tranquillini in Neron.*

(2) Tracta-se tantas vezes na historia do prefeito do pretorio, que é util fazel-o conhecer.

Procura-se depois, no meio do campo, o lugar do templosinho onde eram adorados os deuses do exercito, e no qual Caracalla matou a seu irmão Geta nos braços de sua propria mãe (1). Mais tarde vêem-se os pretorianos, lembrando-se um dia de pôrem o imperio em almoeda, e achando compradores. Por ultimo, o silencio do tumulto succede ao tumulto e ás vociferaçoens na habitação duas vezes secular das cohortes pretorianas. Esta milicia sediciosa foi abolida por Constantino depois da derrota de Maxencio a quem o pretorio saudara imperador.

A' sombra de Burrho e Sejano succedia outra sombra horrenda e ensanguentada: avistamos as ruinas gigantescas das *Thermas de Diocleciano*. Os

---

O seu poder era mui extenso; na ordem militar era quasi o chefe supremo do exercito: na ordem civil gozava d'uma jurisdicção mui extensa. Muitas vezes era mais senhor que o imperador. No tempo de Commodo houve dois prefeitos do pretorio e quatro no tempo de Diocleciano. Constantino os conservou, mas reduziu-os ao poder civil. Cada um delles teve a governar a quarta parte do imperio, dividido em quatro prefeituras. O primeiro, chamado *praefectus praetorio Galliarum*, tinha no seu governo as Gallias, a Hespanha, a Bretanha e a Germania; o segundo, *praefectus praetorio Italiae*, a Italia e a Africa; o terceiro, *praefectus praetorio Illyrici*, a Grecia, a Thracia, a Panñonia, a Mœsia e a Dalmacia; o quarto, *praefectus praetorio Orientis*, todo o Oriente, isto é todas as provincias d'alem-mar.

(1) Onuph. Panvin. p. 23.

*Romanos* *construem banhos como provincias*; tal é o grito de admiração que arrancava á historia impotente a vista do edificio de que fallamos. Diocleciano e Maximiano, querendo ultrapassar os seus predecessores, resolveram edificar *Thermas* de incomparavel magnificencia: conseguiram-o. As suas *Thermas* formavam um imenso quadrado de 1,069 pes em cada face. Nos quatro angulos estavam outras tantas sallas circulares que serviam de *calidarium* ou reservatorio d'agua quente. Uma dellas ainda subsiste; é a vasta rotunda que serve de egreja aos Bernardos. O proprio edificio era a reunião de tudo o que a imaginação póde conceber mais maravilhoso. N'elle se achavam alpendres, foros, jardins suspensos, bosquesinhos, innumerables repuxos, sallas de espera, escholas para os rhetoricos e philosophos, e a famosa bibliotheca Ulpiana que Diocleciano para alli mandou transportar do foro de Trajano (1).

As *Thermas* contavam mais de tres mil sallas de banhos, onde tres mil e duzentas pessoas podiam banhar-se ao mesmo tempo sem se vêrem. Todas as sallas eram da mais incrível magnificencia: as pedras mais preciosas, arredondadas ao buril, resplandeciam por todas as partes nas paredes; o basalto do Egypto, incrustado de marmore da Numidia, formava uma marchetaria rodeada d'um bordado de pedras cujas variegadas côres imitavam completamente a pintura; os lectos eram forrados de vidro; as piscinas rodeadas de pedras de Thasus, magnificencia reservada outr'ora para alguns templos; a agua corria de torneiras de prata para tinhas de prata, ou de pedras preciosas.

---

(1) *Vopisc. in Prob.*

A construcção destas *Thermas* durou sete annos: Salomão não empregou mais em edificar o templo de Jerusalem. Começadas no decimo-quinto anno do reinado de Diocleciano, foram dedicadas no anno de 293, pelos Augustos Constantino e Maximiano, e pelos Cesares Severo e Maximino, segundo o testemunho d'uma antiga inscripção:

CONSTANTINVS ET MAXIMVS INVICTI AVGG.  
SEVERVS ET MAXIMINVS CÆSS.  
THERMAS ORNAVER. ET  
ROMANIS SVIS DEDICAVER.

Aqui, como em todas as *Thermas* romanas, distinguiam-se differentes peças cujo todo prova a molleza desse povo degenerado. A primeira era o *apodyterium*, assim chamada porque n'ella se despojavam de seus vestidos; vinha depois o *frigidarium*, grande bacia onde se tomava o banho frio em commum. Pilastras, nichos e estatuas decoravam esta peça, em volta da qual havia, em forma de rodapé, duas ordens de assentos chamados *schola*. Aqui vinham assentar-se para conversar aquelles que assistiam aos banhos, sem nelles tomarem parte, ou que esperavam houvesse logar na linha. O banho tepido, *tepidarium*, seguia-se immediatamente ao frigidario. Era munido de duas grandes bacias sufficientemente largas para n'ellas se poder nadar com facilidade. A esta peça succedia o *sudatorium*, onde se tomava o banho de vapor. No meio estava um reservatorio d'agua a ferver que fornecia turbilhoens de vapor com que se enchia e aqueitava toda a sala. Subindo em nuvens espessas para a abobada, escapavam-se por uma abertura estreita fechada

com um escudo de bronze que se manejava de baixo com o auxilio d'uma cadeia, e que se abria como uma valvula quando a intensidade do calor era demasiado suffocante. Este banho não deixava uma libra do corpo em repouso. O sudatorium era aquecido por uma fornalha exterior, chamada *lacunicum*, cujas chaminas circulavam por baixo das lageas do pavimento e por traz das paredes, por meio de tubos conductores collocados na espessura dos muros. O *unctorium*, logar em que se depositavam os perfumes, e se unctavam os banhistas, completava o conjuncto dos banhos [1].

As *Thermas*, tam bem apropriadas ao luxo e à molleza dos ultimos Romanos, eram o ponto de reunião geral de todas as classes de cidadãos. Parecia-nos ver chegar esses indignos filhos dos *Scipioens* e dos *Gracchos*, e essas matronas degeneradas, levados na sua liteira, e seguidos por uma longa fila de escravos d'um e outro sexo necessarios aos numerosos serviços reclamados pelo banho. Eram os *capsarii*, encarregados de guardarem os vestidos; os perfumadores, *unctores*; os epiladores, *alipili*; os esfregadores, *tractatores*. Destes ultimos eis qual era o emprego: Ao sahir do sudatorio, o banhista estendia-se n'um leito de repouso, e um joven esfregador, homem ou mulher, começava por lhe comprimir todo o corpo, por viral-o e torçal-o a virar, até que os membros se houvessem tornado brandos e flexiveis. Então fazia estalar sem esforço as articulaçoens, esfregava e petrificava por assim dizer a carne, sem fazer experimentar a mais ligeira dor. Pas-

---

[1] Galliani, *Pinturas dos banhos de Tito*, etc., etc.

sava depois ás fricções; com a mão armada de um *strigilum*, raspador de ponta ou marfim cavado em forma de colher e arqueado de maneira que roçasse um pouco a redondeza dos membros, esfregava vivamente a pelle, e tirava todas as impurezas que a transpiração podèra fazer nella ajuntar.

Vinha então a depilação dos sóvacos que o *alipila* praticava, quer por meio de pinçasinhas, quer com o auxilio d'um unguento. Terminada esta operação, chegava o perfumador, com as mãos carregadas de vasos cheios d'aromas. Começava por esfregar ligeiramente o banhista com um linimento de banha de porco e helleboro branco, para fazer desaparecer as comichoens e borbulhas; depois, com oleos e essencias perfumadas, contidas em redomasinhas de ponta de boi ou rhinoceronte, enchia todos os poros. Depois vinham-lhe outros escravos; uns enchugavam-lhe o corpo com pannos de linho ou de lan fina e macia; outros embrulhavam-o n'uma gausapa escarlata, manto mui quente e felpudo. Finalmente, todos se reuniam para levar o *sybarita*, mettê-lo n'uma liteira fechada, e reconduzê-lo a casa.

De noite e de dia estavam as *Thermas* abertas, e de noite e de dia uma multidão solícita, ruidosa, voluptuosa inundava os porticos, as sallas e os jardins. Reuniam-se na *Pinacotheca*, salla immensa que ainda existe, e da qual Miguel Angelo fez uma das mais sumptuosas egrejas de Roma. Desde o reinado de Sixto IV é conhecida pelo mundo inteiro sob o nome de *Santa Maria dos Anjos*. Ao entrar nella, fica-se logo impressionado ao aspecto das suas oito columnas antigas, de granito vermelho d'um só pedaço de 16 pés de diametro

sobre 43 pés d'altura : o comprimento total da egreja é de 336 pés. A salla dos banhos propriamente dicta tem 308 de comprimento sobre 74 de largura e 84 d'altura : é a maior abobada conhecida. A sua extensão, o seu pavimento de mosaico, as suas pinturas a fresco, as suas columnas de marmores preciosos, faziam desta salla incomparavel a maravilha das Thermas de Diocleciano, sendo ellas mesmas a maravilha da cidade eterna.

Se, todavia, ao visital-a a imaginação se exalta, aperta-se o coração. Pois crear gigantescos palacios para saciar mais magnificamente as suas paixoes desenfreadas, eis o uso em que esses Romanos, que não tinham um hospital, empregavam as riquezas do universo, e os braços de seus escravos, e a vida dos christãos ! Pode a gente, sem se enternecer até o ponto de derramar lagrimas, pensar que estas Thermas sumptuosas foram construidas por 40,000 christãos condemnados ás miras, e cujo sangue espalhado pela fé inundou esses logares regados com os seus suores e cimentou essas paredes elevadas pelas suas mãos (1) ! Providencia do meu Deus ! como não vos admirar ! Augusto obedece á sua vaidade, ordenando o censo do imperio, e proclama o cumprimento das prophcias ; Herodes, dirigido pela sua cruel ambição, quer matar o Menino Rei, e ganha só o horror do genero humano : Diocleciano manda levantar Thermas para a devassidão, e construe um sanctuario á Rainha das Virgens ; finalmente, em tanto que todas as outras Thermas romanas não são mais que ruinas informes, as de Diocleciano, edificadas pelas mãos dos martyres, subsistem na

---

(1) Baron. *Annal.* t. III, anno 298. n. 9 et seqq.

sua mais nobre parte: como monumentos authenticos da impotencia dos perseguidores, e do triumpho evidentemente divino dessa religião, que tem a virtude de imprimir o sello da immortalidade a tudo o que toca.

Santa Maria dos Anjos é servida pelos Carthusos, cujo convento occupa parte das Thermas. Dirigidos pelo bom padre Bruno, francez de nação, loreno de nascimento, visitamos em todas as suas partes esta magnifica egreja, toda resplandecente d'ouro, marmore e pintura. Possue quatro paineis, primores d'arte da melhor epocha: a *Queda de S. Simão o Magico*, por Pompeo Battoni; *S. Basilio recusando a communhão ao imperador Valente*, por Subleyras; o bemaventurado *Nicólau Albergati*, de Hercules Groziani. Sabe-se que o santo arcebispo foi enviado pelo summo Pontifice a Henrique VIII, rei d'Inglaterra, a fim de o fazer voltar á unidade catholica. — « Que prova me dais vós, diz o principe, da verdade do que me propondes? — Qual vós quizerdes, responde o B. Albergati. — Crer-vos-hei, se fizerdes subitamente tornar-se negro esse pão branco que traz o meu pagem. » O santo fez o signal da cruz sobre o pão que se tornou negro. O monarcha creu, mas não se converteu; os demonios tambem crêem, e a sua fé só serve para os atormentar. Esta scena dramatica está perfeitamente representada; é tal a disposição das sombras e da luz, que a gente crê assistir a ella. No côro está a famosa pintura representando o martyrio de S. Sebastião, obra classica do Dominiquino. A maioria das pinturas, que ornam Santa Maria dos Anjos, procedem de S. Pedro, onde foram substituidas pelos mesmos assumptos pintados a mosaico.



Da egreja passamos á veneravel capella das reliquias. Que thesoiro ! Em volta de nós, membros despedaçados pelo dente dos leões ou pela machadonha dos lictores ; corpos santos inteiros ; redomas cheias de sangue ; martyres de todas as classes, mas sobretudo militares. Salve ó vós, cujas mãos construíram este edificio que foi regado com o vosso sangue, Maximo, chefe de legião, apostolo dos vossos soldados ; Marcello, Centurião, que mostrastes o caminho do martyrio aos vossos gloriosos companheiros ; Claudio, Luperco, Victorio, Facundo, Primitivo, Heterio, Chelidonio, Fausto, Januario, Marcial, Servando e Germano. Salve ó vós, Saturnino, veneravel ancião, que ereis alliviado dos fardos impostos nos vossos miúdos hombros, pelos martyres que os levavam ; salve ó vós, illustre patricio, charitativo Thrasão, que alimentaveis em segredo vossos irmãos extenuados pela fome e fadiga, e que, em premio das vossas liberalidades, recebestes do novo Pharaó a corôa do martyrio, e da Egreja reconhecida a honra de dardes o vosso nome a uma das mais celebres catacumbas. O' vós em fim, familia inteira immolada pela fé, salve ! N'um relicario superior apparecem as cabeças do pae e da mãe ; por baixo, o irmão e a irman, creancinhas d'uns nove a dez annos, com as carnes e os ossos bem conservados, estão de joelhos, tendo cada um na mão uma garrafinha cheia do seu sangue, como para fazerem homenagem da sua victoria áquelles que com a vida lhes deram a fé. Não acabaria, se quizesse nomear todos os martyres, cuja presença consagra esta veneravel capella.

Deixando a egreja onde todas as faculdades da nossa alma haviam encontrado tantos gozos, obser-

vamos a bella estatua de S. Bruno e o busto de marmore branco do cardeal Alciati, com esta inscripção de sublime simplicidade :

VIRTUTE VIXIT  
MEMORIA VIVIT  
GLORIA VIVET.

Parece-nos difficil dizer melhor e mais em menos palavras.

Quando haveis deixado a praça de *Termini*, se voltais á direita, chegais em breve diante da egreja e do mosteiro da *Conceição*. Tal foi a direcção que nós tomamos, porque queriamos visitar o cemiterio dos Capuchinhos. Quem não tem ouvido fallar deste celebre cemiterio? Quem vem a Roma sem o ver? O irmão Bernardo a quem estavamos recommendados, esperava no umbral da egreja. A vista d'um capuchinho produziu sempre em mim viva impressão : nunca eu encontrava nas ruas de Roma alguns destes bons padres, destes verdadeiros amigos do povo, com sua comprida barba, seu habito de burel cõr de castanha, seu cinto de coiro e sem outro calçado que sandalias usadas, com a cabeça descoberta e o alforge ás costas, que me não inclinasse ante este milagre vivo da charidade e da divindade do Christianismo. Até tenho a pretensão de que se algum dos velhos Romanos, cuja cidade percorrem os humildes filhos de S. Francisco, voltasse a este mundo, e encontrasse o mesmo prodigio, o admiraria tanto e talvez mais que eu.

Duplicadamente agradavel nos foi a apparição do excellente irmão que devia ajudar-nos a satisfazer a nossa legitima curiosidade. Indo atraz

delle, seguimos em silencio um comprido corredor, guarnecido de numerosos retratos de santos, cardeaes e homens eminentes sahidos do austero instituto. D'alli, atravessando o côro da egreja, descemos, por uma estreita escada, ao sanctuario dos mortos. Abre-se uma porta, e vós ficaes atônitos, immoveis, no limiar. Que espectaculo! vastos carneiros, bem alumados, cujo solo é cortado por covas coroadas d'uma cruzinha, em tanto que a abobada e as paredes estão ornadas de ossos humanos. Digo *ornadas*, porque com esta materia de novo genero se executaram desenhos, florens, grinaldas e até lustres suspensos sobre a vossa cabeça. O circuito dos carneiros está guarnecido de *tibias* collocadas com symetria e formando, de distancia em distancia, nichos espaçosos ou *loculi* semelhantes aos das Catacumbas. Alli, na attitude da oração ou do somno, apparecem mortos velhos e novos, todos filhos do claustro, revestidos do seu habito grosseiro e com o crucifixo na mão. A vista destes corpos escapados, ao menos em parte, á dissolução da sepultura, penetra-vos não sei de que terror religioso, moderado pelo inalteravel socego das physionomias e pelos numerosos emblemas da futura resurreição.

Pretende-se que este mosaico de mortos e obra d'um homem que, para escapar á justiça, se refugiara no recinto do mosteiro; faz-se remontar a sua estada ao fim do XVII.º seculo. Como quer que seja, os religiosos permittiram este trabalho, se não são os auctores delle.

Aos olhos do mundo *brincar assim* com ossadas pôde parecer profano; mas para o christão, para o religioso em especial, esta especie de familiaridade respeitosa com a morte é uma consequen-

cia da victoria que alcançou sobre ella : vê-se que elle não a teme. Dil-o-hei? Era com a serenidade na fronte e o sorriso nos labios que o bom padre de barba já grisalha, nos fazia ás honras do cemiterio onde descanzam seus irmãos, e no qual elle mesmo irá em breve occupar o logar que o espera.

Um raio de felicidade illuminou o seu bello rosto, quando nos propoz acompanharmol-o á egreja: tinha que fazer-nos testemunhas d'um espectáculo mui differentemente alegre para elle e maravilhoso para nós. Pensais talvez que se tractava de nos descobrir o celebre quadro de *S. Miguel*, primor de arte do Guido, ou o inimitavel *S. Francisco*, do Dominiquino? Oh não! as maravilhas da arte deviam desaparecer ante uma maravilha que só Deus pôde operar. Entrando antes de todos n'uma capellinha lateral, o padre accendeu duas tochas, afastou o frontal movel do altar, tirou uma cortina de sarja vermelha, depois abriu um tumulo de madeira; então foi-nos dado ver o que deveriam ir ver todos aquelles que dizem: *Se eu visse um milagre, creeria.*

Alli, pois, ante os nossos olhos, estava docemente deitado, com a cabeça coberta de seus cabellos embranquecidos pelos annos, o queixo ornado da sua linda barba, os olhos semi-abertos, as faces rosadas, o sorriso nos labios ainda vermelhos, as mãos brancas, os pés de carne e osso, com as veias salientes: um pobre capuchinho, fallecido ha noventa e cinco annos. Quereis saber o seu nome? chama-se, o veneravel servo de Deus, frei Crispino de Viterbo. A sua historia è comprida, porem vou dizel-a em algumas palavras.

A 13 de novembro de 1668, nasceu em Vi-

terbo, de paes honrados e religiosos, um menino que recebeu no baptismo o nome de Pedro. Vinte e cinco annos depois, um mancebo de boa-presença, de pureza angelica, de doçura e amenidade encantadoras, estava ajoelhado diante da porta do convento dos capuchinhos da sua cidade natal, pedindo com lagrimas a honra de revestir o humilde habito de S. Francisco. Este favor foi-lhe concedido. A partir do dia da sua profissão, as cabanas e os castellos dos Estados Romanos viram, por espaço de quarenta annos consecutivos, o moço Pedro, tornado frei Crispino, pedir esmolas para o convento. As dadivas que recebia eram sempre pagas em oraçoens e muitas vezes em milagres. Aos oitenta annos, o veneravel irmão percorria ainda, com o alforge ás costas, as cidades e aldeias. Mas então o seu nome estava em todas as boccas, o cheiro das suas virtudes attrahia os povos após de si, e a mesma purpura se inclinava ante elle. Falleceu em Roma, e a voz do povo, voz de Deus, proclamou a sua felicidade no ceu, e o Ceu ratificou o testemunho da terra. O homem de Deus, enterrado como seus irmãos, sem ser embalsamado, no cemiterio commum, foi, por motivo do rumor de novos milagres, tirado d'elle intacto e vermelho, como nós o vimos, como todo o viajante pôde vel-o.



## **12 de Dezembro.**

A Camara dos grandes homens.

« Quando eu estava em Athenas, e um dia, segundo o meu costume, ouvira Antiocho no gym-

nasio de Ptolomeu, com M. Pisão, Quinto, meu irmão, C. Pomponio e Lucio Cicero, meu primo direito, a quem eu amava como se fosse meu irmão, resolvemos ir, de tarde, passear juntos á Academia, porque áquella hora não estava lá quasi ninguem. Combinamos todos que o ponto de reunião seria em casa de Pisão; e d'alli, conversando sobre diversos assumptos, andamos os seis stadios, da porta Dypyla á Academia. Chegados a este bello sitio, tam justamente celebre, encontramos nelle toda a solidão que queriamos, e então nos disse Pisão:

— É uma coisa fundada na natureza, ou só um erro da nossa imaginação, que quando vemos os logares habitados por grandes homens, nos sentimos mais commovidos, como me succede agora, que quando ouvimos fallar delles, ou quando lêmos algum dos seus escriptos? Aqui não posso deixar de pensar em Platão; aqui conversava Platão com os seus discipulos; estes jardinsinhos, mui proximos de nós, me tornam tam presente a memoria do philosopho, que quasi m'a poem diante dos olhos. Aqui passeavam Spensippo, Xenocrates e o seu discipulo Polemão, que se assentava ordinariamente neste sitio. . . Finalmente estes logares teem n'um grau tam eminente o poder de excitarem o nosso pensamento, que não foi sem razão que se fundou sobre elles a arte da memoria.

— Sim, certamente, Pisão, replicou Quinto, esse poder é grande; eu mesmo pouco ha, quando me dirigia aqui, virava os olhos para essa villa de Colona onde Sophocles morava, e senti-me commovido, e pensei, em certo modo, ver

esse poeta, a minha admiração e as minhas delicias, como sabeis..

— E eu, diz Pomponio, a quem vós fazeis guerra por ter adoptado os sentimentos d'Epicuro, cujos jardins acabamos de passar, dirijo-me a elles muitas vezes com Phedro, que amo tanto, como sabeis, e, advertido pelo antigo proverbio, não esqueço os vivos.

« Eu repliquei então:

— Sou do vosso parecer, Pisão, os logares onde estiveram homens illustres fazem-nos de ordinario pensar nelles mais viva e attentamente. Sabeis que fui uma vez comvosco a Metaponte, e que só entrei em casa do meu hospede depois de ter visto o logar onde Pythagoras passara a vida, e o assento de que se servia. A exedra onde ensinava Charmadas não é para mim sem interesse; penso vel-o, porque conheço as suas feiçoens, e parece-me que aquelle mesmo assento, que ficou orphão d'um tam grande genio, chora ainda o já o não ouvir (1).»

Tambem nós devíamos ver: os logares habitados por grandes homens, entrar em sua casa, visitar a sua camara, tocar objectos que suas mãos haviam tocado. Os sentimentos experimentados em Athenas por Cicero e seus amigos, experimentados por todo aquelle que visita a habitação d'um personagem celebre, iam ser os nossos; que digo? deviam ser tanto mais vivos quanto eram sanctos os grandes homens cuja habitação tinhamos de percorrer.

Pelas sete horas da manhan caminhavamos nós para o *Gesu*. O excellente padre de V. . . . me

---

(1) Ciccr. de *Finib.* v. 1, 2.

alcançára o insigne favor de offerecer os santos mysterios no proprio quarto de Santo Ignacio. Que de recordaçoes ! que de monumentos eloquentes neste logar bemdicto ! Um modesto altar está armado n'uma camara de alguns pés quadrados , oblonga, baixa, irregular, allumiada por uma só janella : é o quarto onde viveu , onde morreu Santo Ignacio , onde morreu S. Francisco de Borgia , onde S. Luis de Gonzaga pronunciou os seus votos nas mãos de Santo Ignacio, e Santo Estanislau Kostka nas de S. Francisco de Borgia. Foi aqui , no mesmo altar , que S. Carlos Borromeu disse a sua segunda missa, e S. Francisco de Sales muitas vezes a sua ; foi aqui que S. Philippe de Neri , apostolo de Roma , tantas vezes coaversou com Santo Ignacio ; aqui foram concebidos , fundados tantos projectos de zelo, dedicação e caridade tam vastos como o mundo, tam variados como as miserias dos filhos d'Adão. Eis linhas escriptas pela mão de todos aquelles grandes homens ; eis o acto original pelo qual os primeiros padres da Companhia de Jesus se obrigaram á obediencia e ao serviço da Igreja: está assignado pela mão de Ignacio, de Francisco Xavier, de Lainez, de Salmeron , etc. Eis o juramento que fez Estanislau de sustentar a Immaculada Conceição de Maria : está escripto pela sua mão e assignado com o seu sangue. Eis finalmente, n'uma sallinha visinha, os vestidos sagrados de um homem que a Igreja catholica pôde mostrar com orgulho aos seus amigos como aos seus inimigos: é o barrete e o cilicio do illustre e pio cardeal Bellarmino. Se levantais os olhos, vêdes o parasol tam gloriosamente historico, levado por S. Francisco Xavier , quando foi admittido á audiencia solemne de Fucarondono, rei do Japão Este



parasol, feito da casca d'uma arvore, distingue-se por meio de ricos desenhos a ouro, de bellissimo lavor, e reune à dimensão d'um pequeno guarda-chuva a leveza d'uma penna.

Adiante desta camara tantas vezes veneravel, onde eu acabava de offercer o augusto sacrificio, está outra mais pequena, na qual trabalhava Santo Ignacio. Foi alli que elle escreveu as suas immortaes constituçoens; é alli que a gente ainda o vê revestido com os mesmos ornatos sacerdotaes e com os pés cobertos do mesmo calçado. Depois de termos deixado livremente o nosso espirito e o nosso coração entregar-se a tudo o que póda experimentar o homem e o christão em logares cheios de semelhantes recordaçõens, voltamos á hospedaria onde passamos o resto do dia: bem preciso era aquelle tempo para assimilarmos o delicioso alimento que haviamos tomado pela manhã.



#### **14 de Dezembro**

*Vicus Patricius.* — Arcó de Gallieno. — Casa de S. Justino. — Egreja de Santa Pudencia. — Recordaçõens historicas. — Banhos de Timotheu. — Egreja de Santa Praxédes. — Mosaico. — Capella Borromea. — Columna de Flagellação. — Senado dos Martyres.

Mais que em todas as outras partes, em Roma não é sufficiente a primeira visita: è mister muitas vezes dirigir-se aos mesmos logares, estudar os mesmos monumentos. Cada palmo de terra que pizais, cada edificio que encontrais, revela uma historia, um facto que, por um privilegio da cidade eterna,

pezou com grande pezo sobre os destinos do mundo inteiro antes e depois da prègação do Evangelho. Voltando às cristas deseguaes do Esquilino, deixamos à direita Santa Maria Maior, para entrarmos na *via Urbana*, assim chamada do papa Urbano VIII que a mandou alinhar. A velha Roma sahia do seu triple leito de ruinas, e se mostrava aos nossos olhos com os seus nomes, os seus monumentos e as suas recordaçoes. Uma multidão de sombras patricias parecia rodear-nos: estavamos no antigo *vicus Patricius*. Deveu o seu nome aos patricios mandados para este bairro por Servio Tulho, que queria impedir-lhes formassem novas tramas. Não longe d'alli estava o lubrico theatro de Flora e um templo de Diana. Propercio tinha aqui a sua habitação; não podia estar mais bem situada (1). Como a voluptuosidade gera sempre a baixeza da alma, não nos admiramos de encontrar na vizinhança um arco de *travertin* (2), d'um trabalho mediocre, elevado em honra de Gallieno, e que tem esta inscripção onde respira a adulação levada até à idolatria:

GALLIENO INVICTISSIMO PRINCIPI  
CVIVS VIRTVS SOLA PIETATE SVPERATA EST  
M. AVRELIVS DEDICATISSIMVS NVMINI  
MAJESTATIQUE EJVS.

A todos estes monumentos profanos, a todos estes homens de triste memoria succederam monumentos e personagens que occupam um glorioso

---

[1] Et dominum Esquilis dic habitare tuum.  
*Eleg.* 22, *lib.* III.

(2) Pedra calcarea d'um branco amarellado —  
N. do traduct.

logar na historia da Igreja nascente. Vindo do Oriente para defender a fè, S. Justino habitou nestes sitios. « Até agora, diz o celebre Apologista, tenho morado ao pé da casa de Marcio, vizinha dos banhos de Timotheu (1). » Não longe erguem-se as veneraveis igrejas de Santa Pudencia e de Santa Praxédes, com as thermas de seus irmãos Timotheu e Novato. Assim, pizavamos a terra que pizou primeiro S. Pedro, depois S. Paulo, depois uma multidão de christãos illustres. Chegado a Roma, no anno 44, com a incrível pretensão de plantar a cruz no alto do Capitolio, o chefe dos pescadores galileus desceu primeiro alem do Tibre, ao bairro dos Judeus. Em breve converteu o senador Pudente, sua mãe chamada Priscilla, seus dois filhos Novato e Timotheu, bem como suas duas filhas Praxédes e Pudencia com seus creados. A casa destes fervorosos neophytos tornou-se a habitação do Apostolo (2).

O que o cenaculo foi em Jerusalem, o veio a ser esta santa casa em Roma. O vigario de Jesus Christo celebrou n'ella os augustos mysterios, presidiu n'ella ás synaxes, deu nella a sagrada unção a S. Lino e a S. Cleto, seus successores, e a sua missão aos numerosos apóstolos do Occidente (3). O proprio S. Paulo frequentou mais tarde a ha-

---

(1) Ego prope domum Martii cujusdam ad balneum cognomento Timothinum hactenus mansi. *Apol.* 1.

(2) Baron. an. 44. n. 61 ; an. 57, 71. *Annot. ad Martyrol.* Mazzolari, *Basiliche sacre*, t. VI, 163. Ciampini, *Monim. veter.* t. II, 143 — 150, etc.

(3) Mazzolari, *idem.* 163.

bitação de Pudente, e Deus sabe tudo o que os fundadores do Christianismo disseram, e fizeram naquelle veneravel logar em que nós estavamos. Entretanto havia-se declarado a perseguição; antes de serem gloriosas victimas della, sabeis qual era a occupação das jovens virgens Pudencia e Praxédes? Recolher os corpos dos martyres, tomar o seu sangue com esponjas e fazel-o correr para os vasos funerarios e para os poços aonde ellas desciam furtivamente os restos sagrados de seus irmãos; tal foi o perigoso objecto da sua incançavel charidade. A tradição constante, os monumentos escriptos, os quadros, as inscripçoens postas nas egrejas dedicadas à gloria das duas irmans, os poços fechados com uma grade de ferro, são outros tantos testemunhos desses factos aliás perfeitamente conformes com os costumes christãos.

A casa senatorial, veneravel por tantos titulos, foi, no segundo seculo, transformada em egreja, pelo papa S. Pio 1.<sup>o</sup> (1). Celebre na historia sob o titulo do *Pastor*, esta egreja, dedicada a Santa Pudencia, está, como dissemos, situada no *vicus Patricius*.

Ella offerece ampla colheita ao archeologo e ao christão; os mosaicos do côro são de grande antiguidade, e Bosio, de accordo com os outros antiquarios, não põe difficuldade em reconhecer por baixo do chão a existencia d'uma catacumba. Compõe-se de grande numero de camaras ou de *monumenta arcuata*, provavelmente restos dos ba-

---

(1) Se essa casa foi consumida pelo incendio de Nero, ou destruida por este principe quando edificou o seu *palacio d'ouro*, então seriam os restos ou o local que serviram á nova egreja.

nhos de Timotheu. Crê-se até que uma galeria subterranea ia ter ao cemiterio de Santa Priscilla, junto da porta *Salaria*. Foi alli que as illustres irmans depositaram cerca de tres mil martyres, immolados nas primeiras perseguiçoens (1). O poço onde foram descidos parte desses corpos sagrados está ainda na egreja, assim como o altar sobre que, segundo a tradição, offereceu S. Pedro o augusto sacrificio em casa do senador. Debaixo do altarmór descança, em grande parte, o corpo de Santa Pudencia. Que coisa mais justa que ser a heroína honrada no theatro mesmo do seu triumpho?

Restava-nos por visitar outro membro da familia senatorial. Passando á esquerda de Santa Maria Maior, chegamos em alguns minutos á egreja de Santa Praxêdes. Este novo sanctuario, dependencia da casa de Pudente, está edificado nas *thermas* de Novato. Asylò dos christãos primitivos, tornou-se, em 822, pelos cuidados do papa Pascal 1.º, no que é hoje, uma das egrejas mais veneraveis de Roma. O primeiro objecto que excitou a nossa attenção, foi o grande arco do côro (*tribuna*) formando o abside por cima do altarmór, entre a nave e o sanctuario. N'elle se vê um soberbo mosaico representando o ceu. O centro é occupado por uma cidade a que chegam, com as mãos carregadas de presentes, numerosos viajantes. Sob a figura de dois anjos, S. Pedro e S. Paulo estão em pé às portas. No meio da eterna cidade está o Rei dos seculos tendo na mão o globo. Os felizes habitantes da santa Jerusalem cercam o seu rei, com a cabeça cingida do diadema e palmas na mão. Da parte de fora da ci-

---

(1) Baron. *Annot. ad Martyrol.* 19 de janeiro.

dade apparece um anjo que indica o caminho aos peregrinos do ceu.

Do topo do arco destaca-se o monogrammo do papa Pascal, restaurador da egreja : mais abaixo está uma mão sahindo do ceu e sustendo uma corôa : è o emblema da Divindade ; e como ella descansa na cabeça de Nosso Senhor, indica a plenitude do seu poder real e sacerdotal. Nosso Senhor mesmo apparece em pé, com a mão direita estendida, no momento solemne em que dizia : « Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me a mim. » Isto torna-se evidente pela presença das ovelhas que estão a seus pés e dos santos que estão a seus lados. A' direita do Salvador está S. Paulo, vestido com uma tunica branca, na aba da qual se vê a letra P, monogrammo do Apostolo. Depois d'elle está uma joven virgem, Santa Praxédes ; traz um soberbo vestido d'ouro, ornado de pedrarias, e a sua mão, escondida debaixo d'um veu, sustenta uma corôa redonda, figura das oblaçoens offerecidas no altar pelos primeiros christãos. Em terceiro lugar, vem o papa Pascal, com a aureola quadriforme, tendo entre as mãos um modelo da egreja de Santa Praxédes. Como ornato, figura uma palmeira de verde folhagem sobre que está empoleirada a phenix, ave mysteriosa, symbolo da resurreição. A' esquerda do Salvador apparece S. Pedro, vestido de branco, apresentando a Nosso Senhor outra joven virgem, Santa Pudencia, vestida como sua irman. Depois della está um personagem vestido com uma dalmatica branca e com um livro ornado de perolas. Este livro representa o Evangelho, e tudo leva a crer que o personagem è o santo sacerdote Hennon cujo corpo des-

cança na egreja, Não podemos senão indicar rapidamente os traços salientes deste primeiro mosaico, digno de toda a attenção dos archeologos (1).

Desprendendo-se deste curioso monumento, os nossos olhares cahiram no altar-mor. E' uma obra soberba, coroada d'um docel, sustentado por quatro grandes columnas de porphyro. Foram dadas por S. Carlos Borromeu, cardeal do titulo de Santa Praxédes. Sobe-se ao sanctuario, construido sobre a crypta, por uma magnifica escada de dois lanços, cujos degraus são de marmore vermelho antigo: são, creio eu, os mais bellos pedaços deste marmore que se tornou extremamente raro. O painel do fundo é de Julio Romano, discipulo querido de Raphael. Representa Santa Pudencia e Santa Praxédes recolhendo com esponjas o sangue dos martyres, e fazendo-o correr para um poço: este quadro passa por uma obra admiravel.

A' direita da nave, descendo, está a capella da familia Borromea. Vimos a poltrona de madeira do santo cardeal, bem como a meza em que este principe da Egreja dava de comer aos pobres. No fundo da egreja está uma comprida prancha de marmore, protegida por uma grade de ferro, e que tem esta simples mas eloquente inscripção: *Neste marmore dormia a santa virgem Praxédes*. Não tenho difficuldade em crel-o: a mortificação é a mãe da charidade e o tirocinio do martyrio. No meio da nave se abre, rodeado d'uma grade, o poço veneravel onde a santa cumpria o mesmo dever que sua irman em casa de seu pae. Uma bella estatua apresenta a joven martyr de joelhos, sobre o orificio do poço, apertando entre as mãos uma esponja cheia de sangue.

---

(1) Ciampini, t. II, p. 250.

A' direita, tornando a subir, está o celebre oratorio de Santo Ilennon, martyr. E' tam bello o mosaico de que está adornado, tam harmonioso, que lhe chamavam *O Paraizo*.

O que delle resta, bem que damnificado pelo tempo, merece ainda todo o estudo do viajante (1). Duas razoens me impedem de fazer a sua descripção: a necessidade de ser breve, e a attenção secundaria que prestei a este primor d'arte. Como occupar-vos d'arte em presença d'outro objecto que vos absorve todo inteiro? E' aqui, nesta capella, que se conserva a columna a que Nosso Senhor foi preso durante a flagellação. Estavamos a dois passos deste monumento sagrado; estava ante os nossos olhos: repito, como pensar em outra coisa? Sabe-se que esta columna, religiosamente conservada pelos primeiros christãos, foi trazida do Oriente, em 1213, pelo cardeal João Colonna, legado da Santa Sé. E' de marmore oriental preto e branco, e pôde ter tres pés d'altura (2). Tres mil e trezentos martyres, cujos mais illustres são nomeados na taboa do papa Pascal 1.º, formam aqui o cortejo do Deus crucificado. Ora, todas estas ossadas de nossos pais, todas estas ondas de sangue christão, esta columna de vergonha e da dôr, onde o Salvador expiou a mais vergonhosa das nossas iniquidades, podiam ser mais bem collocadas que neste lugar? Santa Praxêdes está a dois passos do antigo theatro de Flora, cujas infamias fazem ainda córar a fronte menos

---

(1) Ciampini, t. II, p. 250, etc.

(2) Vêde Bened. XIV, de *Festis Dom.*, p. 184. Cornel. a Lapid. in *Matth* c. XXVII, v. 26, p. 524. Mazzol. t. VI, p. 167.



prudica. Crime, expiação, harmonia providencial, esta aproximação explica tudo.



### 15 de Dezembro.

Jejum rigoroso. — Pormenores ácerca do Mosaico. — Significação desta palavra. — Differentes especies de Mosaico. — Historia da arte. — Elementos do trabalho. — Sua composição. — Caracteres impressos nos vestidos. — Aureolas.

Era quarta feira das Temporas, dia de jejum rigoroso. O jejum rigoroso consiste em não comer ao jantar e á consoada, nem ovos, nem manteiga, nem leite, nem queijo: tudo se tempera com azeite. Fiel ao espirito da Igreja, conserva Roma a austeridade das antigas leis; porem, indulgente para com a fraqueza de seus filhos, ella conta só um pequeno numero de jejuos rigorosos. Este dia de penitencia foi consagrado ao estudo: investigar a origem do *mosaico*, os processos que emprega, o sentido e a razão das numerosas obras que offerece á admiração do viajante, foi o interessante trabalho que occupou as nossas horas vagas.

Obra *digna das Musas*, tal é a etymologia geralmente admittida da palavra *mosaico* (1). Mais religiosos em muitas coisas que os povos modernos, attribuiam os antigos aos deuses ou à sua inspiração o que parecia ultrapassar o engenho do homem. Ora, tal é a belleza e difficuldade das obras a *mosaico*, que elles as attribuiram ás divindades protectoras das artes. Conhecidas desde

---

(1) *Opus musicum*.

a mais remota antiguidade, estas obras de paciência, luxo e genio, parece terem passado da Persia para entre os Gregos que transmittiram o segredo e o gosto dellas aos Romanos. Sylla foi o primeiro que com ellas adornou o templo da Fortuna que edificou em Prenesto (1). Breve os monumentos publicos, e até as casas particulares brilharam com esta nova magnificencia. Seguindo a lei constante do espirito humano, começou-se por obras de mais facil fabricação. Os primeiros mosaicos consistiram na aproximação harmoniosa de bocados de marmores de diversas côres, representando quadrados, triangulos, losangos, circulos e outras figuras geometricas, cuja reunião symetrica formava um todo cheio de graça e variedade (2).

Esta especie de mosaico foi empregada para o pavimento dos palacios, das habitaçoens e das thermas. Os christãos transportaram o seu uso para as egrejas. Veremos della soberbas amostras em S. Clemente, em S. Silvestre e nos Quatro Santos Cozoados.

A arte fez progressos e quiz representar figuras de seres animados, animaes e homens. Cortaram pois em laminas mui delgadas marmores de diversas côres; aproximaram-as, harmonisaram-as de tal modo, que tiveram na realidade retratos de creaturas vivas (3). O interior da Cathedral d'Ancona, o mesmo frontispicio desta antiga egreja, nos offereceu, mais tarde, imagens de santos, devidas a esta nova especie de mosaico.

---

(1) Plin.

(2) *Opus tessellatum*.

(3) *Opus sectile*.

Comprehende-se que a difficuldade de serrar e talhar o marmore em folhas assaz delgadas devia ser por muito tempo um obstaculo ao acabado do trabalho. Todavia loctou-se contra a propria natureza, e acabou-se por chegar à perfeição. Os antigos fizeram com o marmore, e que os *Gobelins* (1) fazem com a lan, e quadros dignos do pincel de Raphael, sahiram da officina do mosaista. Todo o viajante sabe que as pinturas do grande mestre foram copiadas em mosaico. em S. Pedro a copia substitue o original, e tal é a illusão, que a não serdes advertido tomais infalivelmente o mosaico pela propria tela [2].

Ha pois tres especies de mosaicos: o *grande* mosaico, de que os antigos formavam o pavimento dos seus monumentos, e que representava figuras geometricas e *arabescos*. O mosaico *medio*, servindo para a decoração das paredes e podendo, bem que debaixo de traços mais ou menos imperfeitos, representar creaturas organicas. O *pequeno* mosaico, capaz de competir com o pincel na viveza da tinta, na harmonia das cores e na perfeição da similhança. Estas tres especies de obra, mas especialmente as duas primeiras, foram prodigalisadas pelos Romanos com um luxo que accusa, tanto as suas riquezas colossaes, como o seu incrível sybaritismo.

---

(1) [*Gobelin*, nome propr.] Fabrica de tinctura e tapessaria em Paris. [N. do traductor.]

[2] *Opus vermiculatum*. *Opus minutis adeo lapillis formatum ut vermium aspectum cominus repræsentet, qui dorsum variegata macularum serie tot veluti punctis depictum habent.* Ciam-pini, *Montm. veter.* t. I, p. 81.

Restaurador de todas as coisas , apressou-se o Christianismo a restituir as artes ao seu verdadeiro destino : o mosaico foi empregado com visivel predilecção em decorar as egrejas. Pintura immortal, era elle eminentemente proprio para fixar factos, recordaçõens, dogmas que não perecem. Assim é que o vêdes resplandecer em todos os grandes sanctuarios da cidade eterna. Com as sciencias e as artes pereceu o mosaico no grande cataclysmo que se seguiu á inundação dos Barbaros. Foi um frade, um beneditino, um abbade do Monte Cassino que, de Constantinopla, trouxe de novo o segredo d'elle ao Occidente. « Este homem, diz Leão de Ostia, cheio de sabedoria, teve grande cuidado de fazer estudar esta arte aos seus religiosos, com receio de que ella viesse a perder-se novamente entre nós. [1]. »

Os precedentes dados bastavam para nos fazerem admirar com mais intelligencia os mosaicos de que estavamos cercados ; sem embargo, não estava satisfeita a nossa curiosidade. De que se compõe o mosaico ? Que processo se emprega para dar áquelles quadros o colorido e a perfeição que os fazem verdadeiros primores d'arte ? Eis ahi o que tinhamos a saber. A visita das officinas de Roma, e sobre tudo de S. Pedro, nos deu a resposta.

Duas coisas entram na composição do mosaico, as *pequenas pedras* ; isto é, os pequenos bocados de marmore, de porphyro ou de vidro, *lapilli*, e a *cola*, *gluten*. O vidro é o elemento ordinario do pequeno mosaico. Estando preparada

---

[1] *In chronico monast. Cassin. cap. 29.*

a materia vitrificavel, mistura-se-lhe a côr, depois lança-se n'um cadinho que, por espaço de oito dias, fica exposto no forno a um fogo ardentissimo. Terminada a cozedura, toma-se esta materia em fusão com uma colher de ferro e estende-se n'uma taboa de marmore cavada de algumas pollegadas, á qual se sobrepõe outro marmore polido a fim de obter uma camada perfeitamente igual. Depois desta operação, que tem lugar para os vidros de todas as côres, levanta-se a folha vitrea, que pôde ter tres ou quatro linhas de grossura. No seu lugar se põe o que os Italianos chamam o *Tagliuolo*, especie de escalpello ou faca comprida mui delgada; é collocado sobre as costas, de modo que o fio divide em laminazinhas oblongas a folha de vidro que se lhe apresenta, e sobre a qual se bate devagar com um martellinho. Tal é o modo de obter as chapas para o grande mosaico.

Quando se tracta do mosaico fino, não se emprega nem a faquinha, nem o maço, mas a serra. Outras vezes moldam-se em forma de tubosinhos os vidros que se querem empregar; poem-se depois ao fogo para os *obturar* e arredondar; muitas vezes até se recorre-à roda. Neste caso, cortam-se os pedaços de mosaico como o diamante e os metaes; este ultimo meio dá os mais perfeitos resultados. Tracta-se de obter laminas doiradas? não se mistura o oiro à materia, mas quando esta sahe do forno em fusão, cobre-se de folhas de oiro, depois torna-se a pôr ao fogo, e è tala adherencia, que o oiro não pôde ser mais separado della. Tal é a formação do primeiro elemento do mosaico.

Resta a preparação da cola que os Italianos

chamam *lo stucco*, destinada a ligar entre si todos estes bocados de vidro. Os antigos empregavam para a formar a cal viva com uma mistura de pó de marmore, agua commum e claras d'ovos; mas a experiencia mostrou que esta composição era defeituosa. Applicada em camada sobre a fôrma destinada a receber o mosaico, secca tam depressa, que não permite ao artista o collocar o vidro com a conveniente precisão. Os artistas christãos descobriram outra melhor: tomam uma parte de cal viva, tres partes de pó de marmore de Tivoli e uma d'outra especie; esta mistura é diluida com oleo de linhaça e mexida, todos os dias, com uma colher como a argamassa. Esta operação renova-se por espaço de oito, quinze e até vinte dias, conforme a temperatura da logar e da estação.

Eis aqui os signaes por que se reconhece a fusão perfeita de todos os elementos: a massa incha logo e se eleva em forma de pyramide; durante este trabalho, a agua que ficou na cal viva se evapora e a massa endureceria se não se tivesse cuidado de a regar d'oleo. Em tanto que restam algumas partes aquosas, não tarda uma nova fermentação a manifestar-se. Rega-se de novo, até que a massa lique fixa e malleavel, de modo que estendendo-a já não se levanta, já não endurece, mas toma a consistencia d'um unguento viscoso.

Eis ahi os elementos do mosaico preparado. Poem-se em obra do modo seguinte: espalha-se uma camada de cal na parede que se quer pintar: aliza-se perfeitamente esta camada em que se fazem, de distancia em distancia, boraquinhos, a fim de que o mosaico pegue mais fortemente. Espalha-se a cola por toda a superficie e collocam-se, segundo o desenho dado, as laminas de vidro

que devem formar o quadro. Estas laminas ou antes estes bocadinhos quadrados tem duas ou tres pollegadas de comprimento sobre algumas linhas de altura ou face. Oito pollegadas quadradas de mosaico ordinario custam tres francos pouco mais ou menos; o mosaico fino é muito mais caro, e um quadro deste genero, bem executado, deve ser sem preço.

Examinando nas egrejas de Roma os seus numerosos primores d'arte em mosaico, observam-se, nos vestidos dos personagens, certos caracteres alphabeticos cuja explicação tem occupado muito os sabios. Inutil trabalho; o enigma resta, a não ser que se diga com Ciampini, « que estes caracteres são a firma do artista (1). »

Mais feliz foi a sciencia em suas investigações acerca dos ornatos que rodeam a cabeça das principaes figuras. As tradições e os monumentos da historia sagrada e da profana lhe ensinaram que a *aureola* quadriforme indica um personagem vivo; que a aureola circular, symbolo da perfeição, é o attributo dos personagens mortos e o signal distinctivo da sanctidade, como a aureola raiada, isto é, ornada de raios e estrellas, é o ornato exclusivo da Divindade. O conhecimento destes signaes dá a chave de certos quadros mysteriosos, dos quaes se consegue assim descobrir o assumpto e até determinar a epocha (2).

---

(1) *Monum. veter.* t. I, pag. 98-105.

(2) Vêde Ciampini. *ibid.* 106.



## 16 de Dezembro.

O Capitolo antigo. — Templo de Jupiter. — Cidadella. — Curia calabra. — Rocha Tarpeia. — Intermontium. — The-soiros. — Capitolio moderno. — Museu e galeria. — Egreja d'Ara-Cœli. — Revelação de Augusto. — Prisão Mamertina.

Impacientes de estudarmos o coração da antiga Roma, suspendemos o curso das nossas investigaçoens no bairro de' Monti, e, sob a direcção d'um guia intelligente, atacamos a região do Capitolio. Neste nome solemne que de recordaçõens! Não esquecerei na minha vida a especie de estreme-cimento que me percorreu os sentidos quando, pela primeira vez, vi estes formidaveis logares aonde, por espaço de tantos seculos, vieram acabar, n'um desfecho sangrento, os gigantescos duellos de Roma e do mundo. Entrados que fomos na rua d'Ara-Cœli, em breve tivemos em perspectiva a esguia crista da famosa montanha. Sobe-se a ella sem difficuldade por uma larga escada que conduz à plata-forma. Por todas as partes se apresentam os emblemas da força: no fundo das balaustradas da escada dois leões egypcios de granito negro, os mais bellos que se conhecem; e, no cimo da escada, duas estatuas colossaes, de marmore pentelico (1), de Castor e Pollux, collocadas ao lado dos seus cavallos. Estas obras-primas da esculp-tura antiga foram achadas, no tempo de Pio IV, no *Gheto*, ou bairro dos Judeus. Duas columnas se seguem às estatuas: a da direita, subindo, é a columna milliaria que marcava a primeira milha

---

(1) Assim chamado d'uma montanha junto d'Athenas, d'onde se tirava. — N. do traduc.



da via Appia, onde foi encontrada em 1584; a columna collocada á esquerda foi feita para irmanar com a primeira.

Segundo o nosso costume, estudamos o Capitolio tal qual elle era outr'ora e tal qual é hoje. Ora, se nós houvessemos vindo a estes logares, ha dois mil annos, eis aqui o que se teria offerecido aos nossos olhos: Diante de nós, uma montanha escarpada, cercada de muralhas cyclopeas e flanqueada de torres inexpugnaveis (1), cujas substrucçoens da banda do Forum ainda se vêem: obra gigantesca, formada de grandes pedaços de *traver-tin*, sobrepostos sem argamassa, como a abobada do grande encanamento de Tarquinto. A' esquerda, o templo tam santo e temido de Jupiter Capitolino; á direita, a cidadella de Roma e a rocha Tarpeia; no meio, o Intermontium ou a *Ara*; primeiro, bosque de carvalhos, depois espaço livre, mas sempre o asylo mais inviolavel dos Romanos. Em toda a extensão da planura uma multidão de *Edi-culas* ou pequenos templos, consagrados aos numerosos idolos que Roma adorava; finalmente portas de bronze, mais indestructiveis que as muralhas, e fechando o formidavel recinto. O Capitolio era pois, por excellencia, o coração de Roma antiga, o sanctuario do mundo pagão, a cidadella do despotismo e a fortaleza do inferno.

Pela sua riqueza, pelo seu nome formidavel, pelo deus a que era consagrado, era o templo de Jupiter Capitolino o logar mais venerado do mundo antigo. A sua forma era a d'um parallelogrammo de duzentos pés de comprimento sobre noventa de

---

(1) Capitoli arcem ne magnis quidem exerciti-  
bus expugnabilem. Tacit. *Hist. lib. III.*

largura, cercado de tres lados d'uma soberba columnata de marmore. A sua fachada, virada entre o Oriente e o Meiodia, compunha-se d'um perystilo onde tres ordens de columnas sustentavam um frontão magestoso, coroado de estatuas de bronze dourado e terminado por uma quadriga igualmente de bronze. As columnatas lateraes formavam cada uma um portico somente de duas ordens (1). Por cima da porta brilhava uma longa serie de escudos dourados, entre os quaes se admirava o escudo d'ouro d'Asdrubal, soberbo tropheu arrebatado por Marcio, vingador dos Scipioens em Hespanha. Das columnas, dos frisos do perystilo principal, pendiam tropheus militares: eram as armas dos generaes inimigos, achas mortiferas, escudos crivados de golpes, pendoens de todas as naçoens, espadas enferrujadas com o sangue. Alli, viam-se prôas de navios carthaginezes; mais adiante, capacetes gaulezes, a temivel espada de Brenno, os despojos de Pyrrho, os estandartes dos Epirotas, os cones armados de pontas dos Ligurios, os gesos (2) dos habitantes dos Alpes e mil outros ainda. Pelo seu aspecto, este respeitavel edificio bem annunciava o templo orgulhoso d'onde o povo romano arrojava o raio, em tanto que, pelos despojos suspensos á sua architectura, parecia ser o bazar da victoria.

Uns degraus de marmore conduziam a este templo cuja porta e cujo umbral eram de bronze (3). O interior correspondia dignamente ao exterior

---

(1) Tit. Liv. X, 23.— Plin. XXX, 12.

(2) Arremeçoens, dardos, venabulos (que eram todos de ferro) dos celtas e gaulezes. (N. do traduc.)

(3) Vêde Donati, *Roma vetus et recens*, lib. II, c. 5.

e dividia-se em tres naves, formando como tres templos, que tem lados communs; porque, ainda que o Capitolio fosse especialmente consagrado a Jupiter, veneravam-se tambem nelle Juno, rainha, e Minerva. Jupiter occupava a nave do meio, Juno a da esquerda, e Minerva a da direita: o pai dos deuses achava-se assim entre sua mulher e sua filha. Debaixo do templo havia um logar sagrado onde se conservavam os livros sibyllinos. A edicula, ou sanctuario de Jupiter, tinha, como o templo exterior, um frontão coroado d'uma quadriga; a sua abobada era doirada, e o seu pavimento de mosaico; o deus estava assentado, com a cabeça ornada d'uma corôa d'ouro, raiada e a cara pintada de vermelhão; uma toga de purpura formava o seu vestido; na mão esquerda tinha uma lança em guisa de sceptro, e na direita um raio d'ouro (1).

Era n'este templo formidavel, n'esta especie de centro da terra, primeira morada de Jupiter depois do ceu (2), segundo a expressão dos Romanos, que vinham os generaes dirigir supplicas á divindade antes de partirem para a guerra, e acçoens de graças depois das suas victorias; que os povos estrangeiros ambicionavam o favor de offerecerem sumptuosos sacrificios, e que foram consagrados tantos despojos tingidos do sangue das naçoens. Accrescentemos que este vasto edificio era inteiramente coberto de telhas de bronze doirado, á excepção da cupula que não tinha outra abobada que o ceu.

---

(1) Plin., XXIII, 7.

(2) Tit. Liv., XXXVI, 35. — XLIV, 14. — XLV, 13, 44.

Como para servirem de cortejo ao senhor dos deuses, viam-se enfileiradas em volta do templo as estatuas dos principaes habitantes do Olympo e dos grandes personagens de Roma.

Alli estava o famoso Hercules de bronze, tomado na cidadella de Tarento, e consagrado por Fabio Maximo; o Apollo trazido do Oriente por Lucullo e de quarenta pés d'altura; um Jupiter de bronze, d'altura colossal, fabricado com os elmos e as corraças dos Samnitas, vencidos por Spurio Servilio; e outro, maior que o primeiro, elevado por ordem dos aruspices para applacar os deuses irritados com as guerras civis; a estatua equestre de bronze doirado de Scipião Africano; algumas Victorias d'ouro carregadas de tropheus, e um grupo egualmente d'ouro, representando Jugurtha entregue a Sylla por Boccho; as sete estatuas de bronze dos antigos reis de Roma, e uma multidão d'outras (1).

Na extremidade opposta do Capitolio se erguia, sobre uma escarpada rocha, a cidadella de Roma, com o templo de Juno *Moneta*. Occupava elle o sitio da casa de Manlio e encerrava a officina das moedas e os archivos em que se guardavam, em livros de tela, os velhos annaes do povo romano (2). A rocha Tarpeia servia de base á cidadella. E' um rochedo cortado a pique, que, antes das alluvioens, podia ter cento e setenta pés d'altura; banhado pelo Tibre, formava um precipicio horrendo, armado por todos os lados de pontas que despedaçavam os corpos ou os faziam saltar para

---

(1) Vêde Donati, lib. II c. 5; e *Roma no seculo d' Augusto*, t. I, p. 243, etc.

(2) Tit. Liv., IV, 7, 13, 20.

longe. Tinham-o escolhido para as execuções a fim de não terem precisão de precipitar duas vezes os criminosos (1). Hoje nada tem a rocha Tarpeia de ameaçadora. Algumas casas encostadas á montanha occultam-lhe em parte os flancos abruptos; o Tibre não lhe banha já a base, e no cume encontramos nós um jardim que cultivavam bastante mal uma companhia de gallinhas magnificas; porém não vimos nem um só *ganso*.

Não longe do templo de Juno era a *Curia Calabra*, especie de palacio onde o gran'-sacerdote convocava o povo para lhe indicar a epocha das *Nonas*. Entre a cidadella e o templo de Jupiter se achava o *Intermontium*, bosque de carvalhos, de que fez Romulo um asylo inviolavel, a fim de attrahir habitantes á sua nova cidade; no centro deste bosque erguia-se o pequeno templo de *Vejovis* ou Jupiter menino (2).

Por traz do *Intermontium* estava o *Tabularium*. Era um vasto deposito de archivos, com porticos e arcadas de grande solidez. N'elle se conservavam as taboas de bronze em que o povo romano, que parecia ter o instincto da sua immortalidade, gravava magestosamente os seus tractados antigos e novos com as nações estrangeiras, bem como as suas proprias leis. Estes actos, collocados neste lugar, tornavam-se mais respeitaveis, consagrados como estavam pela garantia dos proprios deuses (3). Vespasiano, chegando ao imperio, teve o maior cuidado nestes monumentos, e mandou

---

(1) Senec., *Controv.*, l. 3.

[2] Ovid., *Fast.* III. v. 430.

(3) Josepho, *Antiq. judaic.* XIV, 17.

restaurar mais de tres mil, damnificados pelo incendio do Capitolio (1).

Dois caminhos desciam do Capitolio ao Forum; um chamava-se o *Clivus capitolinus*; o outro o *Clivus sacer*, ou *ascensus ad asilum*, *subida do asylo*. No fundo do primeiro, que partia da cidadella, achava-se o templo de Saturno: era o thesoiro geral do imperio; dividia-se em diversos thesoiros particulares, entre os quaes figuravam em primeira ordem o *thesouro dos despojos*, e o *thesouro gaulez*. No primeiro, o mais rico de todos, estavam accumulados os despojos de todas as especies, conquistados ao mundo inteiro, e que haviam feito o ornamento de tantos triumphos (2). O segundo inspirava em nós um nobre orgulho. Tal era o temor inspirado aos Romanos por nossos avós, que a altiva Republica estava sempre precavida; e, para não ser de novo surpreendida, estabelecera um thesoiro especial, no qual, sob pena das execraçoens publicas, era vedado tocar, a menos que não fosse para uma guerra contra a nossa nação (3).

A' esquerda do templo de Saturno erguia-se o templo de *Jupiter tonnante*. Augusto, dizem, voltando de Hespanha, viu um de seus escravos morto por um raio a seu lado. Em memoria da protecção de que elle havia sido objecto, consagrou este templo ao senhor do trovão. Alguns passos mais adiante, para a direita, começava o *Clivus sacer*, segundo caminho que communica do Foro ao Capitolio. Alli estavam os degraus das

---

(1) Suet. in Vesp.

(2) Cicer. in Verr. 121.

(3) Appio, de *Bello civil*. II, p. 744.

*Gemonias.* Seguimos este caminho tantas vezes inundado de sangue, e, continuando até ao cume da collina, tornamo'-nos a achar no *Inter montium*: tínhamos dado a volta em roda do antigo Capitolio. Voltando ao nosso ponto de partida, começamos segunda viagem, com o fim de estudarmos o Capitolio tal qual elle é hoje.

Passou o Christianismo pelo mundo, e a magestade romana se inclinou diante delle. O templo de Jupiter, as colossaes estatuas dos deuses e dos heroes, esses milhares de taboas de bronze, cartas da escravidão das naçoens, a cidadella de muros cyclopeos, tudo isto já não existe. Longe de gelar de terror, a vista do Capitolio só dà ao viajante idéas risonhas, nobres inspiraçoens e salutaes instrucçoens. No meio da esplanada que succede ao *Inter montium*, apresenta-se a bella estatua equestre de Marco-Aurelio, unico bronze antigo desta especie que nos resta. Atraz, no mesmo logar do *Tabularium*, ergue-se o palacio senatorial, sobrepujado d'uma torre coroada por' uma grande cruz. Não é pois uma figura de rhetorica, dizia eu comigo mesmo ao ver este signal vencedor; é verdade, à letra, que a cruz do Calvario brilha no cume do Capitolio. Como não crer, quando se tem diante dos olhos o maior dos milagres?

Para caixilho da plata-forma, tendes, á esquerda, o museu em que se conserva uma multidão de obras-primas e de monumentos do mais alto interesse. Alli se acham as estatuas colossaes de Minerva, de Cybele e do Oceano. Na salla das inscripçoens estão dispostas, em toda a volta das paredes, cento e vinte e duas inscripçoens imperiaes ou consulares, que offerecem uma serie

chronologica, desde Tiberio até Theodosio. Nas paredes da grande escada estão incrustados os famosos fragmentos da planta de marmore da antiga Roma, achados nas ruínas do templo de Remo, na via Sacra. As salas estão cheias de vasos antigos, de estatuas de bronze, de marmore, de porphyro, de granito, do mais bello lavor e da melhor conservação. Citarei sobre tudo o gladiador moribundo e os bustos de Marco-Aurelio e d'Adriano.

A' direita, está a Pinacotheca, museu e galeria ao mesmo tempo. Sob o portico do patio, vimos a estatua de Julio Cesar, que se tem pelo unico retrato reconhecido que existe em Roma; a d'Augusto que piza uma prôa de navio, allusão á batalha d'Accio; finalmente numerosos restos de estatuas colossaes, cuja altura eu tentei calcular tomando por base o dedo minimo do pé, perfeitamente conservado; e vi alçarem-se gigantes de sessenta pés de elevação. Esta medida é conforme com o testemunho da historia. Subindo a escada, acha-se, á esquerda, um fragmento da inscripção honoraria de Caio Duillio, que ganhou a primeira victoria naval aos Carthaginezes, no anno de Roma 492. No meio da grande sala está a famosa loba de bronze que amamenta Romulo e Remo. Na terceira antecâmara, observamos com vivo movimento de curiosidade diversos fragmentos de marmore incrustados na parede, nos quaes estão escriptos os celebres fastos consulares, conhecidos pelo nome de *Fasti Capitolini* e que chegam até Augusto. De todos os quadros da galeria; o mais notavel è o da *Sibylla* do Guerchino.

Depois de havermos visitado todas estas ma-



ravilhas da arte antiga e moderna, atravessamos novamente a plataforma e subimos ao sitio do templo de Jupiter Capitolino (1). Uma igreja christã, uma igreja dedicada a Maria se ergue sobre as ruinas do sanctuario consagrado ao chefe dos demonios adorados em Roma: é a igreja tam veneravel e recolhida *d'Ara-Cœli*. Pela sua posição, domina ella a Cidade eterna e annuncia que mudou de mãos o sceptro do mundo. Sustentado n'outr'ora pelo demonio cruel, impuro e sanguinario inimigo do genero humano, é elle hoje apanagio d'uma virgem doce, pura e clemente, filha do homem e mãe de Deus, refugio dos peccadores e rainha dos anjos. Se os despojos das naçoens suspensos no templo de Jupiter haviam feito chamar a este edificio o bazar da victoria, pela mesma razão, merece a igreja *d'Ara-Cœli* este glorioso titulo. Vencedores de todos os outros, Jupiter e Cesar apparecem aqui como vencidos. O senhor do Olympo é obrigado a ceder o lugar a Maria; e Cesar fornece os ornatos do seu templo. A igreja, de tres naves, é sustentada por vinte e duas columnas que são outros tantos despojos tomados por todas as partes nos templos e palacios da antiga Roma. A segunda, á esquerda, vem dos quartos intimos dos imperadores: *É cubicolo Avgg.* A' vista destas columnas de ordens differentes, umas das quaes são canneladas, outras redondas, aquellas privadas de pedestal, estas de capiteis, sente-se tentação de

---

(1) Segundo Donati, seria ao lugar do templo de Jupiter *Feretrio*; como quer que seja, está edificado um templo de Maria no cume do Capitolio sobre as ruinas d'um templo de Jupiter.

accusar o bom gosto do architecto ; mas uma pouca de reflexão não tarda a fazer descobrir , nesta desordem apparente , um effeito da arte e um pensamento profundo : o Christianismo quiz provar a universalidade do seu triumpho. Com o mesmo intuito , teve-se cuidado de ornar com outro trophéu esta egreja monumental : uma inscripção collocada por cima da porta da entrada , recôrda que o templo de Maria foi doirado com o oiro tomado aos turcos na famosa batalha de Lepantho. D'est'arte , com os seus despojos , os dois mais formidaveis inimigos do mundo christão , o paganismo e o islamismo , fazem ainda da Ara Cœli o bazar da victoria.

Caminhando para o sanctuario , vêem-se brilhar duas inscripçoens em grandes letras d'oiro. Pouco notadas , e ainda menos estudadas pela maior parte dos viajantes , ellas excitaram a nossa curiosidade. A primeira recôrda um milagre celebre na historia de Roma christã ; a segunda , uma revelação famosa que se diz foi feita a Augusto. Na abobada da egreja , directamente por cima do altar-mor , estão gravadas estas palavras : *Regina cœli , lætare , alleluia*. Que dizem ellas ? No VI.º seculo uma peste horrivel assolava Roma. S. Gregorio o Grande , que então governava a Egreja , chamou todo o povo á penitencia. Foi indicada uma procissão geral para a manhan do dia de Paschoa do anno de 596. O Pontifice dirigiu-se á Ara-Cœli , pegou na imagem de Maria , que se diz pintada por S. Lucas (1) , e a celebre procissão *septiforme* se poz a caminho para dirigir-se a S. Pedro. Ao passar por diante do molhe d'A-

---

[1] Ferraris, *Biblioth.* art. *Imagines*.

diano, ouvem-se de repente nos ares vozes celestes que cantam : *Regina cæli, lætare, alleluia; quia quem meruisti portare, alleluia; resurrexit sicut dixit, alleluia.* O Pontifice espantado responde com todo o povo : *Ora pro nobis Deum, alleluia.* Ao mesmo tempo vê-se um anjo scintillante de luz que embaíha de novo uma espada; a peste cessa no mesmo dia.

Quatro factos ainda subsistentes atravessaram os seculos para attestarem este milagre : a procissão de S. Marcos que se faz todos os annos na Igreja do Occidente ; a estatua de bronze do archanjo S. Miguel, collocada por cima do molhe d'Adriano, que desde então tomou o nome de Castello do Santo Anjo ; a antiphona a Maria : *Regina cæli*, que a Igreja catholica não tem cessado de repetir desde aquelle memoravel dia ; finalmente, a inscripção de que fallo, gravada no templo de Maria, em reconhecimento daquelle beneficio. Como ver com os proprios olhos esta inscripção, tam gloriosamente monumental, sem recitar tambem com toda a effusão do reconhecimento e do amor : *Regina cæli, alleluia* (1)!

A' esquerda do altar-mor acha-se a capella de Santa Helena ; è no friso circular do docel que se lê a inscripção que tanto nos embarçou ; è ella deste modo concebida : *Hæc quæ Ara-Cæli appellatur eodem in loco dedicata creditur in quo Virgo sanctissima Dei Mater cum Filio suo se Cæsari*

---

(1) Em memoria do milagre, os religiosos d'Ara-Cæli são os unicos que teem o privilegio de cantarem o *Regina* quando, nas preces publicas, as procissoens vem a passar, por diante do Castello do Santo Anjo.

*Augusto in circulo aureo e caelo monstrasse perhibetur.* « Esta capella chamada *Ara-Cæli* está, segundo a tradição, edificada no mesmo sitio onde se crê que a sanctissima Virgem Mãe de Deus, tendo nos braços seu Filho, se fez ver ao imperador Augusto, no ceu, no meio d'um circulo de ouro. »

Qual é a origem desta tradição? Os auctores referem que Augusto consultava um dia o oraculo d'Apollo para saber quem seria depois de si o senhor do mundo: segundo o costume, offerecia uma hecatomba, porem o deus ficou mudo. Torna a começar o sacrificio, e o deus não responde. Instado de novo, Apollo profere alfim este oraculo:

*Me Puer hæbreus divos Deus ipse gubernans  
Cedere sede jubet tristemque redire sub orcum;  
Aris ergo dehinc tacitus abscedito nostris.*

« Um menino hebreu, Deus elle proprio e senhor dos deuses, me obriga a deixar o logar e tornar a entrar tristemente no inferno. D'ora em diante, retira-te pois sem resposta dos meus altares. »

Vivamente impressionado com este oraculo, veio Augusto ao Capitolio, onde mandou erigir um altar ao Menino-Deus com a seguinte inscripção: *Ara Primogeniti Dei*: « Altar do primogenito de Deus. » O mesmo facto é referido, com algumas variantes, por outros historiadores. Dizem que foi a Sibylla de Tibur que Augusto consultára para saber se devia permittir que o honrassem como Deus. Depois de tres dias de jejum severo, viu Augusto o ceu aberto, e, n'um altar, uma virgem de grande belleza, tendo nos braços um menino,

e uma voz dizia: «E' este o altar do Filho de Deus.» *Hæc ara Filii Dei est.* Em consequencia, prohibiu Augusto que lhe chamassem Deus, e mandou erigir o altar de que havemos fallado (1).

Quando se pensa que todas as tradiçoens do Oriente e do Occidente annunciavam a vinda do Messias; quando se sabe que a revelação directa do mysterio da Incarnação foi feita a muitos pagãos, é a gente levada a crer que os senhores do mundo não foram esquecidos; e, independentemente das provas historicas que a apoiam, esta tradição torna-se provavel (2).

---

(1) Vêde Nicephoro, lib. I, c. 17; Suidas in *August.*; Cedrenus, *id.*; Fredericus Muller: *An Cæsari Augusto quidquam de nativitate Christi innotuerit?* Geræ 1679. *Storia della chiesa e convento di S. M. d'Ara-Cœli*, p. 157; *de ara*, Nanneti 1636 a Petro Bertaldo, cap. 29. — *Thesaur. Grævii*, t. VI; Trombelli *Vita B. Virg.*, t. II, p. 319-328. — Martinus Polonus; S. Antoninus; P. Francis Gonzaga; Petrarcha, in *lib. 2 epist.*; Ambros. Novidius Flaccus, lib. II *Sacr. Fast.* p. 162. Anonymus Christianus apud Othonem Aicher, in *Horto variarum inscriptionum*, p. 77; P. Casimiro da Roma, *Capella di S. Elena*, 157; Eusebio, citado por Casaubon; Baron. *Apparatus edic.* Lucca, 1740, p. 447; *Annales de philosophie chrét.*, t. XIV, p. 62.

(2) Tal é pois a origem desta tradição; vejamos qual é o seu valor. Se a gente se der ao trabalho de analysar os numerosos escriptos publicados sobre esta questão, acha o sim e o não entre os sabios. Aquelles que *negam* a authenticidade

Com o espirito satisfeito e o coração contente, dissemos adeus até á vista á chara egreja d'Ara-Coeli.

Diante de nós estava a antiga subida do *Asylo*, especie de caminho em linha que termina no Foro ao pé do arco de Septimo Severo. Tomamos

---

dade do facto apoiam-se 1.º no silencio absoluto dos Santos Padres e dos auctores profanos ; 2.º objectam a differença que se encontra na narração dos mesmos factos ; 3.º dizem que já não havia Sibylla alguma no tempo d'Augusto ; a de Cumas, que foi a ultima que prophetizou, era contemporanea de Tarquinio o Soberbo. Aquelles que *affirmam* respondem 1.º que o silencio dos Santos Padres e dos auctores pagãos é uma prova negativa que não pôde annullar o testemunho positivo da tradição e dos historiadores posteriores ; 2.º que estamos longe de possuir todos os escriptos dos primeiros Padres da Egreja, e ainda dos auctores profanos ; que os actos de Nosso Senhor, enviados a Tiberio por Pilatos, e, segundo o testemunho de Tertuliano e de S. Justino, depositados nos archivos do senado, pereceram ; porem se um monumento de primeira ordem como aquelle pôde desaparecer, é de admirar que outras peças menos importantes tivessem a mesma sorte ? que os pagãos feitos perseguidores se applicaram, segundo o testemunho d'Eusebio, a destruir tudo o que podia ser favoravel ao Christianismo. Eis o que elles respondem á primeira objecção.

Em quanto á differença que existe na narração do facto, longe de nella acharem uma objecção, dizem elles que è antes uma prova de verdade. E primeiramente, ella prova que não houve

por elle, e brevemente nos achamos no umbral da famosa prisão Mamertina : antes de entrarmos nella, aprendamos a conhecê-la. Esta prisão, negra, humida, horrivel, deve o seu nome ao quarto rei de Roma, Anco Marcio, que a mandou cavar na rocha mesma do Capitolio. Situada quasi no meio

---

connivencia entre os escriptores ; demais disso, não versa senão em circumstancias secundarias, ficando o facto capital o mesmo, a saber, a revelação feita a Augusto, e o altar erguido por este principe ao Filho de Deus.

Passando á terceira objecção tirada da não-existencia das Sibyllas no reinado de Augusto, respondem elles que o erro ou o anachronismo dos historiadores está antes nos nomes que nos factos. 1.º E' certo que houve uma Sibylla em Tivoli ; é conhecida na historia pelo nome de Sibylla Tiburtina. 2.º E' certo que em Tibur existia um oraculo famoso que os imperadores romanos não desdenhavam de consultar. Temos uma prova irrefragavel disto na vida d'Adriano. Este principe, havendo construido a sua celebre villa, foi perguntar ao oraculo de Tivoli os segredos do futuro, e foi a resposta do deus que occasionou o martyrio de santa Symphorosa e de seus sete filhos. 3.º Em vez de dizer o oraculo de Tibur, toda a falta do historiador está em haver escripto a Sibylla de Tibur : ora, é esse um erro que não pôde concluir. Primeiramente é insignificante em si mesmo, pois não abala o facto principal relatado por outros historiadores nesta circumstancia ; depois, era tanto mais facil de commetter quanto o oraculo de Tibur podia muito bem ter conservado, na linguagem ordinaria, o seu antigo nome

da encosta da formidavel montanha, compõe-se de duas masmorras, collocadas uma por cima da outra. Começais por descer vinte e cinco pés de baixo da terra e encontrais a masmorra superior, chamada propriamente *prisão Mamertina*.

Penetra-se nella por uma escada de construc-

---

de a *Sibylla de Tibur*; por ultimo, é mister que esta difficuldade seja muito menos seria do que se quereria fazel-o crer, pois não abalou a persuasão dos homens d'uma logica e d'uma sciencia incontrouersa, entre outros de Petrarcha, de Santo Antonino e de muitos outros.

Terminemos esta digressão com alguns principios de critica geral, applicaveis não só á revelação de Augusto, senão tambem a varios outros factos de que teremos de occupar-nos. A san critica nos diz 1.º que *em direito*, não se pode negar um facto possivel por ser extraordinario, mas por ser mal provado. *Na especie*, o facto em questão é possivel; de mais disso, tanto os adversarios como os defensores, todos convem em que a egreja d'*Ara-Cæli* deve o seu nome a este acontecimento tradicional (1); ora esta egreja é uma das mais antigas de Roma. Tobias Corona, distincto hagiographo, a julga de fundação Constantiniana (2).

Eis ahí pois uma tradição que remonta a grande antiguidade. Numerosos escriptores de diffe-

(1) Certo è pero, che la denominazione di questa chiesa dee repetersi dalla opinione, che quivi Augusto avesse fatta inalzare un'ara, colla riferita iscrizione. Cancellieri, *notte e festa di natale*, c. XLI, p. 129.

(2) *Trac. de sacris templis*, p. I, c. 23.



ção moderna ; no tempo dos Romanos, não havia nem escada nem porta : introduziam-se nella os condemnados por uma abertura circular feita no centro da abobada, e que é ainda fechada por uma forte grade de ferro. Vêem-se, á direita, vestigios d'um respiradoiro que deixava chegar

---

rentes paizes a consideram como certa (1). O seu sentir atravessou longos seculos sem contestação. No fim do seculo XVI.º, o grande papa Sixto V gravava ainda ou deixava gravar ante seus olhos este facto adquirido, no obelisco de Santa Maria Maior. Póde-se suppor que o illustre Pontifice ordenou ou permittiu se inscrevesse, e que seus successores deixaram subsistir n'um monumento publico, no meio de Roma, uma fabula absurda ou um facto destituido de fundamento ? Pode suppor-se que, desde tempo immemorial, os vigarios de Jesus Christo tem auctorizado os religiosos d'Ara-Coeli para renovarem todos os annos a tradição d'um conto pueril, ou que estes religiosos, que não tem sido todos destituídos d'algum saber, hajam consentido em perpetuar por meio d'uma oração publica a recordação d'um facto inventado por algum falsario ? porque convem saber que, todos os annos, durante a oitava do Natal, os religiosos d'Ara-Coeli cantam solememente depois de completas a antiphona seguinte :

Stellato hic in circulo,  
Sibyllæ tunc oraculo,  
Te vidit rex in cælo.

D'onde vem pois o dissentimento que havemos

[1] *Mille scrittore*, etc., são as palavras do proprio Cancellieri, id. p. 128.

algum pouco d'ar e de luz a esta sepultura<sup>1</sup> de vivos. A masmorra tem vinte e quatro pés de comprimento, sobre dezoito de largura e treze de elevação. Uma antiga inscripção, collocada a altura de homem, diz que esta prisão foi concertada

---

signalado? é facil indicar-lhe a origem. Sob a influencia do protestantismo, uma *critica de reacção*, uma *critica desesperada* se poz em acção, na Europa inteira, sobre todas as tradiçoens do catholicismo. Este factó de niuguem é ignorado.

Comtudo a san critica nos diz 2.<sup>o</sup> que *em direito* é inadmissivel o vir atacar um factó ha seculos objecto da fè commum dos homens competentes, a menos que se não adduzam provas peremptorias de falsidade e usurpação. *Na especie*, que provas peremptorias hão apresentado os adversarios da tradição de que se tracta? que novos monumentos, desconhecidos dos seculos passados, hão elles descoberto? havemos exposto os seus meios de evicção: a todo o homem imparcial pertence apreciar-lhes o valor. Como quer que seja, a maioria dos apologistas catholicos não pouparam nada as tradiçoens *secundarias* da Igreja; attribuiram-as á *fé simples e ingenua de nossos pais*, e tudo ficou dicto. Julgava-se, com esta concessão, applacar a fome de Cerbero, mas não succedeu assim. Senhor das obras avançadas, o inimigo arremessou-se sobre o coração da praça. Brevemente os campeoens da Igreja foram obrigados a armarem-se de todos os documentos para defenderem as tradiçoens *geraes*, que o protestantismo batia em brecha, a fim, dizia, de desembaraçar o espirito humano de todas as superstiçoens e as-

no anno 574 de Roma, pelos consules Vibio Ru-  
fino e Cocceio Nerva (1).

C. VIBIVS. C. F. M. COCCEIVS NERVA EX. S. C.

Por baixo desta primeira masmorra está se-  
gunda mais estreita, mais baixa, mais humida e  
totalmente privada de luz: é a *prisão Tulliana*,  
*robur Tullianum*. Deve o seu nome e a sua

---

sentar a fé sobre o fundamento unico da Escrip-  
tura. Tal foi a tendencia da polemica nos seculos  
XVI.º e XVII.º

Roma não cedeu a este movimento perigoso.  
Guarda da verdade, conservou-lhe cuidadosamente  
todas as parcellas, protegendo, como o faz ainda,  
todas as tradiçoens *secundarias* dos seculos passa-  
dos. Guarda com amor os monumentos que as  
perpetuam; nada tem destruido e nada riscado.  
Unicamente, sendo mestra conscienciosa da verdade,  
não as impõe como artigos forçados de fé, não  
faz uso dellas para basear as suas decisõens dog-  
maticas; mas tambem, como rainha immortal dos  
seculos, não consente que se lancem ao passado  
temerarios insultos; finalmente, mãe cheia de  
bondade, longe de embaraçar nos laços d'uma cri-  
tica stricta, pretenciosa, e muitissimas vezes  
apaixonada, os passos de seus filhos, dà-lhes todá  
a especie de latitude, proclamando, ainda mais  
pelo seu procedimento do que pelas suas palavras,  
o verdadeiro principio da civilisação e do progresso:  
*in necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus  
caritas.*

(1) Tit. Liv., lib. I; Varr., lib. IV; Sal-  
lust. in *Jugurth.*; Victor, in *Reg.* V.

origem a Servio Tullio, sexto rei de Roma. Aqui, como na masmorra superior, desciam-se os condemnados por uma abertura feita no centro da abobada. A prisão Mamertina era como uma sala de espera onde se dava a tortura; porque era na prisão Tulliana que se faziam as execuções dos grandes criminosos, ai! e de muitos outros (1). Deste modo, os infelizes encerrados na masmorra superior ouviam distinctamente os gritos abafados e os estertores daquelles que eram estrangulados; até podiam ver, pela grade da abobada, os seus supplicios e as suas angustias. No fundo da masmorra Tulliana terminavam as gemonias, especie de escada assim chamada pelos gemidos daquelles que as subiam. Era por estes mesmos degraus, que depois da execução, os *confectores*, armados de ganchos, arrastavam para o Tibre os cadaveres dos suppliciados.

Uma multidão de personagens celebres da antiguidade receberam a morte nesta horrenda prisão. O Ab-del-Kader da sua epocha, Jugurtha, rei da Numidia, nella morreu á fome. « Desatado

---

(1) Carcer ad terrorem excreſcentis audaciæ media urbe imminens Foro ædificatur; *Tit. Liv. in Anco Martio, lib. I.* — In hoc pars qui sub terra Tullianum, ideo quod additum a Tullio rege; *Varr., lib. IV.* — Video carcerem publicum saxis ingentibus stratum, angustis foraminibus et oblongis lucis umbram recipientibus; in hunc abjecti rei robur Tullianum aspiciant, etc.; *Calpur. Flaccus.* — Post quæſtionem in Tullianum ad ultimum supplicium mittebantur; *Servius.* — In inferiorem carcerem demissus est necatusque. *Liv. loquens de Plemio, etc., etc.*

do carro do triumphador, elle foi, diz Plutarco, lançado na prisão; alguns dos algozes lhe tiraram violentamente os vestidos; outros lhe arrancaram uma orelha disputando entre si o brinco que a ornava. Ao descer completamente nú á horrenda masmorra: «Por Hercules, disse elle praguejando, « como é frio o vosso banho! » Ao cabo de seis dias, morreu depois de ter lutado em vão contra os horrores da fome (1).» Lentulo, Cethego, Statilio, Gabino e Cæpario, cúmplices de Catilina, foram nella estrangulados por ordem de Cicero; Aristobulo e Tigrane, depois do triumpho de Pompeu; Sejano, por ordem de Tiberio; Simão, filho de Jonathas, chefe dos Judeus, por ordem de Tito; uma multidão de senadores e matronas, por ordem de Tiberio, que mandou arrastar os seus cadaveres, atravez do Foro, até ao rio. Mas o que tornava incalculavel o numero das victimas mortas nesta horrenda masmorra, era o uso admittido de nella assassinar os pisioneiros de distincção ou ao menos os chefes estrangeiros que haviam ornado o triumpho do vencedor.

Chegados à fralda do Capitolio, eram separados do cortejo. Entretanto que o triumphador subia, pelo *clivus Capitolinus*, ao templo de Jupiter, eram os desgraçados vencidos arrastados para as gemonias. Faziam-os atravessar uma pequena ponte suspensa que communicava com a masmorra superior, e davam-se pressa em precipital-os no *robur Tullianum*, onde eram degollados. O vencedor sabia do templo de Jupiter só depois de ter ouvido resoar aos seus ouvidos as palavras fa-

---

(1) In Mario.

taes: *Actum est.* Tudo está acabado (1). Tal era, no mundo antigo, a sorte ordinaria reservada aos reis, e aos generaes estrangeiros, culpados do unico crime de terem defendido a patria e a liberdade contra a ambição romana.

Não eram necessarias tantas recordaçoes para nos penetrarem de horror ao descermos ao fundo da prisão Tulliana. Que deviamos experimentar sob a impressão d'outra recordação mais poderosa que todas aquellas? Nossos pais, na fé, S. Pedro e S. Paulo, nos appareceram ao clarão do archote que allumiava os nossos passos. Foi alli, isto é não só na masmorra superior, mas na inferior, que mandou Nero lançar os santos Apostolos; foi d'alli que no mesmo dia foram tirados para serem conduzidos ao martyrio. Beijamos com respeitoso amor a columna de granito a que os gloriosos prisioneiros estavam atados; bebemos da agua da fonte que S. Pedro fez brotar para baptisar Procces e Martiniano, seus carcereiros, assim como vinte e sete soldados, martyres por seu turno. Reportando-se às circumstancias do tempo, explica-se o christão facilmente o milagre d'uma fonte borbulhante; está ao pé da columna do Apostolo, de modo que elle podesse, apesar das cadeias,

---

(1) *Imperatores cum de Foro in Capitolinum curium flectere inciperent, captivos in carcerem duci jubebant, idemque dies et victoribus imperii et victis finem facit. Cicer in Verrem, 7. — Moris fuit, ut juberentur occidi, neque ante imperator Capitolio exhibat, quam captivos occisos nunciatum esset. Appian., in triumph. Pompeii. — Joseph., lib. VII. Oros., lib. V, c. 14. — Tit. Liv., l. XXVI, 13. = Zonar., II p. 30.*

tomar nella a agua necessaria para a regeneração dos neophytos.

Roma, que teve o cuidado de marcar, sanctificando-os, todos os logares visitados pelos apóstolos e pelos martyres, edificou uma egreginha na prisão Mamertina : é dedicada a S. José, padroeiro dos marceneiros. A tribuna gradeada, que abre sobre a masmorra inferior, parece haver succedido ás gemonias e corresponder exactamente à abertura por que os algozes tiravam com ganchos os cadaveres das victimas. Todo o dia se vêem almas ferventes, ou piedosos peregrinos derramar lagrimas e oraçoens nestes logares, theatros de tantas atrocidades. Nós misturamos as nossas expiaçoens ás delles : ta! é, parece-me, para todos os viajantes serios e christãos, a unica maneira racional de fechar esta rica visita do Capitolio.

---

### 17 de Dezembro,

Foro : o que é. — Foro romano. — Edificios. — Basilicas. — Templos. — Tribuna dos discursos. — Comicio. — Columnas de S. Pedro e S. Paulo. — *Secretarium Senatus*. — Egreja de Santa Martinha. — Inscricção do architecto do Coliseo. — Templo de Remo — Egreja de S. Cosme e S. Damião. — Pedra dos Martyres. — Templo de Faustina. — Templo da Paz. — Tradição. — Templo de Venus e Roma. — Egreja de Santa Maria a Nova. — Recordaçõens de S. Pedro e S. Paulo. — Dito de um Inglez protestante.

Pela manhã cedo continuamos a visita da vespera do ponto onde a haviamos deixado : o Foro chamava a nossa attenção. Se vos collocardes no cume do Capitolio, com os olhos virados para

o Oriente, vêdes estender-se aos vossos pés um valle comprido e estreito, apertado á esquerda pelo Viminal, á direita pelo Palatino, e terminado pela encosta do Cœlio: é o local do Foro romano, o mais celebre de todos.

Na fralda da montanha, tinhamos, para a esquerda, o arco de triumpho de Septimo Severo; mais adiante, guarnecendo a via Sacra, o templo de Faustina, as ruínas do templo da Paz, as do templo de Venus e Roma, e ao longe o gigantesco Coliseu; á direita, as ruínas do templo de Jupiter Tonnant, da Concordia, a columna de Phocas, a Grecostrasis e a collina oblonga do Palatino com as suas ruínas imperiaes; defronte de nós, na extremidade do Foro, erguia-se, mesmo no meio da via Sacra, o arco de Tito. O' meu Deus, vós sabeis que ineffavel impressão em mim produziu este panorama de ruínas! vós sabeis o quanto fiquei tocado, commovido, aterrado ao ver o arco de Tito, eterno monumento do deicidio! ainda que eu vivesse um seculo, nada perderiam estas impressoens da sua vivacidade.

Antes de descer do Capitolio para estudar o Foro, é agradável conhecer estes sitios tam famosos na historia romana. Imaginai um espaço de largas proporçoens, de forma oval ou quadrada, guarnecido de porticos magnificos e adornado de suntuosos monumentos, *Basilicæ*. Alli, vêdes agitar-se um povo inteiro, que vem tractar dos negocios publicos ou privados, entregar-se aos prazeres ou admirar as obras-primas das artes, e tereis uma idéa dos foros romanos. Roma contava dezeseite (1); eram

---

(1) E' esta a opinião de P. Victor, *Regim. Urbis*. Onuphro conta 19, *Descript. Urb. Rom.* 107.



os mais magníficos, depois do *Forum Romanum*, os de Cesar, Augusto, Nerva, Trajano, Sallustio, Aureliano e Diocleciano. Os particulares haviam ajuntado aos seus palacios e ás suas villas esta especie de magnificencia verdadeiramente real. Entre estas ultimas, uma das mais celebres é o Foro d'Appio, no meio das Lagoas Pontinas.

Em quanto ao Foro Romano de que temos de occupar-nos, é sabido que foi estabelecido na epocha da paz entre Romulo e Tacio, para servir de praça publica e de mercado em Roma. Em quanto ao mais, è bastante difficil dar uma descripção exacta delle, tantos monumetos contava! Eis aqui os principaes traços do quadro. Era a sua forma um quadrilongo rodeado de alpendres de dois andares sustentados por columnas e que serviam de passeios. Nos intercolumnios havia um *pluteus*, ou murinho da altura sufficiente para occultar a vista dos passeadores ás pessoas que estavam em baixo. Cesar o mandou cobrir inteiramente de magníficos toldos, e este espectáculo, diz Plinio com terrivel ingenuidade, foi mais bello que um combate de gladiadores (1). Basilicas, templos, columnas, estatuas innumeradas se apertavam em todas as fachadas do Foro, e faziam delle o logar mais rico e animado da antiga Roma.

As tres grandes basilicas eram as basilicas *Opimia*, *Æmia* e *Julia*: dellas já nada resta.

---

(1) Cæsar dictator totum Forum romanum intexit, viamque Sacram, ab domo sua usque ad clivum Capitolinum, quod munere ipso gladiatorio mirabilius visu tradunt. *Lib. XIX, c. 1.* — *Donati, lib. II, c. 5.*

A' direita, partindo do Capitolio, encontravam-se os templos da Fortuna, de Saturno, da Concordia, de Vespasiano, a Grecothesis ou sala de recepção dos embaixadores estrangeiros, parte de cuja architrave ainda subsiste; perto d'alli vêdes a columna de Phocas, erguida a este imperador por Smaragdo, exarcha d'Italia, em 608. Vinham depois o arco Fabio, construido por Fabio, vencedor dos Allobroges; o templo de Julio Cesar, o arco de Tiberio e a Tribuna dos discursos.

Junto do templo de Saturno estava o *milliarium aureum*, columna de marmore branco terminada por uma bola de bronze dourado, e que servia de ponto de partida ás grandes estradas do imperio, cujas milhas começavam a contar-se desta columna que se tornou famosa pela morte de Galba. Basta ainda o logar que ella occupava para vos pôr ante os olhos o horrivel espectaculo que apresentava o Foro no dia o assassinato imperial. As basilicas e os templos estavam cheios de gente; porem em nenhuma parte um só grito, uma só palavra, em todos os logares o silencio do temor e da desesperação. De repente, eis soldados romanos, pretorianos e legionarios, que avançam como furiosos para assassinar o seu imperador, fraco, sem armas, e respeitavel pela sua idade. Com a lança abatida, e correndo á redea solta, dissipam o povo, calcam aos pés o senado, e, nem a vista do Capitolio, nem a veneração dos templos que dominavam todas as partes do Foro, nem a magestade da dignidade suprema pôdem impedir que commettam o seu parricidio. Foi tal a sua barbaridade, que depois de terem morto Galba com uma estocada, lhe cortaram a cabeça que tinham suspensa pela bôcca, estando totalmen-

te desguarnecida de cabellos, e lhe retalharam, com repetidos golpes, os braços e as coxas; porque o resto do corpo estava coberto com a couraça. E (o que pinta os costumes do tempo) houve até seiscentas e vinte petições de recompensa apresentadas a Othão, por ter tomado parte nesta façanha (1).

Caminhando mais encontrava-se a Tribuna dos discursos. Esta tribuna, tam celebre na historia de Roma antiga e na nossa educação classica, tinha pouco mais ou menos a altura d'um homem. Formava como um pequeno tablado sustentado por algumas columnasinhas que descansavam n'uma base circular de pedra (2). Chamavam-lhe *rostra*, porque estava ornada de seis velhos esporoens de navios tomados pelos Romanos aos Antriales.

Elevava-se diante da *curia Julia*, e, por assim dizer, ante os olhos do senado que, do *secretarium senatus*, parecia observá-la como para lhe moderar os ardores e contel-a no dever (3). Quando estaes neste logar uma recordação vos assalta inevitavelmente: o Orador romano vos apparece, ora pleiteando a causa da Republica contra Verres, ora fulminando com a sua eloquencia Catilina e seus cumplices, ora invectivando contra Antonio. Depois muda de repente a scena: vêdes na tribuna Antonio triumphante, mostrando ao povo a cabeça ensanguentada de Cicero que mandou trazer pelos seus sicarios, e o povo applaude! Grande

---

(1) Tacit., *Hist.*, lib. XLVI.

(2) Plut., *Ant.* 16.

(3) Cic., *pro Flacco*, 24; Varr., lib. LIV, p. 37.

licção muitas vezes dada e raras comprehendida.

Ao pé da Tribuna dos discursos e da *curia Hostilia* estava o *comitium* (1). Neste lugar, rodeado de porticos, se reuniam as curias para a adopção das leis e eleição dos sacerdotes; tambem nelle se açoitavam os condemnados á morte. Foi neste *comitium* que foram flagellados S. Pedro e S. Paulo antes de serem conduzidos ao martyrio; alli estavam as duas columnas de marmore a que elles foram atados, e que ainda hoje se vêem na egreja de Santa Maria *Traspontina* (2).

Na extremidade do Foro, na via Sacra, está o arco de Tito, de que fallarei depois d'amanhan. Voltando d'alli, para o Capitolio, pelo lado opposto da praça, encontram-se as ruinas do templo da Venus e Roma, as ruinas colossaes do templo de Paz, o templo de Faustina, e por ultimo o arco, bem conservado, de Septimo Severo, que toca no Capitolio. Vê-se que o nome de Geta está riscado da inscripção: triste recordação do fratricidio! De tantos monumentos magnificos amontoados no Foro, testemunhas e theatros de grandes aconteci-

---

(1) *Curia Hostilia, quod primus ædificavit Hostilius rex. Ante hanc Rostra, cujus in vocabulum ex hostibus capta fixa sunt rostra; sub dextera hujus, a Comitio locus substructus, ubi nationum subsisterent legati, qui ad senatum essent missi: is græcostasis appellatur a parte, ut multa. Cœnaculum supra græcostasim, ubi ædes Concordiæ et basilica Opimia. Varr., lib. IV, de ling. latin.; Plin., epist. II, lib. IV; Sueton., in Domit., c. VIII.*

(2) *Baron., Annal., t. I, p. 477, an. 60, n. VII.*

mentos com que a historia nos occupou a infancia, que resta? ruinas, e mais ruinas. Esse mesmo Foro, onde se debateram, durante tantos seculos, os interesses do universo, perdeu o seu nome: hoje chama-se *Campo Vaccino*, e alguns bois pardos, de compridas pontas, mugem no mesmo sitio onde o Orador romano fazia resoar a sua eloquente voz!

No entanto, sobre os destroços destes famosos edificios, se erguem hoje templos christãos dignos de toda a attenção do viajante. O primeiro que visitamos é dedicado a Santa Martinha. Occupa o sitio do templo de Marte (1) ou do *secretarium senatus*, no qual o senado julgava as causas criminaes que lhe enviava o imperador.

Nota-se n'elle especialmente a egreja subterranea com as suas abobadas chatas e o seu magnifico altar. Romana e filha de consul, a illustre virgem sustentou dignamente diante dos verdugos e no amphitheatro o grande combate da fé. O seu sagrado corpo, todo coberto dos gloriosos signaes do martyrio, descança na crypta, e o brilhante relicario que o encerra é exposto de tempos a tempos á veneração dos fieis. Deste modo, a virgem christã triumphou, ha seculos, na fralda do Capitolio, cujos degraus seus avós subiram um dia, cobertos dos loiros da victoria. No mesmo subterraneo se encontra uma das inscripções antigas mais curiosas de Roma. Ter-se-hia jamais crido que fosse christão o architecto do Coliseu? e contudo a inscripção seguinte não deixa a este respeito duvida alguma; somente é permitido suppor

---

(1) Ciampini, t. II, p. 55.

que Gaudencio era ainda pagão quando dirigia os trabalhos do sanguento amphitheatro.

SIC PREMIA SERVAS VESPASIANE DIRE PREMIATVS ES  
MORTE GAUDENTI LETARE  
CIVITAS VBI GLORIAE AVTORI PROMISIT ISTE DAT  
KRISTVS OMNIA TIBI  
QVI ALIVM PARAVIT THEATRVM IN CELO.

« E' pois assim que tu recompensas, cruel  
« Vespasiano; em premio tu recebes a morte,  
« Gaudencio. Regozija-te, Roma, cujo imperador  
« se contenta com fazer promessas ao auctor da  
« tua gloria, porque Christo as cumpre todas  
« para ti, elle que preparou um outro theatro no  
« ceu. »

A palavra *theatro* é aqui posta por opposição com o *amphitheatro*; esta antithese é bellissima, pois que nos theatros só se representavam coisas risonhas e agradaveis, ao passo que nos amphitheatros se davam espectaculos de sangue e horror (1).

Não longe de Santa Martinha está a igreja dedicada aos santos martyres Cosme e Damião. Está edificada sobre as ruinas, talvez com as proprias pedras do templo de Romulo e Remo. Por cima das piás d'agua benta estão incrustados na parede dois daquelles pedaços de marmore preto que os verdugos atavam ao pescoço dos christãos ao precipital-os no Tibre. A exemplo de todos os fiéis beijamos com respeitoso amor estes eloquentes monumentos da coragem e dos soffrimentos de

---

(1) Vêde Marangoni, *Cose gentilesche*, etc., del Coliseo.

nossos pais (1). D'alli, os nossos olhares fixaram-se no soberbo mosaico do abside: é uma pagina da historia que exige se estude. No topo do arco apparece o Salvador, em pé, com a mão direita levantada para abençoar, tendo na esquerda o Evangelho. Uma dalmatica de purpura e um manto de deslumbrante alvura formam o seu vestido em que brilha o T, monogrammo symbolico do filho do homem. A frente do Salvador, ornada da aureola circular, mas não raiada, é d'uma magestade, de uma grandiosidade que nenhum artista moderno tem podido imitar. A' direita do Salvador apparecem tres personagens magnificamente vestidos: o primeiro é S. Pedro conduzindo ao Salvador S. Cosme que leva nas mãos uma corôa ornada de flores: é o pão da oblação offerecido pelos fieis para o sacrificio, e que elles costumavam cobrir de flores. Depois do santo martyr vem o papa S. Felix, fundador da egreja cujo modelo traz nas mãos. A' esquerda de Nosso Senhor está S. Paulo conduzindo S. Damião, distincto pelo mesmo attributo e pelo mesmo calçado que seu irmão. Este calçado é inteiro, ao passo que o dos Apostolos se compõe de simples sandalias. S. Damião é seguido por S. Theodoro, glorioso general do imperio, martyrizado no tempo de Licinio. Por cima do Salvador vê-se o jardim e os quatro rios do paraíso terreal, emblemas eloquentes da verdade, sahindo do ceu e da Judea, espalhando-se para os quatro cantos do mundo. O Cordeiro de Deus, fundador, apostolo e martyr do Evangelho, appa-

---

(1) O sabio Padre Gallonio provou optimamente na sua obra *sobre os Martyres*, que estas pedras não eram pezos do uso dos negociantes.

rece mais abaixo, com a aureola na cabeça: á sua direita e á sua esquerda estão doze cordeiros, symbolo dos doze Apostolos que sahem de duas cidades: Jerusalem e Bethlem, começo e fim da vida mortal do Redemptor.

Por baixo deste magnifico mosaico lê-se a seguinte inscripção, tam conhecida dos archeologos:

AVLA DEI CLARIS RADIAT SPECIOSA METALLIS,  
IN QVA PLVS FIDEI LVX PRETIOSA NICAT.  
MARTYRIBVS MEDICIS POPVLO SPES CERTA SALVTIS  
VENIT ET SACRO CREVIT HONORE LOCVS.  
OBTVLIT HOC DOMINO FELIX ANTISTITE DIGNVM  
MVNVS VT AETHERIA VIVAT IN ARCE POLI.

A attenção não se desvia com difficuldade desta obra-prima da arte christan no sexto seculo, senão para descançar no magnifico vaso de porphyro que brilha na capella do Crucifixo. Archeologos, artistas e christãos, não deixeis de ver este novo primor d'arte. Cheio de ossos de martyres, tem o duplo poder de excitar a admiração e de agitar todas as fibras da alma. Finalmente, não vos esqueçaes de que foi aqui, neste templo, cujo destino primitivo é pouco conhecido, que se acharam os fragmentos de marmore da planta da antiga Roma, transportados por ordem de Benedicto XIV para o museu do Capitolio.

Caminhando sempre sobre a esquerda do Foro, chega-se á egreja de S. Lourenço *in miranda*. Esta egreja, dedicada ao illustre martyr, è o mesmo templo erguido á Antonino e a sua mulher Faustina; sim, a Faustina, por decreto do senado! Lêde antes a inscripção posta no friso:

DIVO ANTONINO ET DIVAE FAVSTINAE EX S. C.



« Ao divino Antonino e à divina Faustina ,  
por decreto do senado. »

Esta dedicatória não seria mais que um sanguento epigramma se não fosse uma luminosa revelação do paganismo. Ella dá a medida da estima em que a velha Roma tinha a Divindade, cujo nome e cujas honras prodigalizava a creaturas como Faustina. Duas soberbas columnas de marmore cipolino (1) sustentam a cimalha : são os mais bellos pedaços conhecidos deste marmore phrygio.

Apenas tem deixado o templo de Faustina , quando o viajante se acha em frente de ruinas gigantescas collocadas para o mesmolado do Foro. Que abobada immensa é aquella de mais de vinte metros de largura ? que enormes pedaços de marmore branco são aquelles talhados outr'ora por um habil cinzel , e que uma dynamica , cujas molas estão para sempre despedaçadas, havia suspendido nos ares para servirem de coroija a um templo que já não existe ? São os restos do templo da Paz. No dizer dos historiadores, era o edificio mais respeitavel de Roma (2).

Eis o que da sua origem e queda se conta. Vespasiano, vencedor de todos os seus rivaes , e senhor do Oriente com a tomada de Jerusalem , quiz deixar um monumento immortal do seu poder e da paz que as suas armas haviam restituído ao imperio. Com este intuito, mandou edificar um templo à Paz , ao qual deu proporçoens ca-

---

(1) Marmore verde com veios brancos. — N. do traduct.

(2) Quod unum scilicet opus cunctorum tota urbe maximum fuit, atque pulcherrimum. *Herodian.* , lib. I.

pazes de admirarem as futuras geraçoens e affrontarem os estragos dos seculos. Depositou n'elle os ricos despojos que de Jerusalem lhe havia trazido seu filho. Dizem os archeologos que o seu pensamento se acha gravado n'uma taboa de marmore descoberta junto deste edificio, e hoje conservada no palacio Farneso :

PACI AETERNAE DOMVS IMPERAT.  
VESPASIANI CAESARIS AVGVSTI.  
LIBERORVMQUE SACRVM.

« A' paz eterna a casa imperial de Vespasiano e de seus filhos consagra este lugar. » Segundo esta opinião, sustentada por Suetonio, Josepho, Plinio e outros historiadores, fôra o templo da Paz queimado no reinado de Commodo (1).

Diz outra versão que este magnifico edificio remonta ao imperador Augusto, que o mandou construir em memoria da paz dada ao mundo pela batalha d'Accio. Quando se acabou, quizeram saber o tempo que elle subsistiria : *Quoadusque Virgo pariat*, « até que a Virgem pára, » respondeu o oraculo. Os Romanos tomaram por uma promessa de immortalidade esta resposta, porem na mesma noite em que em Bethlem nascia o Filho de Deus, veio a terra o templo da Paz (2). Estas duas narra-

---

(1) Herodian., *in Commod.*

(2) Vêde Ciampini, *notte e festa di natale*, c. XXXVIII, p. 119. Baron., *ad an.* I, n. XI. P. d'Argentan, *Grandezas de J. C.*, t. II. Justus Lips., t. VIII; Sur., t. VI. — Baronius, que refuta esta ultima versão, diz sem embargo : «Ea

coens tem seus defensores. A' primeira vista inconciliaveis, poderiam talvez sustentar-se uma ao lado da outra, admitindo a edificação successiva de um templo à Paz por Augusto e por Vespasiano; substituindo o segundo edificio ao primeiro, cuja queda inopinada havia, com seu immenso estrondo, annunciando o nascimento do Cesar immortal, destruidor de Roma pagan e príncipe da verdadeira paz. Não ligo mais que um mediocre valor a esta ultima versão de que Roma se não occupa; refiro-a só para ser fiel à imparcialidade da historia.

Do templo da Paz, avistamos as ruinas menos grandiosas, mas mais bem conservadas, do templo de Venus e Roma. Era alli, conforme dizem os archeologos, que se mettiam as machinas empregadas nos jogos do amphitheatro: é certo que não podiam estar em melhor sitio. Em parte desta terra, tantas vezes manchada com sangue e crimes, se ergue a egreja de Santa Maria a Nova ou de Santa Francisca Romana. Succede ao antigo santuario construido pelo papa Paulo I.º em honra dos santos apostolos Pedro e Paulo: eis aqui por que occasião. Acremente reprehendido pelos Apostolos, havia-os precedido em Roma o famoso magico Simão de Samaria. A fim de arruinar anticipadamente a prégação evangelica, elle proprio se dava por um deus. Admirou-o, Nero e ergueu-lhe Roma estatuas. Para rematar a sua gloria dando uma estrondosa prova da sua divindade, annunciou que se elevaria aos ares sem auxilio de força alguma humana, e para a sua ascensão

---

• quæ de templo Pacis Romæ collapsa ea nocte  
« quæ natus est Christus, a multis ut vera certa-  
• que scribuntur. » An. I, n. XI.

escolheu o theatro visinho da casa d'oiro do imperador. Acudira Roma inteira ao espectáculo; e o proprio Nero, situado no vestibulo do seu palacio, assistia a elle. Arroja-se o magico; mas não longe d'alli orava o defensor da verdade, supplicando ao seu divino Mestre confundisse o impostor.

Qual a seta que vai ferir nos ares a ave, a oração apostolica attinge o embusteiro; elle cahe, e mata-se. Ora, um milagre perpetuo transmite a recordação deste milagre d'um instante. Os olhos do santo Apóstolo ficaram gravados na pedra, e esta pedra, beijada com amor por milhoens de peregrinos, se conserva no mesmo sitio em que se realisou o facto (1). E' a reliquia mais preciosa de Santa Maria a Nova.

A' narração de todos estes prodigios, de que os fiéis de Roma, guardas seculares das ruinas pagans e dos monumentos christãos, de modo algum duvidam, sentem os *forastieri* tentações de sorrir. Apressam-se um tanto demasiado; crêdeme, se estivesseis em Roma, visseis tudo isto com os vossos proprios olhos, e vos desseis ao trabalho de estudar os titulos e os testemunhos, provavelmente acabarieis por dizer como um Inglez protestante que estava comnosco: « Tudo isto é mais facil de negar que de explicar. »

---

(1) Vêde o facto, com todas as suas particularidades, na histor. eccles., e particularmente em Anast., in *Paul.* I; Nardini, *Roma antica*, lib. III, c. XII, p. 114; Ciampini, t. II, p. 56; Baron. an. 68, n. 14; Gregor. Turon., de *gloria Martyr.*, c. XXVIII.



## 18 de Dezembro.

Nova visita ao Foro. — Morada do Rei dos Sacrificios. — Via Sacra. — Recordações dos Grandes Homens. — Diversos monumentos. — Ponte de Caligula. — Igreja de S. Theodoro. — Casa d'ouro de Nero. — Arco de Tito. — Edificios sitos do outro lado do Foro. — Estatua da Victoria. — Templo de Castor. — Mercado dos escravos. — Templo de Vesta. — Lago de Curcio. — Templos de Juno Jaga, do deus *Aius Locutius*.

E' accusado Caligula de ter passado tres dias e tres noites consecutivas no theatro. Para não perder um instante do espectáculo, comia e bebia no camarote imperial. A paixão do neto d'Augusto pelos combates de gladiadores, sentimol-a nós pelas ruinas do Foro: ruinas eloquentes! que nós não podiamos cançar-nos de ver, tocar, e interrogar. De facto, se era Roma o coração do universo, era o Foro Romano o coração de Roma, *umbilicus urbis*, como diziam os antigos. Foco da vida civil e religiosa do povo-rei, era guardado, protegido como a menina do olho, pelos Cesares, das alturas do Palatino, e por Jupiter, do cume do Capitolio. Assim como o sangue parte do coração para a elle voltar, começavam os movimentos militares e religiosos da rainha do mundo neste lugar sob a inspiração de Cesar, do senado e do povo, e sob os auspicios dos deuses (1).

Sabiam do templo de Saturno os estandartes, as aguias, e até a paga das legioens; e os exercitos partidos do Foro dirigiam-se ás extremidades

---

(1) Era sempre no Capitolio que se decidia a guerra depois de se ter ouvido o povo no *comitium*.

da terra, e depois voltavam ao seu ponto de partida; não voltavam porem sós: seguiam-os todas as naçoens do globo umas após as outras, e, atadas ao carro do triumphador, chegaram á formidavel praça. Em breve a morte ou a escravidão as faziam desaparecer; porem uma columna, um arco de triumpho, um tropheu, um templo, repetiam á posteridade o nome e a derrota dellas, e o dia da sua presença na fralda do Capitolio. Qualquer victoria, qualquer acontecimento, qualquer homem, por maior que fosse, não era consagrado á gloria se não tivesse um monumento neste Olympo da terra. Amphitheatro do mundo, viu pois tudo o Foro, e, se se interrogar, repete tudo o que viu. Eu tinha necessidade desta explicação para justificar as nossas frequentes e longas visitas a este logar que a maioria vê em meia hora.

Hontem estavamos defronte da casa d'ouro de Nero! Não ousou assaltal-a ainda, tantos monumentos e tantas recordaçoens existem, no pequeno espaço que della nos separa, sollicitos em pedir-nos audiencia! Primeiramente, não longe da *via Sacra*, eis a morada do Rei dos sacrificios (1), depois a das Vestaes, e por ultimo a dos imperadores-pontifices. Dá a derradeira uma lição que cumpre colher com desvello. Reunir em suas mãos o sacerdocio e o imperio, tal foi sempre, nas epochas de decadencia moral, o sonho favorito dos reis; mas desgraçado do mundo se elle se torna em realidade. Roma é disto a primeira prova. Regressando d'Accio e Philippes, onde havia abafado a romana liberdade, apressou-se Augusto a cingir a tiara. Seus successores no imperio quizeram sel-o

---

(1) *Domus regis sacrificuli.*

no summo pontificado, e com effeito o foram. Este titulo figura nas inscripçoens dos seus arcos de triumpho, e nas suas medalhas; e orna todos os monumentos erectos em honra sua. E viu-se Nero, Tiberio, Caligula, Vitellio, Domiciano e Adriano offerecerem sacrificios e dictarem leis ás consciencias: amarga irrisão!

Todavia, não era isso mais que o primeiro passo. Revestidos de poder divino, só lhes faltavam as proprias honras da Divindade, sacerdotes, templos e altares; tudo isto lhes foi concedido. A partir d'Augusto até á ruina total do paganismo, contam-se cincoenta e um imperadores ou imperatrizes collocados no numero dos deuses (1). Cada apotheose annunciava a erecção d'um templo, e a creação de um collegio de sacerdotes destinados ao culto da nova divindade. D'ahi vem essas denominaçoens tam communs nas inscripçoens antigas: « *Vir ou flamen Augustalis, flamen Hadrianalis, flamen Trajanalis*, sacerdote d'Augusto, sacerdote d'Adriano, sacerdote de Trajano; ou então: *sacerdos divæ Augustæ, sacerdos divæ Domitillæ, sacerdos divæ Faustinae*, sacerdotiza de Livia, sacerdotiza de Domitilla, sacerdotiza de Faustina. »

Ora, todos estes sacerdoços publicos e privados, passavam e tornavam a passar incessantemente pela cidade, em longas procissoens, para se dirigirem ao Capitolio, especialmente nas epochas em que se annunciavam as *nonas* na *Curia calabra*. O caminho que alli os conduzia costêa a esquerda do Foro; d'ahi procede o nome de *via Sacra*, que lhe foi dado e que ainda conserva.

Esta *via Sacra* continua a existir; è demasia-

---

(1) Onuphr., p. 176 e ségu.

do celebre na historia tanto por si mesma como pelos monumentos que a ornavam, pelo que não deviamos guardar silencio acerca della. Na extremidade opposta ao Capitolio, e chamada *summa via Sacra*, erguia-se o templo da deusa *Orbona*, invocada contra a morte; mais adiante, o santuario de *Strenia*, deusa que presidia aos presentes do primeiro dia do anno. Alli estava a estatua equestre de Clelia, joven heroína cuja coragem fez tremar Porsenna; depois a d'Horacio Cocles, outro nome famoso; por ultimo, não sei quantos elephantes de bronze e carros de victoria, encarregados de repetirem á mocidade romana os altos feitos de seus avós.

Estes templos, estas edículas, estes tropheus, e multidão d'outros monumentos de que não resta mais que o nome, guarneciam o lado esquerdo da via Sacra: á direita brilhavam as magnificencias do Palatino. Começando ao pé do Coliseu, a via Sacra costeava o Foro, passava por diante da casa de Julio Cesar, do templo da Paz, do templo de Faustina, e vinha terminar no arco de Septimo Severo, na fralda do Capitolio. Como todas as vias romanas, é calçada de largas lageas. O governo pontificio oppõe-se, o quanto pôde, aos estragos do tempo, e vimos os pobres de Roma, munidos de pequenos ganchos de ferro, arrancar a herva que cresce entre as pedras. Mil recordaçoes de todas as especies vos assaltam quando pondeis os pés nestas velhas lageas que ainda teem o signal dos carros romanos. Que de lagrimas, dizia eu comigo mesmo, molharão estas pedras que eu vejo com meus proprios olhos, que toco com meus proprios pés! por aqui passaram os triumphadores Romanos, seguidos das suas legioens victoriosas e dos seus rebanhos de



prisioneiros. Estas lageas que me sustentam foram pizadas pelo carro de Tito, pelas patas dos seus cavallos, pelos pés dos seus soldados, e dos Judeus captivos. Que de grandes homens ellas viram! Os passos de Julio Cesar, Cicero, Pompeu, de todos os imperadores marcaram nellas os seus vestigios; quantas vezes ellas foram tintas de sangue! Um dia, Vitellio, atraçoado pela victoria, passava por aqui, meio nú, arrastado ignominiosamente ao supplicio como um escravo e um scelerado. N'este *Longchamps* do paganismo se apertavam os elegantes, os ociosos, os curiosos de que estava cheia Roma; as damas romanas, as Sempronias e as Messalinas, vinham aqui ostentar os seus encantos e os seus enfeites; o proprio Horacio vinha aqui passar tempo (1). Esta via Sacra, profanada como todos os logares de Roma, devia ser lavada, e eu a vejo em breve regada com o sangue dos nossos martyres conduzidos ao amphiteatro.

Entre todas as recordaçoes que em tropel surgiam deste logar memoravel, uma ha que dominava todas as outras: a casa d'oiro de Nero erguia-se ante os olhos da nossa imaginação com suas proporçoes colossaes e suas fabulosas riquezas. Achando-se n'um espaço demasiadamente estreito no seu palacio do Vaticano, quiz o tyranno, o cocheiro, o poeta, o comediante fazer uma habitação digna de si. No dizer da historia, foi o

---

(1) *Ibam forte via Sacra, sicut meus est mos.*

*Horat.*

*Cui sæpe immundo Sacra conteritur via socco.*

*Propert.*

*Nec sinit esse moram, si quis adire velit.*

*Horat. in epodis.*

edifício imperial a expressão perfeita do pensamento creador. Antes cidade que palacio, cobria a casa d'ouro todo o espaço que se estende desde as ruínas do templo da Paz até á fraida do Monte Coelio, e desde o Palatino até ao Esquilino. Deste modo tinha ella pelo menos uma legua de circumferencia. Neste recinto se achavam lagos, prados, tapadas cheias d'animaes particulares. O vestibulo correspondia ao terreno do templo da Paz. Era rodeado de tres ordens de columnas de precioso marmore e prodigiosa altura. Do vestibulo passava-se ao *atrium*: era uma salla de extraordinaria magnificencia, e grande bastante para servir para as assembleas do senado.

Uma soberba porta abria sobre o lago onde se acha hoje o Colisen. Segundo Suetonio, era antes este lago um mar cercado de edificios, magnifico prolongamento do palacio (1). Em frente do lago elevava-se a estatua colossal do imperador. Era de marmore, e tinha cento e vinte pés d'altura. *Deus durante a vida*, tinha Nero em volta da cabeça a aureola raiada, e, como Nabuchodonosor, fazia que lhe rendessem no seu proprio palacio as honras divinas (2). Taes eram as proporçoens da casa, ou para melhor dizer da cidade Neroniana.

As riquezas prodigalizadas nos seus ornatos excedem o quanto se pode imaginar (3) Todas as paredes estavam cobertas de laminas d'ouro cravejadas de pedras preciosas e diamantes; os tec-

---

(1) *Stagnum maris instar circumseptum ædificiis ad urbium speciem. Suet. in. Ner.*

(2) Vêde Nardini, *Roma antica*, p. 116.

(3) Tacit. lib. XV.

los adornados d'ouro e pinturas exquisitas ; o soalho de mosaico fino. Os *triclinia*, ou sallas de comer, eram rodeados de almofadas gyrantes, de pau de ebano, que derramavam sobre os convivas flores e perfumes. Em leitos de folhas de rosa e de myrto estavam mollemente deitados Nero e os seus cortesãos, com a cabeça coroada de flores odoríferas. Tudo o que a terra e o mar podiam fornecer mais raro e delicado lhes era servido em vasos de ouro e prata (1). Os jantares contavam até vinte e duas cobertas. Junto de cada conviva se conservavam de pè varios escravos ; um delles refrescava o ar agitando um ligeiro leque ; outro afastava as moscas com um ramo de murta. Alguns musicos, situados defronte dos *triclinia*, afagavam os ouvidos com agradaveis symphonias. No fim da comida chegavam grupos de meninos que executavam danças voluptuosas cantando poesias bachicas e acompanhando-se com o som das castanhetas (2).

A este espectaculo succedia outro mui digno de Nero. Ora paredes moveis, dobrando-se sobre si mesmas, deixavam ver o theatro em que o sangue dos gladiadores corria a grandes ondas e era o ultimo tempero do festim ; ora os gladiadores eram introduzidos na propria salla onde se degollavam ante os olhos dos convivas. Outras vezes subia-se aos terraços, d'onde se viam em grande

---

(1) Lib. XXXVI, c. 22.

(2) As particularidades destas ceias imperiaes são textualmente tiradas dos auctores pagãos : não os cito por causa da brevidade. Vejam-se os *scriptores domus Augustæ*, Plinio e Dion. Cassio.

escalla os combates d'homens e animaes que se despedaçavam para deleitar Nero e a digna sociedade que elle personificava. Estes terraços todos, chamados *solaria*, eram cobertos d'aves de prata de exquisito trabalho e tamanho natural ; de modo que o espectador desviado cria ver companhias de pavoens, de cysnes e de pombas, promptas a soltarem o vôo. As sallas de banhos resplandeciam com pedras preciosas, ouro e prata, e todos os requintes da molleza acompanhavam o uso do banho que se repetia até tres vezes por dia.

Porem a maravilha da casa de ouro era o templo da Fortuna. Encerrado nos quartos interiores, era construido de marmore *do esphinge*. « Este marmore, assim chamado por causa da sua transparencia, era, diz Plinio, uma pedra da Cappadocia, dura como o granito, branca como a neve, transluzente ainda mesmo debaixo dos veios doirados que a sulcavam. Tinha a propriedade de attrahir a luz, de modo que brilhava ainda muito tempo depois de se terem fechado as portas do templo (1) ; » mas basta sobre a casa d'ouro de Nero. A descripção circumstanciada desta gigantesca loucura nos levaria demasiado longe. Haviamos percorrido o sitio que ella occupava ; porque deste palacio, construido com os despojos do universo, nada resta na parte esquerda da via Sacra. A' direita, a encosta do Palatino vos mostra ainda algumas substrucçoens, e o local da grande escada que, partindo do Foro, unia as duas partes do edificio.

Até aqui tinhamos estudado o interior e o lado esquerdo do Foro ; chegados á extremidade fal-

---

(1) Lib. XXXV, c. 22.

tava-nos ver o arco de Tito que se ergue na frente da praça, e esquadrinhar, voltando para o Capitolio, o lado direito do Foro encostado ao Palatino.

O arco de triumpho erguido a Tito, depois da tomada de Jerusalem, é um dos monumentos mais bem conservados da antiga Roma. É de marmore branco, d'uma só arcada coroada d'uma cornija de bello lavor, e ornada de inscripções e esculpturas da mais alta importancia. Nas paredes interiores da curvadura estão baixos-relevos cujo aspecto produz um sobresalto involuntario. D'um lado, vê-se Tito vestido de triumphador, de pé n'um carro e coroado pelas mãos da Victoria collocada por cima da sua cabeça. Na parte superior da abobada apparece a aguia divina transportando para o ceu a alma do heroe.

Isto fez crer que o monumento não fôra erguido senão depois da morte do imperador; porem não nos parece fundada esta conjectura. Todo o mundo sabe que a lisonja romana nem sempre esperava o trespasso dos imperadores para os pôr no numero dos Deuses. Da outra parte da abobada vê-se o candelabro de sete braços do templo de Jerusalem, o pão de proposição, as trombetas do jubileu collocadas sobre andores sustentados pelos hombros dos soldados romanos, coroados de loiros e caminhando para o Capitolio. No friso que olha o Coliseu lê-se a seguinte inscripção:

SENATVS. POPVLVSQVE. ROMANVS. DIVO TITO. DIVI.  
VESPASIANI. F. VESPASIANO. AVGVSTO.

« O Senado e o Povo Romano ao divino Tito, filho do divino Vespasiano, Vespasiano Augusto. »  
A mais nobre fachada, virada para o Capi-

tolio, tinha est'outra inscripção, tambem mais noble e explicita que a primeira :

S. P. Q. R.

IMP. TITO. CAES. DIVI. VESPASIANI. FILIO  
VESPASIANO. AVG. PONT. MAX. TR. POT. X.  
IMP. XVII. COS. VIII. PP. PRINCIPI. SVO. QVI  
PRAECEPTIS. PATRIAE. CONSILIISQVE. ET  
AVSPICIIS. GENTEM. IVDAEORVM. DOMVIT  
ET VRBEM IEROSOLIMAM. OMNIBVS ANTE  
SE DVCIBVS REGIBVS. GENTIBVS. AVT. FRVSTRA  
PETITAM. AVT. INTENTATAM. DELEVIT (1).

Sob os golpes do tempo e quiçà dos Barbaros cahira esta inscripção : acharam-a de novo no gran-

---

(1) Eis aqui esta bella inscripção em latim ordinatio e em portuguez : « Senatus Populusque Romanus imperatori Tito Caesari, divi Vespasiani filio, Vespasiano Augusto, Pontifici Maximo, tribunitia potestate decies, imperatoria decies septies, consulari octies, patri patriæ, principe suo, qui præceptis patriæ, consiliisque et auspiciis, gentem Judæorum domuit et urbem Hierosolymam omnibus ante se ducibus, regibus, gentibus, aut frustra petitatam aut intentam delevit. »

• O Senado e o Povo Romano ao imperador Tito, Cesar, filho do divino Vespasiano, Vespasiano Augusto, summo pontifice, dez vezes tribuno, dezesete vezes imperador, oito vezes consul, pai da patria, seu principe, que, pelas ordens da sua patria, seus conselhos e sob seus auspicios, domou a nação Judaica e destruiu a cidade de Jerusalem, em vão sitiada ou atacada antes d'elle por todos os generaes, reis e naçoens. »

de circo, bastante bem conservada para ser transcripta correctamente, mas demasiado damnificada para ser tornada a pôr no seu primeiro lugar. Tal é o arco de Tito. Os Judeus nunca o vêem sem profunda dor, e acaso com ainda mais profunda indignação. Se algum dia vos achardes no Foro com algum delles, observareis que se afastará para não passar por baixo; foi para elle que se fez um corredor da banda do Palatino. Vã protestação! O monumento da sua escravidão e a prova do seu deicidio nem por isso deixam de subsistir.

Descrevendo um semi-circulo sobre a direita, chegamos ao Capitolio pelo lado do Foro opposto á via Sacra. Como a primeira, está esta nova estrada cheia de recordaçõens. Eis primeiro a *Curia Julia*, edificada por Julio Cesar, na qual o dictador convocava o Senado; está depois a estatua da Victoria, que deu lugar á carta de Symmaco, desse prefeito de Roma, ardente defensor do paganismo, no reinado de Theodosio. é á tam eloquente resposta de Santo' Ambrosio. Mais adiante estava o proprio templo da Victoria, construido sobre as ruinas da casa que o povo reconhecido erguera, dos seus proprios dinheiros, a Valerio Publicola. Caminhando sempre para o Capitolio, via-se o templo de Castor. Homens ingratos que esqueceis os beneficios do Christianismo, vinde aqui; este logar vos dirá eloquentemente as humilhaçoens e os crueis tractamentos de que vos livrou o Evangelho: diante do templo de Castor se celebrava o principal mercado dos escravos (1).

Voltando um pouco para a esquerda, se erguiam o templo e o bosque sagrado de Vesta.

---

(1) Senec., *de Const. sap.* 13.

Neste edificio cuja forma redonda imitava a do globo, conservava Roma o fogo sagrado e o Palladium, penhores da eternidade do imperio. Vêdes, perto d'alli, aquella estatua de bronze doirado? e Domiciano; elle mandou collocar a sua imagem no mesmo sitio onde foi o monumento de Curcio. Nenhum de nós desconhece o nome e a dedicação de Curcio. Havia-se a terra aberto nesta parte do Foro; o oraculo, consultado acerca deste prodigio com que Roma estava amedrontada, respondeu: « O abysmo não póde fechar-se, senão lançando-lhe o que o Povo Romano tem mais precioso. » O joven Marco Curcio imaginou que os Deuses não pediam outra victima que elle: precipitou-se solememente todo armado, com o seu cavallo, no abysmo, e passou, entre os supersticiosos Romanos, por ter salvado a patria. Tendo-se a terra de novo unido, erigiram-lhe uma pyramide.

Quanto mais do Capitolio nos aproximamos, tanto mais se multiplicam os monumentos da superstição. Junto da porta *Carmentale*, está o templo de *Juno Jaga*, chamada assim porque presidia ao casamento; está o templo do deus Aio Locucio, deus fabricado com o seu nome e o seu templo, porque, dizia-se, antes do terrivel ataque dos Galleses, uma voz nocturna se fizera ouvir neste logar, annunciando desgraças; haviam-a desprezado e em expiação dedicaram alli um templo ao deus Aius (1). Finalmente, à entrada do valle que separa o Palatino do Capitolio, estava o *Spoliarium* de Sylla. Este logar funesto era todos os dias cheio de cabeças de senadores e cavalleiros ro-

---

(1) Tit. Liv., lib. V.



manos degollados por ordem do terrivel rival de Mario Chegados ao termo desta longa nomenclatura, teremos bem cuidado de não esquecer a famosa ponte de Caligula. Este doido coroado tivera a phantasia de mandar lançar uma ponte entre o Palatino e o Capitolio, a fim de communicar de uma á outra collina sem passar pelo Foro. De tudo isto restam apenas alguns vestigios.

Para sanctificar todos estes logares, theatros seculares do orgulho, da voluptuosidade e das extravagancias dos pagãos, edificou Roma christan varias egrejas. Nomearemos entre outras a de S. Theodoro. Edificada, dizem os antiquarios, junto da figueira ruminal debaixo da qual foram encontrados Romulo e Remo, serve esta igreja para as assembleas da confraria dos *Nobres*. Levam alli com devoção as creanças recém-nascidas que estão em perigo de vida. Pelo seu nome, recorda ella um desses gloriosos combates tam communs nos annaes da Igreja nascente. Intrepido soldado de Maximiano, porem mais intrepido soldado de Jesus Christo, teve Theodoro a coragem de lançar fogo a um templo de idolos em que se realizava um culto abominavel. Preso immediatamente, será salvo se testemunhar o mais pequeno pesar. Por toda resposta: « Eu sou christão, diz, o que hei feito ainda o faria. » Estendem-o por terra e lhe rasgam as costas com pentes de ferro, até pôrem à vista os ossos e as veias: elle expira.

O seu templo, situado na fralda do Capitolio, olha o de Santa Martinha, collocado do outro lado. Assim, o soldado christão e a virgem consular, ambos martyres, guardam gloriosamente as avenidas do famoso monte; e, ha seculos, as victimas recebem as honras do mundo reconhecido,

naquelles mesmos logares em que seus poderosos verdugos não conservam outro monumento que o seu nome execrado.

---

## 19 de Dezembro.

Capella papal. — O sacro collegio, divisão, origem, numero, nome, dignidade dos cardeaes. — Anecdota. — Missa na Capella Sixtina. — Ceremonias particulares. — Vista do arco de Tito, do Coliseu e do arco de Constantino reunidos. — Reflexoens.

Era o quarto domingo do Advento : havia *capella papal* em S. Pedro. Assim se chama a missa a que assiste o summo Pontifice acompanhado do sacro Collegio. Encantados de fazermos succeder ao sombrio aspecto das ruinas de Roma pagan o Augusto espectaculo das ceremonias de Roma christian, partimos para a veneravel Basilica. Mediante dois paulos e meio (1 fr. 35 cent.), um honesto coche da praça d'Hispanha teve por bem transportar-nos ao Vaticano. Entretanto que o nosso *legno* corria saltinhando por uma calçada de pequenas pedras, os meus jovens amigos obedeciam ao costume inevitavel de todos os viajantes novamente chegados, não digo a Roma, porem a qualquer cidade ou aldea que seja. Com a cara á portinhola observavam as taboletas e as frontarias das casas. Eu succumbia á mesma curiosidade, quando atravessando-me o espirito um bom pensamento, disse a mim mesmo : Vamos ver o sacro Collegio. Mas que è o sacro Collegio? que são os cardeaes? Se eu entro na capella Sixtina sem saber coisa alguma a este respeito ; se,

a maneira dos viandantes passados e presentes, não vejo nestes personagens mais que ecclesiasticos vestidos de vermelho, seria o mesmo que observar vasos etruscos ou hieroglyphos egypcios. Tomando a coisa a serio, convoquei immediatamente as minhas recordaçoes e os meus estudos a assemblea geral: começou a sessão e foram-me dadas as respostas seguintes:

O sacro Collegio divide-se em tres ordens: os cardeaes-bispos, os cardeaes-padres e os cardeaes-diaconos.

A origem dos cardeaes remonta aos primeiros seculos da Egreja, hem que o seu nome só appareça no reinado de Constantino. Ao principio não eram mais que diaconos ou padres de Roma, porem resvestidos d'um poder e d'uma dignidade particulares. Vêmol-os com effeito presidir ao concilio geral de Nicea, e assignarem nelle em nome do papa S. Sylvestre (1). Qual era pois a gerarchia da Egreja de Roma? Convem-se universalmente em que S. Pedro, havendo estabelecido a sua séde na capital do mundo, ordenou padres e diaconos, a quem distribuiu empregos particulares. O seu numero foi em principio mui limitado. Graças aos progressos do Evangelho, S. Cleto, terceiro successor de S. Pedro, pôde elevá-lo a vinte e cinco. Santo Evaristo, que obteve a cadeira de Pedro em 96, dividiu a cidade em freguezias, a

---

(1) Hoc constat ex Nicæna synodo, quæ habita est Sylvestro pontifice, cui inter cæteros duo ita subscribunt: *Victor et Vincentius, præbyteri urbis Romæ pro venerabili viro papa et episcopo nostro Sylvestro*. Plati, de cardin. dignit. et offic. , p. 12.

fim de prevenir toda a confusão : até então não havia mais que um padre em cada freguezia. Pelo anno 140 o papa Santo Hygino, vendo augmentar o numero dos fieis, ajuntou ao pastor varios outros clerigos. Estas egrejas ou freguezias *particulares* foram chamadas *titulos, tituli*; ou porque alli estava o tumulo de um martyr illustre, tumulo chamado titulo ou inscripção; ou porque tudo o que a Egreja recobrava do paganismo se tornava *propriedade, titulus*, desta immortal herdeira de todas as coisas; ou finalmente porque cada padre tomava o nome, *titulus*, da egreja particular de que estava encarregado (1). Tal é a antiga e gloriosa origem dos cardeaes-padres.

Quanto aos cardeaes-*diaconos*, convem saber que a partir da fundação da Egreja de Roma houve nesta cidade sete diaconos, como em Jerusalem. Ordinariamente sem *titulo* particular, exerciam as suas funcções em toda a parte onde se achavam. Ora, è sabido que as funcções dos diaconos primitivos diziam respeito principalmente ao cuidado dos pobres, dos christãos presos pela fé e dos martyres.

Pelo anno 240 o papa S. Fabiano lhes assignou os differentes bairros da cidade. Em Jerusalem vê-se Santo Estevão á frente dos diaconos; o mesmo succedeu em Roma. O chefe destes ministros sagrados, eleito pelo summo Pontifice com o consentimento do clero e do povo, tinha o titulo de arcediago. Ninguem o teve com mais gloria que S. Lourenço. Como hoje, dividia-se então Roma em quatorze regioens: cada diacono tinha por tanto duas regioens na sua divisão. Pouco

---

(1) Baron., an. 112. — S. Greg., *Epist.* 63.

depois, egualou-se, o numero dos diaconos ao dos bairros. Em cada região havia um logar, uma egreja, onde o diacono exercia principalmente as suas funcçoens. Esta egreja foi chamada *diaconia*. Tal é a origem egualmente verdadeira dos diaconos *regionarios*. Aos quatorze primeiros ajuntaram-se em breve quatro novos especialmente destinados a servirem o summo Pontifice na celebração dos sanctos mysterios: foram chamados *palatini* (1).

Restam os *cardeaes-bispos*. Encarregados da sollicitude de todas as egrejas, imitaram os successores de S. Pedro este grande Apostolo; e como elle havia repartido com seus collegas o peso do governo, quizeram tambem sustentalo em commum com os bispos successores dos Apostolos. Escolheram pois, para representarem o corpo episcopal espalhado por toda a terra, os bispos *mais visinhos de Roma*, de que formaram o seu conselho. Contam-se seis, chamados *bispos suburbicarios*. Estes são os bispos d'Ostia e Velletri, de Porto e Santa Ruffina, de Frascati, d'Albano, de Santa Sabina e de Prenesto (2). O bispo de Ostia é sempre deão do sacro Collegio. Este logar, o mais elevado que ha na terra depois do do papa, era occupado, durante a nossa estada em Roma, pelo illustre cardeal Pacca.

O numero dos cardeaes variou segundo os

---

(1) Plati., id., p. 16.

(2) Sixto V, na Bulla *Religiosa sanctorum*, os nomea na ordem seguinte: Ostiensi et Viterbana invicem unitis; Portuensi et Sanctæ Ruffinæ itidem unitis; Albano; Sabinensi; Tusculana; et Prænestina.

tempos : está hoje fixado. O grande papa Sixto V, contemplando com o seu olhar d'aguia essa magnifica gerarchia da Igreja romana, quiz tornal-a immutavel. N'uma bulla, em que se patentêa toda a magestade pontifical, esboça a grandes traços as similhanças da antiga e da nova Lei ; mostra Moisés associando a si, por ordem de Deus, setenta anciãos para o ajudarem a introduzir a nação santa na terra de promissão : depois applicando esta magnifica figura á Igreja christã, encarregada de conduzir o genero humano à Jerusalem eterna, estabelece que d'ora em diante setenta anciãos formarão o senado do Moisés catholico. Depois de haver-lhes mostrado em sublime linguagem a grandeza da sua dignidade e a importancia dos seus deveres, assigna a cada um delles por *titulo* uma das egrejas de Roma (1).

---

(1) Eis o nome das egrejas titulares, de todos os cardeaes ; para os cardeaes *padres* : 1.º Sanctæ Mariæ Angelorum in Thermis ; 2.º Sanctæ Mariæ in Trans Tiberim ; 3.º Sancti Laurentii in Lucina ; 4.º Sanctæ Praxedis ; 5.º Sancti Petri ad Vincula ; 6.º Sanctæ Anastasiæ ; 7.º Sancti Petri in Monte Aureo ; 8.º Sancti Onophrii ; 9.º Sancti Silvestri in Campo Martio ; 10 Sanctæ Mariæ in Via ; 11 Sancti Marcelli ; 12 Sanctorum Marcellini et Petri ; 13 Sanctorum duodecim Apostolorum ; 14 Sanctæ Balbinæ ; 15 Sancti Casarei ; 16 Sanctæ Agnetis in agone ; 17 Sancti Marci ; 18 Sancti Stephani in Cœlio Monte ; 19 Sanctæ Mariæ Transpontinæ ; 20 Sancti Eusebii ; 21 Sancti Chrysogoni ; 22 Sanctorum Quatuor Coronatorum ; 23 Sanctorum Quirici et Julittæ ; 24 Sancti Calixti ; 25 Sancti Bartholomæi in Insula ; 26 Sancti Augustini ; 27

Para honrar a sciencia e a virtude em toda a parte onde ellas se acham, o sacro Collegio recruta-se nas fileiras do clero secular e regular, e, quanto é possivel, em todas as naçoens. Deve contar pelo menos quatro doutores em theologia pertencentes as congregaçoes religiosas e em especial

---

Sanctæ Cœcilïæ ; 28 Sanctorum Joannis et Pauli ; 29 Sancti Martini in Montibus ; 30 Sancti Alexii ; 31 Sancti Clementis ; 32 Sanctæ Mariæ de Populo ; 33 Sanctorum Neræi et Achillæi ; 34 Sanctæ Mariæ de Pace ; 35 Sanctæ Mariæ de Ara Cœli ; 36 Sancti Salvatoris in Lauro ; 37 Sanctæ Crucis in Jerusalem ; 38 Sancti Laurentii in Panisperna ; 39 Sancti Joannis ante Portam Latinam ; 40 Sanctæ Pudentianæ ; 41 Sanctæ Priscæ ; 42 Sancti Pancracii ; 43 Sanctæ Sabinæ ; 44 Sanctæ Mariæ Supra Minervam ; 45 Sancti Caroli ; 46 Sancti Thomæ in Parione ; 47 Sancti Hieronymi Illiricorum ; 48 Sanctæ Susannæ ; 49 Sancti Sixti ; 50 Sanctæ Mattæi in Merulana ; 51 Sanctissimæ Trinitatis in Monte Pincio.

Quanto aos cardeaes *diaconos*, eis o nome das diaconias : 1.º Sancti Laurentii in Damaso ; 2.º Sanctæ Mariæ in Via Lata ; 3.º Sancti Eustachii ; 4.º Sanctæ Mariæ Novæ ; 5.º Sancti Adriani ; 6.º Sancti Nicolai in Carcere Tulliano ; 7.º Sanctæ Agathæ ; 8.º Sanctæ Mariæ in Dominica ; 9.º Sanctæ Mariæ in Cosmedin ; 10 Sancti Angeli in Foro Piscium ; 11 Sancti Georgii in Velum aureum ; 12 Sanctæ Mariæ in Porticu ; 13 Sanctæ Mariæ in Aquiro ; 14 Sanctorum Cosmæ et Damiani ; 15 Sancti Viti in Macello.

Ajuntando os seis bispados d'Ostia, Porto, Albano, Santa Sabina, Frascati e Palestrina, tendes

às ordens mendicantes. Com receio de que o espirito de familia se introduza em uma instituição eminentemente catholica, os dois irmãos, os dois primos, o tio e o sobrinho, nunca pôdem, qualquer que seja o seu merito, assentar-se juntos no augusto senado.

O nome dos cardeaes revela por si só o importante papel que lhes está assignado na gerarchia catholica. Similhantes aos cixos que sustentam as portas do templo material, estão elles collocados no edificio da Igreja como gonzos sagrados sobre que gyra a porta immortal que abre e fecha o ceu; quer dizer que são o apoio e o senado do vigario de Jesus Christo, a quem rodeiam com suas luzes, com sua experieucia, com sua coragem e com sua illimitada dedicação (1). Inscripto pela primeira

---

setenta e dois titulos; dois mais na apparencia do que fixa a Bulla de Sixto V. Mas cumpre observar que o titulo de S. Lourenço *in Damaso* não è uma diaconia propriamente dicta. E' sempre dado ao vice-chancellor da Igreja romana, quer seja diacono, padre ou bispo. Por consequencia, Sixto V ajuntou dois titulos, a fim de que se o vice-chancellor fosse diacono ou bispo, nenhum outro cardeal, diacono ou bispo fosse privado do seu titulo. Em todas as letras apostolicas em que se acha a assignatura dos cardeaes, cada cardeal deve assignar indicando o seu titulo.

(1) Apostolica sedes caput et cardo a Domino et non ab aliis constituta est, et sicut cardine ostium regitur, sic hujus apostolicæ sedis auctoritate omnes ecclesiæ (Domino disponente) reguntur. Unde Senatus cardinalium a cardine nomen accepit, quasi se regat et alios; sicut enim ostium



vez na historia, na epocha do concilio de Roma, no reinado de Constantino, o seu nome brilha depois em todas as paginas dos annaes christãos (1). Vêem-se alternativamente presidir aos concilios geraes, ou tractar na qualidade de embaixadores, junto dos imperadores do Oriente e dos reis do Occidente, dos mais graves interesses das sociedades modernas, administrar a propria Igreja durante a vacatura da Sancta Sé, e exercer nos conclaves a gloriosa prerogativa de darem um chefe á christandade (2).

---

regitur per cardines ; ita Ecclesia per istos. Et cardinales cardines dicuntur in Romana Ecclesia duplici similitudine, vel quia sicut domus habet ostium et cardinem, sic Ecclesia habet papam qui est ostium Dei vel Ecclesiæ et cardinales, etc. Moscon. *de Majestate milit. eccl.* lib. I, c. V ; et ex cap. *Sacro Sancta*, 2, dist. 22 ; e o papa Eugenio IV, na sua constituição *Non mediocri*, § 14. Quorum officio nomen ipsum consonat optime, nam sicut super cardinem volvitur ostium domus, ita super eos Sedis apostolicæ et totius Ecclesiæ ostium quiescit. — E o cardeal Pedro d'Ailly *de Auct. Eccl. cap. de card.* : Senatui apostolorum succedit Collegium sacrum cardinalium quantum ad illum statum, quo Apostoli consistebant Petro, antequam fierent particularium ecclesiarum episcopi.

(1) Praesul non damnatur nisi cum 72 testibus ; presbyter vero cardinalis nisi cum 64 testibus non deponatur ; diaconus autem cardinalis urbis Romae, nisi cum 27 testibus non condemnabitur. *Cap. praesul.* 2, 90, 5, *caus.* 2.

(2) Até ao seculo XI.º, era o summo Pontifice eleito por todo o clero com o *testimunho* do povo.

Assim todos estes veneraveis personagens que nós iamós ver pela primeira vez reunidos em torno de vigario de Jesus Christo, excedem em dignidade os bispos, os arcebispos, os patriarchas e os primazes. (1) Se é bello ver um rei no meio dos seus grandes officiaes, permittir-nos-hão que achemos ainda mais bello contemplar o summo Pontifice rodeado da sua augusta cõrte.

Tantas grandezas e tanto poder deviam ser ro-

---

Para evitar os inconvenientes inherentes a esta maneira de eleição, o papa Nicolau II, em 1059, no concilio de Roma, decidiu que os cardeaes tivessem a principal parte na eleição pontifical; mas que o resto do clero e o povo fossem consultados e convidados a darem o seu consentimento. « Decernimus atque statuimus, ut ubeunte hujus « Romanae universalis Ecclesiae Pontifice, in pri- « mis cardinales episcopi diligentissime simul de « electione tractantes, mox Christi clericos cardi- « nales adhibeant, sicque reliquos clerus et populus « ad consensum novum electionis accedat. » *Cap. in nomine Domini*, I, dist. 23. — Este novo modo de eleição durou até ao tempo d'Alexandre III, em 1179. Manifestando-se ainda algumas vezes divisoens, este summo Pontifice decidiu no concilio geral de Latran, que seria canonicamente eleito aquelle, que reunisse os dois terços dos votos dos cardeaes, devendo d'ahi em diante o clero e o povo ficar estranhos á eleição. Tal é a forma actual confirmada pelos seculos, pelos summos Pontifices e pelos concilios geraes. *Vêde* Barbosa, *Jus. Eccl. univ.*, lib. I, c. I, n. 55.

(1) *Santæ Romanæ Ecclesiæ cardinales cæteros omnes*, etc. Ferraris, art. *Cardin.*

deados desse brilho exterior, necessario, digam o que disserem, para infundir respeito. Assim é que os summos Pontifices tiveram o cuidado de realçar, por meio de distincçoens e privilegios, a dignidade dos principes da Egreja. No concilio geral de Lyão, em 1244, Innocencio IV lhes concedeu o direito de usarem do chapéu vermelho; Paulo II lhe ajuntou o uso do barrete e do solideo vermelho, prohibindo, sob graves penas, a qualquer outro o ornar a cabeça com um objecto de igual côr; finalmente, estabeleceu o teliz de purpura para as suas cavalgaduras, quando o sacro Collegio sahisse a cavallo. O titulo de *eminencia*, de *eminentissimo*, dado aos cardeaes, com exclusão de qualquer outro dignatario da Egreja, data d'Urbano VIII. Porem um dos mais gloriosos privilegios dos cardeaes, é o direito de obterem a graça d'um criminoso condemnado á morte. Se, no dia d'uma execução, o lugubre cortejo encontra um cardeal sahido do seu palacio sem designio premeditado, o culpado está livre. E' isto uma recordação do antigo privilegio das vestaes? Estou quasi tentado a crel-o, tanto se apraz Roma christan em conservar os nobres costumes da antiguidade.

Uma regra severa, mas cheia de sabedoria, prohibe aos cardeaes o andarem a pé pelas ruas de Roma; não pôdem descer da carruagem senão depois de terem transposto o recinto das muralhas. A Egreja não quer que elles estejam confundidos na multidão, e expostos a uma falta de respeito ainda mesmo involuntaria: esta regra é inflexivel. O cardeal de Rohan, arcebispo de Besançon, achando-se em Roma depois da revolução de julho, quiz obter dispensa della. Os maus tractamentos soffridos

pelo illustre cardeal, o exilio a que elle se havia condemnado, o seu illustre nascimento, a sua rara piedade, a particular affeição com que o honrava o summo Pontifice eram, parece, titulos certos ao favor que solicitava. Um dia pois apresenta-se elle no Vaticano: « Santissimo Padre, diz, tenho uma graça a pedir-vos. — Fallai. — Estou hospedado ao pé da Trindade dos Montes, onde digo missa; rogo a vossa Santidade me permitta o dirigir-me lá a pé. — Pedi-me tudo o que quizerdes; mas disso não fallemos, pois me é impossivel conceder-vol-o. »

Entretanto todos esses principes da Egreja que vêdes percorrer as ruas de Roma em carruagens doiradas, puchadas uniformemente por cavallos pretos de compridas clinas, são, no seu interior, de uma simplicidade e de uma affabilidade encantadoras. Debaixo da purpura brilha a humildade do capuchinho, a sciencia do beneditino e a caridade do camandula. A sua vida é mui occupada: chefes das congregaçoes romanas, protectores das ordens religiosas, o estudo, as audiencias papaes, o cuidado dos pobres, obras de piedade, as instituições charitativas e scientificas, as incitações ás artes absorvem o seu tempo e as suas modicas rendas. Não ha um viajante que não tenha de se admirar ao ver os esplendidos monumentos erguidos nas egrejas de Roma, a expensas dos cardeaes titulares.

Acabava eu de lhes passar revista quando a nossa carroagem parou ao pé da grande escadaria que sóbe á capella Sixtina. Chegados antes do principio do officio, podemos situar-nos de modo que vissemos bem. Sabe-se que a capella Sixtina é uma das glorias de Miguel Angelo: o grande ar-

tista pintou a abobada em vinte mezes. Alli vêdes a Creação, as principaes passagens do Velho Testamento; mais abaixo, nos angulos e nos oculos, estão os Prophetas e as Sibyllas; é toda a epopêa do genero humano, porque o desenlace de todas as coisas, o *Juizo final*, decora o fundo da capella.

Esta famosa pintura a fresco, gloriosamente copiada por Sigalon, tem soffrido muito. Nem por isso é menos admirada pelos artistas; mas em boa consciencia, e bem que custasse tres annos de trabalho ao seu auctor, não é isenta de defeito. Como crer, por exemplo, que no dia do juizo Nosso Senhor terá o aspecto agastado d'um simples mortal, a attitude convulsiva de Jupiter arremeçando o raio, ou de Neptuno sofrendo as ondas? E' facil de ver, nesta falta de verdade, a terrivel influencia do mytho olympico sobre o genio do artista christão.

Entretanto formava-se a assemblea. Os chefes d'ordens, em todos os trajos, vinham occupar os seus logares do lado da epistola. Diante delles elevam-se as cadeiras dos cardeaes que estão á direita e esquerda do recinto reservado. Brevemente os principes da Egreja trazendo a murça de arminho branco, a *cappa magna* roxa, chegaram seguidos dos seus caudatarios, e tomaram logar nos assentos erguidos de ambos os lados do côro.

De repente abriu-se uma porta á direita do altar: o summo Pontifice appareceu; toda a gente se levantou; o augusto ancião trazia a capa e a mitra branca. Depois d'uma breve adoração aos pés do altar, subiu ao seu throno collocado no sanctuario ao lado do Evangelho: um bispo estava no altar.

Que grave aspecto apresentava a capella Sixtina ! Todos os principes da Egreja, a maior parte velhos de cabello branco, dispostos em volta do Pontifice supremo, tambem velho, encanecido pelos trabalhos e pelas sollicitudes ; a magestade das suas fronte, o religioso silencio do auditorio, tudo isto formava um espectaculo com que é profundamente commovida a alma do viajante christão. Pode a vista humana contemplar uma assemblea mais augusta ? que côrte da Europa e do mundo offerece um senado em que se achem reunidas tanta gravidade, tanta sciencia, tantas virtudes, tanta experiencia dos homens e das coisas ? Os meus olhares fixaram-se em particular no deão do sacro Collegio, o illustre cardeal Pacca. Lembrava-me com enternecimento de que em 1810 este veneravel ancião foi arrebatado de Roma com o papa Pio VII, não tendo entre ambos, por todo recurso, mais que *trinta e cinco soldos* nas algibeiras ! Olhei com curiosidade misturada de temor o cardeal Mezzofanti, esse *Pentecostes vivo*, esse prodigio unico na historia, que falla trinta e tres linguas, cada uma com o seu accento particular, e que comprehende quarenta e oito ou cincoenta, sem contar os dialectos.

Começou o officio e nós fomos testemunhas de varias ceremonias cheias de senso e magestade. Antes da missa, todos os cardeaes foram beijar a mão do Papa : doce homenagem prestada pelos principes da Egreja ao Augusto ancião, pai, rei e pontifice. Ao Evangelho, um religioso subiu ao pulpito e fez um discurso latino d'um quarto de hora pouco mais ou menos. Segundo o antigo costume, não se préga senão nesta lingua diante do Santo Padre. Acabado o sermão, toda a assem-

blea se ajoelhou e o celebrante começou o *Confiteor*, que toda a gente recitou com elle em voz alta. Como está bem collocado este *Confiteor* ! O prégador tem talvez que exprobrar-se o não haver tractado a palavra de Deus com bastante respeito e pureza de intenção : *Confiteor*. O auditorio não prestou talvez attenção ou não teve desejo de aproveitar essa palavra que nos ha de julgar : *Confiteor*. Todos teem precisão de humildade ; porque a humildade é o melhor meio de supprir as disposições desprezadas ou de attrahir novos favores : *Confiteor*.

Ao *Credo*, o sacro Collegio descen das cadeiras e foi postar-se em semi-circulo na nave, em frente do sanctuario. E terieis ouvido todos esses principes do mundo, de cabellos brancos, de pé diante do altar do Cordeiro, recitarem em voz alta o symbolo catholico ; e esse mesmo symbolo era repetido á mesma hora, no mesmo dia, por milhoens de catholicos em todos os pontos do globo, e a unidade e universalidade da fé setornavam em certo modo palpaveis ! Depois da profissão de fé, os cardeaes voltaram aos seus logares. Ao *Sanctus*, desceram delles novamente e foram, como ao *Credo*, collocar-se em circulo no interior da nave ; todos juntos repetiram o hymno da eternidade : *Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus*, etc. Depois, viu-se todos esses velhos pôrem-se de joelhos e, despojando as cabeças brancas do solideo vermelho, insignia da sua dignidade, inclinarem-se até ao chão para adorarem o Deus aniquilado sobre o altar. Não era isto uma visão do ceu ? « E eu vi, diz S. João, os vinte e quatro anciãos prostrados diante do throno do Cordeiro, e os ouvi repetir : *Sancto, Sancto, Sancto é o*

*Senhor, Deus dos exereitos.* » Terminada a elevação todos voltaram aos seus logares, esperando o osculo de paz que lhes foi trazido pelo arcediago, e que elles deram uns aos outros abraçando-se. Confesso-o, nunca a religião me apparecêra tam sublime, tam magestosa, tam cheia de ineffaveis mysterios como nesta missa unica na terra, por causa da assemblea que a ouve. Tal foi o principio do nosso dia, e eis aqui o fim d'elle.

Roma é a cidade dos contrastes: como Rebecca tem ella dois mundos oppostos em seu ventre. Gostavamos de passar d'um ao outro; iinvestigavamos as grandes antitheses de Roma pagan e de Roma christian, e quanto era possivel expunhamos a nossa alma á sua poderosa acção, no mesmo dia, á mesma hora. Esta passagem continua d'uma impressão á outra faz a felicidade do peregrino: a sua vida é com isso duplicada. Assim é que algumas horas depois da nossa sahida da capella Sixtina, eu vinha repouisar aos raios tepidos do sol d'Italia, na encosta oriental do Palatino, que já na vespera haviamos visitado.

Havia muitos dias que eu reservava este logar para servir-me de ponto de observação; creio que se Jeremias viesse meditar sobre as ruinas de Roma, não escolheria outro sitio. Alli, assentado sobre o pó do palacio imperial d'Augusto e de Nero, tendes a pouca distancia o arco de Tito, o arco de Constantino e o Coliseu que formam diante de vós como um vasto triangulo. Edificados nas fronteiras do mundo antigo e do novo, na epocha em que o judaismo e o paganismo disputavam à Egreja nascente o imperio da humanidade, estes tres monumentos, indestructivel solda da historia profana e da christian, immortalizam, com o



nome das tres potencias belligerantes, a existencia, os meios e o exito da grande lucta.

O primeiro que fere a vista, é o arco de Tito; elle repete, nas suas duas inscripçoens, gravadas pelas mãos romanas, a antiga prophacia de Daniel, o deicidio do Calvario, o principe estrangeiro vindo á testa do seu exercito, destruindo Jerusalem e o Templo e levando captivos os filhos d'Israel; diz ainda o resultado da lucta travada por este povo contra o Christo em pessoa, e mostra a todas as geraçoens o effeito destas palavras deicidas: *Caia sobre nós e sobre nossos filhos o seu sangue!*

O segundo, é o Coliseu; este espantoso monumento atesta, a incalculavel degradação da humanidade nos dias do Christianismo nascente; a guerra de morte que o paganismo, elevado ao auge do seu poder, fez à Igreja; o brilho destumbrante do milagre que deu a victoria ao fraco contra o forte, ás victimas contra os algozes; e esta arena sangrenta foi edificada pelos Judeus, prisioneiros de Tito! O' Salvador Jesus, Cordeiro dominador do mundo! era-vos mister um campo de batalha para vencerdes com estrondo; era-vos mister um Capitolio para coroardes os vossos heroes: e quizestes que vossos proprios inimigos, os pagãos e os Judeus, elevassem por suas proprias mãos o theatro immortal da sua derrota e da vossa victoria!

O terceiro, é o arco de Constantino. Os vossos olhares dirigidos para a direita encontram esta eloquente e fiel testemunha da victoria completa do Christianismo sobre o mundo. Superior, pelas suas dimensoens, ao de Tito, vencedor d'uma nação particular, o arco de Constantino vencedor do paganismo é de tres arcadas. Debaixo da grande abobada lê-se de um lado:

LIBERATORI VRBIS

« Ao Libertador de Roma ; »  
do outro lado :

FVNDATORI QVIETIS

« Ao Fundador da paz. »

Por cima do friso acha-se repetida, de cada lado do monumento, a inscripção para sempre celebre que proclama o principe christão *divinamente* vencedor :

IMP. C.ES. FL. CONSTANTINO MAXIMO P. F. AVGVSTO  
S. P. Q. R.

QVOD INSTINCTV DIVINITATIS MENTIS MAGNITVDINE  
CVM EXERCITV SVO

TAM DE TYRANNO QVAM DE OMNI EJVS FACTIONE  
VNO TEMPORE IVSTIS REMPUBLICAM VLTVS EST ARMIS  
ARGVM TRIVMPHIS INSIGNEM DICAVIT.

« Ao imperador Cesar Flavio Constantino, grandissimo, sempre feliz, Augusto, o Senado e o Povo romano, por ter, pela inspiração da Divindade, e grandeza do seu genio, vingado com o seu exercito, n'uma guerra justa, a republica do tyranno e de toda a sua facção, dedicou este arco triumphal. »

E os tres monumentos que eu contemplava são contemporaneos dos factos que attestam ; os dois primeiros são devidos a mãos insuspeitas : o terceiro testemunha um facto brilhante como o sol.

Estão alli, a cincoenta passos de distancia, e os Barbaros que destruíram tantos outros os respeitaram ! Se accrescentardes o Pantheão d'Agrippa, achareis que, de todos os edificios mais bem conservados da antiga Roma, os mais incontestá-

volmente inteiros são exactamente aquelles que attestam os grandes factos do Christianismo. Não vos parece visivel o dedo da Providencia na conservação excepcional destes monumentos ! Como , na presença de semelhante espectáculo, não cahir de joelhos e dizer do fundo do coração : *Meu Deus, eu creio ?*

Vistas com os olhos da philosophia e da fé, tem as grandes ruinas romanas maravilhosa eloquencia ; as mais pequenas tem tambem a sua. Deus e o homem se emprazam n'ellas ; porque o Christianismo vencedor e o paganismo vencido estão n'ellas por toda a parte em presença um do outro. Obra do homem, a velha cidade de Romulo e Nero não offerece, em todas as partes, senão um vasto montão de templos , palacios , aqueductos , mausoleus mutilados , meio em pé , meio cahidos de envolta no chão. Obra de Deus, a Roma de S. Pedro e Gregorio XVI, sempre radiante de juventude, bem que a cruz do Calvario tenha já coroado o Capitolio por mais tempo que a aguia imperial, ergue tranquillamente para o ceu os zimbórios dos seus templos, domina, protege, cobre com a sua egida tudo o que Deus quer salvar da Roma antiga.

Por toda a parte vêdes um resto privilegiado do paganismo vir refugiar-se sob as azas da religião para escapar a completa ruina. Similhanes a captivos que acham admissiveis todas as condições com tanto que lhes concedam a vida, as velhas glorias de Roma submettem-se a todos os usos : são templos christãos, tumulos de mártires, columnas, pedestaes, humildes umbraes, até pavimentos na casa do vencedor. Basta-lhes que a filha do Ceu se digne tocar-as com o dedo ; e ficam

contentes. E' isso para ellas o pênhor da immortalidade: dir-se-hia que se recordam dos Barbaros e do seu terrivel camartello, do qual mostram as cicatrizes. Para escaparem a novos destroços anhelam pela adopção dessa pobre Igreja, cujo sangue tinham bebido no dia da sua gloria.

Quantas vezes não fica o viajante catholico arrebatado á vista de todos esses obeliscos, outr'ora erguidos aos potentados do antigo mundo, quando lê na base: *Erigido a Augusto, a Marco Aurelio, a Trajano*; e um pouco mais acima: *Erguido de novo por Sixto, por Clemente, successor do pescador galileu*; e quando no topo vê brilhar a estatua de S. Pedro, de S. Paulo, de Maria, a Cruz! Ha alli, se me não engano, historia e poesia. Ha ainda mais; este duplo espectaculo de derrota e victoria que se encontra a cada passo é uma grande lição para o coração. Na alma seria eleva ella ao seu mais alto poder o desprezo de tudo o que é do homem, e a admiração de tudo o que é de Deus. Ora, viajantes, artistas, peregrinos, quem quer que sejaes, se, à vista dos monumentos romanos, estes dois sentimentos se reunirem para vos desprenderem de tudo o que passa e vos prenderem ao que não passa, tendes-vos tornado melhores e podeis dizer: Eu vi Roma; se não, não.



## 20 de Dezembro.

A *Meta sudans*. — O Coliseu. — Primeiras impressoens. — Descrição do Coliseu. — Descrição dos combates. — Martyrio de Santo Ignacio. — O Coliseu, Capitolio christão.

Montem, era tarde de mais para entrar no Co-

liseu. Alem disso eu não queria visitar senão hoje o Capitolio dos martyres: tinha para isso uma boa razão que logo direi. Por um tempo magifico, chegamos cêdo ao colossal monumento. A *Meta sudans*, que se alça a alguns passos, attraheu primeiro a nossa attenção. É uma ruina, do meio da qual sóbe um massiço de tijolos e pedras semelhantes ás columnas ou *marcos* dos antigos circos; d'ahi o seu nome de *Meta*. Furada pelo meio, a columna, coroada d'uma estatua de Jupiter, formava um largo tubo, d'onde subia, para de novo cahir n'uma vasta bacia de marmore, uma dessas fontes abundantes tam communs na cidade dos Cezares. A agua vinha do monte Esquilino, e servia para as diversas precisoens do amphitheatro e dos espectadores.

Finalmente caminhamos para o Coliseu. Em pé diante desta gigantesca ruina, cujo cume difficilmente alcança a vista (1), fica-se mudo de assombro. Em que á gente pèse, dois sentimentos absorvem a alma toda: profunda indignação e compaixão ainda mais profunda. Eis ahi pois os monumentos de que havia mister esse povo romano para ver correr o sangue a seu commodo! e aqui que torrentes de sangue correram! Foi pois aqui que nossos pais, nossos irmãos, nossas mães, nossas irmans na fè, innocentes ovelhas do diviao Pastor, foram degolladas, devoradas aos milhares! Com que inexprimivel felicidade nós vimos a cruz, situada mesmo no meio da arena! Salve, signal de victoria, só em pé entre as ruinas do Coliseu como sobre as alturas do Capitolio.

---

(1) Ad cujus summitatem ægre visio humana conscendit. *Am. Marcell.*

Fieis ao nosso plano, estudamos o amphitheatro no ponto de vista pagão e no ponto de vista christão. Sabe-se que o Coliseu, construido no mesmo logar dos lagos de Nero, foi começado por Vespasiano e acabado por Tito (1). O vencedor de Jerusalem fez trabalhar a'elle sem descanso os filhos d'Abrahão que tinha trazido captivos. Diz-se que doze mil Judeus succumbiram á fadiga; singular destino desse povo que construiu em proveito dos seus oppressores o Coliseu no Occidente e as Pyramides no Oriente! Concluida a obra, Tito a dedicou a seu pai Vespasiano, dando alli jogos que duraram cento e vinte dias, e nos quaes pereceram cinco mil animaes ferozes e cerca de dez mil gládiadores (2).

O Coliseu forma um immenso oval cuja altura é de 155 pés por 1641 de circumferencia. Antes de penetrarmos no interior demos uma volta em roda delle exteriormente; é, parece-me, o meio mais natural de bem o conhecer. Tres coisas attrahiram primeiro a nossa attenção: a natureza da construcção, os porticos e as portas.

As substrucçoens de grandes pedaços de pedra ou *travertin*, e o resto de largos tijolos fortemente cimentados, tal é o systema ordinario das antigas construcçoens romanas. Não acontece o mesmo no Coliseu. Desde a base até ao topo é o gigantesco monumento todo de pedra de Tivoli, especie de marmore muito duro e que resiste ao fogo. Ao nivel do chão acham-se ao lado um do outro

---

(1) Hic ubi conspicui, venerabilis amphitheatri  
Erigitur moles, stagna Neronis erant.

. Mart. *epig. II spectacul.*

(2) Cossiod. *in chron.*, etc.

dois porticos circulares que reinam em volta de todo o edificio. O portico exterior servia de entrada e communicava já com o portico interior, já com as escadas que subiam aos porticos superiores. Estes á sua vez lançavam, por largas galerias, as ondas de espectadores sobre os bancos do amphitheatro, vomitoria. O portico exterior tinha dois usos: passeio durante os calores, era um abrigo commodo para os assistentes quando vinha surprehendel-os a chuva; por cima do portico exterior elevam-se varios outros, para aformesearem os quaes contribuíram todas as ordens de architectura.

A ordem *dorica* forneceu as pilastras inferiores com os arcos e as columnas de meio relevo. A ordem *ionica* brilha em todos os arcos superiores e nas pilastras sem columnas. Vem em terceiro logar a ordem *corinthia*. Mais nobre que as duas primeiras, reina com graça e magestade nas arcadas e pilastras dos porticos mais elevados. D'alli até ao fastigio não vêdes mais arcos, senão grandes janelas com pilastras lizas de ordem *composita*. Entre estas largas sacadas apparecem os modilhoens que sustentavam as traves de madeira cobertas de bronze doirado e destinadas a suster o *velarium*. Finalmente, uma magnifica cornija, de que ainda restam algumas ruínas, coroava a immensa construcção.

As portas do Coliseu são de duas especies: as grandes e as pequenas. Nas duas pontas do oval abrem-se as duas grandes portas; formam dois arcos de extraordinaria belleza e dimensão. Todavia a que olha ao Foro é um pouco mais pequena que a outra. Conveem em dizer que era pela primeira que se introduziam os gladiadores

e os infelizes condemnados ás feras. A segunda, virada para S. João de Latran, dava passagem às machinas, ás copadas arvores e a outros grandes mecanismos empregados em certos jogos. Tal é a explicação desta apparente irregularidade.

A' direita e esquerda das duas entradas principaes, oitenta outras portas formam um cordão continuo em volta de todo o amphitheatro: por ellas entravam os espectadores. Elevadas alguns degraus acima do solo, conservam ainda na parte superior do arco, numeros' de ordem que indicavam a cada classe de cidadãos a porta por que deviam chegar mais facilmente aos seus logares e evitar a confusão. Na fachada que olha ao arco de Constantino, está uma dessas portas que não tem numero. A da direita está marcada com o numero XXXVII, e a da esquerda com o numero XXXVIII. Evidentemente a porta do meio foi omitida na numeração. E' um esquecimento involuntario? Ninguém pensa em suppor-o. Então qual é a causa dessa omissão? Um attento estudo fez crer que esta porta, sem numero, era a porta imperial. A posição do palacio dos Cesares sobre o Monte Palatino, os ornatos que decoram o corredor correspondente a esta porta, a vasta salla que a termina, tudo vem confirmar a conjectura dos sabios (1).

Entre estas portas ha outras duas que não devo esquecer. Uma chamava-se *Sandapilaria* ou *Libitinalis*, porta dos Mortos; a outra *Sanavivaria*, porta dos Vivos. Convem saber que ao Coliseu como a todos os amphitheatros estava junto um lugubre appendice: era o *spoliarium*. Imagi-

---

(1) Vêde Marangoni, *del Colosséo*.



ne-se um vasto recinto aonde se arrastavam com ganchos os cadaveres dos homens e das feras mortas nos jogos, assim como os desgraçados feridos mortalmente, que eram acabados ao malho ou machado pelos *confectores*. Todos sahiam do amphitheatro pela porta dos Mortos. Aquelles que o ferro dos combatentes ou o dente dos animaes havia só ferido levemente, iam-se embora pela porta dos Vivos. Deste modo, tudo o que entrára na arena tornava a sahir della pela porta da carne viva, *Sanavivaria*, ou pela porta das tumbas, *Sandapilaria* (1). A inspecção dos logares leva a crer que o *spoliarium* do Coliseu era ao pé da porta oriental. Ajuntemos, para uada olvidarmos, que não longe d'alli se vêem as infames arcadas, *fornices*, onde as meretrizes tinham a sua habitação. A morada da devassidão ao lado do *spoliarium* atulhado de cadaveres, eisahi a verdadeira sociedade pagan.

Antes de entrarmos no interior do Coliseu, lembramo-nos de que elle servia não só para os combates d'homens e animaes, senão tambem para batalhas navaes. Restava explicarmo'-nos como se introduziam as aguas na arena. Seguindo o intelligente guia que nos dirigia, caminhamos até pequena distancia na encosta do Coelio, da banda, de S. João de Latran. Alli vê-se uma grande alteração de terreno que, no dizer dos archeolo-

---

(1) Esta noção ajuda a comprehender as actas de Santa Perpetua e Santa Felicidade. N'ellas se diz que, não tendo querido o povo que expozessem de novo as duas martyres, ellas foram conduzidas á porta *Sanavivaria*, onde as recebeu um cathecumeno chamado Rustico.

gos, indica o lugar d'um vasto reservatorio. Muito facilmente alimentado pelo aqueducto de Claudio, communicava este reservatorio, como ainda se vê, por largos canaes com o amphitheatro. Algumas rampas dispostas de distancia em distancia davam passagem ao rio improvisado, cuja ligeireza augmentavam, e em alguns minutos era a arena transformada em lago. A agua conservava-se n'ella á vontade; porque o fundo era um pavimento de marmore perfeitamente cimentado e coberto d'uma espessa camada d'areia.

Finalmente, penetramos, não sem experimentarmos um movimento de terror, no formidavel Coliseu. N'elle se distingue a arena, o *podium*, os bancos e as varandas.

A arena, *arena*, *cavea*, è o espaço vasio em que combatiam os animaes e os homens. No meio erguia-se o altar portatil no qual se começava por immolar uma victima humana, quando os jogos deviam celebrar-se em honra de Jupiter *Lacial* (1). No sitio deste altar ergue-se hoje a cruz do Deus Redemptor, ante a qual é o primeiro movimento do viajante ir prostrar-se, tam opprimida está a sua alma com esta primeira recor-

---

(1) Tertul. *apol.* — Coisa muitissimo pouco notada e comtudo mui digna de o ser: esses grandes espectaculos do Circo e do Coliseu eram festas religiosas ou pelo menos inauguradas pela religião. O principio *ab Jove principium* applicava-se rigorosamente a todos os actos da vida publica e privada, Roma pôde enganar-se na applicação do principio, mas fazer intervir a religião em todas as coisas da vida è um principio verdadeiro, um dever sagrado. Entre nós a reli-

dação e com mil outras que surgem em tropel do espectáculo que tem diante dos olhos. A arena do Coliseu tem 285 pés de comprimento por 182 de largura, e 748 de circumferencia. Está coberta de coisa de quinze pés d'areia. Por uma parte, os *summos Pontifices* não quizeram que a terra que bebeu o sangue dos martyres fosse calcada pelos pés dos viajantes e dos curiosos; por outra parte, a conservação das ruinas tornava necessaria esta precaução.

Em volta da arena reina o *podium*, revestimento de marmore de cerca de oito pés d'elevação. Composto de largas pranchas de marmore fortemente fixadas na parede e de columnas em guisa de pilastras, era coroado d'uma pesada grade de ferro, armada de pontas e inclinada sobre a arena. Na extremidade superior da grade estavam presos pedaços da madeira, que rodavam sobre eixos, de modo que o animal que tentava agarrar-se a elles cahia logo. A segurança dos espectadores exigia todas estas precauçoens. Dando uma volta em roda da arena, vêem-se de distancia em distancia largas aberturas, feitas na base do *podium*, e fechadas por fortes grades de ferro. Estas grades levantavam-se e abaixavam-se como as grades levadiças das portas nas nossas antigas cidades, e davam passagem aos animaes encerrados nos *carceres*. Quando era chegado o momento, os *bestiarios* vinham excitar aquelles terriveis combatentes a lançadas, às vezes com

---

gião já se não junta a coisa alguma. Se pois todos os grandes povos assim como todos os grandes homens foram povos e homens religiosos, que se deve pensar, que se deve esperar de nós?....

tiçoens inflammados para os enforecerem e os fazerem saltar á arena.

Sobre o *podium* estava o pavelhão do imperador e dos Cesares; à direita e esquerda vinham os assentos dos pretores, das *doce*s vestaes e de todos aquelles que tinham direito á cadeira curul. Mais acima erguiam-se, em guisa de vasto simi-circulo, varias ordens de bancos. Separados por corredores, formavam outros tantos compartimentos que iam alargando á proporção que se elevavam: d'ahi o nome de *cunei* que lhes foi dado. Nos quatorze primeiros bancos, por cima do *podium*, estavam collocados os senadores, os cavalleiros romanos, os embaixadores estrangeiros e os primeiros magistrados; todos os outros eram occupados pelo resto dos cidadãos. Collocadas nos bancos superiores, as damas romanas formavam um brilhante cordão em toda a volta do amphitheatro, e podiam ver d'uma maneira mui comoda não só os combatentes, mas tambem os espectadores.

Os degraus eram todos cobertos de tabuas ou de ricas almofadas, a fim de que todos, homens e mulheres, podessem ver matar seus semelhantes sem comprometterem a sua saude. Mas não bastava isto; ao cheiro do sangue devia misturar-se o cheiro dos perfumes. Desde o *podium* até á varanda elevavam-se, de distancia em distancia, tubos de metal doirado, d'onde jorravam aguas de cheiro que tornavam a cahir como um fino orvalho sobre os assistentes. Era ordinariamente uma composição de açafão e balsamo; vê-se ainda o sitio dos tubos por onde ella se escapava.

A varanda formava uma larga esplanada guardada d'uma galeria em forma de parapeito, e dava

logar a doze mil espectadores. Era d'alli, como disse, que sahiam as numerosas traves que sustinham as cordas e as roldanas, destinadas a abrir ou fechar o *velarium*. O *velarium* era um immenso toldo de purpura recamado de estrellas de oiro que cobria o amphitheatro inteiro, ao qual dava a forma d'uma tenda. Servia para aformosear a scena, refrescar os espectadores com suas ondulacoes, e protegel-os contra os ardores do sol. Multidão de jovens marinheiros, *manuales*, agarrados aos cabos, faziam as manobras com surpreendente agilidade.

Continha o Coliseu 87 mil logares tanto no *podium* como nos bancos (1); se se ajuntarem os doze mil da varanda ter-se-hão perto de cem mil espectadores, sem contar os homens de serviço. Lembrai-vos agora de que o Coliseu tem 157 pés d'elevação por 1641 de circumferencia; e, se podeis, imaginai que espectaculo devia apresentar este colossal edificio, quando os raios do sol de Roma, inundando-o de luz, faziam brotar mil reflexos scintillantes do magnifico pavelhão de purpura recamado de estrellas d'oiro de que era coroado, e das suas vastas paredes de marmore polido, adornadas de esculpturas, columnas, estatuas e ornatos de todas as especies! Não perguntemos o que custára este gigantesco monumento: os auctores antigos contentam-se com responder que Tito fizera correr alli um rio d'oiro(2).

---

(1) Pub. Vict. *de Region.*; Donati, lib. III, p 193.

(2) Hoc Titi potentia principalis divitiarum profuso flumine, excogitavit ædificium fieri. Cassiod. *Epist. variar.* 45.

Deveriam accrescentar, e torrentes de sangue, e torrentes de lágrimas.

Pelas suas proporções, pelo luxo dos seus ornatos, pela natureza dos espectáculos que n'elle se davam, pelo furor do povo, desde o imperador até ao escravo, por estes sangrentos jogos, resume o Coliseu a velha Roma durante os tres ultimos seculos da sua existencia. Conhecel-o a fundo é contemplar face a face o mundo de então; porque é ver no proprio foco aonde vêm reunir-se, todos os raios de luz derramados aqui e acolá pelos historiadores nos incriveis mysterios da vida pagã. Cheios deste pensamento sahimos da arena e, subindo ao *podium*, assentamo'-nos no mesmo lugar do pavilhão imperial, para vermos o que se passava no Coliseu nos dias do paganismo. Não esqueçais que são hoje 20 de dezembro, ultimo dia das festas *Sigillarias* com que os Romanos celebravam o fim do anno. Se pois, em egual dia, no undecimo anno do reinado de Trajano, nos houvessemos achado no amphitheatro, eis aqui, pelo menos em parte, o que teriamos visto.

Em vez de arêa está a arena coberta de vermelhão; o altar de Jupiter está adornado; o vaso do victimario e o cutello sagrado brilham ao pé da tripóde fumegante. Por cima das nossas cabeças, os *manuales* escorregam ligeiramente pelos cabos do *velarium*, preparam as roldanas, dispoem os repuchos perfumados. Debaixo dos nossos pés, os leoens, as pantheras, os ursos rugem nos *carceres* e fazem tremer o Coliseu inteiro. Abre-se a porta imperial, caminha o Pretor, envolto no seu rico manto de purpura, preso sobre o hombro direito com um botão d'ouro; sobe ao *podium* e vem tomar o lugar de honra, por-

que o imperador está no Oriente : é seguido das vestaes, vestidas de branco, do senado de manto branco bordado d'ouro. Todos os porticos estão abertos ; oitenta e sete mil espectadores guarnecem os degraus do amphitheatro, doze mil olham do alto da varanda. Entre o primeiro e o ultimo portico, as matronas e suas filhas scintillantes de purpura, ouro e diamantes, formam uma deslumbrante cinta em volta do amphitheatro. De subito, estabelece-se profundo silencio, o sacerdote de Jupiter *Lacial* caminha pela porta que olha ao arco de Tito ; um *Pontificius* (1), agarrado por alguns Pretorianos, está ao pé do altar : estendem-o, o *Flamen dialis* pegou no cutello ; a victima é degollada ; o povo bateu palmas ; Jupiter está contente, e os jogos podem começar.

Immediatamente, a musica faz ouvir ruidosos tangeres, e debaixo da porta por onde entrou o sacerdote, apparecem os *venatores*, armados para combaterem as feras. Estão dispostos em duas linhas, e teem na mão um chicote, com que dão cada um uma chicotada nos desgraçados que passam nús pelo meio delles : são os *bestiarii*, victimas votadas ás feras. Não se podem contar, tam numerosas são ! A maior parte são pobres escravos fugitivos, prisioneiros de guerra, christãos e christans, crianças e velhos encanecidos pelos annos. Precedidos d'um arauto, dão uma volta em roda da arena, e ao passarem por diante da tenda do imperador inclinam-se dizendo : *Cæsar, morturi te salutant.* « Cesar, os que vão morrer te saudam (2). »

---

(1) Victima humana.

[2] Em lugar destas palavras, faziam os

Neste tempo dividem o rancho em pequenos bandos, pois não querem que seja degollado d'um só golpe, e è necessario prolongar o prazer. Aquelles que devem morrer primeiro ficam na arena, atados a postes ou envolvidos em laços; os outros são postos de reserva nos *carceres*. Todos os espectadores estão impacientes. As vestaes, quem o acreditára? as vestaes dão o signal da carnificina. São levantadas as grades; os leons, os ursos, as pantheras, picados, queimados pelos gladiadores, se arrojam furiosos no amphitheatro: e eis cabeças, braços, pernas trituradas, entranhas despedaçadas que ensanguentam a arena e o *podium*. O povo hebeu o primeiro sangue, porem não está embriagado e quer estal-o. Continua o combate, e cada bando de *bestarios* apparece por seu turno. As commoçoens tornam-se mais vivas, e mais agradaveis; o senado, as vestaes, as matronas, os espectadores pedem, pateando, novas feras e novas victimas. A lista funebre está esgotada: não ha mais carne humana que despedaçar, mais sangue para o povo beber.

Que digo? se os *bestarios* estão mortos, restam os gladiadores; vão-lhes preparar o logar. Os leons e as pantheras tornam a entrar em suas habitaçoens. Os *confectores*, armados de ganchos, arrastam os cadaveres para o *spoliarium*. Dois de seus chefes passeiam no vasto recinto libitinario: um chama-se Mercurio, o outro Plutão.

---

christãos ouvir aos juizes severas advertencias. Assim, ao passarem por diante do balcão do proconsul Hilarião, os martyres de Carthago lhe disseram; « Tu nos julgas neste mundo, mas Deus « te julgará no outro. »



porque trazem as insignias destas divindades. Mercurio toca os corpos com um caduceo incandescente, para reconhecer aquelles que ainda conservam alguns principios de vida; Plutão maça com um malho os infelizes a respeito dos quaes não ha esperança alguma de cura [1]. Aos *confectores* succedem na arena moços e bellos escravos, elegantemente vestidos, que vêm revolver com ancinhos o pó ensanguentado.

Durante esta operação, os tubos dispostos com arte em todas as partes do amphitheatro, distillam sobre os espectadores um odorifero orvalho que refresca o ar e tempera o acre perfume do sangue [2]. Como um immenso leque, o *velarium* bordado d'ouro ondeta por cima das cabeças; symphonias e cantos, misturados a uma orchestra de mil instrumentos (3); cem bobos, de trajos e maneiras as mais extravagantes, as mais estranhas, divertem o povo impaciente de novos combates.

Finalmente eis os gladiadores; chegam em carros brilhantemente pintados de diversas côres, e dão uma volta em roda do amphitheatro: *Cæsar, morituri te salutant*, brádam todos juntos ao passarem por diante da tenda do imperador. Poem pé em terra e espalham-se pela arena. O seu vestido compõe-se d'um *subligaculum*, peça de estofa vermelho ou branco, pendente em forma de sanefa sobre as coixas, levantada nos quadris e apertada em volta do corpo por um brilhante cinto de cobre lavrado. Uns cothurnos de couro azul ou umas botinas de bronze, *ocrea*, formam o

---

[1] Senec., *Epist.* 93.

[2] Senec., *Quæst. Nat.*, II, 9, ep. 90.

[3] Id., ep. 85.

seu calçado: o resto do corpo está completamente nu. Por armadura, trazem uns um pequeno escudo redondo, *parma*, um tridente e uma rede; são os *retiarios*, *retiarii*: outros, uma foice recurvada, um grande escudo redondo, *clypeus*, um capacete terminado por um pennacho vermelho, ou por um peixe como cimeira, e são os *mirmillones*, a maior parte compatriotas nossos (1). Os *laquearios*, *laquearii*, estão armados do laço com que procuram estrangular-se uns aos outros: não teem por arma defensiva mais que um escudo de coiro. Aquelles que vèdes armados d'uma espada, com o braço direito coberto de braçoes pintados d'azul, o esquerdo munido d'um *clypeus*, a cabeça carregada d'um capacete alado, pintado d'azul e cuja cimeira recebe uma crina vermelha, são os gladiadores propriamente ditos, *gladiatores*. Uns estão a pé, outros a cavallo.

Os *dimacharios* não teem armas algumas defensivas, nem escudo, mas uma espada em cada mão. Os *essedarios* combatem sobre carros puchados por escravos. Os *andabates* são infelizes que teem os olhos vendados e que combatem às cegas. Estas differentes especies de gladiadores não luctam todas junctas, mas fornecem successivamente o seu genero de combate particular: a variedade na maneira por que a morte é dada ou recebida, multiplica os gozos desse povo embotado. Que batalhão é aquelle que se conserva de parte, que preludia o combate real com justas simuladas e passeia pelo amphitheatro um olhar tranquillo? Reconhecei os *auctorati*, gladiadores que venderam a vida para divertirem o povo com o espec-

---

(1) Festus. Lips. in *Satur.*, lib. II, c. 7.

taçulo da sua morte. Neste exercito, prestes a vir ás mãos, ha uns combatentes que se chamam *sine missione*; nem um só deve sobreviver ao combate, vel-os-heis morrer todos. Tem-se cuidado de indicar no programma dos jogos se o combate será sem missão; é um meio de attrahir a multidão (1). As trombetas retumbaram: é começada a lucta. Cruzam-se as espadas, as lanças batem umas nas outras, corre o sangue em ondas; e comtudo o povo pula de colera nos seus assentos: qual é a causa disso? É aquelle gladiador que procura sempre ferir o seu adversario na cabeça.

Que miseravel! Pois não sabe que semelhantes feridas produzem uma instantanea morte; e que prazer ha em ver morrer um homem se não soffre? Matar um gladiador com o primeiro golpe, é usurpar a voluptuosidade romana. Entretanto anima-se o combate; porem ainda se não aquece a vontade do povo: todo o amphitheatro se tem por ultrajado, por desprezado por uns gladiadores que se matam com frouxidão, e que não perecem com alegria. Um desordenado furor estala contra esses desgraçados; uma horrivel ferocidade anima todos os rostos; gritos pavorosos fazem tremer o Coliseu; os espectadores, inclusas as vestaes, levantam-se, pateam de raiva, entregam-se a gritos tam ameaçadores, tam terriveis, tam convulsivos, que os julgam a ponto de descerem a arena para despedaçarem elles proprios os tristes objectos da sua ignobil raiva (2).

---

(1) *Hodierna pugna non habet missionem.*  
*Apul. lib. II*

(2) *Senec. de Ira, I, 2.*

Mas vêdes esses homens que se arrojam da extremidade da arena? são os mercadores que forneceram a ceva gladiatoria (1); cabem a grandes correadas e varadas sobre esse rebanho de tímidos combatentes, e, empregando até o fogo, conseguem fazel-os um tanto mais intrépidos (2). O povo vioga-se da cobardia delles condemnando-os quasi todos: somente dois ou tres recebem o perdão, pela dadiua d'uma varinha e d'um barrete de liberto. Em balde os outros tentam depor as armas e enternecer os seus juizes: a maneira humilde e tremula por que imploram a vida não faz mais que redobrar o odio ateado contra elles. Não so todos perecem (e durante os jogos de Trajano pereceram dez mil (3)), mas o povo no impeto da sua ferocidade, receiando que alguma victima finja a morte que a não houvesse ferido, manda virar os corpos, e embotar novas espadas naquelles cadaveres insensiveis e sanguentos (4).

Todavia uma longa peripecia conservou os espectadores suspensos e produziu commoçoens deliciosas. Antes do golpe mortal, foram recebidas graves feridas, e recebidas com graça segundo as regras forçadas do combate. A cada profundo golpe, a cada queda d'uma victima, parte um grito de todos os pontos do amphitheatro: *Hoc habet, hoc habet!* «Está ferido! Está ferido!» e uma alegria infernal, satanica, illumina todas as faces. O infeliz cahido levanta-se outra vez e, pondo um joelho em terra, pede humildemente perdão

---

(1) Gladiatoria sagina. Tac. *Hist.* II, 88, V.

(2) Senec. *Ep.* 37. Petron. 117.

(3) Xiphil. *Trajan.* p. 247,

(4) Lact. VI, 20.

da vida; o seu vencedor está alli, lançando a vista pelo amphitheatro para procurar a sentença do povo. Se os dedos polegares se levantam, está salvo; se os dedos polegares se abaixam, está condemnado. Vai morrer; mas a sua morte deve ser para os espectadores um novo e supremo gozo. É necessario que cada victima derribada aos pés do seu adversario, n'uma queda cuja vergonha deve até a arte tel-a encoberto (1), pegue na extremidade da espada que lhe apresenta o seu vencedor, estenda o pescoço e dirija ella propria a ponta homicida que lhe deve terminar a vida (2).

Uma explosão de alegria sauda cada execução; parte de todas as classes, até do camarote das vestaes. Vê-se estas virgens, *tam doces e tam modestas*, levantarem-se a cada golpe, extasiarem-se todas as vezes que o vencedor cráva a espada na garganta do vencido, e contarem por quantas feridas rega o gladiador moribundo a arena com o seu sangue (3).

Soou de novo a trombeta lugubre, e a *Porta dos Mortos* deu passagem a muitos centenares de cadaveres sanguentos e mutilados. Pela terceira vez elegantes escravos revolveram a area da arena; o combate dos homens contra homens ces-

---

(1) Cic. *Tuscul.* II, 17.

(2) Senec. *Ep.* 30. — Santa Perpetua foi a 1550 obrigada.

(3) ..... *Consurgit ad ictus*

*Et quoties victor ferrum jugulo inserit, illa  
Delitias ait esse suas, pectusque jacentis  
Virgo modesta jubet conversa pollice rumpi.*

*Prud. in Symmach.* II, v. 1100—1115.

sou. O povo não está satisfeito; precisa de novos gozos, isto é de sangue, sempre de sangue, mas de sangue derramado d'outro modo: e tel-o-ha. No entanto eis um entremez proprio para agitar-lhe as horrendas fibras da alma que houvessem ficado amortecidas. Uns escravos ricamente vestidos trazem esquentadores cheios de carvoens ardentes. O povo leu o facto de Mucio Scevola; porem não o viu, e quer vel-o, porque ha n'este espectaculo uma tortura que saborear. Um desgraçado, conduzido por alguns pretorianos, é obrigado a estender o punho sobre aquellas brazas. Para o constrangerem a esta horrivel parodia, vestram-lhe um vestido enxofrado, *tunica incendialis*, ao qual dois verdugos armaños de tochas estão promptos para pegarem fogo ao minimo signal de hesitação (1).

No entretanto que o povo respira este fumo de carne humana, terminaram-se os preparativos da *caçada*. Algumas companhias de *bestiarios* entram pela porta occidental do Coliseu; ao passo que de baixo da grande porta vê-se caminharem, conduzidos por um mechanismo invisivel, montes cobertos d'arbustos e relva. Dos seus flancos, subitamente entre-abertos, se arrojam ursos, leoens, pantheras, bisoens (2).

---

(1) Martial. VII, 30. Xiphil. 25.

(2) Receptaculum omnium ferarum in amphitheatro exstructum erat iustar navis, quæ capere simul et emittere posset ad feras quadringentas: ea autem de subito occulte soluta exsiliabant ursi, læ, pantheræ, leones, struthiones, onagri, bisontes. Dio., in Severo. Id. in Neron. Vopisc. in Prob.

Começa a carnificina de novo, corre o sangue em grandes ondas, e os applausos elevam-se até ao frenezim. Bem depressa sobre o pó ensanguentado da arena, jazem de envolta os animaes e os homens. Tudo está morto, excepto alguns ursos dos Alpes e alguns leoens da Numidia, que, ficando senhores do campo de batalha, passeam atravez dos cadaveres, buscando novas victimas. Estes terriveis animaes estão allim saciados de sangue e carne humana; acham-se deitados na arena acabando de roer os ossos meio moídos de alguns bestiarios. Porque os não fazem entrar de novo nos *carceres*? Devem servir para um novo espectáculo que fará tripudiar de alegria e rir vinte vezes com um riso convulsivo o senado, as vestaes e o povo. Um escravo é lançado na arena; na mão estendida lhe repousa um ovo que elle deve levar sem o deixar cahir, e sem fechar a mão, d'uma á outra extremidade da arena. O temor, a pallidez, as angustias deste infeliz, os movimentos dos leoens, os seus rugidos surdos, excitam deliciosas sensaçoes em todos os espectadores, que exultam d'alegria, se uma dentada ou unhada vem despedaçar o desgraçado actor deste cruel divertimento. Entretanto aproxima-se a noite e o povo impaciente pede mais *bestiarios*: não ha mais. Pois que! o povo romano ha de ficar sem prazer, e os leoens sem pasto? Não, o mesmo imperador, Trajano se fez fornecedor do Coliseu. Que tripudio de alegria é esse que se manifesta em todos os bancos do amphitheatro? Vêde esse centurião que chega precipitadamente ao *podium*, que falla ao pretor, a quem entrega uma carta do imperador. Annuncia a chegada d'Ignacio, appellidado *Theophoro*, bispo dos christãos, que o

imperador envia do Oriente para ser entregue ás feras. Que felicidade!

Com effeito, no anno de 116 de Jesus Christo a 20 de dezembro, neste mesmo dia em que estamos no Coliseu, desembarcava Ignacio em Ostia. Apressado pelos soldados encarregados de o conduzirem, é necessario, que chegue á grande Roma antes do pôr do sol; é hoje o ultimo dia dos jogos: o martyr está á porta do amphitheatro.

Levanta-se o pretor e lê ao povo a carta de Trajano: « Ordenamos que Ignacio, que diz trazer em si mesmo o Crucificado, seja encadeado e conduzido por soldados á grande Roma, a fim de servir de pasto ás feras e de espectáculo ao povo (1). » Uma longa salva de palmas testemunha a alegria e o reconhecimento do povo. O venerando ancião passa por baixo dos chicotes dos venatores que o empurram para a arena. A' sua vista os cem mil espectadores batem ainda mais palmas; os leons dão horriveis rugidos. Ignacio põe-se de joelhos e diz: « Eu sou o trigo do Senhor; é preciso ser moído pelos dentes das feras para tornar-me o pão puro de Jesus Christo. » Fallou; e eis dois leons que se arremecam sobre elle, e o devoram n'um momento, sem deixarem nada do seu corpo senão os maiores e mais duros de seus ossos.

O martyr está immolado; povo feroz, estás satisfeito? Não; como o tigre a quem causa

---

(1) Ignacium præcipimus in seipso dicentem circumferre Crucifixum, vinctum a militibus in magnam Romam duci, cibum bestiarum, in spectaculum plebis futurum. *Act. Sincer. S. Ignat.* ap. Ruinart.



sêde o sangue, Roma, que acaba de heber com delicias algumas gotas do sangue christão, quer hebel-o até à embriaguez. Querel-o-ha ainda por espaço de dois seculos; e virá um exercito de martyres, seguindo os passos d'Ignacio, expirar no amphitheatro. Bate palmas, povo insensato, tripudia de jubilo á vista das suas torturas! Tu não sabes que a sua morte victoriosa abala os altares dos teus deuses e fará mui breve desabar o teu Capitolio e o teu proprio Coliseu! No entretanto, vê-se no numero destes gloriosos campeoens, successivamente entrados na arena, Eustachio, capitão de cavalleria ás ordens de Tito, no cerco de Jerusalem, general dos exercitos romanos em tempo d'Adriano, e com elle sua mulher e seus dois filhos, nobres pimpolhos das mais antigas familias; as illustres virgens Martinha, Taciana e Prisca, todas tres filhas de consules e senadores; o senador Julio; Marinho, filho d'outro senador; os bispos Alexandre e Eleutherio; os moços principes persas Abdon e Sennon; duzentos soldados a um tempo, e innumeravel multidão de heroes e heroínas de todas as edades e de todos os paizes, cujo triumpho illustrou este Capitolio dos martyres: recordaçoes, commoçoens, liçoens profanas e christans, o Coliseu tudo isto fornece. Não tenho rasão de perguntar se ha debaixo do ceu livro mais eloquente e completo (1)?



---

(1) Para acabar de pintar o Coliseu, e a sociedade pagan que havia feito d'elle a sua ordinaria morada, accrescentemos que não bastando

## 21 de Dezembro.

Arco de Constantino. — Egreja de S. Clemente. — Antiquidade, forma primitiva. — O consul Flavius Clemens. — O pobre paralytico. — Bibliothecas. — Alfarrabistas. — Mendigos. — Traços de costumes.

### As ossadas de Santo Ignacio, recolhidas com

---

o dia para os espectaculos, os prolongavam durante a noite (1). O Coliseu illuminava-se com innumeraveis fachos, e tornavam a começar as scenas de carnificina, continuavam, prolongavam-se por espaço de dois, tres e até cinco dias e cinco noites sem interrupção (2). Comia-se no amphitheatro; os senadores, os cavalleiros romanos, as proprias matronas, transformados em gladiadores, desciam á arena, e o perigo corrido por estes nobres combatentes reduplicava o prazer dos espectadores. Aos combates de terra succediam as batalhas navaes; viu-se um dia cheia a arena, não d'agua mas de vinho, e trinta e seis crocodilos com muitos hippopotamos luctarem contra os gladiadores mettidos em barcos (3). Calculou-se que este povo, rei do mundo pagão, passava perto das duas terças partes do anno no theatro, no amphitheatro e no circo. Agora comprehende-se toda a verdade daquella degradante devisa,

(1) Venationes, gladiatoresque noctibus ad lychny-chos dedit: nec virorum modo pugnas, sed et foeminarum. Suet. in Domitian. Xiphil. in id. Statius, in Sylvis, etc.

(2) Cicer. Epist. famil. VIII 1. Spartian. Hadrian. 7.

(3) Solin. 34. Div. LV, p 635.

respeito pelos irmãos que o haviam acompanhado desde o Oriente, foram por elles reconduzidas em triumpho a Antiochia. Mais tarde foram de novo trazidas para Roma e depositadas na veneravel egreja de S. Clemente, sita a alguns passos do amphitheatro. A fim de completarmos as nossas impressões da vespera, fomos render as nossas homenagens a estes restos tantas vezes veneraveis.

---

resumo da sua vida: *Duas tantum res anxius optat, panem et circenses.* Em quanto ao seu furor pelos espectaculos sanguinolentos, os pormenores seguintes, juntos aos que precedem, poderão dar uma fraca idea delle. Os Romanos não podiam passar sem combates de gladiadores; construíram amphitheatros em todas as cidades importantes do imperio; introduziram-os até nos seus banquetes, e corriam a elles com mais ardor que aos mesmos Comícios. (Strab. V, p. 121.) Cicero, sendo consul, foi obrigado a dar uma lei que tornava inhabil o candidato que, antes das eleições, houvesse promettido ao povo um presente de gladiadores; tam certos estavam de obter os votos fazendo semelhante promessa! Os triumphadores, os edis, os principaes magistrados, os ricos cidadãos e especialmente os imperadores, tinham como um dever, para serem agradaveis ao povo, o prodigalisarem os gladiadores. Deram primeiro cincoenta pares, depois tresentos, depois setecentos. Trajano deu 10,000; não se podem contar os que deram Tito, Domiciano, Heliogabalo. Alguns destes monstros coroados tinham tal paixão por estas horriveis festas, que, logo pela manha, desciam ao amphitheatro, e ao meio dia, quando o povo ia jan-

Diante de nós se acharam de novo o Coliseu e o arco de Constantino. Sobre a porta do amphitheatro, por onde entraram tantos heroes christãos, collocaram uma prancha de marmore que repete a santidade destes logares banhados com o sangue de nossos pais. A exemplo de todos os peregrinos catholicos, beijamol-a com respeitoso amor, pedindo para nossos amigos e para nós a fé dos martyres.

---

tar, ficavam no seu camarote, e na falta de gladiadores designados, faziam combater os que primeiro cêgavam. (Suet. *in Claud.*)

Julio Cesar não còrou de fazer-se o Lanista do Povo romano. Sustentava á sua custa uma eschola de gladiadores. (Suet. *Cæs.* 26.) Augusto adoptou esta instituição, e os imperadores possuiram os gladiadores sempre promptos a combater a pedido do povo. (Mart. *de Spect.* 22.) Nunca os prisioneiros de guerra, os malfeteiros, os escravos fugitivos teriam podido bastar para este horroroso consumo de victimas humanas: là se acharam os christãos para os supprirem. Faça-se idea da immensidade destas prolongadas matanças, durante mais de quinhentos annos, pelo numero dos animaes trazidos á arena. Era aos milhares que chegavam successivamente, de todas as partes do mundo, os ursos, os leopardos, os rhinocerontes, os touros selvajens. Scipião Nasica e P. Lentulo fizeram apparecer nos seus jogos 60 pantheras e 40 outros animaes, tanto ursos como elephantes. (Tit. Liv. 44, 18.) Scauró deu 150 pantheras; Sylla, 100 leoens de juba; Pompeu, 600 leoens, delles 315 de juba, 410 pantheras e 20 elephantes; Cesar, 400 leoens; Druso, 20 elephantes; Servilio, 300 ursos e outras tantas feras africanas;

Paramos depois diante do arco de Constantino, para terminarmos o estudo deste monumento capital. As suas tres arcadas são notaveis tanto pela extensão das suas dimensoens como pela elegancia da sua forma. A disposição dos baixos-relevos e das estatuas é tambem d'um gosto irreprehensivel. Em quanto a estes mesmos ornatos, uns pertencem á melhor epocha, outros annunciam

---

Tito, 5,000 feras n'um dia; Trajano, 10,000 durante os jogos; Domiciano, 1,000 abestruzes, 1,000 cervos, 1,000 javalis, 1,000 cabras-girafas e outros animaes herbivoros (1). Para prover ás despesas dos jogos, carregavam-se com pesadas contribuiçoens em dinheiro as provincias; e para ter animaes, punha-se o imposto em especie. Os governadores obrigavam os seus administrados a fazerem batidas geraes, cujo producto se remetia a Roma, aonde estes animaes eram levados com grandes despesas; depois encerrados em jaulas e alimentados em *vivaria*, até ao momento em que se necessitava delles. (Procop. *de Bell. Gothic.* I.) Finalmente, esta caça se fez rara, e foi promulgada uma lei que prohibiu o matar um leão na Africa. (*Cod. Theod.* t. VI, p. 92.)

Tal era o mundo pagão nos dias do christianismo nascente. « E' necessario, diz um escriptor distincto, que os testemunhos sejam unanimes, que todas estas coisas nos sejam contadas ás vezes com um fraco movimento de piedade, mais frequentemente com um sangue frio indifferente, algumas vezes até com uma alegria entusiastica

(1) Plin. VIII, 43, 16. c. Solin, 26. Vopisc. *in. Prob.* Mart. *de Spect.* 23, etc., etc.

a decadencia da arte. As oito columnas de marmore precioso, as estatuas, muitos medalhoens de grande belleza proveem dos arcos de Trajano e Marco-Aurelio; o que é de trabalho inferior è contemporaneo do edificio.

Esta confusão dá logar a uma questão importante: Se os artistas do IV.º seculo tiveram o gosto sufficiente para erguerem um arco de triumpho cujas proporçoens e disposição geral nada deixam que desejar, pôde-se razoavelmente recusar-lhes o talento necessario para lhe esculpirem, ao menos d'uma maneira soffrivel, os ornatos secundarios? Se o tiveram, d'onde vem que empregaram peças inteiramente feitas? D'onde vem sobretudo que o senado, guarda severo dos monumentos publicos, permittiu, ordenou se mutilassem os arcos de triumpho erguidos aos im-

---

(Plin. *Paneg.* 33), por aquelles que, todos os dias, eram espectadores dellas; é necessario que uma centena de amphitheatros hajam permanecido de pé, que nós tenhamos podido penetrar na caverna onde se acabavam as victimas, na loja onde estavam encerrados os leoens e os tigres ao lado do prisioneiro humano; que tenhamos lido o programma destas horriveis festas; que tenhamos apbado o bilhete que dava direito a assistir a ellas; que os baixos-relevos antigos nos transmittissem a imagem destes espantosos prazeres, para que possamos crer n'elles, para que o philosopho christão chegue a distinguir no fundo do coração do homem esta horrenda fibra que ama o assassinio pelo assassinio, o sangue pelo sangue (1). »

(1) M. de Champagny, *os Cesares*, t. II, p. 188,

peradores que foram os mais caros idolos dos Romanos, em proveito de um príncipe cujo domínio antes, o aceitava do que o amava o imperio ainda meio pagão? Deste facto anormal só se acha uma explicação. No arco de Constantino, como na maior parte das egrejas de Roma, quiz a Providencia que os monumentos dos proprios perseguidores fornecessem os materiaes d'um edificio destinado a perpetuar de geração em geração o brilhante triumpho do Christianismo, e a substituição miraculosa de Roma a Roma, no imperio eterno do mundo (1)

Esta explicação é tanto mais bem fundada quanto o senado, por mais grato que o supponham para com Constantino, se mostrava ainda muito longe de partilhar a sua fé religiosa. O mesmo arco que elle ergueu em honra deste príncipe, fornece a prova disso. E' verdade que, para se não tornar odioso ou ridiculo negando o milagre que havia dado o imperio ao filho de Constancio, o senado disse, na inscripção: *que elle venceu o tyranno pela inspiração da Divindade, instinctu Divinitatis*; estas palavras amphibologicas são a unica homenagem que a verdade arranca aos Padres Conscriptos. Em quanto a cruz, emblema muito mais energico, não a encontráis em parte alguma no arco de Constantino. Todavia o senado não podia fazer coisa alguma mais agradável ao imperador do que gravar neste monumento o signal sagrado a que o vencedor de Maxencio se confessava devedor da victoria. Não escapou ao imperador esta desagradavel omisão: « Mas, diz Eusebio, não ousando encontrar

---

(1) Baron, an. 312, t. III, p. 64, n. 56.

de frente os prejuizos do senado , ainda pagão , Constantino , para se indemnisar , mandou collocar a cruz no topo d'um obelisco erigido por ordem sua mesmo no centro da cidade (1). • Honra ao genio de Sixto V , que ergueu de novo o glorioso monolithe em que a gratidão do primeiro Cesar christão gravou a seguinte inscripção :

HOC SALVTARI SIGNO, VERO FORTITVDINIS INDICIO,  
CIVITATEM VESTRAM TYRANNIDIS IUGO LIBERAVI ET  
S. P. Q. R. IN LIBERTATEM VINDICANS, PRISTINAE  
AMPLITVDINI ET SPLENDORI RESTITVI.

A ausencia da cruz no arco de Constantino é uma preciosa indicação do estado social do imperio nesta epocha de transição. O imperador e parte do povo são christãos, porem o senado e a alta administração conservam-se pagãos. Sen-te-se felicidade em ver gravar no marmore estas palavras escriptas nas cartas de S. Paulo : que o evangelho começou pelos pobres e não pelos ricos , pelos fracos e não pelos fortes. Desta passagem lenta e difficil do paganismo para a fé, recordou-me o arco de Constantino outro testemunho ainda mais significativo que o precedente. Não é sem admiração que se lê nas inscripçoens e medalhas dos primeiros imperadores christãos , o titulo pagão de *Summo Pontifice* : *Pont. Max.* Entre muitas provas , bastará citar a inscripção da ponte Cestius , junto da ilha do Tibre :

DOMINI. NOSTRI. IMPERATORES CAESARES  
FL. VALENTINIANVS. PIVS. FELIX MAXIMVS. VICTOR. AC.  
TRIVMF. SEMPER. AVG. PONTIF. MAXIMVS.

.. .. ..  
.. .. ..

---

(1) *Vit. Const.* l. I , c. 33.



FL. VALENS. PIVS. FELIX. MAX. VICTOR. AC. TRIVMF.  
SEMPER. AVG. PONTIF. MAXIMVS.

.. .. .. .. ..

.. .. .. .. ..

FL. GRATIANVS. PIVS. FELIX. MAX. VICTOR. AC.  
TRIVMF. SEMPER. AVG. PONTIF. MAXIMVS.

.. .. .. .. ..

.. .. .. .. ..

PONTEM. FELICIS. NOMINIS. GRATIANI.  
IN. USUM. SENATUS. AC. POPVLI. ROM.  
CONSTITVI. DEDICARIQUE. JUSSERVNT.

Qual pôde ser a rasão deste estranho costume em que muitos julgaram ver um resto de idolatria? Está no facto mais acima indicado. Augusto, querendo reunir na sua pessoa o poder supremo, fez que lhe conferissem o titulo de Summo Pontifice; os seus successores tiveram o cuidado de o imitarem, e, como o actual imperador da China, todos offerciam realmente sacrificios. A partir de Constantino até Graciano, continuaram os senhores do mundo a receber a investidura do Summo Pontificado. Era acaso para exercerem as suas sacrilegas funcçoens? De modo algum: tomavam este titulo a fim de gozarem dos direitos civis que elle comsigo trazia. Os Romanos, que foram o povo mais religioso da antiguidade, não consideravam como imperador aquelle que ao mesmo tempo não era Summo Pontifice.

Alem disso, o Summo Pontifice tinha um poder mui extenso, superior ainda ao dos consules. Podia impedir a celebração dos comicios, ou annullar a sua deliberação; impedir que o senado deliberasse, suspender a execução dos seus decretos,

proibir que se declarasse guerra, obrigar até os consules a apresentarem a sua demissão (1). Vê-se quam necessario era aos imperadores pagãos este poder pontifical, e porque elles quizeram possuil-o. Era talvez mais indispensavel aos imperadores christãos. Collocados em frente de um senado, de um exercito, de um mundo ainda meio pagão que só com repugnancia soffria o seu jugo, e sempre disposto a aproveitar o minimo motivo de estorvar o exercicio do seu poder, teriam visto a sua acção continuamente paralyzada, se o poder pontifical houvesse estado em mãos estranhas. Uma vez mudadas as circumstancias, renunciaram a um titulo d'alli em diante inutil (2).

Tornando ao arco de Constantino, observam-se debaixo da curvadura da grande arcada dois medalhoens de marmore do imperador, de bom trabalho: estão cercados de estandartes e coroados da Victoria que sustem a corôa sobre a cabeça do vencedor. No friso das duas pequenas arcadas lê-se d'um lado: *VOTIS X*; do outro: *VOTIS XX*. Novo hyeroglypho que convem decifrar. Augusto, imitado por Napoleão mais tarde, fez que lhe dessem, pelos suffragios do povo, o supremo poder de que já gozava de facto; até o pediu só por dez annos, tanto parecia respeitar a liberdade romana. Ao cabo de dez annos, fez que lh'o renovassem por cinco annos, depois por outros cinco; e assim consecutivamente, de maneira que o poder lhe foi continuado em quanto viveu. Bem que imperadores

---

(1) Cicer., *De Natur. Deor.*, lib. II. *De Legib.*, lib. II; Tacit., *De Morib. Germ.* Valer. Max., lib. III, c. 2, 3.

(2) Bar., *Sup.*, p. 71, n. 48.

para sempre, seguiram os Cesares o exemplo do divino Augusto (1). Constantino achando-o estabelecido conformou-se com elle; e as duas inscripções mais acima citadas testificam que *pelos suffragios* Constantino recebeu o poder do povo, por dez annos, por vinte annos. A mesma inscripção apparece em grande numero de medalhas imperiaes anteriores e posteriores a era christã. Que pagina de historia que é o arco de Constantino, estudado tam ligeiramente pelos viajantes actuaes!

Entrados na rua de S. - *Giovanni-Laterano*, bem depressa encontramos a egreja de S. Clemente. A simplicidade da architectura, a modestia, diria quazi a humildade das proporções, a conformidade das partes essenciaes com as prescripções apostolicas, a belleza dos mosaicos, os preciosos vestigios d'antiguidade, as recordações, as reliquias celebres; tudo, n'esta egreja, interessa o sabio e enternece o christão das ultimas edades. Dedicada ao papa e martyr S. Clemente, discipulo de S. Pedro e seu terceiro successor, ella remon-

---

(1) A passagem de Dion merece ser citada : *« Cæsar quo longius Romanos a suspicione regiæ potestatis sibi propositæ abduceret, imperium in suas decennale suscepit. Et cum primum decennium exivisset, aliud quinquennium : post decennium, ac eo finito, aliud iterum decretum est; ita ut continuatis decenniis per totam vitam summam imperii obtinuerit. Quam ab causam posteriores quoque imperatores, etsi non ad certum tempus, sed per omne vitæ spatium iis imperium deferatur, tamen singulis decenniis festum pro ejus renovatione agunt, quod hodie etiam fit. » Lib. LIII.*

ta aos seculos primitivos. Com esse, instincto de conservação que distingue os Pontifices romanos, Clemeate XI a mandou concertar sem tocar nos veneraveis restos da antiguidade de que ella é depositaria. Graças por isso lhe sejam dadas; pois pôde-se affirmar com verdade que esta basilica é a unica em Roma que conserva a sua antiga estructura.

Edificada conforme as regras das constituições apostolicas (1), ella apresenta o abside, *concha*, ornado mais tarde d'um soberbo mosaico; o *presbyterium*, formando a cabeceira, espaço semi-circular por traz do altar, destinado ao bispo e ao clero. Alli vêdes a cadeira do Pontifice mais elevada que as outras; os assentos dos clerigos; o ciborio, *ciborium*, *tegmen*, *tabernaculum*, tabernaculo aereo sustentado por quatro columnas; a *ara*, ou meza de marmore servindo de altar; nesta meza, a *confissão*, logar onde descansam as reliquias dos martyres; diante, as *transennæ*, balaustradas de marmore aberto, servindo de grades para proteger a confissão.

No côro, *bema*, os *ambons*, *ab ambiendo*, d'onde se annunciava a palavra divina; os *lectoria*, d'onde se fazia a leitura dos livros sanctos: delles se contam tres, todos de marmore. Dois estão virados para o altar; o mais pequeno, destinado à leitura da epistola; o mais elevado, à leitura do evangelho. Ao pé deste ultimo está o candelabro *lappillatum*, isto é de marmore, revestido d'uma marchetaria de mosaico. O terceiro, virado para o povo, servia para ler as prophecias do velho Testamento. Dos *ambons*, pré-gavam-se tambem as

---

(1) Lib. II, c. 56.

homilias e os discursos dirigidos aos fieis (1). Nota-se ainda o *postophorium*, logar sagrado onde se conservava a santa Eucharistia, como o indicava S. Paulino; está á direita e serve hoje de tabernaculo para os santos oleos. A' esquerda estava um armario destinado a encerrar os livros canonicos. S. Clemente apresenta ainda a nave antiga, *navis*, e diante da egreja o portico quadrangular, *portus quadripartitus*.

Taes são os principaes vestigios da nossa veneranda antiguidade que se acham nesta modesta basilica. A recordação de nossos pais cujas mãos fabricaram todos estes objectos, o pensamento das numerosas geraçoens que os teem visto, que os teem rodeado, que os teem banhado com suas lagrimas e perfumado com o incenso de suas oraçoens, vos conduzem às bellas edades da Egreja e excitam em vós uma religiosa melancolia. Mundo do decimo-nono seculo, que tens feito da piedade e da fé de teus pais?

Distrahidos um instante pelo estudo da antiguidade, voltamos ao pensamento que havia dirigido os nossos passos. Venerar o glorioso martyr a cujo triumpho haviamos assistido no amphitheatro, tal era o objecto da nossa peregrinação. Os ossos de Ignacio, despedaçados pelos dentes dos leoens, descançam por baixo do altar-mor com os do papa S. Clemente e do illustre martyr Flavius Clemens, primo de Domiciano, morto por este feroz perseguidor. Que fervoroso *Credo* se recita alli, ajoelhado diante daquelle glorioso altar! Faltavam os monumentos escriptos para verificar o culto prestado pela Egreja primitiva ao martyr consul e

---

(1) *Hist. Tripart.*, lib. X.

primo dos imperadores Tito e Domiciano. Em 1725, uma antiga inscripção veio tirar todas as duvidas a este respeito. Gravada n'uma prancha de marmore, foi achada na egreja de S. Clemente, debaixo do altar-mor, onde cobria um pequeno relicario de chumbo que continha ossos, cinzas impregnadas de sangue, um vaso de vidro quebrado, duas cruces, etc. Esta inscripção é assim concebida :

FLAVIUS. CLEM. MTR.  
HIC. FELICIT. E. TV.

« Flavius Clemens martyr, hic feliciter est tumulatos. »

Aos nomes dos mais illustres martyres ajunta a veneravel basilica recordaçoes egualmente preciosas para o sabio e para o christão. Aqui, o heresiarcha Celestius fez a sua retractação nas mãos do papa Zozimo ; aqui, S. Gregorio o Grande prégoou muitas das suas bellas homilias ; eis alli a *tribuna*, o *ambom* a que elle subiu ; mas olhai para o fundo da egreja, à direita entrando, e lêde a inscripção gravada na prancha de marmore incrustada na parede. Ella conta em resumo a pathetica historia que eu vou repetir.

No sexto seculo vivia, em Romã, um santo meadigo chamado Servulo. Paralyzado desde a infancia, não podia nem estar assentado, nem ter-se em pé, nem levar a mão á bocca, nem virar se no seu pobre leito. Dois anjos de charidade velavam por elle : eram seu irmão e sua mãe. Todas as mankans o levavam para baixo do atrio da egreja de S. Clemente. As suas enfermidades lhe attrahiam numerosas esmolas ; porem o virtuoso paralytico, contente com o strictamente necessario,

dava a outros pobres o que excedia as suas necessidades do dia. Modelo angelico de paciencia e doçura, era querido e admirado dos fieis, que paravam de boamente para conversarem com elle. « Em nome de Jesus Christo, lhes dizia elle, dai esmola á minha alma. » E por charidade, lhe liam alguns capitulos dos livros santos. Elle escutava com tanta attenção que chegou a aprender de cór toda a Escriptura. Uma vez possuidor deste rico thesoiro, passava o tempo a cantar os louvores de Deus. Longe de o distrahirem, os seus soffrimentos não faziam mais que augmentar-lhe o fervor, e tornar mais penetrantes e suaves os accents da sua voz. Um dia em que estava, segundo o seu costume, deitado no seu leito, debaixo do portico de S. Clemente, teve conhecimento do seu proximo fim: « Meus irmãos, diz aos pobres e aos peregrinos a quem tinha de costume soccorrer, orai e cantai comigo. » E juntou a voz moribunda ao seu piedoso concerto. « Guardai silencio, meus irmãos, exclamou em breve, guardai silencio: não ouvis esta doce melodia que resoa nos ceus? » A estas palavras, expirou; sua alma bemaventurada havia então começado com os anjos o cantico eterno (1).

Ao sairmos de S. Clemente, uma chuva verdadeiramente romana nos veio assaltar e tornar impossiveis, pelo resto do dia, as longas excursões. Tomei pois, conforme o meu costume, o caminho das bibliothecas. Já o disse: para conhecer Roma, é necessario estudal-a ao mesmo tempo

---

[1] S. Gregorio o Grande fez o elogio deste bemaventurado paralytico. *Homil. XV. in. Evang., e Dialog., lib. IV, c. 14.*

nos monumentos e nos livros. De todas as cidades do mundo, é Roma a mais rica em bibliothecas, e estas mesmas bibliothecas encerram manuscritos e obras que em vão se procuraríam em outra parte. Quem não conhece todas as riquezas que o sabio cardeal Mai tirou recentemente da Vaticana? A bibliotheca Passionei, a da Minerva e da Propaganda eram as minhas galerias ordinarias: desta vez achei-as fechadas; havia descanso para os bibliothecarios, por causa da festa de S. Thomaz. Não podendo encontrar a sciencia nos seus palacios, procurei-a nas tendas e nos armazens a todos os ventos onde ella ostenta as suas graças, as suas carquilhas, os seus farrapos e algumas vezes as suas riquezas: pozemos-nos a *ajustar alfarrabios*.

Tenham-o por dicto os viajantes, raras vezes farão fortuna neste officio. As grandes obras acerca da antiguidade, de que é tam rica Roma, hão-se tornado preza dos Inglezes e Prussianos. Só por acaso se encontram, e sempre a pêsso d'oiro. Só os leiloeiros offerecem algumas probabilidades de bons negocios; ordinariamente, teem logar varias vezes na semana e, como em Paris, o catalogo se distribue antecipadamente. Com tudo isso, senhores curiosos, não desanimeis; entrai em casa dos alfarrabistas romanos: se lá não encontrardes as obras que buscaes, em compensação encontrareis o *far niente* no seu bello ideal. O alfarrabista de Roma é um typo que exige estudar-se. Uma loja e um armazem por detraz della, as mais das vezes baixos e escuros, estão atestados de livros de todos os formatos, amontoados confusamente e cobertos de pó. N'um angulo està assentado um velho Romano, algumas vezes uma velha Romana affectando,



na sua cadeira de palha, a dignidade de seus avós nas suas cadeiras curues.

O *padrone* a quem tivemos a honra de fallar descendia em linha recta de Horacio Cocles; havia herdado a feição característica da sua nobre familia. Um largo par de oculos de mola lhe apertava o nariz, e dava-lhe á voz um tom perfeitamente fanhoso. A gazeta do paiz, o *Diario* estava em suas mãos; sobre os seus joelhos jaziam um *fazzoletto* e uma grande caixa de rapé de que elle fazia o uso mais edificante: saudamol-o com uma civilidade inteiramente franceza. — *Padroni*, meus senhores, meus amos, nos respondeu elle sem se incommodar, sem deixar o seu assento, sem pôr a sua folha. — Tendes tal obra? — *Ecco*, eis alli; e indicava-nos com a cabeça tres grossos *in-foglios* estendidos sobre o mostrador: ora, estes tres *in-foglios* não eram outra coisa que o seu cathalogo. Puz-me a folhear-o e elle continuou tranquillamente a sua leitura. Tendo encontrado uma obra que me convinha, perguntei-lhe o preço della: — Trinta e tres piastras. — E' impossivel. — Sem accrescentar uma só palavra, um só signal, encerrou-se na sua dignidade e deixou-me continuar as minhas buscas. — E est'outro livro, quanto quereis por elle? — *Padrone*, sete paulos. — Conheci que o digno homem queria disfructar o *Padrone*, pois aquillo por que me tinha pedido sete paulos, acabou por m'o dar por tres. Sahimos e elle ficou impassivel na sua cadeira. Fervia-nos o sangue nas veias. Imaginam-se semelhantes modos? Em França, o negociante, o livreiro, o alfarrabista cujas maneiras se parecessem pouco que fosse com aquellas, podia estar bem certo de não ver em sua casa senão os amantes de curiosidades. Assim que, nós não

conhecemos nada das doçuras do *far niente*, nem das felicidades da sesta.

Sahidos conversando acerca da especie de modelo que acabava de nos poisar ante os olhos, encontramos ao lado do *Gesù* alguns pobres que nos pediram esmola. Prohibida em Roma por Leão XII, a mendicidade acabou por alli se fazer tollerar. A gente a encontra muitas vezes nas ruas, e em verdade, o pintor de costumes não deve enfiar-se com isso : o mendigo romano é um typo do genero. Dar-se-lhe-hia de boa vontade esmola pelo gosto de lh'a ver pedir, tam pitoresca, logica, poetica, eloquente é a sua maneira de vos arrancar os vossos *baroccos*. Do mais longe que vos vê vir, levanta-se do marco em que está assentado ; descobre-se gravemente, sauda-vos muitas vezes com o seu grande chapéu triangular, com a cabeça e com todo o corpo. O seu rosto se dilata : a doce esperança brilha em seus olhos.

Aos mendigos dos outros paizes, a monotona ladainha da indigencia : *dar-me uma esmola* ; elle tem uma colleção de formulas de que faz uso conforme a idade, o estado, os suppostos votos da pessoa.

Ora começa por pôr fóra de duvida a vossa generosidade, e antes de saber se vós attendereis os seus desejos, chama-vos : meu bemfeitor, *benefattore mio* ; ora começa por prestar homenagem ás vossas virtudes, e principia chamando-vos : alma bemdicta, *anima benedetta* ; outras vezes vai procurar a fibra tam delicada do amor-proprio, e vos prodigaliza os titulos de *excellencia*, de *illustriissimo*, *reverendissimo senhor*. Tem já experimentado os vossos beneficios ? O seu pedido formula-se em benções. Ouvil-o dizer-vos : « Bemdicto

seja o nobre senhor que cada dia caminha com um passo mais ligeiro pelas ruas celebres da nossa cidade. As minhas devotas oraçoens foram pois uteis a este incomparavel senhor. Como elle passava alli por diante de mim, da primeira vez, fraco e languido !.... Não seria eu um reprobó, se a alegria que lhe testemunho pela sua saude tivesse somente por objecto o obter d'elle um presente ? Não, digno homem, homem virtuoso, passai firme por diante de mim, não olheis para o mais pobre dos vossos servos, que, comtudo, orará sempre por vós; posto que eu mendigue, não conheço o interesse... »

\* Depois de ter-vos atacado pelos sentimentos humanos, vos captiva o coração de christão: «Alma bemdicta, vos diz, mandai que vos recite uma oração, mandai que vos oiça uma missa.» E por isto que vos péde? A lingua italiana vem em seu auxilio e fornece á sua modestia os diminutivos mais encantadores; ou então não se atreve a nomear-vos o favor que implora, e vos diz: «Alma bemdicta, uma pequena moeda, *una piccola moneta*; » ou se ousa exprimir o seu pensamento, pedir-vos-ha, não um pequeno soldo, mas a metade somente d'um pequeno soldo: *anima benedetta, un mezzo barocco*; depois, com admiravel talento oratorio, oppõe á exiguidade do seu pedido, a força dos motivos. Reunindo em duas palavras tudo o que a religião apresenta mais próprio para commover o coração, vos diz: «*Per l'amor di Dio, di Maria santissima, di Gesu sacramentato, delle anime del purgatorio.*» Vós estais já fortemente abalado; e apezar da estoica resolução de passardes sem desatar os cordoens á bolsa, levais involuntariamente a mão à algibeira. Mas o que vos dá o golpe final, é a poetica pantomima de

que elle acompaña a sua supplica. O vibrante som da sua voz flautada, a attitude supplicante do seu corpo, o reiterado balancear do seu grande chapeu; seus olhos doces, fitos nos vossos, a sua cabeça graciosamente inclinada sobre o hombro, o ar meio timido, meio tranquillo de seu rosto, tudo isto vos fascina e subjuga. Sorris, e o baiocco, o paulo lhe cahiram na mão; e elle vos paga com um sorriso e com um olhar que nunca esqueceis. E'-me licito dizel-o? Muitas vezes nós nos deixavamos importunar para assistirmos á repetição completa desta scena.

Tal é o mendigo romano. Como o de todos os paizes e talvez com mais verdade, elle ama, preconiza aquelle que dá, e detesta o que não dá. Citavam-nos a manifestação destes dois sentimentos em duas occasioens recentes. Na da morte da joven e charidosa princeza Borghese, os pobres de Roma se desfizeram em lagrimas. O povo tirou os cavallos e conduziu elle proprio o carro funebre a Santa Maria Maior: o lucto foi verdadeiro, universal. Succedeu mui diversamente nos fueraes do principe de P..... que passava por avaro. Os pobres fizeram brilhar o seu desprezo e resentimento: apuparam, assobiaram o comboi. Tam certo é que o povo conserva sempre um sentimento profundo dos deveres do rico; por instincto sabe estas palavras apostolicas: *A abundancia d'uns suppra a indigencia dos outros.*

Se o mendigo romano tem uma maneira propria de pedir esmola, ha tambem outra particular de lh'a recusar. Em França dizemos: « Não tenho dinheiro; não tenho nada; não posso dar-vos; » n'uma palavra, fallamos. O Romano não se incommoda tanto: parece em geral ter muito

medo das molestias do larynge. Apoquentado por um pobre, contenta-se com elevar á altura da barba o index da mão direita, com que faz um signal de negação, e continua o seu caminho sem virar os olhos, sem abanar a cabeça, sem descerrar os dentes. Aconselho ao viajante não esqueça esta receita. Evitará o ser reconhecido por *forestiere*, e ter de soffrer pedidos importunos, e quiçá indiscretos. A' vista do gesto nacional, o mendigo diz logo consigo: *E' um compatriota; não ha nada que fazer*; e afasta-se. Recordarei de passagem que o Napolitano tem outra maneira de recusar: inclina a cabeça para traz, levanta os olhos para o ceu fazendo uma pequena cara, e tudo está dicto.

---

## 22 de Dezembro,

Nossa Senhora da Victoria. — Bândeiras dos Turcos. — Jardins de Sallustio. — Retratos dos proconsules Romanos. — Suas riquezas. — Seus meios de enriquecerem. — Resposta d'um barbaro. — Via Scelerata. — Thermas de Tito, Trajano e Adriano. — S. Pedro nas cadeias. — S. Sebastião. — O Moisés de Miguel Angelo. — Recordaçõens christans, S. Leão, S. Pedro. — Egreja de S. Martinho dos Montes. — Pinturas do Poussin. — Egreja subterranea. — O papa S. Sylvestre. — Instrumentos de supplicio dos Martyres.

Um formoso sol acabava de se erguer por sobre as montanhas da Sabina; era a temperatura tam suave, que encontramos legumes e plantas em plena vegetação. Para acabarmos com o bairro *de' Monti*, tomamos o nosso caminho pela

*Ponte de Moisés* ou da *aqua felice*. Nas visinhanças acha-se a encantadora egrejinha de *Nossa Senhora da Victoria*, que o viajante não deve esquecer. Todavia o ouro, o marmore, as ricas pinturas com que esta igreja resplandece desde o pavimento até á abobada, desaparecem diante de ornatos mais preciosos: nomeei os estandartes tomados aos Turcos, depois do levantamento do assedio de Vienna. Arvorados nos quatro angulos da cupula, formam um docel de gloria por sobre o altar de Maria. Coisa digna de observação! Roma olhou sempre a santa Virgem como a protectora especial da christandade contra o islamismo. Assim, a miraculosa victoria de Lepanto é devida á sua protecção, e a homenagem da gratidão romana brilha na igreja d'*Ara-Cœli*. Aqui são os estandartes tomados em Vienna, que lhe offerecem em tributo: este facto parece occultar um mysterio. Será acaso porque sendo o mahometismo sobretudo a religião dos sentidos, pertence á Rainha das virgens o combatel-o? Haveria ahí uma dessas bellas harmonias que se encontram a cada passo nas obras de Deus; e eu acharia mui natural que Roma, espelho resplandecente em que se reflectem as realidades do mundo superior, não houvesse esquecido aquella.

As egrejas de *Nossa Senhora da Victoria* e de *Santa Susanna* occupam o sitio da casa e do foro de *Sallustio*; os seus *jardins* não eram distantes. Verdadeira mansão de voluptuosidade, estes jardins, tam famosos na historia da molleza romana, haviam sido comprados, construidos, ornados com os despojos da Africa. Gasto pela devassidão, carregado de dividas, degradado por suas infamias da dignidade de senador, lavou-se *Sallustio* de toda a

mancha abraçando o partido de Cesar. Para *refazer* o seu novo cortesão, deu-lhe o vencedor de Pompeu o governo da Numidia. O improvisado proconsul, para empregar uma expressão de Seneca, *esfollou* de tal modo esta infeliz provincia, que em breve regressou a Roma com uma fortuna escandalosa. Com o sangue e oiro de seus *administrados* construiu um tam magnifico palacio e jardins tam sumptuosos, que a propria Messalina se dignou habital-os: isto diz tudo (1).

Ao percorrerdes estas ruinas, um tropel de pensamentos vos assalta. Era pois aqui que o Verres da Africa desmentia publicamente com o seu comportamento os preceitos de moral que dá nas suas obras! E este homem [Deus o perdôe á nossa educação] offereceram-o á minha joven admiração como um modelo de eloquencia e bom gosto; ensinaram-me a olhal-o como um sábio, e callaram-me os nomes de Chrysostomo e Agostinho! Em quanto ao mais, disse eu aos meus jovens companheiros de viagem, Sallustio não é o unico que tem direito á nossa indignação. A sua vida foi a de todos os nossos auctores classicos; censores inexoraveis dos vicios d'outrem, pela maior parte fizeram córar a humanidade com o escandalo de seus costumes. Proconsules, generaes, governadores de provincia, todos egualaram Sallustio com suas devassidoens, e o excederam quiçá com suas rapinas. Ja que disso se apresenta occasião, não é inutil estudar um instante, debaixo deste ponto de vista, a sociedade pagan nos homens que a personificavam.

A incrível opulencia dos Romanos, pelos fins

---

(1) Tacit. *Annal.*, c. 13.

da republica e no tempo dos primeiros imperadores, è um facto conhecido por todo o mundo. Cada senador recebia um salario de cento e vinte mil francos; cada cavalleiro, de cincoenta mil; mas isso não era mais que uma bagatella. Contavam-se em Roma cerca de vinte mil cidadãos tão ricos como Lucullo [1]. Ora, este Xerxes de toga, *Xerxes togatus*, como lhe chama Cicero, não ceava por menos de trinta mil francos; e podia offerrecer hospitalidade a vinte e cinco mil homens. Crasso dizia que se não era rico quando se não podia, dos proprios rendimentos, sustentar um exercito [2]; o que elle dizia, podia-o. Ora, Crasso era menos rico que Sylla (3). L. Domicio, successor de Cesar nas Gallias, gozava de quarenta e oito mil geiras de terra (4); Antonio, collega de Cicero, possuia toda a ilha de Cephalaria, na qual mandou edificar uma cidade (5).

Seis burguezes de Roma eram per si sós proprietarios da maior parte da Africa; Nero lhes

---

[1] *Lucullus Romanus civis (quem Cicero et Cæsar Xerxem togatum appellabant) ad viginti quinque hominum millia honorificentissime hospitio excipere poterat; nec tamen ipse solus id potuit in urbe Roma, quandoquidem viginti civium millia et amplius in ipsa urbe comperta memorantur, qui cum Lucullo de divitiis contendere potuissent, ut ex vetustis monumentis. — Casal., de Splendore Urbis, etc. p. 422.*

(2) *Cicer., in Paradox.*

(3) *Quiritium post Sullam dutissimus. — Plin. lib. XXXIII, c. 10.*

[4] *Cæsar, de Bello civ.*

(5) *Strab. lib. X.*



mandou cortar as cabeças e se declarou seu herdeiro (1). Cornelio Balbo deu ao morrer vinte francos por cabeça a todo o povo romano [2]. C. Coecilio Claudio Isidoro dizia no seu testamento, que, não obstante as grandes perdas que havia experimentado durante as guerras civis, deixava quatro mil cento e dezesseis escravos, tres mil juntas de bois, duzentas e cincoenta mil cabeças d'outro gado, sem contar as suas terras, as suas villas e as suas casas (3). Na sua villa particular, contava Valerio quinhentos escravos, duas mil vaccas, mil jumentos, dez mil ovelhas e quinze mil cabras (4). Gordiano, ainda simples particular, tinha immensas propriedades em todas as provincias do imperio. Durante que exerceu o cargo de edil deu doze vezes ao povo romano presentes de gladiadores, cujas despezas todas as fez a sua fortuna privada. Algumas vezes fez apparecer quinhentos pares de gladiadores; nunca menos de cento e cincoenta. N'um só dia deu cem feras africanas; outro dia mil ursos da Germania. Em todas as cidades da Campania, da Etruria, da Ombria, da Emilia e do Piceno, deu elle tambem do seu dinheiro jogos publicos que duraram quatro dias (5). Para abreviar esta lista que facil seria augmentar, contentemos-nos com nomear os dois Plinios, Seneca o Philosopho e Cicero.

Alem das riquezas que lhe valia o commando da frota romana, Plinio o Antigo possuia im-

---

(1) Plin., lib. XVIII.

[2] Dio., lib. XLVIII.

(3) Plin., XXXIII, c. 10.

(4) Yopisc., *in Valer.*

(5) Capitolin. *in Gord.*; e Cord. *in id.*

menhos thesoiros. Sabemol-o por seu sobrinho : « Meu tio, diz elle, sendo governador da Hespanha, teria podido vender uma de suas obras a Largo Licinio por quatrocentos mil escudos; porem recusou, dizendo-me que já não sabia o que havia de fazer do seu dinheiro (1). » Plauto o Moço era incomparavelmente mais rico que seu tio. Sem para isso haver sido rogado fez presente á filha de Quintiliano, no dia do seu casamento, de cincoenta mil escudos (2); Romano Firmo, um dos seus amigos, recebeu tresentos mil escudos para entrar na ordem equestre (3), e Calvina, sua parenta, um dote de cem mil escudos (4); Metello Crispo quarenta mil; uns meninos *ingenuos*, *ingenui*, cincoenta mil para a sua educação (5). Elle possuia, alem disso, numerosas villas, d'uma magnificencia real. As suas duas villas de Toscana e Loreto, nas praias do mar, onde compoz as suas obras, eram d'um luxo oriental. Tinha varias outras no Lacio; uma em Prenesto, uma em Tusculo, uma em Tivoli; outra, por que lhe offereciam novecentos mil escudos (6). Finalmente para alargar outra, gastou oitenta mil escudos d'ouro (7).

Seneca o Philosopho, o preceptor de Nero, era um *moralista* austero que infamava com energia as desordens do seu tempo, que declamava

---

(1) *Epist. ad Marc.*, lib III.

(2) *Epist. ad Quintil.*, lib. VI.

(3) *Epist.*, lib. I.

(4) *Epist. 2 ad Calvin.*

(5) *Epist. ad Canin.*, lib. VII.

(6) *Epist. ad Fabatum et ad Corelian.*, lib. III.

(7) *Ad Calvinium Rufum.* lib. III.

eloquentemente contra os ricos: « Até quando, lhes dizia, estendereis os limites das vossas propriedades? A terra que bastava para um povo e demasiado pequena para um só dono. Tudo isto é ainda demasiadamente pouco; é mister que vossos *latifundia* rodêem mares inteiros e que o vosso administrador reine ao mesmo tempo nas praias do Adriatico, do mar Ionio e do mar Egeu (1). » Ora, Seneca gozava de mais de cem milhoens de fortuna (2): que pobre homem!

Quanto a Cicero, nenhum de nós ha que o não conheça; nenhum de nós a quem o não hajam apresentado não só como um modelo de eloquencia, senão tambem de austeridade republicana e desinteresse philosophico. Não foi elle que infamou Verres, que escreveu tam bellas paginas sobre o desprezo das riquezas, e tantas outras maximas de moral e probidade? Pois bem! arrancai a mascara. Cicero, nascido na obscuridade, artifice da sua propria fortuna, e o primeiro homem da sua familia, como elle dizia um dia, possuia em Roma um palacio que havia comprado Crásso, por cerca de seiscentos mil francos. Possuia uma villa real em Tusculo, com banhos, mosaicos, theatros, porticos de marmore, estatuas e outros acompanhamentos forçados do luxo antigo; outra em Formio (*Mela di Gaeta*) não menos sumptuosa; outra em Baia tam rica que o proprio senado, pouco rigorista em semelhante materia, se escandalisou; uma casa em Pompeia; outra villa em Arpino, sua patria; outra perto d'Agnani, a sua villa d'Amalthea, que elle chama sua *alma*;

---

(1) *Epist.* 89.

(2) *Tacit. Annal.*, XIV.

finalmente, mesmo em Roma, na encosta do monte Aventino, era o austero republicano proprietario de não sei quantas tabernas ou lojas, cujo allu- guer, que montava a 16.366 escudos, pagava a pensão de seu filho, estudante em Athenas [1].

Quaes eram as fontes destas incriveis e rapi- das fortunas? Havia duas principaes: a usura e o governo das provincias. Ter-se-hia mais depressa suspenso o Tibre no seu curso, do que im- pedido a usura entre os Romanos. A despeito dos regulamentos (2), todos a practicavam, até Catão; emprestava-se por mez, por quinze dias, a do- ze, quarenta e oito, sessenta por cento (3). Se o devedor não podia pagar, passava a ser escravo do seu cródor que, vendendo-o, achava um meio seguro de se indemnisar (4). Mas para emprestar é mister ter dinheiro: o grande meio do amon- toar era o governo das provincias. A cobrança do imposto era arrendada á companhia dos publi- canos: a duração das adjudicações era de cinco annos (5). A publicidade e o concurso adoptados para a adjudicação do arrendamento dos impostos fa- ziam subir este arrendamento a uma elevadissima somma, porque a companhia que offerencia mais ob- tinha a preferencia. Eram tanto mais ousados em deitar os lanços, quanto a cobrança, abandonada toda aos rendeiros, offerencia immensos recur- sos, pelo seu regimen quasi completamente arbi-

---

(1) Cic. *ad Attic.*, XVI, 1.

(2) Tit. Liv., VII, 42.

(3) Cic. *de offic.*, II, 25.

(4) Horat., I, p. 2, v. 14. Plut. *in Caton.*, 45. Aul. Gell., XX, 1.

(5) Cic. *ad Att.*, VI, 2.

trario. Só os agricultores e os pastores sabiam o que deviam pagar; os outros contribuintes ignoravam-o, em attenção a que se conservava secreta a tarifa legal de cada imposto, o que dava aos publicanos o meio de violentarem o direito sem que se podesse reclamar (1). A rapacidade dos réndeiros excede quanto se pôde imaginar. Para pagar o imposto, viam-se provincias onde os paes eram obrigados a vender seus filhos; e as cidades, as offrendas consagradas nos seus templos, os quadros, as estatuas dos deuses: se tudo isto não bastava, os desgraçados cidadãos eram adjudicados como escravos aos seus inexoraveis credores. O que elles soffriam antes d'assim cahirem na escravidão excedia ainda os seus males: tudo eram torturas, prisoes, equuleos, estaçoens ao ar livre em que, durante o verão, eram queimados pelo sol, e durante o inverno, enterrados na lama ou no gelo (2).

Cumplices ordinarios dos publicanos, os governadores de provincias fechavam os olhos e os beneficiavam largamente com o seu criminoso silencio. Era necessario que a sêde do oiro fosse insaciavel em todos estes homens, e que ella lhes houvesse deseccado as entranhas para que elles commettessem as exacçoens e violencias de que os accusa a historia. Com effeito, o Estado fornecia a cada governador de provincia, carros, mulas, navios, tendas, baixella, trigo, e tudo o que era necessario a uma equipagem militar (3); alem dis-

---

(1) Tacit. *Annal.*, III, 51.

(2) Plut. *in Lucull.* 35.

[3] Cic. *in Verr.*, IV, 5; V, 32. Suet. *in Aug.*, 36.

so, tinham á sua disposição, para as despezas da sua missão e para pagarem á sua comitiva, uma forte somma tirada do thesoiro publico (1). Alem desta somma chamada *vasarium* eram ainda destinadas gratificaçoens para todas as pessoas da sua comitiva que lhes agradava designar (2). Para ter uma idea da magnificencia com que Roma fazia viajar os seus proconsules, convem saber que o *vasarium* de Pisão, proconsul de Macedonia pelo anno 696, foi de tres milhoens e seiscentos e sessenta mil francos (3).

Parece que havia ahi com que satisfazer a mais ardente cubiça! Desenganemos-nos; ainda antes de entrarem na sua provincia, faziam os governadares que lhes pagassem indemnidades legaes em todos os logares por onde passavam (4). Em vez de seguirem o itinerario mais curto, tomavam o mais longo, a fim de terem mais occasioens de repetir as suas exacçoens (5). Chegados que eram ao seu governo, arrastando após de si uma multidão de amigos e criados, exigiam sommas consideraveis para banquetes e outras despezas desta natureza (6); estes eram os mais moderados. Em quanto aos outros, para satisfazerem a sua rapacidade, pela maior parte criavam impostos de todas as especies e vendiam a justiça (7). Felix não teve a barbaridade de conservar

---

(1) Cic. *in Pison.* 35 *pro Arch.*

(2) Cic. *id. id.*

(3) Cic. *id. id.*

(4) Cic. *ad. Attic.* v. 12.

(5) Cic. *in Vatin.*, 5.

(6) Plut. *in Cat.*, 15.

(7) Cic. *pro Font.*, 7, 8.

injustamente S. Paulo preso por espaço de dois annos para lhe extorquir dinheiro? Porem não era isso mais que uma ligeira falta na vida desses pachás corruptos e ladroens, cujo retrato nol-o traçou o proprio Cicero. « Nós enviamos ás provincias, exclama, homens capazes talvez de repellir o inimigo; mas cuja chegada ás cidades dos nossos alliados differe pouco da entrada dos inimigos n'uma cidade tomada por assalto (1). Todas as provincias gemem, todos os povos livres se queixam, todos os reinos bradam contra a nossa cubiça e as nossas violencias. Já não ha até ao Oceano, logar algum tam remoto e occulto onde não hajam penetrado a iniquidade e tyrannia dos nossos concidadãos. O povo romano não pode já suster não as armas, não as rebellioens, mas as lagrimas, as queixas do universo (2).» «Quem pôde impellir-te à rebellião, perguntava Tiberio a um chefe de barbaros? — Vós mesmo, respondeu elle, que enviais, para guardar os vossos rebanhos, não caens, porem lobos [3].» Estas palavras resumem toda a historia dos proconsules romanos.

Dois traços acabarão de pintar essa monstruosa oppressão de que nos é, a nós christãos, tam impossivel fazer idèa, como comprehender a sêde de sangue que não podiam apagar as mantanças do amphitheatro. E primeiramente, por uma cruel ironia, a omnipotente tyrannia dos governadores chegava a exigir que estivessem contentes com elles. Sim, quando haviam engordado bem n'uma provincia, condemnavam ainda os in-

---

(1) *Pro Leg. Manil.*, 5.

(2) *Cic. in Verr.*, III, 89.

(3) *Dio.*, l. V, p. 653.

felizes habitantes a enviar solennes deputações a Roma, para allí testificarem o bom comportamento, e levarem ao senado o panegyrico official dos seus oppressores (1).

Depois, ajuntando à irrisão a mais inqualificavel hypocrisia, estes horrorosos concussionarios, voltando a Roma fartos d'ouro, suavizavam as suas horas vagas compondo tractados de moral, elegias ácerca dos vicios da sua epocha, ou declamações contra a ambição e cubiça dos grandes. Acaso não era do fundo dos seus jardins, cimentados com o sangue da Numidia, que o virtuoso Sallustio escrevia a Cesar: « O maior bem que podeis fazer à patria, aos cidadãos, a vós mesmo: a vossos filhos, em fim a todo o mundo, é destruir a paixão do dinheiro, ou enfraquecel-a tanto mais quanto o permittam as conjuncturas. Sem isto, em paz ou em guerra, é impossivel dar ordem alguma aos negocios, quer particulares, quer publicos; porque, desde que a sêde das riquezas se ha de nós apoderado, talentos, engenho, nada é forte bastante para nos conter; o proprio coração, mais cêdo ou mais tarde, acaba por succumbir (2). » Cicero, Seneca, Plinio o Moço, Catão, não fizeram outra coisa. O que não impede que este ultimo exclame com o tom mais mais pathetico: « Os ladroens particulares passam a vida nas cadêas e nas prisoens, os ladroens publicos no oiro e na purpura (3). » Mas basta. Cumpre evitar, ainda mesmo escrevendo a historia antiga, o cahir na biographia moderna. Possam os pormenores que

---

(1) Cic. *Ep. ad fam.* III, 8.

(2) *Epist.* I ad Cæs., 10.

(3) Aul. Gell., XI, 18.



precedem penetrar-nos de reconhecimento para com o Evangelho, fazendo-nos santamente tremer á lembrança dessa loba romana que, por espaço de tantos seculos, despedaçou com seus dentes de ferro e pizou com seus pés de bronze o genero humano feito preza sua !

Descendo das alturas do Quirinal, dirigimos-nos para a egreja de S. Pedro nas Cadêas. No nosso itinerario achava-se a antiga via *Scelerata*, onde Tullia, mulher de Tarquinio o Soberbo, fez passar o seu carro por sobre o cadaver de seu pai. Muitas recordaçoes surgem desta parte do Esquilino, occupada hoje pelas duas egrejas de S. Pedro e S. Martinho dos Montes. As *Thermas* de Tito, as de Trajano e Adriano, o templo de Esculapio, edificado por Diocleciano, parte dos jardins de Nero, recordam um dos bairros mais celebres da antiga Roma. A's cadêas que o principe dos Apostolos trouxe como Paulo, como o seu divino Mestre, para dar a liberdade ao mundo, deve o seu nome e a sua celebridade a egreja que vamos visitar. Passa por ter sido primitivamente um oratorio dedicado por o proprio S. Pedro ao *Salvador*. Queimada no incendio de Nero, e destruida para dar lugar aos jardins da casa d'oiro, foi varias vezes restaurada, tanto desejavam os christãos marcar com um monumento perpetuo a passagem do Apostolo ! A imperatriz Eudoxia, mulher de Valentiniano III, o fez renovar inteiramente : d'ahi o nome de Basilica Eudoxiana que muitas vezes lhe deram na historia. Trocou-o pelo de S. Pedro *ad vincula*, quando recebeu em deposito as duas cadêas com que o Apostolo havia sido carregado em Jerusalem por Herodes, e em Roma por Nero. Darei mais tarde a epocha e historia deste facto memora-

vel. Neste templo, um dos mais veneráveis do mundo, encontram o artista e o christão com que se admirem e edifiquem.

Eis primeiro a antiga e milagrosa imagem o mosaico de S. Sebastião. A elegante inscripção posta ao lado do altar do martyr diz que este altar é uma promessa da cidade de Roma, subitamente livrada da peste em 629; á esquerda ao entrar, uma pintura contemporanea representa, ao natural, as horrorosas circumstancias da epidemia. Junto destes monumentos antigos, pozeram os tempos modernos os seus primores-d'arte. Na primeira ordem brilha o mausoleu de marmore do papa Julio II, um dos mais celebres da Italia: o incomparavel Moisés, de Miguel Angelo, faz o seu mais bello ornato. O legislador hebreu está assentado, com as taboas da lei mettidas debaixo do braço direito, na *attitude de fallar* (*nell'atto di parlare*) ao povo a quem olha com áltivez, e do qual parece ter a queixar-se. O artista não tem precisão d'outro modelo para estudar as proporções e posições do corpo humano; o proprio medico, em presença desta estatua, pode vir fazer um curso d'anatomia: não ha um musculo, nem uma fibra saliente que deixe de encontrar, e da qual não possa sem difficuldade seguir a direcção e determinar a forma. Esta obra-prima é de marmore branco, de altura colossal.

Em quanto á inspiração, deplora-se que Miguel Angelo a buscasse no Olympo e na historia profana, antes que na Biblia: acha-se que Moisés tem a cabeça de Cesar e a barba de Neptuno. Como quer que seja, confesso que nunca estatua alguma me havia impressionado d'uma maneira tam viva; ao afastar-me, ainda me parecia que

Moisés me perseguia com a vista. Por isso todos os *cicerones* repetem que Miguel Angelo, contemplando a sua obra depois de a haver acabado, lhe descarregou uma grande martellada no joelho exclamando: *Falla pois, visto que vives!*

O marmore não fallou ao artista. Mais feliz é o viajante christão, a quem é dado ouvir, nesta egreja, vozes amigas cujos accentos lhe resoam poderosamente no coração. Catholicidade da fè, amor da angelica virtude, coragem heroica, charidade divina mais forte que a morte, eis o que lhe repetem a mãe dos Machabeus com seus sete filhos, christãos antes de Jesus Christo, cujos ossos gloriosos descansam debaixo do altar; e o pontifice martyr, S. Saturnino; e as illustres virgens, Barbara, Constancia, Emerenciana, Ignez, Prisca, Margarida e Juliana; e os veteranos do exercito christão, Hippolyto, Naboro e Paulo, cujas reliquias enriquecem as differentes partes deste veneravel sanctuario. Ouve tambem a voz de S. Leão o Grande; porque foi aqui que o eloquente pontifice, vencedor d'Attila e salvador de Roma, prégou o seu primeiro sermão sobre os Machabeus. A todas estas vozes se mistura, como acompanhamento, o ruido das cadêas apostolicas, gloriosamente trazidas por Pedro e Paulo, e banhadas das lagrimas de tantos milhoens de peregrinos. Nós tambem ardiamos em desejos de as vermos e beijarmos; porem as tres fechaduras que as protegem no seu relicario de bronze, só se abrem com licença do Padre Santo, e faltava-nos ainda essa licença.

Quando ao sahir de S. Pedro se toma á direita por uma ruasinha tortuosa, chega-se em poucos instantes a *S. Martinho dos Montes*. Esta

egreja pertence aos grandes Carmos. O exquisito aceio e o bom gosto que reinam em todas as suas partes, a riqueza dos seus doirados, a belleza dos seus pavimentos de marmore, a elegancia das suas columnas, em numero de vinte e quatro, todas antigas, de marmores differentes e d'ordem corinthia; mas especialmente as pinturas a fresco das naves, obra immortal do Poussin, a collocam na primeira ordem das egrejas de Roma. Todavia este brilhante espectaculo não attrahe por muito tempo a attenção do peregrino catholico. Por baixo desta igreja, resplandecente d'ouro e marmore, ha outra adornada unicamente com as rugas da velhice e com os modestos atavios da pobreza primitiva; e essa attrahe o coração. O christianismo que, nos tempos das perseguições, se refugiava por todas as partes, nos subterraneos, nas cavernas, nas ruinas, veio um dia esconder-se nas thermas abaladas de Títo. O papa S. Sylvestre celebrou neste templo, de nova especie, dois famosos concilios: o primeiro, no anno 324, em presença de Constantino, Santa Helena, sua mãe, e Calpurnio Pisão, prefeito de Roma; n'elle se contaram 284 bispos. O segundo, composto de 225 Padres, reuniu-se alli no seguinte anno. Lá foi confirmado, pela auctoridade da sé apostolica, o concilio geral de Nicea; lá foram condemnados irrevogavelmente Ario, Sabellio e Victorino; lá foram queimados seus detestaveis escriptos (1).

A estas preciosas recordações, ajunta a igreja subterranea monumentos de grande interesse: vêdes este antiquissimo mosaico? Obra dos primeiros seculos, representa a Eva mysteriosa a quem

---

(1) Mazzolari, *Basiliche sacre*, t. VI.

o mesmo Deus prometteu a victoria sobre o dragão, isto é, como o entendem os santos Padres, o triumpho do Evangelho, a destruição dos tyrannos, a ruina das heresias, o repouso do mundo á sombra da cruz (1). Ao pé de Maria está o papa S. Sylvestre. Feliz testemunha do exito da grande lucta, apressou-se a prestar homenagem della à Virgem victoriosa, dando-lhe um titulo que, ha quinze seculos, todas as geraçoens catholicas repetem ainda na effusão do seu amor reconhecido: *Gaudium christianorum*: « Alegria dos christãos. » Homens desafortunados! que não tendes para com os nossos ritos e as nossas oraçoens o respeito religioso ordenado pela fé, aprendei ao menos a conservar-lhes a veneração humana que vos inspiram os monumentos da antiguidade. Sabieis vós que esta simples palavra prova um dos maiores factos da historia?

No meio d'outras pinturas d'uma data remotissima, encontra-se o espaldar de pedra do throno pontifical de S. Sylvestre. A sua forma e dimensoens lhe accusam a edade do modo que não deixam duvida alguma no espirito do archeologo experiente.

Um pequeno relicario, cuidadosamente conservado, encerra a mitra, o manipulo, a estola e uma sandalia do mesmo pontifice. Para fazer deste veneravel subterraneo uma pagina completa da nossa historia, era preciso que o santo papa recebesse as honras da religião no mesmo logar onde havia por ella dado tam gloriosos combates: esta condição realizou-se. S. Sylvestre descança aqui,

---

(1) Per te toto terrarum orbe constructæ sunt ecclesiæ. S. Cyril Alexand.

rodeado d'um numeroso cortejo de martyres cujo sangue defendeu a fé que o pontifice firmou com seus oraculos. A taboa de Sergio II, fixada na parede, diz: « No tempo do papa Sergio o Moço, foram collocados, neste altar, os corpos do B. Sylvestre, papa, e dos BB. Fabião e Sotero, papas e martyres; dos santos martyres Autinio, Sistano, Pollião, Theodoro, Nicandro e Crescenciano; das BB. virgens martyres, Sotera, Paulina, Memmia, Juliana, Cyrillo, Theopista, Sophia, e de muitas outras cujos nomes são conhecidos só por Deus. » Todos estes corpos sagrados foram trazidos da catacumba de Santa Priscilla, junto da via *Salaria*.

Depois de havermos dado as nossas acçoens de graças a todos estes fundadores da fé e liberdade do mundo, veneramos um dos instrumentos dos seus supplicios. Caminhando na egreja subterranea, foi-nos dado ver, beijar e levantar com as mãos uma daquellas pedras homicidas, que os pagãos atavam ao pescoço ou aos pés de nossos pais, conforme os precipitavam nas ondas ou os suspendiam em arvores. Pareceu-nos pesar cerca de quarenta libras, comprehendendo a argola de ferro que a penetra.

---

### 23 de Dezembro.

Tendas de Natal. — O Vaticano. — Bibliotheca. — O livro de Henrique VIII. — Museu Christão. — Inscriptoens. — Museus Pagãos. — O Laocoon. — Historia desta estua. — Debuxos de Raphael. — Quartos e camaras de Raphael. — Galerias. — A Transfiguração. — Historia desta obra-prima. — As artes e o papado.

Alguns benevolos amigos haviam formado a conjuração de nos conduzirem, sem nós o saber-

mos, ao palacio do Vaticano, a fim de nos fazerem visitar a famosa bibliotheca. Sob o pretexto não sei de que passeio, nos deixamos apanhar no laço, e ás dez horas deixavamos a praça da Minerva em numero de oito pessoas. Fizeram-nos atravessar em zig-zag os differentes bairros que nos separavam do Tibre: era uma nova conspiração; mas como queixar-nos della? tinhamos o prazer de viajar entre duas alas de encantadoras tendas, preparadas para as *boas festas*. Estes armazens improvisados, onde se encontrava o mais variado conjuncto de quanto pôde lisongear o gosto e a vista, estavam assediados por um povo de compradores de sete a dez annos. Os pequenos presepios pareciam em especial chamar a attenção e provocar ardentes desejos; é porque em Roma o *presepio* occupa todos os pensamentos, acha-se em todas as casas. Durante o Advento e as festas do Natal, duas ou tres geraçoens se reuñem todas as noites, para orarem e praticarem em torno do berço artisticamente adornado e ricamente illuminado do Infante de Bethlem. Talvez para o Romano mais que para nenhum outro povo, é o Natal uma festa capital, uma festa de familia. Assim, na cidade christã, não é o anno bom que vos desejam, são as boas festas. O *capo d'anno* não é nada; o Natal é tudo. Com effeito, não é mais logico escolher, para offerecer uns aos outros desejos mutuos, o anniversario do acontecimento mais social, e por consequente mais feliz que tem assignalado os annaes do mundo?

Occupavam-me ainda estes pensamentos quando chegamos ao Vaticano. Salve, morada augusta do vigario de Jesus Christo! salve, palacio immenso d'onde sahem os oraculos que regulam a

fé da humanidade ! salve, magnifico edificio, que, por um glorioso privilegio, deves a existencia ao genio dos mais famosos architectos dos modernos tempos ! Bramante, Raphael, Pyrrho, Ligorio, Fontana, Maderno, Bernini, vossos nomes immortaes brilham nas abobadas, nas galerias, nos porticos, nas paredes deste monumento digno de vós, digno do soberano que o habita. Edificado em differentes epochas, é o Vaticano antes uma reunião de palacios que um palacio unico. Tem cento e oitenta tozas de comprimento por cento e vinte de largura. Não podendo visitar n'um só dia este mundo de maravilhas, limitamos o nosso estudo ás partes avançadas que rodeam as capellas Sixtina e Paulina, assim como os quartos intimos do Pai commum dos christãos, que se pôde tambem chamar o pai das sciencias e das artes. A nossa primeira estação foi na Bibliotheca. A grande sala que lhe forma o corpo principal tem duzentos e dezeseis pés de comprimento por quarenta e oito de largura e vinte e oito de altura. E' dividida em duas naves por sete pilastras. Tudo o que pôde satisfazer o espirito e os sentidos se acha alli reunido com perfeito gosto. O marmore, as pinturas, os doirados brilham-vos por cima da cabeça e debaixo dos pés. Em torno das pilastras e das paredes estão dispostos armarios que encerram os manuscriptos. Em cima destes armarios collocaram parte da grande collecção dos vasos italo-gregos do Vaticano. No espaço que lhes fica superior até á abobada está pintada a fresco, de um lado, a historia universal do espirito humano, isto é a historia das bibliothecas e dos livros, desde Adão até os tempos modernos ; do outro, a historia completa do espirito christão, isto é a historia



de todos os concilios geraes com os principaes acontecimentos ecclesiasticos , desde Jesus Christo até Leão XII.

A bibliotheca vaticana excede todas as outras bibliothecas da Italia , e talvez do mundo , pelo numero dos manuscriptos gregos , latinos , italianos e orientaes : conta vinte e quatro ou vinte e cinco mil. Mostraram-nos uma Biblia hebraica , em pergaminho , com estampas illuminadas , a mais magnifica , sem contradicção , que jamais tem existido. Vimos tambem um Virgilio do V.<sup>o</sup> seculo e um Cicero da mesma epocha. Mas o que interessa vivamente , é o famoso livro de Henrique VIII , rei d'Inglaterra , contra Lutero (1). No fim da obra , lêem-se estas palavras : *Anglorum Rex , Henricus , Leoni decimo mittit hoc opus ad fidei testem et amicitiae , Henricus :* « Henrique , rei de Inglaterra , offerece a Leão X esta obra em testemunho da sua fé e amizade , Henrique. » A phrase inteira é do punho de Henrique VIII , cujo caracter e coração parecem revelar-se na sua escripta comprida , precipitada , irregular e embaraçada. Como quer que seja , a *Assertio* valeu ao real apologista o titulo de *Defensor da fé* , que lhe conferiu Leão X. Acreditar-se-hia que os successores protestantes do principe scismatico ainda conservam em suas moe-

---

(1) Eis o seu titulo : *Assertio septem sacramentorum adversus Martinum Lutherum , edita ab invictissimo Angliæ et Franciæ rege et domino Hyberniæ , Henrico ejus nomine octavo ; apud inclytam urbem Londinum in ædibus Pynsonianis 1521, 4 idus Julii , cum privilegio a rege indulto.*

das esta gloriosa denominação? Se algum dia vos cabir nas mãos um guineo britânico, n'elle vereis, depois dos nomes e titulos do soberano, estas duas letras *F. D.*, *defensor da fé.*

Ao lado desta obra vimos outra mui differente, do mesmo auctor. Na mesma boceta se conservam as cartas autographas que o libertino principe escrevia a Anna de Boleyn. Tam certo é que a incredulidade é uma planta que se enraiza na lama; ou, como dizia o espirituoso bispo d'Amiens, *que é sempre o coração que faz mal à cabeça.*

Da bibliotheca sobe-se a duas galerias parallelas que formam juntas uma extensão de quatrocentos passos: encerram tambem manuscritos e livros. No quarto salão da galleria, á esquerda, está o museu sagrado. Esta collecção de antiguidades christãs inspira grande interesse e produz viva impressão. N'ella se conservam, entre outros objectos, peutes e unhas de ferro de que se serviam os verdugos para despedaçarem os martyres. Em presença destes horriveis instrumentos, acha-se que é facil o crer n'uma religião cujas testemunhas arrostaram semelhantes supplicios. Do terror passa-se ao enternecimento quando se vêem perto d'alli os pobres utensilios dos primeiros fieis: os seus calices de nacar e de vidro; as colheres e os canudinhos com que nossos pais bebiam o sangue que faz os martyres. Crucifixos achados nas catacumbas, pinturas quasi que de todas as edades, chamam alternativamente a attenção do artista e do christão. Entre estas ultimas contemplamos com felicidade uma Virgem em busto de Lippo Domenicano, o pio e immortal auctor da *Madona del*

*Velutto.* Segue-se outro salão, chamado dos Papyrus, porque n'elle se conservam muitas cartas escriptas durante o VI.º seculo na casca de papyro. Este soberbo salão, incrustado de marmores raros e ornado de pinturas a frêscó de Mengs, abre para a vasta salla dos livros impressos; esta communica com o gabinete das medalhas.

Não longe d'alli está o *corredor das Inscriptoens.* E' um livro de partidas dobradas que contém a Historia profana e a sagrada, escriptas no marmore. A idéa desta collecção de inscripções antigas deve-se ao papa Pio VII. Pelas ordens do pontifice, um dos mais illustres sabios dos tempos modernos, Cajetano Marini, fixou com uma ordem e uma arte maravilhosas, nas paredes da immensa galeria, d'um lado as inscripções pagans, do outro as christans das catacumbas. Entre estas ultimas, duas ha sobre tudo que me pareceram exquisitas pela simplicidade, fé e piedosa melancolia. A primeira é a d'uma illustre matrona, tornada, pelo amor de Deus, uma dessas viúvas tam celebres na historia da charidade primitiva:

OCTAVIÆ MATRONÆ  
VIDVÆ DEI.

A OCTAVIA MATRONA  
VIUVA DE DEUS.

A segunda é a d'uma menina:

PEREGRINA VIXIT  
AN. VIII. M. VIII D. V.

EM PEREGRINAÇÃO VIVEU  
NOVE ANNOS NOVE MEZES CINCO DIAS.

*Peregrina vixit!* como estas duas palavras

exprimem bem o mysterio da vida humana ! Como o homem é bem definido !

Percorremos successivamente os numerosos museus que fazem do Vaticano o quartel general das artes , e cujos nomes , charos aos catholicos , são uma homenagem immortal aos nossos pontifices.

E' o quarto Borgia ; é o museu *Pio Clementino*, porque se deve aos papas Clemente XIII, Clemente XIV e Pio VI ; é o museu de Pio VII ou o museu Egypcio e Attico ; é o museu de Gregorio XVI, ou o museu Etrusco. Leão X, Innocencio XI, Julio II, e multidão d'outros summos Pontifices vivem nas immortaes collecçoens que attestam o seu exquisito gosto , e o seu generoso amor às artes. Seriam necessarios volumes para dar um catalogo minucioso de todos os objectos preciosos que enchem estes vastos saloens. Sarcophagos , estatuas , bustos , baixos-relevos de todas as especies , bacias de marmore e de basaltes , carros de bronze , vasos , utensilios , candelabros , grupos de todas as formas ; eis de que se compoem as magnificencias pagans do Vaticano. Entre tantos primores-d'arte alguns ha que nos não perdoariam passarmos em silencio.

No museu *Pio Clementino* admiramos , como toda a gente , o *Tronco do Belveder*. Esta soberba obra de marmore branco , achada nas thermas de Caracalla , é um fragmento d'uma estatua de Hercules repoisando. A inscripção grega , posta na base , diz que foi esculpido por Apollonio , filho de Nestor , o Atheniense. Vieram depois o *Meleagro* e o celebre grupo de *Laocoon*, com seus dois filhos devorados por serpentes. Depois de ter descripto esta ultima obra-prima ,

ajunta Plinio: « O Laocoon foi collocado no palacio de Tito, e deve-se a tres esculptores rhodios, Agesandro, Polydoro e Athenodoro (1). » Mas que era feito delle? Havia-se perdido, como tantos outros monumentos, nos differentes saques de Roma? Haviam-o os Barbaros levado? Ninguem podia responder. No começo do seculo XVI.º, o papa Julio II fez executar excavaçoens nos differentes bairros de Roma. Um dia annunciam ao papa que uns operarios acabam de achar nas proximidades das *sete Sallas* um grupo de marmore, d'um siozel grego admiravel. A esta nova, os artistas e os sabios acodem aos jardins de Tito; reconheceram o Laocoon tal qual Plinio o descreveu: o entusiasmo chega ao seu auge. A' noite todos os sinos das egrejas tocam para annunciar a feliz descoberta. Os poetas não dormem naquella noite; preparam, para saudarem a volta da antiga obra-prima á luz, sonetos, hymnos, canzoni: no dia seguinte Roma inteira está de festa. A estatua, ornada de flores e verdura, atravessa a cidade ao som da musica; as damas estão ás janellas applaudindo com as mãos; os sacerdotes, formados em ala, descobrem-se á vista da obra-prima; todo o povo está pelas ruas, acompanhando com seus alegres cantos o Laocoon que faz a sua entrada triumphal no Vaticano.

---

(1) Sicut in Laocoonte qui est in Titi domo, opus omnibus et picturae et statuariae artis anteferendum, ex uzo lapide eum et liberos, draconum mirabiles nexus de concilii sententia fecere summi artifices Agesander, Polydorus et Athenodorus Rhodii. *Lib. XXXVI, c. 6.* — Estes artistas viviam pelo anno de Roma 324.

Collocada a estatua no seu pedestal, retira-se Julio II para os seus quartos; e então começa uma nova festa em que Sadoleto, com a cabeça coroadada de hera, canta o feliz successo n'uma ode que todos os humanistas sabem de cor (1). Aos versos do poeta, a sabia côrte prorompe em gritos de admiração: « Viva Sadoleto! viva Virgilio! » Haviam esquecido o Laocoon. A' noite, Sadoleto achou no seu quarto um bello manuscrito de Platão: era um presente do papa. Quanto a Felix de Fredis que tinha descoberto a preciosa estatua, o summo Pontifice lhe deu parte dos rendimentos da gabella da Porta de S. João de Latran, e o nomeou notario apostolico (2). Foi assim que, em todos os tempos, os papas se mostraram protectores magnificos dos artistas, e amantes esclarecidos das artes.

N'outro salão do mesmo museu vimos o celebre *Mercurio do Belveder*, conhecido pelo nome d'Antinous; depois a *Dormidora*, finalmente depois o *Apollo do Belveder*. Devo dizer que o nú sobresahe em todas as producçoens gregas e romanas, e que no Vaticano, como em Florença e n'outras partes, é mister olhar sem ver. Por isso, não obstante todo o meu desejo de me enthusiasmar, não pude senão admirar o talento superior dos antigos na reproducção das formas, e na expressão da belleza material. Perfeitos em representar tudo o que os olhos podem ver e as mãos tocar, são os artistas pagãos nullos, ou quasi nullos, desde que se tracta de fazer des-

---

(1) Ecce alto terræ, etc.

[2] Winkelmann, *Historia da art.* Richardson, t. III, p. 711.

cer o divino, o celeste ás suas obras. O Apollo do Belveder, por exemplo, é uma 'soberba academia, um magnifico mancebo, um heroe até, se quizerdes; porem um deus, nunca.

Se a esculptura representa nobremente a antiguidade no palacio do Vaticano, com não menos esplendor faz n'elle brilhar a pintura a gloria dos tempos modernos. Aqui ainda é força renunciar a descrever tudo, e até a nomear tudo. Quando pois haveis atravessado a magnifica galeria das *Cartas' geographicas*, assim chamada porque as differentes partes do globo estão pintadas a grandes traços nas suas vastas paredes, chegais ao salão que encerra as celebres tapeçarias do Vaticano feitas pelos debuxos de Raphael. Se se admira o genio que creou estes maravilhosos desenhos, como deixar de pagar um justo tributo de reconhecimento ao grande papa cujo olhar penetrante soube distinguir o genio de Sanzio e cujos reaes favores recompensaram seus nobres trabalhos? Um dia chama Leão X o seu artista querido: « Sanzio, lhe diz, quero adornar as paredes do Vaticano com tapeçarias semelhantes ás que executa Florença com tanta superioridade; desenha-me assumptos proprios para inspirar o artista. »

Eis o que seis mezes depois se passava no Vaticano: O povo romano, captivado do amor das letras e das artes, havia-se precipitado no palacio pontifical para ouvir os versos d'Accolti. Applaudiam, lançavam corôas ao poeta, quando a grande escada resoou com passos de homens; o papa sorriu-se, em signal de intelligencia: « E' Raphael que chega; » Raphael, grande senhor, graças ás bondades de Leão; ante elle se incli-

nam os guardas do palacio ; caminha rodeado d'um cortejo de pagens , em toda a flor da juventude e da belleza. A' sua vista formam-se duas alas ; uma de cardeaes e nobres romanos , e outra de theologos e sabios , pelo meio das quaes passa o artista com aquella graça que lhe conheceis. Dobra o joelho e beija o anel do pescador. Sanzio traz doze debuxos em que representou as principaes passagens dos *Actos dos Apostolos* ; cada um dos debuxos està cercado d'uma orla em claro escuro , onde o pintor collocou alguns successos da vida de Leão X. A' vista destes maravilhosos esboços , em que Raphael , para agradar ao seu protector , empregara tudo o que tinha de imaginação e genio , observou-se , entre os espectadores , um daquelles grandes silencios em que a alma e o sangue parecem suspensos ao mesmo tempo ; depois subitamente os olhos se dirigiram dos debuxos para o pintor , e o papa exclamou : « Divino ! » e todos os assistentes repetiram a mesma exclamação : « Divino (1) ! »

---

[1] M. Audin , *Vida de Luthero* , t. I , p. 207. — Conhece-se a historia destes maravilhosos debuxos , a obra mais perfeita de Raphael , se devemos crer um juiz esclarecido como Richardson , que passam das mãos de artistas flamengos para as de Carlos I.º , rei d'Inglaterra. Por morte deste infeliz monarcha , são postos á venda , adjudicados a Cromwell , depois esquecidos ; depois ludibrio de alguns artistas que os cortaram , após a exaltação de Guilherme III ao throno , para mais facilmente os copiarem ; e por fim , no reinado d'um principe esclarecido , preciosas reli-



Outras maravilhas nos esperavam na ala esquerda do Vaticano, que olha para a cidade. Construída pelo proprio Raphael, é a feliz depositaria das pinturas e dos ornatos feitos pela mão ou debaixo da direcção do principe dos artistas. E' no segundo andar que os *Quartos de Raphael* deixam admirar as suas obras immortaes. Elle proprio, esculpido em marmore, reina nestas galerias como um rei em seus Estados, diria quasi como um deus entre as suas creaturas. Os innumeraveis arabescos que correm pelas pilastras e pelos frisos, revelam a brilhante mão que semeava os primores-d'arte como que brincando. Cincoenta e duas pinturas a fresco executadas, segundo os seus desenhos, por Caravaggio, por Julio Romano, o mais illustre de seus discipulos, etc., reproduzem as principaes passagens do Velho Testamento. A que representa o *Padre Eterno ordenando o chaos* é inteira da mão de Raphael. As obras deste mestre por excellencia abundam nas outras partes do Vaticano, e em especial nas *Camaras* que teem o seu nome. Citarei unicamente o *Incendio da Villa do Espirito Santo*, poetica representação do incendio de Troia; a *Eschola d'Athenas*, onde o pintor nos faz assistir ás doudas liçoens de Platão e Aristoteles; o *Parnasso*, com Ápollo rodeado das nove Musas; *S. Pedro na prisão*, quando o anjo lhe faz cahir as cadêas.

Depois de todas estas obras-primas e de mul-

---

quias da arte, postos debaixo de vidro e expostos à adoração dos artistas que vão em peregrinação visital-os a Windsor. Richardson, *Tractado da Pintura*, t. III, p. 459.

tidão d'outras de Julio Romano, d'André Pacchi, do Poussin, do Guido, de Paulo Veronese, do Perugino, do B. Angelico de Fiesola, etc., que haviam fatigado a nossa admiração, faltava-nos ver o salão que a devia esgotar [1].

Esta galeria solitaria só encerra cinco quadros, e é comtudo a mais rica do universo. A direita, entrando, está a *Madona di Fuligno*, obra-prima de Raphael, representando a santa Virgem com muitos santos; mais ádiante, a *Coroação de Maria* depois da sua Assumpção, segundo systema do mesmo pintor; defronte, o mesmo assumpto, pintado por Raphael e desenhado por Julio Romano; no fundo, a *Communhão de S. Jeronimo*, do Dominiquino; finalmente voltando-se á direita, extasia-se a gente diante do primeiro quadro do mundo, a *Transfiguração*, do divino Raphael. Nesta sublime composição, o espirito, o coração, o pincel de Raphael, tudo é christão; porque não foi sempre assim!

A historia desta obra capital é talvez o episodio mais interessante da vida do illustre pintor. Havia-se Sebastião del Piombo apresentado um momento rival de Sanzio, cujo genio elle admirava mais que nenhum outro. Um dia vem apresentar ao papa o esboço do Lazaro, cujo desenho fez Miguel-Angelo, e que Sebastião deve revestir daquelle colorido cujo segredo escondeu a Vicelli o Veneziano. Dois homens para vencer Raphael! Miguel-Angelo e Sebastião del Piombo;

---

(1) Isto seja dicto salvas as reservas que exprimi em Florença, e que mantenho em Roma, relativamente á eschola moderna.

um produzindo o pensamento, creando o assumpto, imaginando o drama; o outro dando-lhe vida.

A *Resurreição do Lazaro*, obra dos dois mestres, eram a luva lançada ao favorito de Leão X. Sazio sentiu-se com coragem de lutar com taes homens. Pegou do seu pincel, encerrou-se por espaço d'algumas semanas, renunciou ao papa, ao Vaticano, a seus amigos, para trabalhar na sua obra.

Breve chegou o dia de julgar as duas composicoens; mas á vista da *Transfiguração*, Roma deu um grito de surpresa e admiração, e repetiu com Meugs: « E' o typo do bello ideal, o modelo da arte, a obra-prima da pintura, o esforço mais sublime do genio do homem. » Sebastião del Piombo confessou-se vencido; mas que derrota (1)!

Tal foi a nossa primeira visita ao Vaticano. Que dizer ao sahir deste palacio encantado, onde o genio humano, elevado ao seu mais alto poder, brilha, scintilla de todas as partes, e forma, nas suas manifestações multiplices, como uma visão d'um mundo superior que vos absorve e embriaga! As palavras expiram nos labios; não se sabe que voto se ha-de formar. Ah! possam elles ver os museus do Vaticano! possam comprehender o pensamento que os formou, todos esses homens desvairados que accusam a Egreja romana de ser inimiga das luzes! Talvez mudassem de linguagem admirando tudo o que fizeram, tudo o que ainda fazem os Pontifices pela conservação

---

(1) Vêde *Vida de Luthero*, por M. Audin; t. I, p. 268.

dos monumentos antigos e pelo progresso das sciencias e bellas-artes! Eis-ahi o primeiro voto que se me escapou do coração de sacerdote e catholico. Quando quizerão rever o processo intentado contra a Egreja romana pela Reforma, e fazer alfim justiça ao papado cessando de fazer mentir a historia! tal foi o meu segundo desejo.

Ha tres seculos que o protestantismo não cessa de bradar sobre os tectos: « Eu sou o emancipador da razão, o salvador da sciencia, o propagador ardente das luzes; a mim pertence a gloria de ter descoberto a antiguidade, creado o gosto do bello, o zelo da investigação e de ter accendido o facho do genio, que Roma extinguiu, a mim a iniciativa do glorioso movimento que arrasta o mundo de maravilhas em maravilhas (1). »

A estas palavras pretenciosas não falta senão uma coisa, a verdade. Antes que Luthero houvesse aprendido o hebreu, antes que Melanchthon ensinasse o grego, antes que Ulrico de Hutten escrevesse os seus folhetos, antes que a pintura brilhasse debaixo dos pinceis de Cranach, antes que o gosto da antiguidade tivesse penetrado na Germania; n'uma palavra, antes que o movimento philosophico, literario, scientifico, artistico, se fizesse sentir alem dos Alpes, alem do Rheno, alem da Mancha, estava em plena actividade sob o bello ceu da Italia. Quando Leão X morreu, no 1.º de dezembro de 1521, o nome de Luthero não era conhecido senão havia quatro

---

(1) Tal é em substancia o elogio de Luthero, pronunciado por M: de Villers, e coroado, em 1802, pelo Instituto de França.

annos; e muito antes, que a Reforma houvesse sabido das sujas mantilhas do seu berço, tinha a Italia uma epopea. Quando a França, Allemanha, Inglaterra e Hespanha, não contavam nenhum historiador, tinha a Italia já Poggio Braccolini, Leonardo Aretino, Bernardo Corio; depois mostrava com gloria Guicciardini, Paulo Jove, genios animados pelo sopro de Leão X. Quando a Europa septentrional, impellida pela Reforma, quebrava as estatuas e os primores-d'arte das egrejas, e lacerava os manuscriptos dos mosteiros, a Italia professava um culto ardente e apaixonado pela antiguidade e pelas bellas-artes. Em Florença, o povo, com a cabeça descoberta, ramos de oliveira na mão, acompanhava processionalmente uma Virgem de Cimabue, que se acabava de achar; em Ferrara, os mariolas repetiam as strophes d'Orlando, e nos Appeninos os salteadores se inclinavam em signal de respeito diante d'Ariosto.

No momento em que Luthero dava o signal da rebellião do senso intimo, creava Bandinelli o grupo do altar-mor de Santa Maria del Fiore, Angelo Policiano e Giovanni Picco della Mirandola desciam em triumpho aos seus tumulos da egreja de S. Marcos; e Buonarotti creava a Noite, o Dia, o Pensiero e a estatua collossal de David: Veneza, Ferrara, Milão, Bolonha, Parma, Ravenna, Florença e Roma, cada cidade italiana, a'uma palavra, se tornava um foco d'arte, de luzes e de sciencias, que ia envolver com a sua rede de chammas o mundo inteiro (1).

---

(1) Vêde *Vida de Luthero*, por M. Audin, t. I, p. 286.

Dest'arte as datas e os nomes proprios estabelecem que o movimento intellectual partido da Italia e em especial da Roma de Leão X, atravessou os Alpes para se repartir, na aba das montanhas, em duas correntes, uma das quaes chegou á Allemanha e a outra à França; de modo que á dupla gloria de haver dado á Europa a sua fé religiosa e formado as suas instituicoens politicas, ajunta o papado a de ter communicado a impulsão scientifica ao genio dos tempos modernos. O sol não é mais claro que este facto: a historia o diz, o Vaticano o prova. Isto não basta; a fim de que a Reforma ou a philosophia anti-christan nunca possa lançar em rosto a Roma a tam especiosa censura de obscurantismo, chega o papado a tomar, no tempo dos Pontifices da casa de Medicis, as maneiras da sciencia mundana; aquece em seu seio a antiguidade profana; prodigaliza oiro e horas áquelles que a exhumam do tumulo; depois, quando imprimiu o movimento, vêem-n'o entrar de novo no seu socego ordinario e encerrar-se mais estreitamente na sua missão religiosa: ao papa artista e litterato succede o papa theologo; Adriano VI, a Leão X!

Feliz por ver as intelligencias exercerem a sua actividade em todas as partes da sciencia, o papado contenta-se então com dirigir-lhes a acção. Attento em alentar-lhes os esforços, fiel em coroar-lhes os triumphos, não é menos vigilante para reprimir-lhes os desvios. Rei quando recompensa, e rei quando pune, mostra-se sempre filho do Deus das sciencias e orgão da verdade. Esta posição intellectual de Roma parecia-me perfeitamente representada nos tres edificios que rodêam a praça de S. Pedro: à direita, o

palacio do Vaticano ; á esquerda , as prisoes do Santo Officio ; entre ambos , a egreja do Príncipe dos Apostolos. O Christianismo , luz do mundo , bussola dos espiritos , reina gloriosamente em S. Pedro ; com a sua mão direita protege um palacio magnifico onde glorifica as sciencias , as artes , as luzes , n'uma palavra , o genio humano em todas as suas manifestaçoens normaes ; em tanto que a sua mão esquerda peza sobre uma prisão escura , triste , estreita , onde encadêa o genio do erro que quiz obstinadamente embaçar o brilho da verdade , e retardar , transviando-a , a marcha da intelligencia.

---

### 24 de Dezembro.

O Palatino. — Palacio dos Augustos. — O *Lararium*. — Templos dos deuses e dos Imperadores. — Estatua d'Apollo. — Christãos da casa de Nero. — O *Septizonium*. — S. Sebastião *alla Polveriera*. — Jardins. — Foro. — Villa Palatina. — Egreja de S. Boaventura. — B. Leonardo do Porto Mauricio.

Sahidos hontem da velha Roma , tornamos hoje a entrar n'ella. Pareceu-nos interessante estudar , na vespera de Natal , o palacio dos Cesares cujos alicerces abalou o infante de Bethlem , ainda no berço : ás nove horas , estavamos no Palatino. Das sete collinas , dizem os auctores , foi esta a primeira habitada. Evandro fundou n'ella uma villota que chamou *Pallanteum* , do nome da cidade d'Arcadia , sua antiga capital. Os cinco primeiros reis de Roma estabeleceram tambem nella a sua habitação. Pelo fim da re-

publica estas modestas mansoens deram logar ás sumptuosas casas dos Gracchos, de Cicero, de Claudio, de Catilina, de Marco-Antonio e do proprio Augusto que alli nasceu a 23 de Septembro, do anno 62 antes da era christan (1). Por todos estes titulos tomou a collina o nome de Palatino, *mons Palatinus*, que hoje conserva. Mereceu-o ainda muito melhor, quando os successores do primeiro dos Cesares a cobriram de seus palacios d'ouro e de marmore. Lá dormiram Tiberio, Caligula, Claudio, Nero, Domiciano (2); e suas pavorosas sombras parecem vaguear ainda por entre estas ruinas desoladas para infundirem ao viajante espanto e medo.

De todos os edificios que coroavam o Palatino, o mais respeitavel era o palacio Augustal, sede do imperio e morada da magestade romana, *Sedes Romani imperii* (3).

Este palacio, modesto em principio, desenvolveu dentro em breve as suas proporçoens e revestiu-se da mais incrivel magnificencia. Uma soberba escada conduzia a elle do Foro pelo outeiro da Victoria, *per clivum Victoriæ*. De cada lado da porta principal erguiam-se perpetuamente dois loureiros, cujas cimas sustentavam, aproximando-se, uma corôa de carvalho. O senado havia concedido esta insigne honra a Augusto, *vencedor dos inimigos e salvador dos cidadãos* (4).

---

(1) Alguns dizem que nasceu em Velletri.

(2) Suet., c. 5; Stat. Sylv., lib. III.

(3) Victor. *de Rigion*.

(4) *Tunc decretum fuit laurum poni ante ejus ædes regias, et coronam querceam super-*



Tiveram por bem os successores deste principe attribuirem a si o mesmo privilegio; e quaesquer que fossem os seus titulos a esta distincção, não tinham que temer a opposição do senado. Vastos porticos de marmore de Lacedemonia e de porphyro rodeavam a habitação imperial, da qual defendiam o accesso ao vulgo, mas não às dores e aos negros cuidados. Quantas vezes as suas abobadas silenciosas viram, durante a noite, Caligula, atormentado pelas insomnias da devassidão, vaguear como um louco e chamar em altos gritos a volta do dia (1)! Umas *thermas* para uso da Côrte com o *Lararium*, ou capella domestica dos imperadores, formavam o corpo avançado dos edificios. Alexandre Severo fez celebre o *Lararium* imperial. Na parte mais intima, havia este principe collocado, no meio dos imperadores divinizados, dos deuses e dos grandes homens, Nosso Senhor Jesus Christo, Abrahão e Orpheu, aos quaes vinha todas as manhans offerecer sacrificios (2). Por ordens suas, o proprio palacio proclamou, d'um modo brilhante, a superioridade da moral evangelica. N'uma das fachadas mandou gravar esta divina sentença: *Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti* (3). Mais

---

poni tanquam inimicorum victori et servatori civium. Dio, lib. LIII. — Plin., lib. XV, c. 30; lib. XVI, c. 4.

(1) Magna parte noctis vigiliæ, cubandique tædio, nunc thoro residens, nunc per longissimos porticos vagus, invocare identidem, atque expectare lucem consueverat. Suet., c. 50.

(2) Lamprid. in *Alexand. Sev.*, c. 29 e 31.

(3) Quam sententiam adeo dilexit, ut et in

longe se alçava a famosa torre de Heliogabalo, príncipe extravagante e devasso que dissera: « Eu quero que a minha mesma morte seja magnifica. » E, em guisa de cadafalso, mandára edificar uma alta torre, calçada de pedras preciosas, a fim de que no dia em que se precipitasse quebrasse a cabeça pomposamente (1). Via-se depois a bibliotheca Tiberia, depois os quartos revestidos d'ouro, marfim e diamantes, onde se realisaram as incriveis scenas que compoem a vida intima dos Cesares.

Em volta do palacio havia uma cinta de templos dedicados aos deuses e aos homens. Em primeiro lugar, eis o templo de Jupiter Stator, que a sua antiguidade torna tam respeitavel aos Romanos; depois o templo da boa Deusa, famoso pelos seus abominaveis mysterios; mais longe o *Sacrarium* dos sacerdotes Salios. Era alli que os doze jovens patricios, instituidos por Numa, guardavam os escudos sagrados, dos quaes se julgava dependente a salvação do imperio, e os auspicios, e os cintos de cobre, e o bastão augural, e os outros objectos da superstição romana (2). Por fim o templo d'Apollo, celebre pela gigantesca estatua deste deus, diante da qual vinham os poetas recitar os seus versos e cuja base serviu muito tempo para encerrar os

---

palacio, et in publicis operibus præscribi juberet.  
*Id.* 51.

(1) *Fecerat et altissimam turrim, substractis aureis gemmatisque ante se tabulis, ex qua se præcipitaret, dicens etiam mortem suam pretiosam esse debere. Lamprid. in Helioq.*

(2) *Valer., lib. VIII.*

livros sibyllinos (1). Este colosso, cuja cabeça se vê ainda no Capitolio, era de bronze e tinha pelo menos cincoenta pés d'altura. Aos templos dos deuses juntavam-se os dos homens. Augusto era honrado no templo que Livia lhe erigira (2); Caligula, no que havia dedicado a si mesmo (3); finalmente todos os imperadores recebiam adorações n'um templo commum.

Dest'arte, tinha Roma dois Panthécoens: o dos deuses e o dos Cesares. Ora, acreditar-se-hia que neste Palatino, neste coração do poder e da superstição romana, no palacio mesmo dos perseguidores, teve o Christianismo nascente dedicados servos? Christãos, na habitação de Nero; a humildade e simplicidade, na morada do orgulho e luxo; a castidade e innocencia, n'um lugar de devassidão e prostituição; a mansidão e charidade, no covil da crueldade e dos mais odiosos crimes: que contraste! que maravilhoso poder do Christianismo! Estes christãos da casa de Nero são-nos conhecidos pelas proprias cartas de S. Paulo (4), e os seus nomes queridos vieram muito a proposito apresentar-se á minha memoria, para fazerem uma agradavel diversão aos tristes pensamentos que desperta a vista do Palatino.

Mas como pôde o Apostolo chegar a lançar alguns grãos da boa semente até á propria côrte de Nero? E' esse um problema cuja solução ex-

---

(1) Suet., in Aug., c. 31.

(2) Plin., lib. XII.

(3) Suet. in Calig., c. 22.

(4) Salutant vos omnes sancti, maxime autem qui de domo Cæsaris sunt. *Philipp.*, IV, 22.

cita vivamente a curiosidade. Os pormenores seguintes são de natureza de esclarecer, ao menos em parte, este interessante mysterio. O nome christão era conhecido em Roma desde o tempo de Tiberio; sabe-se que este imperador quiz fazer pôr Nosso Senhor no numero dos deuses. S. Paulo havia percorrido, prégando, as principaes cidades da Asia; havia-se demorado em Corintho dezoito mezes. Os Judeus, que se mostravam por todas as partes seus inimigos encarniçados, o levaram perante o tribunal de Gallião, então proconsul da Achaia, accusando-o de ensinar uma doutrina contraria á sua lei (1). Ora, este magistrado romano, *Junius Annæus Gallio*, era o irmão mais velho de Seneca, preceptor de Nero (2). Inevitavelmente, o governador ouviu muitas vezes fallar deste Judeu energico e eloquente que fazia numerosos proselytos e cujas doutrinas agitavam a sua provincia. Homem iustruido, é de presumir que, na sua correspondencia, Gallião fallasse a seu irmão daquelle prégador d'uma philosophia nova e sublime, e que a reputação de S. Paulo podéra precedel-o junto de Seneca e inspirar-lhe o desejo de o conhecer: tanto que os melhores espiritos não poem em duvida as relações do Apostolo, durante a sua estada em Roma, com o preceptor de Nero (3).

Não é isto tudo: chegando a Roma, S. Paulo foi, segundo o costume, entregue nas mãos

---

(1) *Act.*, XVIII, 1, 17.

(2) *Tacit.*, *Annal.* VI, 3; XV, 73. *Dio Cass.*, *Hist. Rom.*, LX, 688; LXI, 699.

(3) Vêde *Memorias Eccl.*, por M. de Grep-po, p. 88.

do prefeito do pretorio, com os outros prisioneiros. Não se pôde duvidar de que lhe haja sido apresentado, acaso mais de uma vez, porque o Apostolo esperou dois annos o seu julgamento. Ora, nestas audiencias, como nas de Felix e Festo, como na sua mesma prisão, Paulo não cessava de annunciar o Evangelho. « Eu estou preso ; » escreveu elle mesmo, « mas a palavra de Deus não está encadeada ; de modo que os meus ferros são conhecidos em todo o pretorio (1). » O prefeito do pretorio era então o celebre Afranio Burrho, associado com Seneca na educação de Nero. Tomou parte por muito tempo com elle no favor ou ao menos na confiança do tyranno, e parece que estes dois homens d'Estado marchavam bastante de concerto. As relações que entre elles existiam não podem pois permittir o duvidar-se que Burrho houvesse fallado a Seneca daquelle captivo tam notavel, lhe houvesse inspirado o desejo de o conhecer, e lhe houvesse fornecido para isso os meios, que demais disso não eram difficeis, devendo o zelo do Apostolo dispol-o favoravelmente para taes entrevistas (2).

Assim se explicam sem esforço as entradas de S. Paulo no palacio imperial. Ouvida, commentada, discutida, já pelos cortezãos, já pelos officiaes que assistiam aos interrogatorios, a sua palavra encontrou corações doces. Entre as gloriosas conquistas que ella fez na côrte, citam-se entre outros os santos martyres Torpés e Evellio. O primeiro era um dos grandes officiaes do im-

---

(1) *Philipp.* I, 13.

(2) De Greppo, p. 103.

perador (1). Apenas foi conhecida a sua conversão, ordenou-lhe Nero que sacrificasse aos deuses. A' sua recusa, Torpês, açoitado, estendido sobre a roda, expirou, mostrando até final uma serenidade de rosto que fez pasmar todos aquelles que o presenciaram. Deste numero era Evellio, conselheiro do imperador. Tocado elle proprio da graça, pediu o baptismo e não tardou a juntar-se na gloria ao santo martyr cujos supplicios partilhou depois de lhe haver admirado a constancia (2).

Entre estes christãos da familia de Nero, deve-se tambem, segundo todas as probabilidades, contar a celebre Pomponia Græcina. Esta matrona, o ornamento da cõrte imperial, era mulher d'um distincto guerreiro. Seu marido Aulo Plaucio, voltando a Roma, onde triumphou das Bretanhas, a fez comparecer perante um tribunal de familia, como ré de apego a uma superstição estrangeira (3). Plaucio a declarou innocente; mas ella passou a vida em continua tristeza, trazendo sempre vestidos de lucto: eis exactamente

---

(1) Magnus in officio Cæsaris Neronis fuit. *Martyr. Adonis* 17 Maii.

[2] Cujus [Torpelis] constantiam et virtutem quidam consiliarius Neronis, Evellius nomine, inspiciens, Christo testimonium reddidit. *Id. id. Martyr. Rom. Ib.* 11 Maii.

(3) E' assim que os auctores pagãos costumam designar a religião christan. — Pomponia Græcina, insignis scemina, Plautio, qui ovans se de Britanniis retulit, nupta, ac superstitionis externæ rea mariti judicio permissa. Tacit., *Annal* XIII, 32.

a christan, tal qual um pagão a podia representar [1]. Mas o triumpho do Apostolo, ou antes o milagre do Christianismo, foi penetrar até aos quartos intimos do imperador, e ir procurar uma ovelha no mesmo antro do leão. Nero tinha uma dama a quem amava furiosamente: S. Paulo a converteu [2]. Quem era esta nova Magdalena? Uns pretenderam que era Sabina Poppæa; outros, Actés: n'este ponto estamos reduzidos ás conjecturas.

Caminhando para o norte do Palatino encontrava-se o *Lupercal*, gruta celebre, ao pé da figueira ruminal, debaixo da qual foram achados Remo e Romulo. A' esquerda, não longe da *escada da bella praia, ad gradus pulchri littoris*, conservou Roma por mais de mil annos a cabana campestre em que o seu fundador passou os primeiros annos (3). Perto destes logares se levanta hoje a egreja de S. Theodoro. Ao poente da real collina, estende-se o valle do *Grande Circo*, notavel por uma bella recordação christan. Um dia

---

(1) Vêde M. de Greppo, p. 75 e seg.

(2) Esta conquista lhe custou a vida. S. Chrys. *adv. oppug. vit. monast.*, I, 3 op. t. I, p. 48; Greppo, *id.*, p. 30 e seg.

(3) Sed eorum vita pastoralis et operosa erat, cæsisque sæpe in montibus factis arundineis et ligueis operiebantur; quarum unam etiam meo tempore perdurat in parte a Palatio in Circumversa, casa Romuli dicta, quam adhuc sacrarum rerum custodes tuentur, nil magnificentius adjunctes; sed si aliquid aut cœli injuria, aut senio perichitatur, reliqua fulciunt, labefactatas res primis similes resarcientes. Dyon., lib. I.

(era no tempo de Diocleciano), viu-se, no lugar chamado o Hippodromo ou o Picadeiro dos imperadores, o capitão da primeira companhia das guardas pretorianas atado a uma columna. Por ordem do principe, os soldados lhe disparavam frechas e crivavam de feridas o seu bravo commandante. Que crime era o seu? era christão. Qual era o seu nome? chamava-se Sebastião. Que paiz era o seu? era Francez (1). Christãos e francezes, duas vezes compatriotas do martyr, como não nos teriamos commovido vivamente ao pisarmos esta terra gloriosamente ensopada com o seu sangue?

Na ponta oriental do Palatino, erguia-se o *Septizonium*, de Septimo Severo. Cada imperador fazia augmentos ou aformoseamentos no palacio Augustal. Para lhe decorar a entrada do lado do monte Coelio, mandou Septimo Severo construir um soberbo edificio de sete porticos, elevados uns por cima dos outros, e sustentados por sete ordens de columnas de formas differentes [2]. Diz-se que os *bachareis*, os *licenciados* e os *doutores* da epocha iam alli receber os seus graus, marcados por cada andar [3]. Em 1216, o *Septizonium* estava ainda bastante bem conservado para alojar o sacro Collegio que elegeu Ho-

---

(1) O pai de S. Sebastião era da Gallia narbonneza; sua mãe, da Gallia cisalpina; vêde Mazzol., S. Sebastião, t. VI, p. 238.

(2) *Descript. urb. Rom.*

(3) *Locum septem solis septem ordinibus columnarum constructum ubi dicitur, quod gradatim adscendentibus et merentibus dabatur gradus scientiarum. Id., id.*



norio III [1]. Hoje nem vestígios delle restam ; o mesmo palacio imperial , os templos dos deuses e dos homens , todas essas poderosas construcções romanas que adornavam o Palatino desapareceram completamente ; ruínas informes , cobertas de silvas , attestam sós a grandeza romana no proprio centro da sua magestade , *Sedes Romani imperii*. Os jardins Farnése e a villa Palatina, notaveis por algumas pinturas a fresco de Raphael , occupam em grande parte a planura da collina ; e pacificos jardineiros cultivam alcachofras e ervilhinhas no templo d'Apollo , no palacio d'Augusto , debaixo do portico de Caligula e no tam ruidoso Hippodromo dos imperadores. Aqui , como n'outras partes , só o christianismo está em pé. Vencedor dos Cesares , plantou sobre as ruínas do seu palacio as suas columnas triumphaes. A egreja de S. Sebastião *alla Polveriera* consagra o proprio logar onde o commandante das guardas pretorianas ganhou a sua gloriosa victoria , e do lado opposto do Palatino , pelo sitio do *Septizonium* , ergue-se , esvelta , graciosa , a egreja de S. Boaventura.

Alli nos esperava um milagre semelhante ao que tam vivamente nos havia impressionado na egreja dos Capuchinhos. Por baixo do altar-mór dorme o somno dos justos o B. Leonardo de Porto Mauricio. O incançavel missionario do Bolognez e das montanhas da Italia morreu aqui , em 1751 , de idade de 95 annos. Foi-nos dado ver de perto o santo de Deus milagrosamente preservado da corrupção da sepultura : dir-se-hia um

---

(1) Card. Aragon. , *in Vita Greg.* , IX, t. III , p. 2.

velho prestes a despertar. No tumulto do heroe christão repouza, como a espada victoriosa ao lado do guerreiro, a espantosa disciplina ainda tincta com o seu sangue. Ella explica de algum modo a incorruptibilidade do santo corpo, e parece dizer eloquentemente: Vêde! aquelle que sacrifica a vida neste mundo por Jesus Christo, a encontrará gloriosa no outro. Dois armarios, suspensos de ambos os lados da nave, contem o grande crucifixo e a imagem da Santa Virgem que o santo levava sempre consigo nas suas missoens. O convento, cujo centro o forma a egreja, é habitado pelos irmãos do bemaventurado apostolo, os Franciscanos da reforma de S. Pedro d'Alcantara. Estes religiosos são a edificação de Roma; debaixo do seu burel grosseiro, vive a pobreza, a mortificação, a humildade, a obediencia e a pureza dos primeiros fiéis. Evidentemente a Providencia quiz que, nas ultimas edades do mundo, o Christianismo reinasse no Palatino coberto de ruinas, tam puro, tam victorioso da carne e do mundo, como nos seculos primitivos, quando o palacio de Nero escondia essa formidavel collina debaixo do brilho deslumbrante da sua magnificencia: aviso áquelles que proclamam a morte do catholicismo.

Recordemos, ao terminarmos, que a vespera de Natal é em Roma um dia de jejum rigoroso. O povo, imitando os primeiros christãos, abstem-se de todo o alimento *até ás estrellas*, isto é até á noite: então começam alegres banquetes de familia. Convidam-se e reconciliam-se; sim, reconciliam-se, é um facto. A ceia, servida de magro e cusiuhada com azeite, prolonga-se até á meia noite; quando sôa a hora solemne, cobre-se a mesa de ali-

mentos gordos, e continuam a regosijar-se. Este uso está de tal modo arraigado, que não ha missa da meia noite em Roma, senão em algumas communiidades. A primeira diz-se em Santa Maria Maior, pelas duas horas da madrugada.

---

## 25 de Dezembro.

Missa papal. — Alabardeiros. — Espirito de conservação da Egreja romana. — Entrada do Santo Padre. — Porque não traz o Summo Pontifice baculo. — Espada. — Chapeu ducal. — Epistolas e Evangelhos cantados em grego. — Consagração. — O Santo Padre communga assentado, o Diacono em pé, porque? — Santa Maria Maior. — O presepio. — Pormenores. — Descrição.

O bello dia de Natal, dia que eu tanto havia desejado ver em Roma, se mostrou tal qual eu gosto delle para estar em harmonia com a festa. Em França e nos paizes do Norte, quero que elle seja muito frio, muito glacial; que as estrellas scintillem no azul do firmamento; que a neve estalle debaixo dos pés, a fim de excitar nos coraçoes mais terna, mais viva compaixão do Infante divino que tirit e chora sobre a palha, no seu berço exposto aos quatro ventos. Em Roma e nos paizes quentes, na falta de gelo e neve, quero um nevoeiro mais ou menos espesso, mais ou menos penetrante, e chuva mais ou menos fria, mais ou menos abundante: fomos servidos como desejavamos.

A's oito horas estavamos no Vaticano. Seja-me permittido dizel-o em elogio da nossa cu-

riosidade, nós fomos lá dos primeiros. Ora, naquella dia, está acordado que se não vai a S. Pedro para orar, mas para contemplar; a menos que contemplar não seja também orar, o que eu creia de boamente, ao menos para o catholico respeitoso que assiste ás ceremonias papaes. Seja o que for, nós pozemo'-nos a contemplar. O primeiro objecto que nos chamou a attenção, foram os alabardeiros do papa, uma companhia dos quaes entrou pouco depois de nós e foi tomar posição defronte da Confissão de S. Pedro, a fim de guardar o recinto reservado. Nada mais pitoresco e gracioso que o seu uniforme: calçoens pretos, vermelhos ou amarellos; couraça redonda da idade media, com braçaes articulados; gargantilha em volta do pescoço, capacete redondo d'aço, coroado d'um pennacho vermelho; largo talabarte amarello, e longa alabarda á antiga: dir-se-hia a resurreição dos tempos cavalleirosos.

Este espectáculo, tam novo, serviu de thema ás seguintes reflexoens: Vêde como Roma é essencialmente conservadora! Percorram-se todos os Estados da Europa, em nenhuma parte se encontrará, a não ser talvez no pó dos museus, este traje d'um tempo que já não existe. Só a cidade eterna o conserva e expõe á luz do dia como uma pagina de historia que cada qual pode ler. Mais d'uma vez, sem duvida, os viajantes almiscarados do seculo passado deviam de sorrir á vista deste immutavel e gothico uniforme; mas o intelligente artista da nossa epocha o admira e estuda, em tanto que o christão abençoa o pensamento que preside à sua conservação.

Este pensamento romano manifesta-se por toda a parte, assim nas pequenas coisas como

nas grandes. Essas ordens religiosas, cujos filhos posthumos percorrem as ruas e ruínas da cidade pontifical, taes, por exemplo, como os Trinitarios e os cavalleiros de Malta, que são aos olhos do observador, senão a traducção viva do mesmo pensamento? Parece-vos que a lei devêra sanccionar uma suppressão já operada de facto: o vosso zelo vos desvaira. Como Deus, Roma cria e conserva, mas não destroe; guarda todas estas ordens *caducas* como as reliquias d'um passado veneravel, como os anneis da cadeia tradicional. Verdade é, que o Trinitario já não irá a Tunis levar o resgate dos captivos; porem resgatará outros prisioneiros, os do peccado; trabalhará no ministerio das almas. Do mesmo modo o cavalleiro de Malta já não desembainhará a sua gloriosa espada contra o mahometismo; mas desempenhará junto do chete da christandade nobres funcçoens, no entanto que os perigos da fé ou os interesses da humanidade o não chamam a novos combates.

O mesmo espirito de conservação se manifesta nos monumentos da antiguidade. Se a Austria, a França, a Inglaterra, a Russia, ou qualquer outro povo fosse senhor de Roma por cincoenta annos, é muito de recear que tudo alli fosse transtornado. O genio de cada povo, a actividade d'uns, a incuria dos outros, as collisoens politicas, o espirito mercantil e industrial comprometteriam rapidamente a existencia da maior parte das ruínas monumentaes. Sob a guarda da Egreja não tem ellas nada a temer. O mais activo, o mais intelligente genio da conservação véla por ellas; e Roma é sempre um incomparavel museu onde os costumes e as coisas de todos os tempos, cuida-

dosamente conservados, são offercidos ao estudo e á admiração do mundo inteiro.

D'aqui nasce involuntariamente uma reflexão mais alta : não se deve duvidar ; este espirito de conservação é evidentemente providencial, e a Igreja que o manifesta parece dizer a seus filhos : « Se eu emprego tantos cuidados em salvar do olvido e da destruição usos e monumentos d'um interesse secundario, qual pensais que deve ser a minha solicitude para conservar intacto o deposito sagrado da fè? Confiai na vossa mãe; ella nada deixará perecer do vosso divino patrimonio. »

O tempo havia fugido, eram mais de nove horas ; a basilica tinha-se enchido d'uma multidão immensa, quando um tiro de peça annunciou a partida do Padre Santo. Saíndo dos seus quartos, o augusto ancião desceu, pela escada interior do palacio, a uma capella lateral da igreja. Brevemente se viu, dominando todas as cabeças, um pallio brilhante de oiro e sêda, depois dois largos leques da maior belleza, gloriosa recordação da magnificencia imperial ; e debaixo deste pallio, assentado na *secudila gestatoria*, resplandecente d'oiro e purpura, o vigario de Jesus Christo, com a tiara na cabeça, glorioso emblema da sua tripla dignidade de Pai, Rei e Pontifice (1). Caminhava magestosamente, levado aos hombros dos officiaes da sua casa, com vestidos de cerimonia vermelhos. O sacro Collegio abria a marcha, a guarda nobre

---

(1) Pondo-a ao Pontifice o cardeal lhe diz : « Accipe tiaram tribus coronis ornatam et scias te esse Petrum, Regem et Christi Vicarium, etc. » Os italianos chamam á tiara *Triregno* : é uma bella palavra.

formava a ala e seguia o cortejo que veio parar diante de nós, por traz da Confissão de S. Pedro. Depois de ter deposto a tiara e feito uma breve adoração ao pé do altar, o summo Pontifice subiu a um throno collocado á direita, entou *Terça*, tomou a mitra e se assentou. Porque succede a mitra á tiara? Esta mysteriosa troca principiou para mim uma longa serie de enigmas cuja solução muito me atormentou o espirito. Compreendi bem depressa que se o Santo Padre era Rei sobre a *sedicula gestatoria*, no altar não era mais que Pontifice, e a substituição da mitra á tiara explicou-se por si mesma. Porem dois novos hieroglyphos me embarçaram mui diversamente, um que eu via, e outro que não via. O Santo Padre, o bispo dos bispos, não trazia baculo; debalde procurei, que este attributo distinctivo do cargo pastoral não figurava de modo algum entre as insignias: porque é isto? primeiro enigma.

Dois prelados domesticos, que precediam o Santo Padre, traziam, um, uma soberba espada de punho d'ouro, *stocco*; outro, um chapéu ducal, *cimiero*, de velludo carmesim, forrado de arminho, ornado de perolas e cercado d'um cordão d'ouro com uma pomba no meio, symbolo do Espirito Santo: a espada e o chapéu foram deostos no canto do altar, onde se conservaram durante a missa: porque é tudo isto? segundo enigma.

Procurei em torno de mim algum OEdipo capaz de me explicar estes dois mysterios: os meus esforços não tiveram bom exito. A missa começou, continuou, acabou; e aquelle chapéu, aquelle espada, aquelle baculo, não me sahiram da cabeça. Confesso a minha distracção; para a expiar, condemnei-me a longas investigações sobre a causa

que a produzira, e a fim de poupar a mesma pena áquelles que viessem depois de mim, vou dar a explicação dos dois enigmas.

O pontificado de S. Pedro em Roma durou vinte e cinco annos. Posto que as nossas historias gallicanas nos não digam coisa alguma dos trabalhos do Apostolo durante esta longa permanencia, sabe-se muito bem que elle não esteve de braços cruzados. Os antigos monumentos, os archivos e as tradiçoens das egrejas de Italia nos fallam a cada instante das viagens do pescador Galileu, dos missionarios que elle enviou a todas as partes da Peninsula e até alem dos Alpes; taes, por exemplo, como S. Fronte, á Aquitania, e S. Materno, á Germania [1]. Com este ultimo, partiram para Treves Santo Eucherio e S. Valerio, todos tres discipulos do principe dos Apostolos. Ao cabo de quarenta dias Materno morreu. Um dos seus companheiros d'apostolado voltou a Roma a dar essa nova a S. Pedro, e rogar-lhe enviasse um novo obreiro em logar do defuncto. O Apostolo contentou-se com lhe dizer: « Pegai no meu bastão, tocai com elle o morto e lhe direis da minha parte: Levantai-vos e prégai. » A' ordem daquelle cuja unica sombra curava os doentes, operou-se o milagre: Materno sahio cheio de vida da sepultura, continuou a sua missão e veio a ser o segundo bispo de Treves. Em memoria eterna deste milagre, os successores de S. Pedro não trazem bordão pastoral, excepto na diocese de Treves, quando alli se acham.

Este facto, que nada tem de admiravel quan-

---

(1) Foggino, *De romano divi Petri itinere et episcopatu*, in-4.º, *Exercit.* XIII, XIV, XIX.



do se conhece o miraculoso poder dos Apostolos e a necessidade dos prodigios para acreditar a fé nascente, repouisa. além disso em illustres auctoridades. Citarei só duas: o papa Innocencio III, e S. Thomaz d'Aquino; o primeiro foi o maior homem do seu seculo, — o segundo, a razão mais san e forte da edade media (1). Feliz com a mi-

(1) Eis as suas palavras: Innocencio III diz:  
« Romanus autem Pontifex pastoralis virga non  
« utitur, pro eo quod beatus Petrus Apostolus  
« baculum suum misit Eucherio primo episcopo  
« Trevirorum, quem una cum Valerio et Materno  
« ad prædicandum Evangelium genti Teutonicæ  
« destinavit. Cui successit in episcopatu Maternus,  
« qui per baculum sancti Petri de morte fuerat  
« suscitatus. Quem baculum usque hodie cum ma-  
« gna veneratione Trevirensis servat Ecclesia. »  
*De sacrif. miss.*, c. VI. O mesmo Pontifice es-  
crevendo ao patriarcha de Constantinopla, repete  
o mesmo facto. *De sacra unct.*, cap. unic., *versus*  
*fin.* — O doutor angelico exprime-se assim: « Ro-  
« manus Pontifex non utitur baculo, quia Petrus  
« misit ipsum ad suscitandum quemdam discipu-  
« lum suum, qui postea factus est episcopus Tre-  
« virensis, et ideo in diocesi Triverensi Papa ba-  
« culum portat, et non in aliis. » *Q. 3, art. 3,*  
*distinct. 24, lib. IV.* — A esta razão historica  
ajuntam os auctores varias razoens mysteriosas,  
para explicarem a ausencia do baculo nas mãos  
dos summos Pontifices; eis a principal: « Quia  
« per baculum designatur correctio sive castiga-  
« tio; ideo alii pontifices recipiunt a suis supe-  
« rioribus baculos, quia ab homine potestatem ac-  
« cipiunt. Romanus Pontifex non utitur baculo,

na descoberta, admirei de novo o espirito de conservação que faz a gloria particular da Igreja de Roma, e bendisse minha mãe por não haver guardado, n'um dos seus usos, a recordação dos factos miraculosos realizados em torno do nosso berço.

Mas que significava a espada e o chapéu ducal? A explicação deste novo enigma veio ainda rematar n'um tributo de admiração e reconhecimento. Nos seculos mais remotos, quando teve

---

« quia potestatem a solo Deo recipit » *De sacr. unct. ad verb.* Mystic, Vêde também Durandus, *Rationale div. offic.*, lib. III, c. 15; Alzedo, *De præcellent. Episcop. dignit.*, p. I, c. 13, n. 70; Hieron. Venerius, *De exam. Episcop.*, lib. IV, cap. 20, n. 21; Barbosa, *De offic. et potest. episcop.*, p. I, tit. I, n. 14, etc., etc. — Na Dissertação *ad hoc* que collocou no fim dos seus *Monim. veter.*, l. III, p. 209, faz o sabio Ciampini observar muito bem que a *Ferula*, especie de bordão direito que se apresentava aos Papas no dia da sua eleição, e que se acha gravado nos antigos tumulos, não é um baculo, mas o emblema do seu poder temporal. — Pois se tracta aqui do baculo episcopal, não posso resistir ao prazer de citar os versos seguintes d'um auctor da idade media, sobre a significação deste cajado espiritual e sobre o uso que o pontifice deve fazer delle :

In baculi forma, præsul, datur hæc tibi norma :  
Attrahe per primum, medio rege, punge per imum ;  
Attrahe peccantes, rege justos, punge vagantes ;  
Attrahe, sustenta, stimula, vaga, morbida, lenta.

*Gloss. De sacr. unct. c. unic.*

logar a incarnação do christianismo nas naçoens europeas, o direito da força houve de regular-se pelo direito moral. Instrumento de paixoens pessoas, de oppressão publica e de iniquidade no mundo idolatra, tornou-se a espada, nas mãos dos principes e dos guerreiros christãos, uma arma destinada a proteger a verdade, a equidade, e a ordem social. Esta nova missão do *ferro* foi incessantemente recordada àquelles que Deus encarregava de a desempenharem. E eis que na mesma noite em que o Menino Deus veio espedaçar todas as tyrannias, o seu Vigario abençoâ uma armadura que envia ao imperador, ao rei, ao principe, ao guerreiro que combateu valorosamente ou que deve combater os inimigos da verdade, da justiça e da paz do mundo. No XVI.<sup>o</sup> seculo Sixto IV chamava já a este eloquente uso, *um costume vindo dos Santos Padres*; e de facto, os seculos anteriores tinham visto Urbano VI dar a armadura sagrada a Fortiguerra, presidente da republica de Lucca; Nicolau V, ao principe Alberto, irmão do imperador Frederico; Pio II, a Luis VII, rei de França. Roma continua a benzer todos os annos a espada e o chapcu ducal do guerreiro christão; e se ha occasião, o Pai commum das naçoens a envia ao principe, ao capitão que della se tornou digno pelas suas façanhas e pelo seu comportamento [1].

Se, nestes usos preliminares, eu podéra ler uma pagina da nossa bella antiguidade, a missa pontifical m'a revelou quasi inteira. Depois da confissão aos pés do altar, o Santo Padre foi to-

---

(1) Costanzi, *Instituzioni di Pietà di Roma*, t. I, p. 8.

mar logar n'um throno preparado no fundo do côro, immediatamente por baixo da cadeira de S. Pedro. A' direita e á esquerda, sobre estrados forrados de vermelho, se assentavam os membros do sacro Collegio: contei vinte e quatro de casula e mitra brancas ricamente bordadas. Por traz dos cardeaes, viam-se os bispos, os chefes d'ordem e os prelados: por cima destes longos assentos haviam duas ordens de tribunas: as tribunas superiores, reservadas para os principes e embaixadores; as outras, occupadas pelas pessoas munidas de bilhetes. Não se pôde dizer quam grave, e verdadeiramente catholico é este espectáculo.

Em memoria da antiga união da egreja oriental e da occidental, em testemunho perpetuo da catholicidade da fé que fallou e deve até ao fim fallar todas as linguas, a epistola e o evangelho foram cantados primeiro em latim por dois ecclesiasticos de Roma, depois em grego por um subdiacono e um diacono armenios revestidos com o seu magnifico trajo oriental. Aproximando-se o momento da consagração, o Padre Santo desceu do seu throno. Depois do cumprimento do formidavel mysterio, o augusto velho pegou na santa victima em suas venerandas mãos, e elevando-a acima da cabeça, apresentou-a aos quatro pontos do ceu; depois, antes de a toroar a pôr no altar, deu silenciosamente a benção ao universo. Aquelle silencio profundo, os cabellos brancos do vigario de Jesus Christo, todas aquellas cabeças de principes e reis inclinadas até á terra, a vista da augusta victima elevada entre o ceu e a terra, tudo isto produz na alma uma impressão que se é feliz em tel-a experimentado, porcauz que se não pôde traduzir.

Antes da communhão , o Santo Padre voltou ao seu throno ; e viu-se o cardeal-diacono deixar o altar e trazer-lhe, precedido de tochas, o adoravel Corpo do Salvador. N'este momento solemne toda a gente cahiu prostrada, até um Inglez que eu tinha á minha direita. O Santo Padre assentado , com as mãos juntas, a cabeça respeitosa-mente inclinada, tomou a Santa Hostia e administrou a communhão a si proprio ; depois, pegando n'outra, a offereceu ao cardeal-diacono que commungou em pé da mão do vigario de Jesus Christo. O diacono voltou ao altar d'onde levou , com as mesmas ceremonias, o precioso Sangue, de que o Santo Padre bebeu com um canudinho de ouro segundo o costume da primitiva egreja, depois do que o diacono absorveu o resto da mesma maneira. Esta dupla communhão resuscita os primeiros tempos da Egreja e do mundo No Pontifice assentado no seu throno , vêde o Filho de Deus assentado no meio dos seus Apostolos e distribuido-lhes o pão de vida ; no diacono recebendo em pé o Cordeiro divino , vêde o Israelita , no momento de transpor o mar Vermelho , comendo em pé e na attitude do viajante, o Cordeiro paschal , viatico da sua peregrinação e penhor do seu livramento. A este espectaculo, a intelligencia do christão , o seu coração , a sua existencia toda, superabundam n'uma alegria doce , intima , profunda : quatro mil annos de amor acabam de lhe passar por diante dos olhos.

Terminada a missa, o Santo Padre foi reconduzido aos seus quartos na *sedicula gestatoria* , do alto da qual abençoava, ao atravessar a immensa basilica , o povo innumeravel que acudira para o ver. Todos os cardeaes , com a mitra na

cabeça , precediam o Summo Pontifice , seguido dos bispos, dos prelados e da guarda nobre que fechava a marcha. Muito nos custou a arrancarnos daquellas tribunas d'onde haviamos contemplado o mais bello espectaculo da nossa vida. Comtudo força foi descermol-as ; como todas as alegrias deste mundo, a augusta pompa desapparecêra.

Quando haviamos partido para S. Pedro , tinham-nos dicto : « Não vos deixeis absorver em demasia ; tende cuidado ; encontram-se inevitavelmente nas ceremonias papaes filhos de Romulo apaixonados pelos lenços do seu proximo. »

Preoccupados do que tinhamos visto, do que tinhamos sentido, não sei como nos veio á lembrança, ao lançar-nos na multidão, o tomar certa medida de segurança. Graças a Deus , nenhum de nossos vizinhos se achou no precitado caso e sahimos sãos e salvos com armas e bagagens.

Livres dos gatunos , cahimos nas mãos dos *vetturini*. A chuva continuava a cabir a torrentes : em Roma, como em Paris, em dia de festa e de mau tempo, os coches são reis. Depois de termos por muito tempo esperado, procurado, supplicado, encontramos por fim uma dessas magestades populares, que teve por bem obrigar-se a conduzir-nos a casa mediante cinco paulos e meio. De tarde, foi-nos de novo necessario implorar os potentados dos bêccos ; porque as cataractas do ceu estavam sempre abertas , e nós queriamos a todo o custo visitar Santa Maria Maior. N'aquelle dia somente o presepio do Salvador está exposto á veneração dos fieis.

Eram cerca de quatro horas quando chegamos á Basilica Liberia. Segundo o antigo costume , o

Summo Pontifice cantava lá as vespèras ; mais de mil tochas illuminavam a egreja e faziam-lhe scintillar os doirados ; nunca o oiro do Novo Mundo brilhou com um fulgor mais vivo. Terminado o officio, a guarda pontifical faz evacuar a egreja, cujas portas são fechadas. Só ficam n'ella um pequeno numero de escolhidos : nós faziamos parte d'elle, graças a um de nossos amigos. Mais um pouco , e vai-nos ser dado ver com os nossos proprios olhos o presepio de Bethlem, tocante testemunho do amor d'um Deus feito nosso irmão.

Desde o principio , rodearam os christãos da Judea d'um respeito e d'um culto solícito os logares e os objectos sanctificados pela presença ou pelo toque do Salvador. A' proporção que o Evangelho estendia as suas conquistas, conduzia o reconhecimento e a fé á Palestina multidoens numerosas de peregrinos idos do Oriente e do Occidente. A imperatriz Santa Helena lá se dirigiu em pessoa, e mandou revestir o presepio de laminas de prata e a gruta sagrada dos mais preciosos marmores (1).

No tempo de S. Jeronimo , era a affluencia tam continua e numerosa, que o santo doutor escrevia de Bethlem : « Acode aqui gente do globo inteiro ; a cidade não se despeja de homens de todas as naçoens (2) ; não se passa um dia, uma hora em que não vejamos chegarem bandos de irmãos

---

(1) Euseb., *Hist.*, lib. III, c. 41 e 43.

(2) De toto huc orbe concurritur ; plena est civitas universi generis hominum, et tanta utriusque sexus constipatio, ut quod alibi ex parte fugiebas, hic totum sustinere cogaris. *Epist. XIII ad Paulinum.*

que nos obrigam a fazer do nosso silencioso mosteiro um caravanzará (1). » Guardado com mais amor que a arca da alliança, com mais respeito que o *Tugurium* de Romulo, rodeado por geraçoens não interrompidas de christãos fieis, coberto dos beijos de muitos milhoens de peregrinos, regado com suas ardentes lagrimas, o presepio deixou o Oriente por occasião da invasão do mahometismo. Foi no segundo anno do pontificado do papa Theodoro, no anno 642. Roma o depositou na basilica Liberia (2) com o corpo de S. Jeronimo, igualmente trazido da Palestina: ella não quiz que o santo doutor, guarda vigilante do presepio durante a sua vida, fosse separado delle depois da sua morte (3).

Ora, se a velha Roma fez consistir parte da sua gloria em conservar a cabana de Romulo, julgai a Roma christan quanto mais feliz e orgulhosa se mostra por possuir o berço do Menino-Deus (4)! O presepio é o seu thesouro, a sua

---

(1) Nulla hora nullumque momentum, in quo non fratrum occurramus turbis, et monasterii solitudinem hominum frequentia commutemus. *Id.*, c. VII in *Ezech.*

(2) Vêde os dois sabios auctores da *Historia do Presepio*, Giov. Batelli e Fr. Bianchini, *De Translat. sacr. cunabul. ac præsep. Dom.*, etc. Vêde tambem Cancell., *Noite di Natale*, c. XXVI, p. 88; Benedicto XIV, *De die natali*, etc.

(3) Arringhi, *Rom. subterr.*, t. II, p. 269, edic. Paris, in-fol.

(4) Porro Christi natalis nobile monumentum, ex ligno confectum..... Roma possidet, eoque multo felicius illustratur, quam tugurio Romuli, quod



joia, faz a sua felicidade, a sua gloria. Ella o guarda com um amor cioso, rodêa-o d'uma veneração que não podem os seculos enfraquecer; conserva-o n'uma caixa de bronze e não o expõe às vistas senão uma vez cada anno.

Na noite que precede este dia tam desejado pelo peregrino catholico, é o presepio collocado primeiro sobre um altar na grande sacristia; o mais exquisito incenso arde em sua honra; depois os quatro conegos mais moços de Santa Maria pegam na preciosa reliquia aos hombros, e, precedidos de todo o clero, a transportam solememente para a capella de Sixto V. Depois da missa da Aurora tornam a il-a buscar e a expoem no tabernaculo do altar-mor. Todo o clero se dirige depois á capella Borghese, sita defronte da de Sixto V, para n'ella descobrir a milagrosa imagem de Maria; é um modo de convidar a divina Mãe a contemplar o triumpho de seu Filho e a gozar ella mesma do seu proprio triumpho. Oh! se algum dia fordes a Roma, não deixeis de venerar esta imagem de Maria. E' ella a mesma que foi pintada por S. Lucas, segundo a tradição (1); a mesma que Sixto III quiz honrar, segundo o desejo do seu coração, mandando fazer os preciosos mosaicos do abside, e renovando a basilica em quasi todas as suas partes; a mesma aos pés da qual os santos papas Symmaco, Gregorio III, Adriano I, Leão III, Paschal I, passavam as noites em oração; a

---

intextum ex stipula eorum majores ad sæcula de industria conservaverunt. *Baron.*, t. I, an. I, n. 5.

(1) *Baron.*, an. 530. Cancellieri, *Notte di Natale*, c. XXVI, p. 89.

mesma diante da qual Clemente VIII vinha, logo ao romper da aurora, descalço, offerecer o augusto sacrificio; a mesma à qual o illustre Benedicto XIV não deixava sabbado algum de render as suas homenagens, assistindo ao canto das ladainhas Loretanas (1). A recordação de tantas orações, de tantas lagrimas, de tantos brilhantes testemunhos de fé e piedade, produz indizível confiança, e nós teríamos ficado prostrados ao pé desta imagem tantas vezes veneravel, se o presepio não houvesse dado outro curso aos sentimentos de nossos corações.

Quando pois tudo estava prompto, dois conegos de Santa Maria Maior desceram o presepio do tabernaculo e o depozeram n'um altazinho portatil. O cardeal protector adiantou-se, e foi o primeiro que veio render as suas homenagens ao divino berço; o clero o seguiu; chegou a nossa vez, e eu pude ver de perto, ver com os meus proprios olhos, o pobre presepio em que Maria deu á luz o Salvador do mundo, envolvido em faxas!!! O presepio já não conserva a sua forma primitiva. As cinco pequenas taboas que lhe formavam as paredes estão todas reunidas. As mais compridas podem ter dois pés e meio de comprimento por quatro ou cinco pollegadas de largura; são delgadas e d'uma madeira ennegrecida pelo tempo. Este berço, eternamente veneravel, repousa n'um relicario de crystal, engastado n'uma moldura de prata esmaltada de oiro e de pedras preciosas: esplendida offrenda de Philippe IV, rei de Hespanha. Terminada a veneração, lavrou-se o processo verbal, certificando a identidade do

---

(1) Costanzi, lib. II, p. 27.

presepio e as particularidades da cerimonia : depois do que, a santa reliquia foi encerrada no thesouro, para não sahir d'elle senão no anno seguinte em egual epocha.

O nosso dia estava completo. Tudo o que a religião tem mais magestoso, a missa papal ; tudo o que tem mais terno, o presepio, tinha estado diante dos nossos olhos. Por isso o nosso coração estava contente, mas contente como o não pôde estar senão em Roma, em dia de Natal, quando se viu, com olhos christãos, o duplo espectaculo que acabo de dizer.

---

### 26 de Dezembro.

S. Lourenço *fora dos muros*. — S. Lourenço *in fonte*. — *In panisperna*. — *In Lucina*. — Basilica de S. Lourenço *fora dos muros*. — O Capitolio e o *Santo Bambino*. — Os pequenos prégadores.

Na liturgia catholica succede um grande milagre ao nascimento do Salvador : no dia seguinte ao de Natal, celebra-se a festa de Santo Estevão, protomartyr. O heroismo elevado de repente ao seu mais alto poder pela graça do infante de Bethlem é uma prova admiravel da sua divindade. Todos os annos repete a Egreja este milagre às geraçoens que passam : apresentou-se uma occasião de o sentir mais vivamente. A excellente princeza W..... offereceu-me a sua carruagem se eu quizesse ir celebrar missa sobre o corpo de Santo Estevão, na basilica de S. Lourenço *fora dos muros*. A proposta foi acceita com reconheci-

mento. Convem saber que Roma nada tem poupado para reunir debaixo das suas azas maternas os maiores santos e os mais illustres martyres do Oriente e do Occidente: bem dita seja a Providencia, que lhe inspirou este pensamento duas vezes salutar! Os corpos sagrados, que repoisam em paz sob a guarda da Cidade eterna, talvez ha muito tempo estivessem esquecidos ou profanados se houvessem ficado em outros logares; de mais, dispersos por toda a terra, não seriam mais que testemunhas isoladas. Reunidos em Roma, em torno do Vigario de Jesus Christo, formam um concilio ecumenico permanente, cuja voz domina todos os murmurios e dissipa todos os sophismas do erro: para mostrar a catholicidade da sua doutrina, basta em Roma abrir os tumulos.

Foi no VI.º seculo, sob o pontificado de Pelagio I, que o corpo de Santo Estevão, em grande parte ao menos, foi transportado de Constantinopla a Roma (1). Adivinha-se facilmente o logar que elle devia de occupar, e um mesmo tumulo reúne os dois illustres diaconos, Estevão, gloria de Jerusalem, e Lourenço, gloria de Roma.

Sahidos pela porta Tiburtina, chegamos pelas oito horas a S. Lourenço *fora dos muros*. Para bem se comprehender esta basilica, é mister recordar algumas das memorias que com ella prendem.

No III.º seculo, pelo anno 259, sob o pontificado de Sixto II e sob o reinado de Valeriano, tinha a Egreja de Roma por arcediago um de seus mais gloriosos filhos. Citado pelo prefeito para entregar os thesoiros dos christãos, apressa-se

---

(1) Mazzol, t. VI, p. 131.

Lourenço a derramal-os no seio dos pobres; depois reúne um povo inteiro de coxos, cegos e enfermos, e diz ao prefeito: « Eis ahí os thesoiros dos christãos. » Irritado com o que olha como uma irrisão, manda o magistrado agarrar o arce-diago e fazer-lhe expiar nas mais horriveis torturas o seu desprezo às ordens do imperador. Lourenço é mettido n'uma prisão, depois assado vivo n'uma grelha, á vista de Roma pagau a quem embriaga de alegria este espectáculo de nova especie. Lourenço ri-se das chammass e dos verdugos, ora pela salvação de Roma e expira cantando. A oração do martyr é attendida; Jupiter descerá do Capitolio brevemente, e a aguia romana cederá o logar á cruz no diadema de Cesar.

Ora, deste drama illustre entre todos aquelles que, durante tres seculos, se realizaram na grande Roma, teve a Egreja particular cuidado de perpetuar a gloriosa recordação. Uns monumentos consagram os diferentes logares onde começou, continuou e terminou a sanguenta epopea.

No monte Viminal está a egreja de S. Lourenço *in fonte*. Marca o sitio onde o illustre diacono baptizou Santo Hippolyto, seu guarda, com toda a sua familia: na mesma collina achais tambem S. Lourenço *in Panisperna*. Foi alli que o santo soffreu o horrivel supplicio do fogo. No centro de Roma tendes S. Lourenço *in Lucina*. Edificada por Santa Lucina, illustre matrona cujo nome brilha como um diamante nos fastos da Egreja primitiva, esta egreja conserva o horroroso instrumento em que Lourenço consummou o seu holocausto. Os nossos olhos viram aquella grelha!! Formada de grossas barras de ferro, pode ter dois metros de comprimento por um metro de largu-

ra ; seis pés de sete a oito pollegadas de altura pouco mais ou menos serviam para a fixar na prancha de marmore de que breve fallarei, e em que estava um leito de carvoens inflammados. Ao lado da grelha, vêem-se ainda tres vasos, dois dos quaes conteem sangue, e o terceiro carne assada do glorioso athleta.

Como outras tantas estaçoens, estes differentes sanctuarios vos conduzem pelas pégadas do martyr, até à egreja que lhe serve de tumulo. Uma dama romana, mais illustre ainda pela santidade que pelo nascimento, Santa Cyriaca, possuia uma terra chamada o campo de Verano, *ager Veranus*, fóra de Roma, na via Tiburtina. Apressou-se a offerecel-a para a sepultura de Lourenço, e depois de tres dias de vigalias o glorioso deposito alli foi collocado. Foi lá que cerca de oitenta annos mais tarde, no anno 320, mandou Constantino construir a veneravel basilica que nós tinhamos ido visitar. O piedoso imperador desenvolveu para a alindar a sua costumada magnificencia. O tumulo do heroe christão coroado do arco triumphal foi rodeado de columnas de prophyro e d'uma grade de prata do peso de mil libras. Diante da crypta ardia uma lampada de dez bicos, do oiro mais puro, que pesava trinta libras ; por cima se balanceava uma corôa de prata ornada de cincoenta delphins de prata, que pesava tambem trinta libras. A estes ricos ornatos se juntava o acompanhamento ordinario de candelabros e de vasos sagrados d'oiro e de prata (1).

Concertada varias vezes pelos summos Ponti-

---

(1) Ciamp., *Monim. Veter.*, t. III, p. 111 ;  
id., t. II, p. 101.

lices, conserva a basilica todavia preciosos vestigios de antiguidade. Sob os porticos se observam as antigas pinturas de S. Lourenço baptizando Santo Hippolyto ; diante da crypta admiraes os dois ambons, para a leitura da Epistola e do Evangelho, durante as synaxes ; por cima da crypta, sobre o arco triumphal, brilha o bello mosaico do papa Pelagio II. Representa Nosso Senhor, assentado sobre um globo, tendo n'uma mão a cruz, abençoando com a outra o mundo ; á sua direita vê-se S. Pedro, seguido de S. Lourenço com um livro aberto em que se lê : *Dispersit, dedit pauperibus* ; depois o papa Pelagio. A' esquerda do Salvador, S. Paulo, Santo Estevão e Santo Hippolyto ; finalmente detendes-vos diante da propria crypta. Desce-se a ella por oito degraus ; é sustentada por doze columnas, as quatro primeiras das quaes são de marmore verde, as outras de marmore de Paros. O altar de marmore onde descansam S. Lourenço e Santo Estevão está rodeado de uma grade de ferro.

Na parede á direita, vê-se, debaixo de barroens de ferro cruzados, a pedra em que foi abrazado S. Lourenço. E' furada por seis boracos para receber os pés da grelha. Pelo meio tem ainda os signaes mui reconheciveis do sangue queimado e da gordura derretida : « Não ha duvida alguma, » nos dizia um distincto medico que nos acompanhava.

Outros objectos mais respeitaveis se apresentam ainda aqui ao viajante christão : quero fallar dos martyres que repoisam na crypta. Alem de S. Lourenço, Santo Estevão, Santo Hippolyto, com Santa Concordia sua ama, e dezoove membros da sua familia, todos baptizados por S. Lou-

renço; eis tres papas, S. Zozimo, S. Sixto III e Santo Hilario; S. Justino, sacerdote e martyr, que deu á sepultura o grande arcediogo; finalmente, Santa Cyriaca, proprietaria do campo de Verano, tornado tam celebre nos fastos sangrentos da primitiva Egreja. S. Lourenço *fora dos muros* recorda ainda uma lembrança que um viajante francez não pode esquecer. Foi aqui que o papa Honorio III coroou imperador de Constantinopla a Pedro de Courtenay, conde d'Auxerre. Depois de ter offerecido a augusta victima neste altar dos martyres, visitamos a entrada das catacumbas, e tornamos a entrar em Roma.

Algumas horas depois estava eu no Capitolio, na egreja d'Ara-Coeli. Para que voltar a este logar já visitado? Ah! é que depois de ter admirado na vespera as pompas do Vaticano, tem-se curiosidade de assistir no dia seguinte ás candidas alegrias do *Presepio*. A fim de que todas as edades tenham sua parte de felicidade na Natividade do Infante divino, é d'uso em Roma o deixar prégar as creanças na egreja d'Ara-Coeli. A estatua do Santo Bambino, tam celebre e venerada dos Romanos, está alli exposta durante a oitava n'uma capella perfeitamente decorada. Cercado de todos os personagens que foram testemunhas do mysterio, o Menino Jesus resplandece com diamantes e pedras preciosas. Ao pilar visinho apoia-se um pequeno pulpito; é alli que os jovens Romanos, e até as jovens Romanas de sete a dez annos, vem na sua singela linguagem gaguejar os louvores do pequeno Jesus. Dois mezes antes da festa, pai, mãe, irmãos e irmãs, toda a gente está em movimento nas familias. Uns compoem, outros fazem repetir á criança o pequeno sermão de Natal.



Quando eu cheguei, era uma menina que occupava o pulpito: a julgal-a pela estatura podia ter oito annos quando muito. Fallava com muita unccção e vivacidade: era um pequeno Bossuet. A peroração foi pathetica. A oradora cahiu de joelhos, estendeu as mãosinhas para o Santo Bambino, dirigiu-lhe uma ingenua oração, depois deu a benção absolutamente como um velho prégador. Assim como nas sabias conferencias dos PP. Laccordaire e de Ravignan, um movimento approvador se manifestou no numeroso auditorio, que só o respeito devido ao logar santo impediu reben-tasse em applausos. Os *pequenos prégadores*, como se diz em Roma, succedem-se no pulpito d'Ara-Coeli durante toda a oitava, desde as dez horas da manhã até ás tres da tarde: e ha sempre multidão. Não sei o que os nossos christãos philosophos pensam deste costume. Em quanto a mim, alem do mui legitimo prazer que elle proporciona ás crianças, parece-me de natureza de produzir uteis resultados. As *prégaçoens infantis d'Ara-Coeli* fazem viver longo tempo nas familias o pensamento do presepio e determinam mais d'um acto de virtude. Para ter a felicidade de celebrar os louvores do *Santo Bambino*, é necessario ser manso; para acompanhar o joven prégador é ainda necessario que os irmãos e as irmans, mais velhos, sejam mansos. Gra, com o caracter da infancia, comprehende-se tudo o que semelhante promessa é capaz de obter. Eu mesmo conduzia pela mão um rapaziño de sete annos, que dizia na sua candida linguagem: *Eu caminharia de boa vontade pelo fogo para ouvir os pequenos prégadores.*

Hoje não era atravez de fogo que era necessario

passar , mas sim , atravez de torrentes d'agua ; porque chovia admiravelmente. Comtudo os degraus do Capitolio estavam cobertos de gente , e todas as partes da egreja atestadas. Ao ver todas aquellas figuras radiantes , não sei onde havia mais felicidade : se no coração da criança que , apenas sahida do berço , vinha gaguejar os louvores do Menino-Salvador ; se no coração do avô de cabellos brancos , que , durante o sermão , deixava de vez em quando escapar grossas lagrimas , ou surria ao seu anjinho , até que pudesse apertal-o nos braços com um accrescimo de ternura. Quanto a nós , que nos jactamos de philosophia e bom gosto , temos supprimido todos esses costumes que cheiram á simplicidade e á velha boa fé de nossos pais , e julgamos ter feito maravilhas. Talvez que olhando as coisas de mais perto se achasse que nós temos conseguido tornar a religião mui fria , mui secca , mui austera , sem a tornarmos mais respeitavel , nem mais amavel. Seja como for , tenhamos a equidade sufficiente para não condemnarmos costumes recebidos n'outras partes , unicamente porque offendem os nossos prejuizos nacionaes.



## 27 de Dezembro.

O monte Coelio. — Uma casa dos antigos Romanos. — Egreja e mosteiro de Santo André. — *Triclinium* dos pobres. — Recordações. — S. João e S. Paulo. — Os religiosos passionistas. — Villa Mattei. — Quartéis dos soldados estrangeiros. — Egreja de Navicella. — S. Philippe de Neri. — Casa de Santa Cyriaca. — Eschola de gladiadores. — Grande Açougue. — Egreja dos quatro SS. Coroados. — Santo Estevão o Redondo. — Pinturas. — Foro de Trajano.

Das sete collinas em que Roma está assentada, restavam-nos duas por explorar: o Coelio e o Aventino. Passando por baixo do arco de Constantino e seguindo a via Triumphal, chegamos cêdo á fralda do monte Coelio. Esta collina è a mais longa e irregular de todas. Chamada primeiro *mons Querquetulanus* por causa dos bosques de carvalhos que a cobriam, recebeu, no reinado de Tarquinio Prisco, o nome de Coelio, em memoria de Celeu Vibenna, capitão dos Etruscos que veio em socorro dos Romanos. Eis aqui o inventario resumido dos antigos monumentos que alli se achavam :

Em primeira linha apresenta-se a casa de Mamurra. Este cavalleiro romano, nascido em Formio, veio a ser prefeito dos obreiros de Julio Cesar, nas Gallias, *præfectum fabrorum*. Neste mister ganhou, como tantos outros, uma fortuna consideravel, que veio gastar em luxo de todas as especies e em construcções sumptuosas. Deste numero era uma soberba casa no monte Coelio. « D'entre os Romanos, diz Plinio, foi Mamurra o primeiro que mandou cobrir de marmore todas as partes da sua casa; não havia nem uma columna,

nos seus numerosos porticos, que não fosse de marmore de Carysto ou de Luna. (1) » Mas que faço? Para que pôr entre os monumentos romanos a casa de Mamurra, pois que Roma possuia muitas outras não menos sumptuosas? Tacs eram em particular as de Pompeu nas Carenas (2), de Caio Aquilio, no monte Viminal; do orador Crasso, comprada depois por Cicero (3); de Scauro, todas quatro no monte Palatino [4]; de Lepido (5) e ainda de muitos outros.

Como quer que seja, a casa de Mamurra pôde dar-nos uma idéa das habitações romanas. Entre a rua e a fachada do edificio estava um logar chamado *Area* ou *Vestibulum*, a fim de que aquelles que vinham pela manhan saudar o dono da casa, não fossem obrigados a esperar na via publica. No meio elevava-se ordinariamente uma estatua de bronze representando o proprietario (6). A porta de entrada, de duas meias, coberta de bronze e ornada de *bullas* ou grandes prégos de cabeça

---

(1) Primum Romæ parietes crusta marmoris operuisse totius domus suæ in Cœlio monte Cornelius Nepos tradidit Mamurram Formis natum, equitem Romanum, præfectum fabrorum C. Cæsaris in Gallia.... Namque adjecit idem Nepos cum primum totis ædibus nullam nisi e marmore columnam habuisse, omnes solidas e Carystio, aut Lunensi. » Plin., lib. XXXVI.

[2] Patercul., II, 77.

[3] Cic., *pro domo*, 24, 44.

[4] Plin., XVII, 1.

[5] *Id.*, XXXVI, 6.

[6] Macrob., *Satur.* VI, 8. — Tacit., *Annal.*, XI, 35.

doirada (1), abria para o *Prothyrum*. Tal era o nome da passagem que conduzia da porta exterior á porta interior (2); á direita e esquerda estavam as *Cellæ*, ou quartos do porteiro e do cão (3). Este porteiro, *ostiarius*, era um infeliz escravo retido como o cão por uma forte cadeia (4). A extremidade do *Prothyrum* communicava, por meio da porta interior, com um vasto patio quadrado, cercado de columnatas de marmore e formando portico; era o *Atrium* (5). Chamavam-se *Cavædia* os porticos encostados á habitação; a parte vazia do patio, *Impluvium*; a bacia de marmore que occupava o centro, *Compluvium*, porque nas casas que não tinham aguas nativas, ella recebia as aguas da chuva vertidas pelos *Cavædia* (6).

Eram uma feliz concepção estes porticos cobertos, encostados á casa com que communicavam de todos os lados, e onde a gente podia passear á sombra. Outro tanto se deve dizer da bacia de marmore situada no centro, e d'onde brotavam aguas nativas que conservavam a frescura. O luxo ajuntava-se ao prazer; os porticos eram ornados de pinturas a fresco e enriquecidos de estatuas de marmore e bronze (7); e o *Impluvium*

---

(1) Cic. *in Verr.*, IV, 56. — Plaut., *Asin.* II, 4; V, 20.

(2) Macrob., *Satur.* II, 13.

(3) Petron., 28.

(4) *Id.*, 64.

(5) Festus, v. *Atrium*.

(6) Plin., XIX, 1. — Varron., L. L., IV, p. 38. — Mazois, *Ruinas de Pompeia*, t. II, p. 35.

(7) Vitruv., VII, 2.

coberto d'um toldo de purpura, assim de abrigal-o dos raios do sol (1).

Tres salas abriam no fundo do *Atrium*. A do meio, chamada *Tablinum*, continha os archivos da familia; as outras duas, situadas á direita e esquerda, e chamadas *Alæ*, encerravam as imagens dos avós. Cada retrato estava collocado n'um nicho separado, *Armarium*. Uma inscripção, gravada na base, recordava os titulos, as honras, as bellas acçoens daquelle cuja imagem conservava o *Armarium* (2). Por toda a parte entre os senhores do mundo se encontram os signaes d'uma profunda veneração para com a auctoridade paternal: o laço de familia foi o verdadeiro segredo do poder romano.

Em torno do *Atrium* existiam os *Triclinia* ou sallas de festins. Aqui se revela em mil engenhosos requintes o sybaritismo dos Romanos. Em primeiro, os *Triclinia* eram dispostos e multiplicados segundo as estaçoens do anno (3). Havia *Triclinia* de inverno, expostos ao Occidente; de primavera e outono, ao Oriente; de verão, ao septentrião (4). Cada um tinha um nome particular, tal como o triclinium d'Apollo, o de Marte, etc. Nos triclinia de inverno os leitos eram incrustados de oiro e marfim (5); nos da primavera e outono, ornados de chapas de prata ou de

---

(1) Plin., XXXV, 5.

(2) Tit. Liv., X, 7; XXX, 45. — Tacit. *Annal.* XIV, 17, etc.

(3) Vitruv., lib. L, VII, p. 90.

(4) *Id.*, VI, 9.

(5) Plaut., *Stich.* II, 2. v. 53.

concha de tartaruga (1); nos de verão, eram de madeira de bordo e de cetro com os angulos e as juntas de varinhas de prata (2). A guarnição dos leitos compunha-se de colchoens estofados de lan das Gallias, de pennas ou de pennagem de cysne; almofadas cobertas de seda ou purpura; magnificas cobertas, umas bordadas de diferentes côres, outras adornadas de desenhos representando caçadas com todo o seu apparato. Mandavam vir cobertas de Babylonia; uma só custava ás vezes até cem mil sestercios, isto é 163,666 fr. 66 c. (3).

Ajuntemos que os *Triclina* eram ornados de columnas de marmore ou alabastro, calçados de mosaico, armados de estofos attalicos, e decorados de estatuas de grande preço, servindo de condela-bros para as comidas de noite. Toldos, arranjados em forma de tendas militares, pendiam da abobada, por cima da meza do festim, para a livrar do pó (4).

E' que, na realidade, as mezas não cediam nem em magnificencia, nem em variedade aos leitos triclina-rios (5). Sustentadas sobre um só pé, de prata, marfim, bronze ou das madeiras mais raras, offereciam aos olhos deslumbrados todas as maravilhas da escultura (6). As mais apuradas

---

(1) Varr. lib. L, VIII, p. 110.

(2) Plin., XXXIII, 11.

(3) Plin., VIII, 48. — Cic., *Tuscul.* III, 19.  
— Mart., XIV, 161; *id.*, III, 40.

(4) Plin., XXXVI, 25. — V. Max., IX, 15.  
— Lucret., II, V. 24. — Serv. in *Æneid.*, I, V. 701.

(5) Roma no seculo d'Augusto, t. I, p. 137.

(6) Juv., *Sat.* 11, v. 122.

eram de cetro, arvore que cresce na Mauritania (1).

A primeira que appareceu em Roma pertenceu ao *modesto* Cicero; comprou-a por um milhão de sestercios, 204, 583 fr. 53 c. Asinio Galgo pagou por uma um milhão e cem mil sestercios, mais de 225,000 fr.

Por morte do rei Juba, duas de igual madeira se venderam, uma por um milhão e duzentos mil sestercios, 245,500 fr., a outra por pouco menos. Existia na familia de Cethego, um destes cetros hereditarios, que havia custado um milhão e quatrocentos mil sestercios, mais de 300,000 fr. (2). Com semelhante somma ter-se-hia podido, não digo alimentar muitas pobres, ah! os Romanos não pensavam n'isso, mas adquirir uma vasta herdade. Os *Triclinia* communicavam com dois corpos de casas, situados nos lados exteriores do *Atrium*: eram á esquerda a cozinha, com os *Carceres* e os *Equilia*, cocheiras e cavallaricas; á direita a *Pastrina*, lugar onde se cozia o pão, com habitaçoens de escravos.

Tudo o que precede, constituia a parte publica da casa, accessivel aos clientes; vinha depois a parte privada, onde ninguem podia entrar sem convite (3). N'ella se penetrava por dois corredores chamados *Fauces*, dispostos de cada lado do *Tablinum*; conduziam ao *Peristylo*. Este portico, mais comprido que largo, e sustentado por columnas, recordava a forma do *Atrium*; mas aqui se desenvolvea mais magnificencia e apuro. Erguia-se uma estatua diante de cada columna, e

---

(1) Plin., XIII, 15.

(2) Plin., XIII, 15, 16.

(3) Vitruv., VI, 8.



caixoens de marmore onde se cultivavam flores, enchiam os intercolumnios. O centro do portico, em vez de ser um patio como no *Atrium*, era um jardim onde a vista repoisava em todo o tempo na verdura. Aguas repuchantes, mezas de marmore, tectos de marchetaria, ainda augmentavam mais a fabulosa belleza destas mansoens encantadas (1).

Na extremidade do peristylo estavam os quartos das mulheres, chamados *Œci* [2]. Inutil é dizer que a purpura, a seda, as pedras preciosas, ornavam, em todas as suas partes, estes camarins da molleza. Depois, vinha a *Bibliotheca* com a *Æedra*, grande galeria para a recepção dos sabios; a *Basilica*, salão do palacio, os *Banhos*; o *Sphæisterium* ou jogo de pella; os *Aleatoria*, pequenas sallas destinadas aos jogos pacificos; os *Cubicula*, quartos de dormir e de trabalho, com leitos de cetro, de cedro, de terebintho, guarnecidos de cochins de pennas envolvidos em estofos de seda, para ler ou escrever, e outros para dormir, guarnecidos de cobertas de pelles de toupeira (3); o *Sacrarium*, pequeno oratorio que existia em quasi todas as grandes casas; por fim o *Solarium*, soberbo terrado que cobria todo o edificio e servia de passeio (4).

Taes eram em Roma as casas dos ricos. Por mais brilhante que seja, confesso que esta visão do passado não seduz nem um instante; antes en-

---

(1) Vitruv., VI, 8. — Id., Id., 4, III, 1. — Cic. *in Verr.*, I, 19. — Vitruv., IV, 4. — Festus, V. *Plu-*  
*tei*, etc.

(2) Vitruv., VI, 5.

(3) Plin., VIII, 5, 8.

(4) Vitruv., VI, 8. — Plin., II, *epist.* 17.

tristice e aperta o coração do que o dilata ; pois mostra o homem, esse Deus cahido, procurando unicamente a felicidade no bem-estar material ; e para o alcançar não recuando ante iniquidade alguma, nem ainda ante o assassinio e a escravidão de muitos milhoens de seus semelhantes. Por isso, como a nossa alma se achou satisfeita, quando entrando de novo no presente, nos encontramos no mosteiro de Santo André, visinho dos logares occupados n'outr'ora pela casa de Mamurra !

Este antigo asylo da sciencia e da virtude recorda um dos mais gloriosos nomes archivados na historia. S. Gregorio o Grande apparece aqui rodeado da triple aureola do genio, da eloquencia e da santidade. Descendente da antiga familia Anicia, Gregorio, tornado diacono da Egreja romana, transformou a casa de seus avós, sita no *Clivus Scauri*, n'um mosteiro de que elle proprio foi abade (1). Foi elle que, atravessando um dia o Foro, exclamou á vista de soberbos escravos expostos á venda : « Que pena que estas bellas creaturas sejam escravas do demonio ! » Desde este momento a conversão da Inglaterra é resolvida no seu pensamento, e Agostinho, abade do mosteiro de Santo André, será em breve missionario do papa Gregorio. Filhos d'Albion, assiduos visitadores da cidade eterna, não deixeis de fazer uma romaria a este logar : n'elle vereis o berço da vossa fé e a origem desses longos seculos de gloria e de prosperidade moral que mereceram á vossa patria o ser chamada a *Ilha dos Santos*. N'este mosteiro viveram Santo Agostinho, apostolo da Gran-Bretanha ; S. Lourenço, arcebispo de Cantorbery ; S. Mellite, bispo

---

(1) 'Greg., lib. VII, ep. 13.

de Londres e depois primaz da Inglaterra ; S. Pedro, abbade de Cantorbery ; bem como muitos outros fundadores da civilização britânica. E vós que tendes tam dignamente o nome de Gregorio, pontifice tres vezes veneravel pelos vossos cabellos brancos, pela vossa sciencia profunda e pela vossa firmeza apostolica, poderia eu esquecer que foi na sombra deste piedoso asylo que a Providencia veio buscar-vos para vos conduzir, entre os applausos do mundo christão, ao throno de S. Pedro ?

Naquelles logares em que Mamurra, o cavalleiro aventureiro, dormia em leitos de pennugem de cysne, vimos nós a pedra nua que servia de cama a Gregorio, o filho dos senadores. Não longe d'alli se erguem o pulpito d'onde o eloquente Pontifice pronunciava as suas homilias, e o seu altar privilegiado para os defunctos. Ao pé da egreja brilha o pequeno sanctuario chamado *Triclinium pauperum*, no qual o Santo Pontifice dava em pessoa todos os dias de comer a doze pobres : a meza de marmore em que elle os servia ainda existe. A parede está ornada d'uma linda pintura o fresco, que recorda o milagre de Nosso Senhor assentado um dia entre os doze pobres e apparecendo ao charitativo Pontifice.

A capella visinha é dedicada a Santa Sylvia, mãe de S. Gregorio. O mais bello ornato deste oratorio é uma inscripção que contem a doção de grande numero de plantios de oliveiras, feita pelo santo papa, para fornecerem o azeite que havia de arder diante da Confissão de S. Pedro. Querem saber agora de que maneira vivia este filho de illustre casa, este religioso tam prodigo para com os outros ? Uma antiga inscripção, posta

outr'ora na egreja de S. Saba, no monte Aventino, vai dizer-nol-o: « Aqui era a habitação de Santa Sylvia, mãe de S. Gregorio Magno, d'onde ella enviava todos os dias a seu filho, ao mosteiro de Santo André, uma pequena escudella de lentilhas, para seu sustento; *una scodella di lenticchie* (1).»

Partindo da praça que está diante de S. Gregorio, subimos para a egreja de S. João e S. Paulo. O primeiro objecto que fere a vista é uma alta torre cuja base, de grandes pedaços de *travertin*, accusa certamente uma antiquissima construcção romana. Crê-se que estes restos pertencem á *Curia Hostilia*, palacio edificado neste logar por Tullio Hostilio, depois de para alli ter transportado o campo dos Albanos. Esta torre é hoje o campanario do convento dos Passionistas. Religiosos admiraveis em santidade e zelo, Deus vos recompense o fraternal acolhimento que dais aos peregrinos. Os Passionistas trazem sotana preta com a corôa de espinhos, bordada a branco sobre o coração. A's obras ordinarias do santo ministerio juntam elles o apostolado nos paizes estrangeiros, e do seu convento hão partido os novos apóstolos da Inglaterra. Deste modo, graças sem duvida ás oraçõens de S. Gregorio, é do monte Cœlio que desce hoje sobre a Gran-Bretanha, a luz que a deve tirar da noite do erro; como outr'ora esta mesma luz delle desceu para tiral-a das trevas da barbaria.

Precedidos d'um frade que levava uma tocha na mão, penetramos em vastas cavernas, que serviam, segundo se diz; de *vivarium* aos animaes reservados para o amphitheatro. Uma larga cisterna d'agua limpida matava a sêde a estes exercitos

---

(1) Mazzol., t. VI, p. 267.

do deserto, cujo alimento descia por uns respiradouros practicados na abobada; em tanto que umas galerias subterraneas, cavadas nos flancos da montanha, os conduziam aos *Carceres* do Coliseu. Lá bem no fundo destas sombrias moradas está uma cascada d'agua, vasta, profunda; era, segundo a tradição, um dos reservatorios que forneciam as aguas necessarias ás naumachias do amphitheatro. Por cima destas formidaveis grutas se achavam as prisoes destinadas aos christãos e aos malfeteiros cuja morte devia entreter o povo. O que se experimenta ao ver tudo isto, ao clarão vacillante d'um archote, não emprehenderei eu dizel-o; só repetirei que a fé se torna mais viva e se crê sem difficuldade em todas as atrocidades da historia.

Mas d'onde vem, ao convento e á egreja dos Passionistas, o nome de *S. João e S. Paulo*? No IV.º seculo, dois illustres Romanos tinham aqui a sua habitação. Officiaes no exercito de Juliano o apostata, foram sollicitados por este principe a que voltassem ao culto dos idolos. Soldados de Jesus Christo antes de o serem de Cesar, os dois irmãos, recordando-se dos gloriosos exemplos da legião Thebana, responderam que os seus postos e a sua vida pertenciam ao imperador; mas que a sua alma e a sua fé eram de Deus. Desesperando de vencel-os, o indigno descendente de Constantino os fez degollar secretamente em casa delles. Ao entrar na egreja dedicada em sua honra, vê-se, á direita, uma larga prancha de marmore branco, rodeada d'uma grade: marca o proprio lugar do seu supplicio. Como todos os peregrinos catholicos vós vos prostrais de muito boa vontade neste theatro d'um immortal triumpho, onde lereis como nós a seguinte inscripção:

LOCUS MARTYRII  
SS. JOANNIS ET PAULI  
IN ÆDIBUS PROPRIIS.

« Lugar do martyrio de S. João e S. Paulo , em sua propria casa. »

Depois , andando alguns passos , deporeis os vossos votos e as vossas homenagens diante da magnifica urna de porphyro collocada debaixo do altar-mor , e que encerra os corpos dos dois heroes christãos. Proxima dos Passionistas se acha a villa Mattei , uma das mais bellas *delizie* de Roma. As suas antiguidades de todas as especies merecem a attenção do viajante , que póde lisongear-se de ser perfeitamente recebido.

Continuando a nossa caminhada para S. João de Latran , chegamos á parte do Cœlio , occupada outr'ora pelos alojamentos dos soldados estrangeiros , *Castra peregrina*. Diversas inscripçoens, encontradas neste logar , decidem os eruditos acerca do sitio destes quartéis famosos na historia. Referirei só duas , a segunda das quaes ligeiramente truncada se conserva no Museu do Collegio romano :

COCCEIVS  
PATRVINVS  
PRINC.  
PÉREGRI  
NORVM.

« Cocceio Patruino, commandante dos soldados estrangeiros. »

GENIO SANCTO  
CASTRORVM  
PEREGRINORVM  
VR. ALEXANDER  
ANALICLABIVS  
VOD PEREGRE  
ONSTITVTVS VOVI  
EDIL. CASTRORVM  
M. LIBENS SOLVIT.

« Ao genio tutelar do campo dos estrangeiros, Alexandre Analiclario, edil do campo, cumpriu justamente e com alegria o voto que havia feito n'um paiz longinquo. »

Era pois aqui que os Romanos aquartelavam os Barbaros, chamados em soccorro do imperio. Deste numero foi, em primeiro logar, a cavalleria flamenga que formava a guarda d'Augusto (1); vieram depois os soldados germanos, janizaros de Caligula (2); depois as tropas illyrias, alistadas no exercito de Galba, e que se achavam em Roma no mesmo dia em que foi morto este imperador (3); finalmente as cohortes armenias, guardas de honra de Constantino. Aqui veio expirar um dos derradeiros defensores da liberdade germanica, o rei Conodomario, feito prisioneiro por Juliano o Apostata (4).

Nestes logares de ruido e tumulto se ergue

---

(1) Dion., lib. LIII.

(2) Suct., 58.

(3) Tacit., *Hist.*, lib. I.

(4) Amm. Marc., lib XIII.

hoje a pacifica egreja de Santa Maria *della Navicella*. «O seu nome vem-lhe d'uma barquinha antiga, *navicella*, que alli se achou, e da qual Leão X mandou collocar a copia diante da propria egreja. Esta barca era provavelmente uma promessa offerecida, por algum official de marinha, a *Jupiter redux*, cujo templo era nesta parte do Cœlio, e que os soldados invocavam para obterem um feliz regresso (1). O magnifico mosaico do sanctuario que resplandece de ouro e azul remonta ao tempo do papa S. Pascal I. N'elle se vê o Pontifice beijando o pé direito da Rainha do ceu, e recebendo a benção do menino Jesus. O Salvador está em pé no regaço de sua mãe: attitude magestosa que attesta aqui, como em Santa Maria Maior, o dogma da maternidade divina. Não esqueçamos que o apostolo de Roma, S. Philippe de Neri, conduzia muitas vezes a passeio seus discipulos e seus jovens penitentes a Santa Maria *della Navicella*; e que, não longe da egreja, o amavel ancião tomava com elles um innocente recreio. Esta parte da collina foi testemunha d'outro acontecimento, cuja recordação è bem chara ao viajante christão: viu o grande arcediogo de Roma, S. Lourenço, retirado na casa de Santa Cyriaca, distribuir aos pobres os thesoiros da Egreja, na vespera do seu martyrio (2).

Quando se visita o monte Cœlio, a marcha é suspendida a cada passo por monumentos ou recordaçoes, que fazem passar alternativamente da historia profana á christã. Assim, apenas acabamos de deixar a *Navicella* quando nos foi

---

(1) Nard., *Rom. ant.*, p. 85.

(2) Mazzol., l. V, p. 329.



mister fazer alto diante do *Ludus matutinus*. Esta eschola de gladiadores, onde se aprendia a matar os homens com arte, era visinha do grande açougue, *Marcellum magnum*. - Um nome, eis tudo o que resta destes dois edificios, outr'ora tam ruidosos e charos aos Romanos crueis e voluptuosos. O mesmo succede com o campo das *cinco Cohortes nocturnas*, estabelecidas por Augusto, para velarem durante a noite pela segurança dos habitantes e prestarem soccorro em caso de incendio. N'estas duas qualidades, fizeram ellas grandes serviços: Roma estava habitualmente cheia de ratoneiros, e, apesar da ausencia das chaminés, muito mais exposta que as nossas cidades aos estragos do fogo (1).

Entre todos estes restos d'um mundo que já não existe, se ergue um monumento christão; porque na larga planura do Coelio, como na estreita cima do Capitolio, arvora o Evangelho os tropheus da sua victoria: eis a igreja dos *quatro Santos Coroados*. Cimentada com as lágrimas e o sangue dos primeiros fieis, restaurada pelo papa Honorio I.º, foi enriquecida, por S. Leão IV, com um thesoiro de insignes reliquias. Quatro urnas, duas dellas de porphyro, uma de marmore serpentino, outra de bronze, estão collocadas debaixo do altar-mor, e encerram os ossos despedaçados dos quatro titulares e de cinco esculptores, todos martyres.

Severo, Severiano, Carpophoro e Victorino eram irmãos. Citados por Diocleciano a que sacrificassem aos idolos, expiaram a sua recusa com horriveis tormentos: porem obtiveram a palma

---

[1] Sobre os *camini* dos antigos, vêde a *Dissert. de Maffei*, na Collecção de Calugera, t. 47.

do martyrio. Os seus corpos, abandonados aos cães, foram respeitadas por estes animaes, e enterrados secretamente pelos irmãos, na via d'*Ostia*, a tres milhas de Roma, depois conduzidos de novo ao lugar onde o mundo catholico os honra hoje. Mas não foram reconduzidos sós; cinco companheiros de seus combates, sepultados junto delles, deviam partilhar o seu triumpho. Claudio, Nicotrato, Symphrontio, Castorio e Simplicio, esculptores celebres, haviam tido exigencia do tyranno de empregarem o seu scopro em fabricar idolos. « Póde o artista adorar a obra das suas mãos? póde offercel-a á adoração d'outrem? » tal foi a sua resposta; merecia a morte. Lançados n'um negro carcere, submettidos a longas e horriveis torturas, os generosos confessores foram alliu encerrados em caixoes de chumbo, e precipitados no Tibre.

Em pé na margem, os christãos confundidos na multidão, espiaram o momento favoravel para os tirarem do rio e lhes darem sepultura (1). Artistas christãos, não deixeis de vir no seu tumulo, crêde-o bem, das ossadas dos martyres sahe uma virtude que purifica o coração e uma chamma sagrada que accende o facho do genio.

Para acabarmos a nossa peregrinação no Cœlio, restava-nos fazer uma ultima estação; não era a menos interessante. Nas visinhanças da *Navicella*, ergue-se a egreja monumental de *Santo Estevão o Redondo*. Templo de *Jupiter estrangeiro*, templo de *Baccho*, templo de *Claudio*, arsenal, salla de banhos, eis ahi, segundo os differentes archeologos, o que foi na sua origem esta construcção pagan

---

(1) Mazzol., l. VI, p. 293.

[1]. Como quer que seja, no anno 468 ella se tornou n'uma egreja que o papa S. Simplicio dedicou a Santo Estevão protomartyr. Debaixo destas abobadas purificadas, resoou a eloquente voz de S. Gregorio Magno, cujo pulpito pontifical está á direita, ao pé da porta da entrada. Esta rotunda tem dois recintos circulares, coroados d'uma cupula antiga e sustentados por cincoenta e oito columnas. Mas tudo isto desapparece diante d'outra especie d'ornato que nenhuma egreja no mundo partilha com ella. Naquellas paredes, d'origem pagan, está escripta a grandes traços a *História sanguinolenta do christianismo*. N'outras partes temos algumas folhas espalhadas dos annaes do martyrio; aqui estão completos: n'outras partes alguns boletins da grande batalha, aqui o panorama inteiro. Fóra das fileiras do glorioso exercito, apparecem primeiro o rei e a rainha dos martyres, Jesus e Maria, um expirando na cruz do Calvario, a outra traspassada pela espada da dor: depois, a partir da degollação dos Innocentus até á paz da Egreja, todos os supplicios dos martyres estão pintados em torno de vós. Para qualquer lado que se dirijam, não encontram os olhos senão cavaletes, machados, tenazes, pentes de ferro, fogueiras, rodas, caldeiras d'azeite a ferver, membros mutilados, corpos triturados, sangue, ferozes algozes e victimas cheias de socego e serenidade: este espectaculo é horriavelmente bello. Horror, piedade, fé, amor, humildade; não ha na alma baptisada um nobre sentimento que elle não desperte: nem uma fibra que elle não agite, e não agite profundamente.

---

[1] Nard, p. 86.

O tempo havia corrido rapidamente, e nós apressamo'-nos a entrar de novo no centro da cidade pelo bairro dos *Termini*. De caminho visitamos o *Forum* de Trajano. Esta soberba praça onde se não vê mais que troços de columnas gigantescas e alguns pedestaes meio quebrados, era uma das magnificencias de antiga Roma. Cerca de 2,000 pés de comprimento por 650 de largura formavam as suas dimensoens. Columnas de granito sustentavam os porticos cujas coraijas, cujos arcos, cujas abobadas eram de bronze, assim como as numerosas estatuas que os coroavam. Mas o mais bello ornato do *Forum* era a columna Trajana, terminada pela estatua do imperador. Da altura de 132 pés, esta columna de marmore está coberta, da base ao tôpo, de baixos-relevos em que se contam 2,500 figuras, representando as victorias de Trajano contra os Dacios e o seu rei Decebalô. A inscripção revela um facto verdadeiramente digno da pôderosa loucura dos Romanos. Para alargar o *Forum* e nivelar-lhe o logar, foi necessario abater terreno da mesma altura da columna!! Isto prodigioso trabalho, junto á magnificencia do *Forum*, fez dizer a Ammiano Marcellino, que não era de desejar que se tornasse a começar uma obra semelhante [1]. Eis a inscripção :

---

[1] Cum ad Trajani forum venisset (Constantinus), singulari ab omni cælo structarum, ut opinamur, etiam nominum assertione mirabilem, hærebat attonitus per giganteos contextus circumferens mentem, nec relatu effabiles, nec rursus mortalibus appetendos. Lib. XVI.

SENATVS. POPVLVSQUE. ROMANVS.

IMP. CÆS. DIVI. NERVÆ. F. TRAIANO. AUG. GERMA.

DACICO. PONT. MAX. TRIB. POT. XII. COS. XI. PP.

AD DECLARANDVM. QUANTÆ. ALTITVDINIS.

MONS. ET. LOCVS. TAN..... BVS (1). SIT EGESTVS.

« O senado e o povo romano, ao imperador Cesar Trajano, filho do divino Nerva, augusto, germanico, dacico, summo pontifice, doze vezes tribuno, onze vezes consul, pae da patria, para marcar qual é a altura da montanha e do terreno que foi abatido para estes grandes edificios.»

Ao passar pelo *Forum* de Trajano, não se deve esquecer uma recordação christã que com elle prende: foi a basilica, onde se dicitu a morte de grande numero de seus irmãos, que Constantino, depois da sua conversão, veio dirigir aos fieis um pathetico discurso para os exhortar a que não usassem de represalias a respeito dos pagãos. Conservada pelos cuidados dos pontifices, a columna de Trajano é terminada por uma bella estatua de S. Pedro, de bronze, da altura de treze pés romanos. No friso da galeria que a rodêa lê-se, em grandes letras d'ouro:

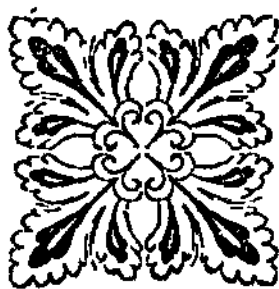
SISTVS QVINTVS SANCTO PETRO APOSTOLO DONAVIT.

Nunca presente algum foi mais bem dirigido. Salve, immortal pescador de Galilêa! gozai a vossa

---

[1] Tant..... bus, tantis molibus.

victoria : vossos proprios inimigos vos forneceram o carro de triumpho, do alto do qual contemplais o seu sceptro quebrado, os seus monumentos em ruinas, a sua gloria eclipsada. Salve tambem vós, Igreja romana! cuja sollicitude conserva, sanctificando-as, as obras do paganismo. nisso não só provais o vosso immortal triumpho, senão que prestaes um serviço inapreciavel á sciencia : sêde duas vezes bemdicta !



# INDICE

DAS

## MATERIAS CONTIDAS

NOS TOMOS I.º E II.º



### TOMO I.

	<i>Paginas.</i>
2 <i>de Novembro.</i> Partida de Nevers. Itinerario. Villars. Saint-Parize. Saint-Pierre-le-Moutier. .. .. .	1
3 — Moulins. A egreja do collegio. Recordaçoes. Uma viagem na diligencia e a vida humana. O progresso. Roanne. Tarare. Lyão.. .. .	8
4 — Partida de Lyão. Vienna. Tumulo de Pilatos. Tournon. Valença. Viviers. Ponte Saint-Esprit. Irmãos Pontifices. Mortas e o barão dos Adrets. Avinhão. Aventura da noite. .. .. .	16
6 — Arles. S. Trophimo. Os Claustros. S. Cesario. O Theatro. O Amphitheatro.	

<i>Novembro.</i>	<i>Paginas.</i>
Os Concilios. S. Genés. .. .. .	36
7 — O Mar. Nossa Senhora da Guarda. Lazaro. Marselha. O Porto. A Estalagem do Oriente. .. .. .	40
8 — Marselha. Igrejas. Estabelecimentos de charidade. Anecdota. Capuchinhos. .. ..	48
9 — Jornada de Marselha a Toulon. .. ..	49
10 — Vista do Porto. Visita ao <i>Océan</i> . A prisão dos Forçados. Anecdota. Reflexões. Volta a Marselha.. .. .	62
11 —	62
12 — Navegação. Inglezes. Beliche. Con- versação.... .. .	63
13 — Cozinha italiana. Vista interior de Ge- nova. Influencia franceza. Espirito reli- gioso. Anecdota.... .. .	69
14 — S. Lourenço. O Sacro Catino. O Dis- co. Villa Negroni. Palacio ducal e Sarra. 'Costumes italianos.' A refega de vento dos mortos. .. .. .	74
15 — Hospital geral. Quarto de Sancta Ca- therina de Genova. Igreja de Santa Ma- ria di Catignano. Partida de Genova. Novi. .. .. .	80
16 — Alexandria. Uma Irman parda. Re- cordação. Campo de batalha de Maren- go. Voghera. O Rizotto alla Milanese. Encontro d'um Padre Capuchinho .. ..	85
17 — Aventura de Stradella. A Alfandega. Passagem do Trebia. Inscriptoens. Pla-	



*Novembro.*

*Paginas.*

cença. Aspecto da cidade. Recordaçõens. Hospital. . . . .	91
18 — Borgo San-Donino. Casa di Lavoro. Ponte do Taro. Damas do Sagrado Co- ração. Estudos clericães. Vista de Par- ma. . . . .	98
19 — Cathedral de Parma. Baptisterio. Mu- seu. Galeria. Bibliotheca. Interior da ci- dade. Egreja de S. Quentino . . . .	101
20 — Partida de Parma. Aduaneiro. Reggio. Modena. Muratori. Tiraboschi. Trium- virato. Bolonha. Santa Virgem, Procis- são do Santissimo Sacramento.... . . .	108
21 — Serenata. Imagem d'uma cidade chris- tan. Educação. Torre dos <i>Asinelli</i> e da <i>Garizenda</i> . Universidade.. . . .	113
22 — Madona de <i>san Luca</i> . Sua festa. Cam- po santo. . . . .	117
23 — Prisão do rei Enzio. Egreja de S. Paulo. S. Petronio. S. Domingos. Santa Catherina de Bolonha. Santo Estevão. Anecdota ácerca de Bento XIV. Gale- ria. . . . .	123
24 — Os Apenninos. Trajo. A marquezia Pepoli.. . . .	129
25 — Florença. Jardim de Boboli. Olhada sobre a historia de Florença .. . . .	134
26 — Baptisterio. Cathedral. Monumentos do Dante, de Giotto, de Marcilio Ficino. Estatuas de S. Miniato, de Santo Anto-	

*Novembro.*

*Paginas.*

nino. Pias d'agua benta. S. Zenobio. Recordaçõens do Concilio geral. Campanario. Egreja de S. Lourenço. Capella dos Medicis. A Annunziata. Santa Magdalena de Pazzi. Inscripção d'Arnolfo. Lumes promptos, Traço de cortumes. ..	138
27 — Uma surpresa. Galeria do palacio Pitti. Juizo sobre a <i>renascença</i> . .. ..	147
28 — Anecdota. O Palazzo-Vecchio. Os Uffizj. Visita ao senhor Conego B.... Estado moral de Florença. Confraria da Misericordia. Catecismo de perseverança... ..	159
29 — Semi-festa de Santo André. Pia casa di Lavoro. Hospicio de Bigallo Pia casa de S. Philippe. Hospicio dos Innocentes. Saxo di Dante. Bibliotheca Laurenciana. Pandectas Pisanas. Sepulcro de Miguel Angelo, de Galileo, de Machiavelo, de Pico da Mirandola. Anecdota. .. ..	168
30 — Tribuna de Galileo. Porque foi condemnado Galileo? A que foi condemnado? Partida para Roma. .. . . .	173

TOMO II.

<i>Dezembro.</i>	<i>Paginas.</i>
1 <i>de Dezembro.</i> Sienna. Cathedral. Recordações de Santa Catherina. De S. Bernardino. De Christovão Colombo. Igreja de Fonte-Giusta. Estabelecimento de Mendicidade. Capella solitaria. Idêa da nossa equipagem. Radicofanti. Recordações de Pio VII.. . . . .	5
2 — Bellarmino. Pontecentino. Acquapendente. Bolsena. Milagre. Montefiascone. Anecdota. Recordação do cardeal Maury. Via Cassiana. Lago Naviso. Viterbo. O B. Crispino. Santa Rosa. Monterosi. Aparição da cruz de S. Pedro. Campina romana. Ponte-Molle. Entrada em Roma.. . . . .	10
3 — Idêa do nosso itinerario em Roma. Visita simultanea de Roma pagan e de Roma christan. Visita particular de Roma christan. Visita dos arredores de Roma e das Catacumbas .. .. .	19
4 — Os guias de Roma. Guias na Roma pagan, na Roma christan, na Roma subterranea. . . . .	21
5 — Os Pifferari. . . . .	27
6 — Visita a S. Pedro. Recordações. Pra-	

	ça de S. Pedro. Obelisco de Nero. Throno de S. Pedro. Confissão. Cupula. Instrucçoens. . . . .	31
7 —	Visita geral das duas Romas. Roma pagan. Sua extensão. Suas vias. Sua população. Roma christan. Sua posição. Suas bellezas. Suas Instituiçoens. Primeira entrevista do Summo Pontifice. Benção do Santissimo Sacramento na egreja dos Santos Apostolos... ..	41
8 —	Festa da Immaculada Conceição. Anecdota: a condessa de R..... Lord Spencer.	61
9 —	S. João de Latran. Classificação das egrejas de Roma. Baptisterio de Constantino. Obelisco. Triclinio de S. Leão. Scala-Santa. M. Ratisbona. . . . .	63
10 —	Projecto d'uma Academia ecclesiastica. S. Claudio dos Borguinhoens... ..	86
11 —	Martyres. Obelisco d'Augusto diante de Santa Maria Maior. Santa Maria Maior. Origens. Monumentos. Pinturas. Porta Santa. Anecdota. Monumentos e Recordaçõens deste bairro da antiga Roma. Santa Cruz em Jerusalem. O Titulo da verdadeira Cruz. Senado dos Martyres. .	89
12 —	Bosques Sagrados. Templos pagãos. Banhos publicos. Campo Pretoriano. Recordaçõens de Nero e Caracalla. Thermas de Diocleciano. Santa Maria dos Anjos. Martyres. Capuchinhos da Conceição. Cemiterio. O veneravel Crispino de Viterbo . . . . .	109

<i>Dezembro.</i>	<i>Paginas.</i>
13 — A camara dos grandes homens . . .	123
44 — <i>Vicus Patricius</i> . Arco do Gallieno. Casa de S. Justino. Egreja de Santa Pudencia. Recordações historicas. Banhos de Thimotheu. Egreja de Santa Praxèdes. Mosaico. Capella Borromea. Columna da Flagellação. Senado dos Martyres. . .	127
15 — Jejum rigoroso. Pormenores acerca do Mosaico. Significação desta palavra. Diferentes especies de Mosaico. Historia da arte. Elementos do trabalho. Sua composição. Caracteres impressos nos vestidos. Aureolas. . . . .	135
16 — O Capitolio antigo. Templo de Jupiter. Cidadella. Curia calabra. Rocha Tarpeia. Intermontium. Thesoiros. Capitolio moderno. Museu e galeria. Egreja d'Ara-Coeli. Revelação d'Augusto. Prisão Marmertina . . . . .	142
17 — Foro : o que é. Foro romano, Edificios. Basilicas. Templos. Tribuna dos discursos. Comicio. Columnas de S. Pedro e S. Paulo. <i>Secretarium Senatus</i> . Egreja de Santa Martinha. Inscricção do architecto do Coliseo. Templo de Remo. Egreja de S. Cosme e S. Damião. Pedra dos Martyres. Templo de Faustina. Templo de Paz. Tradição. Templo de Venus e Roma. Egreja de Santa Maria a Nova. Recordações de S. Pedro e S. Paulo. Dito de um Inglez protestante. . . . .	165
18 — Nova visita ao Foro. Morada do Rei	

dos Sacrificios. Via Sacra. Recordações dos Grandes Homens. Diversos monumentos. Ponte de Caligula. Egreja de S. Theodoro. Casa d'ouro de Nero. Arco de Tito. Edificios sitos do outro lado do Foro. Estatua da Victoria. Templo de Castor. Mercado dos escravos. Templo de Vesta. Lago de Curcio. Templos de Juno Juga, do deus <i>Aius Locutius</i> . . . . .	179
19 — Capella papal. O sacro collegio, divrsão, origem, numero, nome, dignidade dos cardeaes. Anecdota. Missa na Capella Sixtina. Ceremonias particulares. Vista do arco de Tito, do Coliseu e do arco de Constantino reunidos. Reflexões. . . . .	192
20 — A <i>Meta Sudans</i> . O Coliseu. Primeiras impressões. Descrição do Coliseu. Descrição dos combates. Martyrio de Santo Ignacio. O Coliseu, Capitolio christão . . . . .	210
21 — Arco de Constantino. Egreja de S. Clemente. Antiguidade, forma primitiva. O consul Flavius Clemens. O pobre paralytico. Bibliothecas. Alfarrabistas. Mendigos. Traços de costumes. . . . .	232
22 — Nossa Senhora da Victoria. Bandeiras dos Turcos. Jardins de Sallustio. Retratos dos proconsules Romanos. Suas riquezas. Seus meios de enriquecerem. Resposta d'um barbaro. Via Scelerata. Thermas de Tito, Trajano e Adriano. S. Pedro nas cadeias. S. Sebastião. O Moisés de Miguel Angelo. Recordações christans, S. Leão, S. Pedro.	

Egreja de S. Martinho dos Montes. Pinturas do Poussin. Egreja sotterranea, O papa S. Sylvestre. Instrumentos de supplicio dos Martyres. . . . .	251
23 — Tendas de Natal. O Vaticano. Bibliotheca. O livro de Henrique VIII. Museu Christão. Inscriptoens. Museus. O Laocoon Historia desta estatua. Debuxos de Raphael. Quartos e camaras de Raphael. Galerias. A Transfiguração. Historia desta obra-prima. As artes e o papado. . . . .	268
24 — O Palatino. Palacio dos Augustos. O <i>Lararium</i> . Templos dos deuses e dos Imperadores. Estatua d'Apollo. Christãos da casa de Nero. O <i>Septizonium</i> . S. Sebastião <i>alla Polveriera</i> . Jardins. Foro. Villa Palatina. Egreja de S. Boaventura. B. Leonardo do Porto Mauricio. . . . .	285
25 — Missa papal. Alabardeiros. Espirito de conservação da Egreja romana. Entrada do Santo Padre. Porque não traz o Summo Pontifice baculo. Espada. Chapeu ducal. Epistolas e Evangelhos cantados em grego. Consagração. O Santo Padre communga assentado, o Diacono em pé, porque? Santa Maria Maior. O presepio. Pormenores. Descripção . . . . .	297
26 — S. Lourenço <i>fora dos muros</i> . S. Lourenço <i>in fonte</i> . <i>In panisperna</i> . <i>In Lucina</i> . Basilica de S. Lourenço <i>fora dos muros</i> . O Capitolio e o Santo Bambino. Os pequenos pregadores . . . . .	313

*Dezembro.*

*Paginas.*

27 — O monte Coelio. Uma casa dos antigos Romanos. Igreja e mosteiro de Santo André. *Triclinium* dos pobres. Recordações, S. João e S. Paulo. Os religiosos passionistas. Villa Mattei. Quartéis dos soldados estrangeiros. Igreja de Navicella. S. Philippe de Neri. Casa de Santa Cyriaca. Eschola de Gladiadores. Grande Açougue. Igreja dos quatro SS. Coroados. Santo Estevão o Redondo. Pinturas. Foro Trajano . . . . .

321

FIM.